

16º SEMINÁRIO DO COMOMOMO BRASIL

O FUTURO DO PASSADO: ARQUITETURA MODERNA VIVA E URBANA

PORTO ALEGRE | DEZEMBRO | 2025

Carlos Eduardo Comas
Claudia Piantá Costa Cabral
Sergio M. Marques

CADERNO DE RESUMOS



do.co.mo.mo_
núcleo rs

do.co.mo.mo_
brasil



16º SEMINÁRIO DO COMOMOMO BRASIL

O FUTURO DO PASSADO: ARQUITETURA MODERNA VIVA E URBANA

PORTO ALEGRE | NOVEMBRO | 2025

Carlos Eduardo Comas
Claudia Piantá Costa Cabral
Sergio M. Marques

CADERNO DE RESUMOS



Comissão organizadora XVI DOCOMOMO Brasil
II Ciclo de Palestras DOCOMOMO SUL – O FUTURO DO PASSADO:
Integrando o legado moderno na contemporaneidade brasileira

Carlos Eduardo Comas, Tesoureiro DOCOMOMO Sul | Coordenador Geral dos Eventos
Sergio M. Marques , Coordenador DOCOMOMO Sul
Monica Luce Bohrer, Secretária Executiva DOCOMOMO Sul
Daniel Pitta Fischmann, Conselheiro DOCOMOMO Sul
Maria Luisa A. Sanvito, Conselheira DOCOMOMO Sul
Marcos Paulo Cereto, Secretário DOCOMOMO Brasil
Ana Carolina Pellegrini, Coordenadora PROPARG | UFRGS
Mateus Mossmann Estagiário DOCOMOMO Sul
Apoio Rosita Borges Col. DOCOMOMO Sul (ex-secretária PROPARG | UFRGS)

Comissão Científica XVI DOCOMOMO Brasil

Claudia Costa Cabral (UFRGS), Presidente
Ana Carolina Santos Pellegrini (UFRGS)
Ana Maria Gadelha Albano Amora (UFRJ)
Carlos Eduardo Comas (UFRGS)
Carolina Chaves (UFS)
Danilo Macedo Matoso (CD)
Edson Mahfuz (UFRGS)
Eline Maria Caixeta (UFG)
Fernando Diniz (UFPE)
Fernando Guillermo Vazquez (USJT)
Gisela Barcellos de Souza (UFMG)
Grete Soares Pflueger (UEMA)
Ivo Giroto (USP)
Juliana Cardoso Nery (UFBA)
Juliana Suzuki (UFPR)
Karine de Arimatéia (CUNP BH)
Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade (UFAL)
Marcos Paulo Cereto (UFAM)
Maria Cristina Cabral (UFRJ)
Maria Marta Camisassa (UFV)
Marta Silveira Peixoto (UFRGS)

Ricardo Paiva (UFC)
Ruth Verde Zein (UPM)
Sergio M. Marques (UFRGS)
Sylvia Ficher (UNB)

Comissão Organizadora II DOCOMOMO PROJeto | Oficina e Seminário PROPAR - Disciplina Moderna, Diplomacia Brasileira: Casas do Brasil, Exposições e Mostras

Sergio M. Marques, Coordenador DOCOMOMO Sul | Coordenador Geral dos Eventos
Carlos Eduardo Comas, Tesoureiro DOCOMOMO Sul
Édson Mahfuz PROPAR|UFRGS
Cassandra S. Coradin FA/UFRGS | Coordenadora de Extensão da Oficina Acad. Mateus Mossmann, Estagiário DOCOMOMO Sul
Acad. Matheus Machado, B.I.C FAPERGS
Acad. Sara Suzuki, Monitora PV FA|UFRGS
Acad. Ângelo Petry, Voluntário FA|UFRGS

Comissão Científica II DOCOMOMO PROJeto | Oficina - Disciplina Moderna, Diplomacia Brasileira: Casas do Brasil, Exposições e Mostras

Sergio M. Marques (Presidente)
Carlos Eduardo Comas (UFRGS)
Cassandra S. Coradin (UFRGS)
Cassio Sauer (sauermartins)
Édson Mahfuz (UFRGS)
Elisa Martins (sauermartins)
Guilherme Almeida (Galeria 733)
Hilton Fagundes (Unisinos)
Patricia Nerbas (Sols | Unisinos)

DOCOMOMO Sul Núcleo RS

COORDENADOR GERAL: **Sergio M. Marques**

SECRETÁRIO EXECUTIVO: **Monica Luce Bohrer**

TESOUREIRO: **Carlos Eduardo Comas**

CONSELHO: **Daniel Pitta e Maria Luiza A. Sanvitto**

ESTAGIÁRIO : **Mateus Mossmann**

DOCOMOMO Brasil

COORDENAÇÃO GERAL: **Marta Silveira Peixoto**

SECRETÁRIO EXECUTIVO: **Marcos Cereto**

TESOUREIRO: **Danilo Matoso Macedo**

CONSELHO: **Manuella Marianna de Andrade e Suely de Oliveira Figueirêdo Puppi**

PROPAR | UFRGS

COORDENADORA | COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO: **Ana Carolina Santos Pellegrini**

COORDENADOR SUBSTITUTO | COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO: **Leandro Manenti**

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO: **Marta Silveira Peixoto**

SECRETÁRIA GERAL: **Paula Rodrigues Simões Cipolat**

BOLSISTA: **Elisa Medeiros Siqueira**

Apoio

CNpQ

CAU/BR

FA/UFRGS

Fundação Iberê Camargo

Palácio da Justiça – Memorial do Judiciário do RS

CADERNO DE RESUMOS



CAPA E PROJETO GRÁFICO

Monica Luce Bohrer

IMAGENS DA CAPA

Santuário Nossa Senhora da Piedade, em Minas Gerais, c.1989.

Itaipu binacional, c. 1984

Esplanada do Castelo no Rio de Janeiro com a biblioteca nacional a frente, prédio da ABI atrás e Ministério da Educação no fundo, c. 1950

MARCAVISUAL EDITORA

www.marcavisual.com.br

CONSELHO EDITORIAL

Adriane Borda Almeida da Silva

Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Zaragoza/Espanha

Airton Cattani – Presidente

Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil

Aline Sanches

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos/Brasil e Universidade

Denis Diderot Paris VII/França

Celso Carnos Scaletsky

Doutor em Ciências da Arquitetura pelo Instituto Nacional Politécnico de Lorraine/França

Denise Barcellos Pinheiro Machado

Doutora em Urbanismo pela Universidade de Paris XII/França

Maria de Lourdes Zuquim

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo/Brasil

S471 Seminário Docomomo Brasil (16. : 2025 : Porto Alegre)

Caderno de resumos / Seminário Docomomo Brasil: O futuro do passado: arquitetura moderna viva e urbana / organizado por Carlos Eduardo Comas, Claudia Piantá Costa Cabral [e] Sergio M. Marques . – Porto Alegre: Marcavisual, 2025.

362 p.: il. ; 16 x 23cm

ISBN 978-85-61965-87-7

Promovido pelo PROPARG/UFRGS, Docomomo Núcleo Brasil e RS.

Modo de acesso: site da PROPARG.

1. Arquitetura. 2. Arquitetura moderna. 3. Urbanismo. 4. Petrobrás. I. Comas, Carlos Eduardo. II. Cabral, Claudia Piantá Costa. III. Marques, Sergio M. IV. Título.

CDU 72.036

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

APRESENTAÇÃO

A arquitetura moderna não morreu nos 1970. Virou tradição plural. Frente a velhos e novos desafios de habitabilidade, sustentabilidade, economicidade, representatividade, equidade, identidade e caráter, segue comprometida com o bem construir e o bom viver na cidade, que a urbanidade implica civilização e vice-versa.

Avaliar a arquitetura moderna brasileira dos 1920 aos 2020 pede sanar lacunas de documentação e interpretação, sejam as obras estudadas micro ou macro, intactas, restauradas ou requalificadas, puras, híbridas ou ecléticas, ligadas à infraestrutura produtiva ou à superestrutura cultural, patrimônio consagrado ou potencial.

Nesse campo ampliado, vale comparar obras de similar ou contrastante tipologia, período, escala, programa, situação, contexto, autoria, escola, teoria, materialidade. O seminário visa balanço que faça do passado uma alavanca para melhor futuro, que a modernidade sempre é projeto em curso.

Por obras se entende projetos executados no todo ou em parte e projetos não executados relevantes do ponto de vista histórico e/ou artística. A discussão se organizará via sessões temáticas, cada uma debatendo os estudos de caso apresentados em mínimo de quatro e máximo de cinco trabalhos.

A Comissão Científica selecionou as propostas de sessões. Os proponentes das sessões aprovadas selecionaram os trabalhos submetidos para suas sessões, aceitando propostas em inglês e espanhol.

SUMÁRIO

A ARQUITETURA E O URBANISMO NO BRASIL APÓS 1960: PLURALISMO E SENSIBILIDADE PÓS-MODERNA **35**

Felipe Taroh Inoue Sanquetta e Isabella Caroline Januário

Arquitetura universitária após 1970: Pluralismo técnico e formal **37**
Renan Avanci

Para uma História do CAPGV: Novos Dados e Novas Questões **37**
Felippe Fideles

Concreto Estampado: As Superfícies do Grupo do Paraná **38**
Carla Carubelli

Ressonâncias pós-modernistas no Paraná: o caso Jaime Lerner **39**
Vitória Maria Mesquita Martins

Complexo Cultural da Luz: Um estudo sobre espacialidades cruzadas **40**
Arthur Ribas de Souza

A ARQUITETURA MODERNA NOS TEMPOS DA CÓLERA **41**

Danilo Matoso Macedo e Leandro Manenti

La tercera posición arquitectónica. Un recorrido sobre la
heterogeneidad estilística durante los primeros gobiernos
peronistas y su historización. **43**
Fernando Luis Martinez Nespral e Florencia Amado Silvero

Tensões de Axialidade: As Diretorias Regionais da Era Vargas **44**
Anye Theisen

O ódio ao modernismo nas redes sociais **44**
Rafaela Citron

A arquitetura oficial do regime estadonovista através da Revista do
Serviço Público **45**
Márcio Reis

Entre a utopia e o estigma: releituras críticas da arquitetura moderna **46**
Ana Paula Koury

A CASA MODERNA COMO MUSEU DE SI MESMA 48

Silvia Leao e Daniel Pitta

Museo Casa Vilamajó: Experiencia en expansión 50

Aníbal Parodi

Anamnese da casa escritório brutalista de Hans Broos 51

Alcilia Afonso

Casa sobre el arroyo: a natureza no cotidiano 52

Laura Attuati

A segunda residência da família Weber, a casa de Curitiba 53

Heverson Akira Tamashiro e Isabela Prohmann Froelich

Privacidad expuesta. Las casas funcionalistas de Juan O'gorman en México 54

Vanessa Nagel Vega

Eclético interior en el lomo de la ballena 55

Nathália Bichinho C. Oliveira e Pablo Muñoz

Residência Kubitschek: habitar na Pampulha, habitar na modernidade 56

Flávio Carsalade e Mariana Guimarães Brandão

Casa das Canoas, manifesto da arquitetura de formas livres de Niemeyer 57

José Simões de Belmont Pessoa

Residência Bragança: Modernidade e Interiores Integrados 58

João Paulo Silveira Barbiero

A DIMENSÃO URBANA DO EDIFÍCIO RESIDENCIAL MODERNO 59

Mara Eskinazi e Denise Nunes

A rua como espaço de conexão: o projeto do edifício Copan 61

André Luiz Tura Nunes e Helena Aparecida Ayoub Silva

Intersecções, cidade e habitação: o edifício Barão de Gravata 61

Clara Braga de Britto Pereira e Bernardo Rocha de Miranda e Silva

O Edifício Itália (1961) e a cidade de Curitiba em transformação 62

Ana Luiza Zimmermann de Quadros

Quatro edifícios e uma cidade: habitação moderna em Santa Maria 63

Renata Zampieri

Ed. Antônio Ceppas: Interações entre Fachada, Térreo e Cidade 64

Gustavo Leal e Lucas Marques

O Espaço Extra na Habitação Coletiva Moderna e Contemporânea <i>Juliana Sicuro Corrêa</i>	65
Modernidade e verticalização: o caso pioneiro do Edifício Rique em Campina Grande (PB) <i>Lucas Jales</i>	66
Legado futuro: hacia una reactivación residencial moderna <i>Juan Pablo Tuja</i>	67
Transposições da habitação moderna no Rio de Janeiro <i>Carlos Feferman</i>	68
O espaço moderno e a quadra tradicional: Estratégias de projeto <i>Jônatas S. Costa e Lucas A. S. F. Salvador</i>	69
Havia gentileza no moderno? Edifícios e interrelações público-privadas <i>Yan Azevedo</i>	70
Habitar a cidade: entre a utopia moderna e o concreto urbano <i>Monica Luce Bohrer e Nathalia Cantergiani</i>	71
A PETROBRÁS É NOSSA <i>Carlos Eduardo Comas e Carlos Alberto Martins</i>	73
Niemeyer e o Desenvolvimentismo: Dois Postos de Abastecimento <i>Rolando Figueiredo</i>	74
Edifício Sede da Petrobrás: Um Ponto Fora da Curva? <i>Paulo Pacheco</i>	75
Anteprojeto número 142 do concurso do edifício-sede da Petrobrás RJ, 1967 <i>Luciana Monzillo de Oliveira e Adriana Monzillo de Oliveira</i>	76
Um posto, o Touring Club e a nova sede: a Petrobras em Brasília <i>Eduardo Pierrotti Rossetti</i>	77
Os edifícios – sedes da Petrobrás em Salvador <i>Suely de O. F. Puppi e Márcia Reis</i>	78
O petróleo é nosso – REFAP, TEDUT, FAMP e EA <i>Sergio M. Marques</i>	79

AMÉRICA(S) EM TRÂNSITO. ROTAS CONTINENTAIS EM ARQUITETURA (1900-1970) **80**

Rafael Urano Frajndlich e Fernando Atique

Intercâmbios continentais: Rosa Kliass e a dobra estadunidense 82

Priscila Gonçalves Santos e Gabriela Tie Nagoya Tamari

Tunga e a pedagogia poética da escola de arquitetura de Valparaíso, Chile (1960–1970) 83

Julia Cavalcante

AMERICANodelsud. Amizades improváveis. 84

Suelen Camerin

Niemeyer Americano: 1938–1950 85

Marcos Leite Almeida

ARQUITETURA COMO ESTRUTURA QUALIFICADA **86**

Carlos Fernando Bahima

A expressão tectônica em obras de Clorindo Testa 88

Cassandra Salton Coradin

Situações pontuais sob teto plano: colunas metálicas como exceção nas residências unifamiliares em Porto Alegre 1950-1970 88

Daniel Pitta Fischmann

A esfinge de concreto: representação e materialidade no edifício da FAU-USP 89

Felipe de Araujo Contier

Instituto Central de Ciências: A complexidade da síntese 90

Elcio Gomes Silva

ARQUITETURA COMO PERSONAGEM. O PODER NARRATIVO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO NO CINEMA **92**

Ana Carolina Marques e Rafael d'Andrea

“O homem ao lado”: Casa Curutchet como personagem 94

Silvia Lopes Carneiro Leão

É de Tirar o Fôlego! Arquitetura Moderna Brasileira em O Homem do Rio 95

Luciano de Topin Ribeiro

Espaço urbano como violência simbólica em <i>O homem que virou suco</i> <i>Ana Elisa Vieira Soares</i>	96
O Elevador <i>Marta Bogéa e Felipe de Souza Noto</i>	96
Lisboa, São Paulo: cartografias sensíveis e modernidade no cinema <i>Romullo Baratto Fontenelle</i>	97
Improviso e gambiarra: Casas de migrantes em filmes Paulistas <i>Rafael Blas</i>	98
Cidade de Deus pelo cinema: projeto e projeção; passado e futuro <i>Daniela Cidade</i>	99
“Me dá nos nervos esse barulho”, a destruição do bairro Fontainhas no filme <i>No quarto com vanda</i> de Pedro Costa <i>Flavia Santos de Oliveira</i>	100
O drama do espaço moderno: diálogos entre “Medianeiras” e “Aquarius” <i>Natália Costa Boff</i>	100
ARQUITETURA MODERNA E ESTRATIFICAÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO COMO VALOR <i>Claudio Comas Brandão e Pedro Murilo Gonçalves de Freitas</i>	102
Do hospício ao campus universitário: a arquitetura feita por partes do Instituto de Neurologia Deolindo Couto <i>Rafael Barcellos Santos e Bernardo Albuquerque</i>	104
A metamorfose da arquitetura moderna de Paulo Mendes da Rocha em Goiânia <i>Marília Rezende</i>	105
Sesc Consolação: Estratigrafias de um Edifício em Transformação <i>Luiza Nadalutti</i>	106
Viver o moderno: experiências habitantes e transformações nas <i>Unités d’Habitation</i> de Le Corbusier <i>Priscilla Bittencourt Biassi</i>	107
Ed. Ajuricaba e a estratificação na conservação da arquitetura moderna em Manaus – AM <i>Vlândia Cantanhede</i>	108

ARQUITETURA MODERNA HOSPITALAR: PROJETOS, ACERVOS E PATRIMÔNIO

109

Renato Gama-Rosa Costa e Ana Amora

A preservação oficial da arquitetura hospitalar em São Paulo <i>Silvia Ferreira Santos Wolff</i>	111
Biofilia em Hospitais: O Modernismo Humanizado de Lelé <i>Jagna Stefani</i>	112
O patrimônio da saúde na cidade universitária da Universidade do Brasil <i>Patricia Cavalcante Cordeiro</i>	113
Planos de conservação e manutenção para o patrimônio arquitetônico hospitalar moderno: estratégias e desafios <i>Pedro Murilo Gonçalves de Freitas e Marta Cristina Ferreira Buarque Guimarães</i>	114
Cartografias Modernas do Maranhão: O mapa da peste de 1905 e o mapa da expansão Urbana 1950 do álbum Miécio Jorge. Diálogos urbanos e arquitetura hospitalar em São Luís do MA. <i>Grete Soares Pflueger e Bruno David Ferreira</i>	114
Valores modernos, hospital e cidade: integração urbana comparada <i>Carlos Homero Bakke de Araujo e Eunice Helena Sguizzardi Abascal</i>	115
Carlos Lemos e a Moderna Arquitetura de Unidades Sanitárias <i>Gustavo Ladeira Caracuel</i>	116
Valorização e preservação do Hospital das Clínicas de Pernambuco <i>Elisabeth d'Abreu Hirth e Barbara Cortizo de Aguiar</i>	117
Hospital da Lagoa: a moderna arquitetura hospitalar brasileira <i>Elza Maria Alves Costeira</i>	118
Cidade moderna, arquitetura moderna: Reflexões sobre o Hospital- Colônia Juliano Moreira, na capital da Paraíba. <i>João de Oliveira Crispim e Maria Berthilde Moura Filha</i>	119
Modernismo em disputa: espaço, tecnologia e permanência no HCPA <i>Jenifer Godoy Daltrozo e Betina Tschiedel Martau</i>	120
Arquitetura hospitalar: inovação e preservação urbana <i>Bianca Oresko e Maria Isabel Imbrunito</i>	120
Contra a Obsolescência: O Hospital de Coquimbo e os Primeiros Projetos da SCEH, 1967–1976 <i>Claudio Galeno-Ibaceta e Logan Leyton Ossandon</i>	121

A arquitetura moderna de saúde em salvador: o caso do Hospital Aristides Maltez <i>Paloma Ramos Oliveira</i>	122
--	-----

ARQUITETURA PARA A SOCIEDADE A PARTIR DO ESTADO 123

Jasmine Luiza e Miguel Antonio Buzzar

Arquitetura pública moderna no sertão: caso da Telpa Sousa <i>Rani Silva e Gabriel Medeiros</i>	125
Plataformas: paisagem e infraestrutura no paço municipal de Santo André <i>Márcio Fontão e Rodrigo Queiroz</i>	126
Uma nova sociedade moderna? Dois ícones na Venezuela (1955-1961) <i>Ruan Carlos Marques dos Santos e José Carlos Huapaya Espinoza</i>	126
Modernismo e ensino técnico: a escola técnica de Vitória <i>Amanda Fornaciari Ferreira e Clara Luiza Miranda</i>	127
A construção de Brasília: Rodoviarismo e Simbolismo Nacional <i>Victoria Jannuzzi</i>	128
O plano de ação como promotor da modernização paulista <i>Fernanda Millan Fachi</i>	129

ARQUITETURA RESIDENCIAL E ESCOLAR, EMPRESA CONJUGAL 130

Suelen Camerin

Prática a Dois na Arquitetura Moderna Paulista: Acervo Karazawa <i>Amanda Vantini</i>	132
UNA II SP BR: aulas 2003 apartamentos 2017. Notas para uma arquitetura viva e urbana <i>Carlos Eduardo Comas</i>	133
Complicidad y Complementariedad Estudio Bertolino-Barrado <i>Lucía Barrado</i>	134
Open. Escolas à chinesa (2014, 2019, 2022) <i>Carlos Eduardo Binato de Castro</i>	135
Cuidado e Paridade: A Arquitetura de Barclay & Crousse <i>Fernanda Jung Drebes</i>	136

ARQUITETURA SOB AMEAÇA: DEMOLIÇÕES E RESISTÊNCIAS NA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO MODERNO 137

Maisa Fonseca de Almeida e Bárbara Guazzelli Gonçalves

Apagamento e permanência: a casa César Dorfman em Porto Alegre 139
Priscila Vargas e Fabiana Bernardy

A Casa da Pedra de Caiobá, a 1ª Casa da Família Weber 140
Karina Scussiato Pimentel e Nicolly Polakowski de Souza

Recuperação do módulo Iansã: preservação da obra de Lelé em
Salvador 140
Sergio K. Ekerman

A Destruição do Maracanã e a Invisibilidade do Patrimônio Moderno 141
Felipe Loureiro e Roberto Bartholo

Memórias póstumas do Caic José Jofilly, Campina Grande, 1994-2023 142
Ivanilson Pereira

Boom imobiliário e as casas modernas na orla de João Pessoa 143
Cíntia Rebeca Quintans de Araújo e Adriana Leal de Almeida

Mooca e Vila Guimar: transformações que ameaçam a proposta do
morar moderno 144
Larissa Cristina da Silva-Dias e Ana Beatriz Pahor Pereira da Costa

Patrimônio em risco: a antiga rodoviária de Slorianópolis – SC 145
Gabriela Carvalho de Moura

Patrimônio Moderno: Preservação como Estratégia de Redução de GEE 146
Thomas Ilg e Lucas Caldas

ARQUITETURA, URBANISMO, E A DIVERSIDADE DA EXPERIÊNCIA MODERNA BRASIL 148

Felipe Franco e Vanessa Borges Brasileiro

Modernidade e autoria na Paraíba (1930–1980): biografias em rede 150
Thiago Thamay

Edifício São Carlos: quando Maceió começou a olhar para o alto 150
Brenda Abreu Protásio Alves e Francine Regina Camilo Cândido

Modernidade e memória em maceió: o Palácio do Trabalhador 151
Flávia de Holanda Costa e Mônica Peixoto Vianna

Modernidade em duas capitais: sedes SALIC Curitiba e Porto Alegre 153
Karine Arimateia

AS ORIGENS TROPICAIS DA ARQUITETURA MODERNA 154

Ruth Verde Zein e Marcos Paulo Cereto

MAM e o Paraíso em Três Escalas: Palmeira, Pão de Açúcar e Aterro 155

Augusto Ruschel e Ana Paula Polizzo

A primeira missa em Brasília e o Pavilhão de Bruxelas 156

Rafael Manhães

Arquitetura nos trópicos: Paulo Mendes da Rocha e a América como invenção 157

Omar de Oliveira Porto Junior

Imaginary of the primitive hut in Brazilian modernism 158

Izabel Amaral

Do colonial ao moderno: permanências luso-brasileiras na arquitetura tropical brasileira 158

Noemia Barradas Barradas-Fernandes

BILATERALIDADES 160

Urano Frajndlich

IAUS: organização e temporalidades 161

Yuri de Souza Duarte

Mies, Kornacker y el IIT como laboratorio estructural 161

Zaida Garcia-Requejo e Luciana Colombo Fornari

Diálogos transnacionais na produção do Catálogo Brasileiro da Construção 162

Natália Maria Gaspar

CIDADES UNIVERSITÁRIAS COMO ESTRUTURAS URBANAS, 1930-1970 163

Ana Lucia Ceravolo e Elisângela de Almeida Chiquito

Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro: da UnB à UENF em trinta anos 165

Fabício R. S. Godoi

O projeto moderno: dispositivo para uma modernidade desejada 166

Vitória Margotto Barroca e Renata Hermann de Almeida

La ciudad universitaria de Madrid: proyecto, memoria y transformación 167

Ana Esteban Maluenda e Nicolás Mariné Carretero

A linguagem moderna no Campus/UFV – Viçosa/MG: paisagem cultural como meio de salvaguarda do patrimônio moderno	168
<i>Sâmara Menezes Porto e Lucas Pereira Coli</i>	
O atributo urbano dos espaços livres da cidade universitária da UFRJ	169
<i>Leonardo Rodrigues Mesquita Santos</i>	
Camadas e significados na patrimonialização do campus Butantã da Universidade de São Paulo	170
<i>Gabriel de Andrade Fernandes</i>	

COISAS DO PAULO 171

Carlos Eduardo Binato de Castro

Aprendendo com a Arquitetura Moderna: o projeto do Paulo para o concurso do Centro Pompidou	172
<i>Marcelo Puppi</i>	
Segunda costa: uma aproximação à atualidade do discurso de Paulo Mendes da Rocha	173
<i>Gregório Rosenbusch</i>	
Capelas do Paulo	174
<i>Christian Michael Seegerer</i>	
“Razões de uma última conversa: com Paulo Mendes da Rocha.”	174
<i>Catherine Otondo</i>	

CONTINUIDADE DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL 176

Rodrigo Queiroz e Maria Isabel Imbrunito

Lugar como continuidade crítica na arquitetura de Álvaro Siza	178
<i>Vanessa de Conto e Ana Elisa Souto</i>	
Expressões da arquitetura religiosa moderna no sul do Brasil	179
<i>Ana Elisa Souto e Josiane Talamini</i>	
O depoimento de Oscar Niemeyer: procedimentos e processos projetuais	180
<i>Victor Oliveira</i>	
Fôrmas e Formas: Transformações na obra de Vilanova Artigas	180
<i>Guilherme Pianca Moreno</i>	
Novo uso do edifício brutalista do fórum de Uberlândia	181
<i>Tomitão Adriano Canas e Maria Eliza Alves Guerra</i>	

Décio Tozzi e o Moderno em Transformação numa Escola em São Paulo	182
<i>Franklin Roberto Ferreira De Paula</i>	
Forma-Paisagem e Chão: Obra de Artigas no Centro Cívico de Macapá	183
<i>João Magnus Pires</i>	
Pós-Sevilha: entre diálogos e continuidades modernas em coletivo	184
<i>Tatiani Amadeu de Freitas</i>	
Arquitetura depois do Brutalismo em Curitiba	185
<i>Salvador Gnoato</i>	
DEPOIS DO PILOTIS – UMA ESTRATÉGIA PROJETUAL EM 100 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA	187
<i>Nathalia Cantergiani e Monica Luce Bohrer</i>	
Lelé no CAB: Variações sobre um tema em projetos de João Filgueiras Lima	189
<i>Daniel J.M. Paz</i>	
O passado como referência: uso de pilotis na habitação social	189
<i>Mariana Jardim</i>	
Irmãos Roberto: pilotis para uma cidade	190
<i>Mara Eskinazi e Denise Vianna Nunes</i>	
Pilotis: duas estratégias de Álvaro Siza	191
<i>Patricia Hecktheuer</i>	
EDIFÍCIOS EM ÁREAS CENTRAIS DAS CIDADES BRASILEIRAS	192
<i>Marcos Carrilho e Silvia Ferreira Santos Wolff</i>	
Dualismo entre reconversão e demolição: SESC 24 de maio – SP	194
<i>Maria Pronin</i>	
Geraldino Duda (Década de 1950): Uma Produção em Descoberta	194
<i>Ítalo Tavares de A. Farias</i>	
O passado do futuro: do moderno ao moderno – o edif. Piratininga	195
<i>Luiz Amorim</i>	
Multifuncionalidade Moderna: Jóquei Clube RJ seu passado e futuro	196
<i>Alex Carvalho Brino</i>	
Processos de resignificação cultural no centro de São Paulo	196
<i>Ana Marta Ditolvo</i>	

Edifício João Bricola: uma leitura de documentos seminais <i>Hermógenes Moussallem Vasconcelos</i>	197
---	-----

EM PAPEL E DIGITAL: ARQUIVOS, ACERVOS E DOCUMENTAÇÃO 199

Sylvia Ficher e Eduardo Rossetti

Inventariar para existir: o acervo pessoal de Chu Ming Silveira <i>Julia Nariçawa</i>	201
Política de acervo e coleção iconográfica da FAU-USP <i>Clara T. Homem de Melo e Artur S. Rozestraten</i>	201
O que podem os documentos privados? O arquivo de Rachel Sisson <i>Pilar Tejero Baeza e Ligia Maria Mello Dias</i>	202
Arquivo Público do Distrito Federal: Arquiteturas para Educação Pública em Brasília <i>Filipe Bresciani</i>	203
Mapeando a arquitetura de Brasília: a obra de Milton Ramos. <i>Marcelo Pimenta</i>	204
Fios e memória: cartas entre Lina Bo Bardi e Edmar de Almeida <i>Adalberto Vilela e Raquel Byrro</i>	205
VKhUTEMAS: Arquivo de uma Pedagogia Modernista para Arquitetura <i>Livia Koeche</i>	206
Exposições de arquitetura: reconstituindo memórias sem arquivos <i>Fernando Araújo Costa e Maria Cristina Cabral</i>	207
O lugar catarinense no debate sobre acervos arquitetônicos <i>Yuri Cristiano Berrido Gheler e João Paulo Schwerz</i>	208
Tribunas do moderno: imprensa e arquitetura no Brasil (1920–1950) <i>Francisco Sales Trajano Filho e Monaliza Cristina Gonçalves</i>	208
A contribuição historiográfica e os limites gerenciais do Arquivo Público da Cidade de Aracaju <i>Carolina Chaves</i>	209
Acervos fotográficos e a preservação do patrimônio arquitetônico esportivo brasileiro <i>Arthur Prates</i>	210
Documentação e história nas Edições da EAUFMG, 1924-1975 <i>Danilo Matoso Macedo</i>	210

Cachorro com muitos donos 211
Andrey Schlee

Acervos de arquitetura no Brasil: desafios e potencialidades 212
Luiz Eduardo Sarmiento

ENSINO DO MODERNO NA ARQUITETURA COMO PROPOSTA PARA O SÉCULO XXI 214

Monica Camargo e Sabrina Studart Fontenele Costa

Arquitetura modernista, colonialidade e patrimônio cultural 216
Tamiris de Oliveira Machado

Regionalismo em arquitetura: permanências e emergências no século XXI 216
Marcella Aquila

Imaginários e Desvios: possibilidades para o ensino moderno 217
Marina Pedreira de Lacerda

O projeto enquanto história para o ensino prático da arquitetura moderna 218
Manuella Marianna Andrade e Ítalo Gomes

Encruzilhadas Modernas: Aldo van Eyck e a crítica Humanista 219
Vinícius Nascimento Campos e Josélia Godoy Portugal

Cidades invisíveis, pessoas incríveis: revisão da Serra do Navio
através do audiovisual e suas implicações para o ensino da
arquitetura moderna 220
Bianca Moro de Carvalho

ESPAÇOS DO ÓCIO: TURISMO, ARQUITETURA E INFRAESTRUTURA NA MODERNIDADE 222

Ricardo Paiva

Infraestrutura moderna em Miami Beach: os hotéis de Morris Lapidus 224
Márcia Lopes de Mello

Turismo e conservação no território do Parque Nacional da Serra da
Capivara 225
Bruno Carvalho

Reabertura do hotel Tambaú: podemos ter esperança? 226
Fernanda Roque Taurino Magalhães e Wylenna Carlos Lima Vidal

Ócio nas alturas: entre ícones e experiências urbanas verticais <i>Thiago Allis</i>	227
A Estação Rodoferroviária de Brasília: Infraestrutura, Arquitetura e Mobilidade no Eixo Monumental <i>Marcela Chagas</i>	228
Redescobrimdo Burle Marx: O Paisagismo do Laguna Tourist Hotel (1971) <i>Gustavo Pires de Andrade Neto</i>	229
Turismo planejado: balneários do Fumest (1970-1989) em São Paulo <i>João Paulo Lobo Coppio</i>	230
Onde o luxo é a paisagem: um panorama comparativo dos hotéis de Niemeyer <i>Carlos Fernando Bahima</i>	231

ESPETÁCULO EXPOSITIVO, DIREÇÃO FEMININA, LINA POR EXEMPLO <i>Suely Puppi</i>	232
--	------------

O Interior às Avessas de Gae Aulenti <i>Diego Henrique de Oliveira Soares e Amanda Evellyn Zys</i>	233
Palacio, ruina, ministerio: la transformación del Palacio Pereira <i>Fernando Diez</i>	234
Humanidade e fé. Carla Juaçaba em exposição <i>Juliano Dors dos Santos</i>	234
Participação Feminina nos Pavilhões da Serpentine Gallery em Londres <i>Fernando Rihl</i>	235
Building Babel in Rome: Zaha Hadid's MAXXI <i>Jacopo Benedetti</i>	236

EXCURSOS <i>Marta Peixoto e Bianca Moro Carvalho</i>	237
--	------------

Zalszupin e a Cadeira del Rey: restauro e sustentabilidade <i>Michel Martins de Camargo e Fernanda Freitas Costa de Torres</i>	238
Arquitetura, Cinema e Cultura nos filmes <i>A Compadecida</i> e <i>Bacurau</i> <i>Tainá Tábata Fialho Martins e Marília Solfa</i>	238

Devorando “Taperinhas” e “Máquinas de morar” nos anos 1920 <i>Alex Matos</i>	239
Sobre o morar no moderno conjunto CECAP Zezinho Magalhães Cumbica <i>Guilherme Braz de Souza</i>	240
A taba contemporânea de Brasília: uma exposição de Lucio Costa (1962-1963) <i>Dilton de Almeida</i>	241
IMPUREZAS NO MUNDO MODERNO <i>Marta Peixoto e Ana Tostões</i>	243
A domesticidade nos desenhos de Jorge Machado Moreira e Carlos Leão <i>Tiago Tardin</i>	245
Decoro e dissonância: interiores reformados em casas de Niemeyer <i>Marina S. B. Luz</i>	245
Exposição habitável: o projeto-curadoria do apartamento Brion <i>José Alberto de Oliveira Grechoniak e Luís Henrique Haas Luccas</i>	246
Recuerdos domésticos de un interior moderno en Montevideo <i>Alfredo Peláez Iglesias</i>	247
Ensaio sobre a Casa Carioca. 1928 – 1935 <i>Greyce Souza</i>	248
Domesticidade burguesa e as impurezas do modernismo no Brasil <i>Joana Mello de Carvalho e Silva</i>	248
Modernidade em contraponto: residência Solar Fontana em Curitiba <i>Giovanna Renzetti e Natália Barbosa Hetem</i>	249
Contaminações Cruzadas: Tradição e Modernidade em Casas de Veraneio Brasileiras dos anos 1970. <i>Dely Bentes</i>	250
Os interiores domésticos do Studio d’Arte Palma <i>Aline Coelho Sanches</i>	251
Contaminaciones modernas: vitrinas, moda y Casa Flaño <i>Anita Puig Gomez</i>	252

INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: ARQUITETURA MODERNA E PRÉ-FABRICAÇÃO NO BRASIL, 1920-2020 **254**

Elcio Gomes da Silva

Rumos da pré-fabricação: um olhar a partir da revista Acrópole **256**
Allyson Oliveira e Beatriz Diógenes

Percursos da expressão arquitetônica em pré-moldados em Brasília **256**
Rafaela Heinzelmann Figueira e José Manoel Morales Sánchez

Sergio Rodrigues e a Casa individual pré-fabricada: Contexto e Fundamentos **257**
Cícero Porto

Industrialização da construção nos periódicos do CBC-Bouwcentrum **258**
Juliana Ramos

Estrutura disciplinada, dissolução da trama e pré-fabricação. **258**
Silvia Regina Morel Corrêa

A trajetória da protensão no Brasil: da vanguarda das pontes à inovação na Universidade de Brasília **259**
Juliano Caldas de Vasconcellos

ITÁLIA, FRANÇA E BAHIA **261**

Silvia Wolff

MESP – 1945-2025 – PGC: 80 anos da inauguração **262**
Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro

Restauração e Modernização da Biblioteca Mário de Andrade **263**
Renata Semin

Edifício Guilherme Guinle: sede dos diários associados e do Museu de Arte de São Paulo **264**
Marcos J. Carrilho

As fábricas da Olivetti de Marco Zanuso na América Latina **264**
Guilherme Feijó e Ivo Girotto

Uma leitura do MAM-BA sob a perspectiva de Montaner **265**
Carolina Lisot e Anna Paula Canez

MONUMENTALIDADES AMERICANAS

267

Andressa Martinez e Denise Santos

- Monumentalidades americanas moderna e pré-moderna:
intervensões em primeira pessoa no Edifício Farley e na sede das
Nações Unidas 268
Rafael Saldanha Duarte
- O poder da curva: vida e morte de uma arquitetura cívica norte-
americana, 1947-66 268
Marcos A. Petrolí
- Pomo da discórdia: megaeventos, estádios e pós-moderno luso-
brasileiro 269
Guilherme Maia
- The chase*: operações elementares para um problema de múltiplas
escalas. 270
Nicolás Sica Palermo

O FUTURO DO PRETÉRITO: PROJETOS, CONCURSOS E REALIDADES (IM)POSSÍVEIS

271

Sergio Marques e Francisco Spadoni

- Heranças Conceituais das Megaestruturas Aplicadas em Concursos 272
Ricardo Felipe Gonçalves
- O futuro do pretérito em Mendes da Rocha 273
Flavia Botechia e Julia Thomazini
- Entre Rio de Brasília: os projetos do Itamaraty de Mindlin 274
Claudio Comas Brandão
- A mão e sua impressão 275
Silvio Belmonte de Abreu Filho
- O paço municipal de Florianópolis: edifícios institucionais de Saraiva
em Florianópolis e suas conexões 276
João Marcos Pires
- O projeto como instrumento reflexivo e especulativo. A proposta dos
Smithson para o concurso Hauptstadt Berlin 1957-58 277
Cristina Gondim
- Desejos e realidade: concursos e marcos arquitetônicos 278
Lorena Petrovich Pereira de Carvalho e Márcio Moraes Valença

O museu de Le Corbusier na Cidade Universitária do Rio De Janeiro <i>Juliana Benetti e Ana Tagliari</i>	279
Implantação e materialidade: residência Hercílio Luz Filho <i>Alexandre dos Santos</i>	280
Cidades imaginadas: urbanismo modernista e seus vestígios no planalto central brasileiro <i>Bruna Leite e Larissa Timbó</i>	280
Burle Marx no Pedregulho: um ideal pedagógico do jardim moderno <i>Pedro Guimarães Teixeira e Lucia Maria Sá Antunes Costa</i>	281
O Projeto vencedor do Concurso para a Sede do Jockey Club de São Paulo <i>Fernanda Cavaleiro Marafon</i>	282
Entre Vulcões e Usinas Nucleares: A Participação de Sergio Bernardes no Concurso Internacional do Parc de La Villette <i>Tomás Urgal</i>	283
Futuros possíveis: A Esplanada de Santo Antônio por Affonso Reidy <i>Carolina Vereza e Thiago Souza</i>	284
A utopia não realizada do concurso para o Estádio do Pinheirão <i>Thais Saboia Martins e Alexandre Ruiz da Rosa</i>	285
A forma no processo de criação do anteprojeto de arquitetura para a sede nacional da SBPC <i>Claudionor Beatrice</i>	286
O Capitólio descorado: a paisagem não construída do Museu do Conhecimento de Chandigarh <i>Luciana Saboia e Juliana Dullius</i>	287
Por uma arquitetura musical: a Cité de la Musique de I. Xenakis <i>Pedro Braule</i>	288
Concurso para o Centro Administrativo no bairro Campos Elíseos <i>Paulo Bruna</i>	289
A poética espaço-tempo nos projetos de concursos de Roberto Loeb <i>Wilson Florio</i>	290
Da utopia moderna à realidade contemporânea <i>Bruno Melo Braga e Ricardo Alexandre Paiva</i>	291
Arquitetura moderna no presente amplo <i>Joao Masao Kamita</i>	292

Interpretação e crítica: ação contemporânea sobre o moderno <i>Luciana Tombi Brasil e Patrícia Pereira Martins</i>	292
Silêncio eloquente: o anexo do MASP no ruído contemporâneo <i>Monica Aguiar e Marcos Favero</i>	293

O OLHAR DIRECIONADO: REENQUADRANDO A ARQUITETURA MODERNA <i>Ana Esteban e Patricia Mendes</i>	294
---	------------

A imagem do Parque do Ibirapuera contida na revista Módulo, 1955 <i>Bruno Juliani Mentone</i>	296
Olhares Convergentes entre a Acrópole e o MoMA na década de 1950 <i>Mariana Fialho Bonates e Larissa Alves Nasaré</i>	297
Arquitetura moderna, fotografia e cidade: Chandigarh e Brasília <i>Emanuella Kashiwakura e Letícia Aguiar</i>	298
Reenquadrando a obra de Lina Bo Bardi: entre o revelado e o omitido <i>Maíra Pereira</i>	299
Revista <i>Architettura</i> e a recepção do Movimento Moderno na Itália <i>Nicolle Prado</i>	300
A Amazônia na FAU-USP: Fotografias, Narrativas e Decolonialidade <i>Maurício Cavalcante e Victor Salgado</i>	301
Imagem e modernidade arquitetônica: dispositivos visuais <i>Luciana P. Santos</i>	302
Imaginaris visuales modernos y publicaciones masivas colombianas <i>Margarita Roa-Rojas e Ingrid Quintana-Guerrero</i>	302
Fotografando a modernidade: Niemeyer pelas lentes da manchete <i>Bruno Campos e Maribel Aliaga</i>	303
Fotografia do invisível: dimensão projetual revelada de Brasília <i>Guilherme Lassance</i>	304

PAINÉIS ARTÍSTICOS E ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA <i>Abilio Guerra e Cássia Marques</i>	306
---	------------

Um Teatro do avesso: Athos Bulcão e o relevo do Teatro Nacional. <i>Stéphanie Cerioli</i>	308
--	-----

Athos e Lelé: uma proposta de diálogo das artes <i>Emyle Santos</i>	308
Jardim-vertical, o mural vivo de Lina Bo Bardi <i>Cláudia Costa Cabral</i>	309
Poética e modernidade nos murais de Burle Marx <i>Marília Dorador Guimarães</i>	310
Outdoors de concreto: Ornamento e Comunicação na Curitiba Moderna <i>Kadu Tomita</i>	311
Murais na Rede Sarah e a humanização do espaço hospitalar <i>Larissa Yamamoto</i>	312
O painel em concreto do edifício sede da Petrobrás <i>Brian Pimentel</i>	312
Painéis de Burle Marx na ilha do fundão, entre o sonho e a ruína <i>Helio Herbst</i>	313
Do tapete ao painel: a trama como sintaxe azulejar moderna <i>Mary da Silva Rached</i>	314
Gênese e experiências da arte mural de Roberto Burle Marx <i>Isabel Ruas Pereira Coelho</i>	315
Dos painéis de cobogós aos espaços modernos dos trópicos <i>Guilah Naslavsky</i>	315
Murais de Volpi: Permanência e Apagamento em templos Católicos <i>Vitória Barreiros e Susanna Moreira</i>	317
Geraldo Queiroz e o Modernismo regional no Triângulo nos anos 50 <i>Juscelino Machado Junior</i>	318
Azulejos autorais na moderna arquitetura brasileira <i>Eliana Ursine da Cunha Mello</i>	319

PALAVRAS E OBRAS: RELAÇÕES ENTRE TEORIA E PROJETO A PARTIR DE 1960 **320**

Maria Cristina Cabral e Ivo Giroto

Poética da economia e arquitetura paulista (1955-70) <i>Tomas Cezar de Andrade Millan</i>	322
Práticas emancipatórias no CEDEC: a construção do jornal-mural <i>Lígia Gimenes Paschoal e Tatiana Sakurai</i>	323

O lugar da arquitetura no programa especial de educação do Rio de Janeiro <i>Alexandre Benoit</i>	323
Lugar e linguagem: Hans Broos e a crítica à cidade-cenário <i>Luciana Florenzano</i>	324
A arquitetura social de Gilioli: escola e. dr. Fausto Cardoso de Melo <i>Jasmine Luiza Souza Silva</i>	325
Discurso, projeto e o desenho industrial em São Paulo (1961-1965) <i>João Bittar Fiammenghi</i>	325
Entre o real e o ideal: a nova copacabana de Sergio Bernardes <i>Carolina Quintanilha Neves e Letícia Bedendo Campanha Pires</i>	326
Maria do Carmo Schwab: entre trajetória, obra e rede de relações <i>Julia Pela Meneghel</i>	327
Arquitetura nova além do cânone: redes subterrâneas e o caso Heck <i>Ana Carolina Buim e Andréa de Oliveira Tourinho</i>	328
RECONSTRUÇÃO DE LUGARES ENTRE ARTE E ARQUITETURA <i>Claudia Cabral e Marta Bogea</i>	330
<i>Ceci n'est pas seulement un pont. É a pont-neuf empaqueté</i> <i>Maria Isabel Villac</i>	332
Dois encontros entre Daniel Buren e o Museu Guggenheim <i>Yasmin Elganin Vieira</i>	333
Pavilhão Alemão em Barcelona: Bela Fragilidade <i>Ana Carolina Pellegrini</i>	333
Arquitetura como escuta: sanaa em dois gestos <i>Isabela Ignácio de Moura</i>	334
Diante do moderno: Carla Juaçaba, vão, e gru.A em diálogo com Niemeyer <i>Olivia Abrahão</i>	335
Monkey Way: A instalação do Atelier Bow-Wow no Pavilhão da Bienal na 27ª Bienal de São Paulo <i>Guilherme Fernando Pinto</i>	336
Regressão: relato de um lugar em negativo <i>Lucia Koch</i>	337

Instalação e ruídos sobre o abrigo para bondes de Santa Tereza <i>Marcus Deusdedit</i>	337
Arte sobre arquitetura <i>Maria Paula Recena</i>	338
The living room / Miami 2001 <i>Roberto Behar & Rosario Marquardt R&R STUDIOS</i>	339

REFORMAS NOTÁVEIS EM CONTEXTOS ORDINÁRIOS **341**

Ana Carolina Pellegrini

Venturas e desventuras de um complexo em mutação: o caso da FAUFBA <i>Ana Carolina Bierrenbach e Juliana Cardoso Nery</i>	343
Miami Vice: garagens tropicais <i>Marta Silveira Peixoto</i>	344
Um teatro em três atos: o vila velha em Salvador <i>Nivaldo Vieira de Andrade Junior</i>	345
Dentro do bloco: reformas da CODA arq. em projetos de Marcílio M. Ferreira <i>Leonardo Nóbrega e Luiza Ceruti</i>	346
Reivindicando o inabitado: corpos em silos e tanques <i>Mateus Mossmann Carneiro e Ângelo Prisco Petry</i>	346

REINTERPRETAR A ARQUITETURA E O URBANISMO MODERNOS: UMA MISSÃO POSSÍVEL **348**

José Carlos Huapaya Espinoza e Carolina Marques Chaves Galvão

Por uma noção de praça da arquitetura moderna: um novo olhar sobre o tema a partir de três projetos de Niemeyer (1947-57) <i>Anderson Dall'Alba</i>	350
A morada moderna por meio do acervo público municipal de Maceió <i>Madson Nascimento e Rosana Santos</i>	350
O viaduto, a galeria e a via expressa: vazio planejado como potencialidade – o caso da galeria dos estados em Brasília <i>Amanda Mendes de Lima</i>	351

Figueira Soares e a Arquitetura Moderna Gaúcha 352
Isadora Dias Bido

Existiu um CIAM brasileiro? 354
Helena Bender

VIAGENS E ARQUITETURA 355

Luana Espig Regiani e Karine Daufenbach

Desdobramentos da formação estrangeira nas obras de Rino Levi e
Gregori Warchavchik 357
Rafaela Raffaele

Do mediterrâneo às americas: Gio Ponti e a modernidade itinerante 358
Angelica Ponzio

A experiência norte-americana do arquiteto Leo Grossman 358
Felipe Sanquetta e Hugo Segawa

Beyond the Forgotten Bonds: China-Brazil Architectural Interactions as
Catalysts for Modern Ideas in the Global South (1900-1970) 359
YU Yunlong

A ARQUITETURA E O URBANISMO NO BRASIL APÓS 1960: PLURALISMO E SENSIBILIDADE PÓS-MODERNA

Felipe Taroh Inoue Sanquetta e Isabella Caroline Januário

No contexto global a partir da década de 1960, emergiram novas concepções e expressões na arquitetura e no urbanismo. Teóricos como Christian Norberg-Schulz e Christopher Alexander argumentaram que a forma arquitetônica não poderia ser a única variável projetual, defendendo a integração de fatores como o meio social, o entorno físico e a acomodação programática. Assim, a visão funcionalista predominante nos primeiros Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) foi gradualmente abandonada. Na Europa, arquitetos como Aldo Rossi, Vittorio Gregotti e os integrantes do Team X (como Aldo van Eyck e George Candilis) criticaram o modelo de cidades funcionais e universais, propondo projetos que valorizavam a relação entre pessoas, história e lugar. Paralelamente, em países anglo-saxões, nomes como James Stirling, Robert Venturi e Denise Scott Brown incorporaram arquétipos clássicos, ornamentos e simbolismo popular em suas obras. No Egito, Hassan Fathy resgatou técnicas tradicionais, utilizando materiais locais (como tijolos de barro e abóbadas) em projetos residenciais e institucionais. Segundo Andreas Huyssen, essas transformações refletem uma nova sensibilidade em relação ao lugar e aos usuários, distanciando-se dos movimentos arquitetônicos anteriores. Como resultado, nota-se um pluralismo projetual, marcado por correntes diversas como Metabolismo, Urbanismo Espacial, Megaestruturas e Regionalismo Crítico. No Brasil, o pós-modernismo na arquitetura ganhou destaque especialmente a partir de meados dos anos 1960, com a atuação de arquitetos como Éolo Maia, Jô Vasconcellos e Sylvio Podestá, em Minas Gerais. Mas também com Severiano Porto no Amazonas e Domingos Bongestabs no Paraná. Portanto,

SESSÃO

não seria reducionista enxergar o ideário pós-modernista no Brasil como um “bloco” monolítico, reduzindo-o a um movimento único? Pois, sabe-se que houve uma transição gradual, onde as ideias funcionalistas deram lugar a uma maior liberdade projetual nas décadas seguintes, resultando em diferentes soluções experimentais no projeto arquitetônico e urbano. Diante disso, a questão central desta sessão é: quais são as características da sensibilidade pós-moderna nas diferentes regiões do Brasil após 1960? O objetivo é discutir e comparar contribuições projetuais que documentem e analisem a arquitetura produzida nesse período. Os artigos podem abordar, por meio de estudos de casos específicos ou comparações entre projetos realizados entre as décadas de 1960 e 1990, as variáveis projetuais e os conceitos arquitetônicos que orientaram obras ou a atuação de arquitetos (as); e o contexto histórico da transição entre o modernismo e as novas tendências. Dessa forma, busca-se aprofundar o legado dessas obras e profissionais, ainda pouco explorados na história e historiografia da arquitetura brasileira.

ARQUITETURA UNIVERSITÁRIA APÓS 1970: PLURALISMO TÉCNICO E FORMAL

Renan Avanci

A passagem de soluções mecanicistas e industriais para abordagens mais sensíveis ao contexto social e cultural conduz a proposta deste manuscrito. Através de uma aproximação com as arquiteturas universitárias idealizadas pelos arquitetos Domingos Bongestabs e Severiano Porto entre as décadas de 1970 e 1990, analiso como a forma arquitetônica e a técnica construtiva demonstraram inflexões ao modelo modernista evidenciado para as universidades brasileiras. Primeiramente, nos anos 1970, em contextos diferentes, esses arquitetos utilizaram matrizes formais flexíveis, em malhas adaptáveis, favorecendo crescimento orgânico, integração de usos e economia de meios. Tais projetos em sintonia com um debate global revelaram uma inflexão, embora ainda ancorados em soluções pré-fabricadas, industriais e racionais, aproximaram-se de um contexto social e da escala humana. Já nos anos 1980 e 1990, Porto e Bongestabs incorporaram técnicas artesanais e materiais locais, conduzindo uma arquitetura que demonstra reposicionamento crítico, identidade local e pluralismo técnico e formal.

Palavras-chave: DOMINGOS BONGESTABS, SEVERIANO PORTO, PROJETOS UNIVERSITÁRIOS.

PARA UMA HISTÓRIA DO CAPGV: NOVOS DADOS E NOVAS QUESTÕES

Felippe Fideles

O Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas (CAPGV), edifício que abriga espaços de escritórios do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), apesar de possuir grande qualidade arquitetônica, é raramente conhecido, mesmo por estudiosos de arquitetura, fora dos limites do estado em que se encontra, o Ceará. Tal edifício combina soluções decorrentes de preocupações climáticas específicas da região em que se encontra, com cuidados ambientais de diversas ordens, e sistemas estruturais avançados, como treliças espaciais metálicas, e possui filiações variadas, do Brutalismo ao High Tech, passando pelas provocações envolvendo o debate acerca das Megaestruturas. Ainda

que alguns estudos já tenham sido publicados sobre o prédio, muitos elementos de sua história ainda carecem de aprofundamento. Neste trabalho de pesquisa apresento novas informações sobre o projeto do CAPGV desperdadas, sobretudo, por conversas com os arquitetos envolvidos e por material do acervo do BNB – como jogos de pranchas e fotos de maquetes –, incluindo aí algumas informações sobre o projeto de outro prédio, o edifício Raul Barbosa (EDIRB), que o precedeu nos esforços de edificação de uma sede para o Banco. Com esse material foi possível reconstituir as várias fases do projeto, acompanhando suas transformações e permanências. São tratadas, por fim, as relações do CAPGV com aquela que é, provavelmente, a maior de suas referências projetuais: o Centro Administrativo do Unibanco, projeto de Roberto Loeb, Flavio Mindlin e Marklen Landa, realizado durante os anos de 1971 e 1979, hoje já demolido, localizado no município de São Paulo.

Palavras-chave: CAPGV (1), EDIRB (2), BANCO DO NORDESTE (3)

CONCRETO ESTAMPADO: AS SUPERFÍCIES DO GRUPO DO PARANÁ

Carla Carubelli

Ao longo da história da arquitetura, o ornamento esteve relacionado à beleza e ao deleite visual, sendo parte do caráter expressivo do fazer arquitetônico. Após a condenação do elemento por Adolf Loos, a arquitetura brutalista começou a apresentar os primeiros sinais de um retorno a uma sensibilidade plástica na arquitetura. O pós-modernismo, por sua vez, recorreu ao ornamento em um momento em que o modernismo não mais representava a sociedade vigente, buscando se aproximar do indivíduo através de símbolos conhecidos, que proporcionavam conexão e identificação. Nesse contexto de mudança de ideais, a partir da década de 1960, o ornamento em concreto aparente passou a se fazer presente em diversas obras oriundas da cidade de Curitiba, se tornando uma assinatura da arquitetura da cidade, com Abrão Assad, escultor e aluno da primeira turma do curso de arquitetura da UFPR, propondo elementos escultóricos nas superfícies em concreto aparente, composto de formas geométricas repetidas que estampavam as edificações. A linguagem plástica seria adotada pelos seus companheiros da capital paranaense, deixando como questionamento as motivações, e inspirações por trás do (re)uso do elemento. Essa característica plástica se faz presente em

especial em três edifícios relevantes no período: o edifício sede da Petrobras (1967), no Rio de Janeiro, o Palácio das Telecomunicações (1966), e o Instituto de Previdência do Paraná (1967), ambos em Curitiba, mostrando como um diferencial em relação a outras arquiteturas produzidas à época no Brasil. Com base na metodologia histórico-interpretativa, percorrendo as origens da aversão modernista à ornamentação e chegando no surgimento de uma nova sensibilidade no pós-modernismo, esse trabalho busca compreender, através da revisão da literatura, o pensamento em torno do ornamento e da obra arquitetônica das três obras citadas, o contexto em que foram criadas e a mudança de pensamento presente nas suas criações.

Palavras-chave: ORNAMENTO, BRUTALISMO, GRUPO DO PARANÁ

RESSONÂNCIAS PÓS-MODERNISTAS NO PARANÁ: O CASO JAIME LERNER

Vitória Maria Mesquita Martins

A noção de zonas de contato arquitetônicas, entendidas como meios de dispersão de ideias, é fundamental para demonstrar aberturas interculturais na apropriação de referências em processo de projeto. Viagens, trabalhos e eventos ampliam repertórios e inserem arquitetos em debates mais amplos sobre o 'como fazer' arquitetura. No Brasil, Jaime Lerner foi representativo desse panorama de trocas e ressonâncias. Atuou no escritório francês de Candilis-Josic-Woods; formou-se na primeira turma do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná; lecionou na Universidade de Brasília; trabalhou com David Libeskind; e admitiu inspiração na obra de Paul Rudolph. Essas experiências, articuladas a um debate global, repercutiram na configuração de seus projetos no Paraná.

Sua atuação política e urbanística é amplamente reconhecida, mas sua produção arquitetônica – concentrada nas décadas de 1960 e 1970 – é menos explorada. Pesquisas recentes a relacionam à nova sensibilidade pós-modernista, entendida como a transição gradual do alto modernismo para a aproximação com a cultura popular e a recuperação da apropriação eclética da história. Este artigo explora as características dessa sensibilidade em quatro projetos de Lerner: Residência Lerner (1963-1965), Conjunto Residencial do Bacacheri (1968, com Domingos Bongestabs), Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann (1969-1973, com Leo Grossman) e Edifício Casario (1978-

1980). A seleção baseou-se na diversidade estilística e programática e em seu valor documental.

A pesquisa apoia-se em levantamento de acervo, análise gráfica e revisão de literatura, articuladas por triangulação entre fontes primárias, evidência gráfica e debate historiográfico. Os resultados apontam uma sensibilidade pós-moderna incipiente, marcada pela valorização do contexto físico e social, pela centralidade do usuário e pela metáfora formal. Essas evidências revelam a contribuição de Lerner ao processo de diversificação conceitual da arquitetura brasileira a partir de 1960.

Palavras-chave: CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, ARQUITETURA PÓS-MODERNISTA, CURITIBA, ARQUITETURA BRASILEIRA

COMPLEXO CULTURAL DA LUZ: UM ESTUDO SOBRE ESPACIALIDADES CRUZADAS

Arthur Ribas de Souza

Entre 2009 e 2012 realizou-se, em São Paulo, o concurso internacional para o Complexo Cultural da Luz, vencido pelo escritório suíço Herzog & de Meuron. A proposta se inseria em um processo mais amplo de revitalização da região central e refletia a ambição do Governo do Estado de São Paulo e dos organizadores do concurso de articular um eixo cultural já consolidado, reunindo importantes instituições e incorporando dois novos equipamentos, de modo a criar um destino cultural de escala internacional e impulsionar a requalificação urbana da área. Ainda que não tenha sido construída, a proposta permanece como hipótese arquitetônica relevante, na qual percursos dinâmicos, visualidades cruzadas e espaços de encontro se configuram como estratégias projetuais que buscavam enriquecer a experiência arquitetônica e a vida urbana. A análise de suas representações gráficas, plantas, cortes e diagramas à luz de referências teóricas busca compreender de que modo a sobreposição de espaços, percursos, transparências e vazios propõe uma espacialidade dinâmica em continuidade com a cidade e oferece subsídios para refletir sobre a arquitetura contemporânea.

Palavras-chave: COMPLEXO CULTURAL DA LUZ; HERZOG & DE MEURON; PERCURSOS; VISUALIDADES CRUZADAS; SOBREPOSIÇÃO DE ESPAÇOS.

A ARQUITETURA MODERNA NOS TEMPOS DA CÓLERA

Danilo Matoso Macedo e Leandro Manenti

Um espectro ronda o mundo da cultura — o espectro do modernismo. Todos os grupos da arquitetura unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o comunista e o conservador, o pesquisador e o influenciador, os militantes da moradia popular e os estetas do neoclassicismo. A arquitetura moderna foi declarada morta por alguns às 15h32min de 15 de julho de 1972, quando o conjunto habitacional Pruitt-Igoe foi implodido. Mas a arquitetura moderna vive tanto no Docomomo quanto nas pranchetas, livros e prêmios dos arquitetos, ela está nas redes sociais, nas exposições, no cinema. Ela está em nossas cidades, como patrimônio vivo e como arquitetura contemporânea. A arquitetura moderna está de volta ao debate político.

O filme “O brutalista” (Brady Corbet, 2024) parece tentar trazer uma redenção popular ao estilo mais achincalhado pela crítica aos modernos. De fato, pululam nas redes sociais perfis e grupos de admiradores da arquitetura moderna em todos os seus estilos, inclusive os brutalismos. Mas outro tipo de conteúdo, carregado de cólera, vem também ganhando espaço. Inicia-se com imagens de arquitetura tradicional ou clássica. “Como nossas cidades deixaram de ser assim para ficarem assim?”. As imagens exibem então algum tipo de arquitetura moderna que os autores consideram degenerada: periferias, condomínios uniformes, centros corporativos de vidro ou obras de feição pouco convencional.

A “culpa” não recairia sobre o capitalismo, a industrialização, a urbanização, a desigualdade social. As cidades simplesmente seriam feias por serem modernas. E como o modernismo seria obra do comunismo, assim como este, aquele deveria ser banido de nossas vidas. A “limpeza estética” parece já ter tido início. Donald Trump promulgou em 20 de janeiro de 2025 um decreto “Promovendo a bela arquitetura cívica federal” que edifícios públicos devem

SESSÃO

“respeitar a herança regional, tradicional ou clássica, de modo a elevar e embelezar espaços públicos e a enobrecer os Estados Unidos”.

Considerando que o moderno não era um estilo e sim vários, haveria realmente uma relação direta e clara entre arquitetura moderna e o socialismo? Ou, na via inversa, haveria uma relação direta entre classicismo e extrema direita? É fora de questão que a vanguarda construtivista serviu aos revolucionários soviéticos de 1917, e que o neoclassicismo de Speer serviu tanto a Hitler. Mas é fato também que o racionalismo italiano foi incorporado pelo fascismo de Mussolini, que Le Corbusier preferia evitar a revolução e manteve relações com o governo fascista de Vichy, e que o neoclassicismo foi o estilo oficial da União Soviética durante todo o governo de Stálin. Afinal, pode-se dizer de fato que o moderno foi uma causa? Qual a natureza política desta categoria?

A proposta dessa sessão, dialogando com o tema do seminário, é discutir as relações entre ideologia política e os múltiplos estilos modernos em arquitetura. Interessam tanto as contradições entre as práticas discursiva, projetual e construtiva quanto as confirmações de determinadas associações estilísticas a determinadas políticas. Estimula-se que tal reflexão chegue aos dias de hoje, levando a uma apreciação crítica dos novos ataques dirigidos a uma certa “arquitetura moderna”.

LA TERCERA POSICIÓN ARQUITECTÓNICA. UN RECORRIDO SOBRE LA HETEROGENEIDAD ESTILÍSTICA DURANTE LOS PRIMEROS GOBIERNOS PERONISTAS Y SU HISTORIZACIÓN.

Fernando Luis Martínez Nespral e Florencia Amado Silvero

La producción arquitectónica durante los dos primeros gobiernos de Juan Domingo Perón (1946-1952, 1952-1955) fue vasta, federal, compleja, y, muy heterogénea estilísticamente. Existiendo ejemplos neoclasicistas, art déco, pintoresquistas, californianos y racionalistas.

Como anuncia la descripción de la mesa, las formas de la arquitectura motorizada desde los diversos gobiernos han sido estereotipadas y simplificadas. Asimismo, ha sido una característica del siglo XX la reducción en términos de 'derechas' vs. 'izquierdas'.

Sin embargo, el gobierno peronista promovía una "tercera posición" no alineada con ninguna de las dos potencias vencedoras de la 2da Guerra Mundial.

Proponemos que esta "tercera posición" tiene también un eco en las diversas producciones artísticas y arquitectónicas, no alineándose de manera concluyente con ninguna de ellas.

Motivados por cuestiones ideológicas y económicas, los pensadores de la arquitectura argentina han ignorado, subvaluado y erróneamente apreciado o despreciado gran parte de la producción de esos años.

Para bien y para mal, la Argentina de los últimos 80 años no ha podido ser entendida fuera de la antinomia peronismo-antiperonismo.

Así una historiografía arquitectónica antiperonista ha sistemáticamente despreciado la producción edilicia peronista a partir de su heterogeneidad, asignándole la condición de "retardante" de la unánime aceptación de la arquitectura moderna considerada a priori como la única opción correcta.

Por el contrario, los historiadores peronistas, han puesto el foco en los excelentes edificios modernos construidos durante el período, forzando la interpretación de otras variantes estéticas contemporáneas como las "precursoras" que abrirían el paso a la arquitectura moderna que, también consideraban como la única opción válida.

Hoy en día, cuando la diversidad tiene un sentido positivo, podemos reinterpretar el fenómeno, revalorando esta "tercera posición arquitectónica" como una actitud esencialmente moderna, que pretendía dar respuesta a necesidades no solo funcionales sino sociales y culturales con la solución más apropiada a cada caso.

Palabras-clave: PERONISMO (1), ARQUITECTURA MODERNA (2), ARQUITECTURA ARGENTINA (3)

TENSÕES DE AXIALIDADE: AS DIRETORIAS REGIONAIS DA ERA VARGAS

*Anye Theisen **

O trabalho analisa o caráter político que orientou a arquitetura art déco dos edifícios sede das Diretorias Regionais construídos no período Vargas. Entre conflitos territoriais e ideológicos do século XX, a arquitetura foi ferramenta representativa para muitas campanhas. Se trata de um momento onde coexistiram diferentes arquiteturas, como a arquitetura fascista, neoclássica, construtivista, art-déco, modernista entre tantas outras. Juntas, compõem a diversidade arquitetônica do período moderno. A partir deste entendimento, o trabalho abre a discussão para os arranjos políticos que se relacionam com a arquitetura art déco das Diretorias Regionais construídas no período Vargas. As diretorias regionais fizeram parte de políticas públicas que visavam a construção de uma nação, sendo centros estratégicos de comunicação que relacionavam os serviços dos correios e telefonia, na época, estatais. De caráter racionalista, o governo varguista centraliza a produção das novas edificações por meio de tipologias que são replicadas em todo o país. O trabalho analisa quatro sedes: a de Curitiba, a de Belo Horizonte, a de Maceió e a de Belém.

Palavras-chave: ART DÉCO, ERA VARGAS, ARQUITETURA MODERNA

O ÓDIO AO MODERNISMO NAS REDES SOCIAIS

Rafaela Citron

Este artigo analisa a recente onda de discurso de ódio dirigido ao movimento moderno, com foco nas redes sociais. A discussão parte de uma experiência pessoal: um vídeo publicado no Instagram em janeiro de 2025, que gerou cerca de 1200 comentários. A partir desse material, identificamos os princi-

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

pais argumentos contra o modernismo - a suposta falta de beleza, as acusações contra Le Corbusier e a crítica à ruptura com a tradição - e os rebatemos à luz de bibliografia especializada. Argumenta-se que grupos conservadores e de extrema-direita têm instrumentalizado a linguagem estética como estratégia de poder, usando o apreço pelo 'belo tradicional' contra o 'moderno degenerado' para fins antidemocráticos. Conclui-se ressaltando a urgência de ensinar, valorizar e preservar o legado modernista como um gesto político, ético e necessário frente às narrativas reacionárias contemporâneas.

Palavras-chave: MODERNISMO (1), REDES SOCIAIS (2), EXTREMA DIREITA (3)

A ARQUITETURA OFICIAL DO REGIME ESTADONOVISTA ATRAVÉS DA REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO

Márcio Reis

A Revista do Serviço Público (RSP) foi o periódico oficial de comunicação impressa entre o governo varguista estadonovista (1937-1945) e o funcionalismo público, instruindo-o sobre a ordem e os trabalhos do novo regime político. A linha editorial de abordagem ampla contemplava temas ligados à estruturação e às realizações do Estado nos campos político, administrativo, econômico, social e da própria arquitetura oficial. A análise desse periódico entre 1937 e 1945 permitiu-nos recompor o mosaico da produção arquitetônica oficial e o "sistema" criado para coordená-la, imbuído dos princípios científicos de racionalização do trabalho aplicados à administração pública. Pelo material levantado, especialmente nas matérias reportando os edifícios públicos e os "certames expositivos" nos quais estiveram em evidência, tornou-se possível recuperar o pensamento, o discurso e as preocupações arquitetônicas oficiais acerca do caráter dessa arquitetura – particularmente o "moderno".

E não menos importante, entrever atitudes de censura estética ao "moderno extremado", e predileção por linguagens arquitetônicas acadêmicas modernizadas e "moderadas" - a despeito do "neoclássico" e do "estilo moderno norte-americano". Trataremos aqui da arquitetura produzida pelo Estado, cujos projetos competiam aos escritórios técnicos de arquitetura das divisões de engenharia e obras dos ministérios, dos concursos e das contratações externas aos quadros do funcionalismo.

Palavras-chave: REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO, ARQUITETURA OFICIAL, MODERNO.

ENTRE A UTOPIA E O ESTIGMA: RELEITURAS CRÍTICAS DA ARQUITETURA MODERNA

Ana Paula Koury

A partir da segunda metade do século XX, os grandes conjuntos habitacionais modernos passaram a receber críticas intensas, vistos por muitos como expressão do fracasso do ideal modernista. Embora a crítica pós-moderna, no final dos anos 1970, tenha consolidado esse julgamento negativo, interpretações mais nuançadas já vinham sendo formuladas antes dessa virada. Em *Architettura contemporanea* (1976), Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co destacaram a experiência de Frankfurt sob Ernst May como um caso singular: uma síntese entre racionalização produtiva, ambição vanguardista e urbanismo democrático, distinta tanto do autoritarismo haussmanniano quanto do funcionalismo rígido.

Essa leitura, porém, permaneceu marginal. No pós-guerra, os grandes conjuntos europeus e americanos foram amplamente criticados por sua suposta monotonia formal, padronização excessiva e distanciamento dos modos de vida tradicionais. A implosão de Pruitt-Igoe, em 1972, tornou-se símbolo dessa ruptura e foi interpretada por Charles Jencks como a “morte do moderno”. Pesquisas posteriores demonstraram, contudo, que seu colapso resultou de fatores estruturais — segregação racial, abandono estatal, desemprego — mais do que de problemas arquitetônicos, sugerindo que a crítica modernista era frequentemente simplificadora.

A ascensão do pós-modernismo valorizou a diversidade ambiental, a escala humana e a cidade tradicional, mas também contribuiu para enfraquecer políticas de habitação pública. Estudos recentes mostram que discursos de desqualificação dos grandes conjuntos serviram para justificar demolições em massa na Europa, muitas vezes alinhadas a agendas neoliberais e processos de gentrificação.

No início do século XXI, iniciativas como o projeto europeu RESTATE propuseram uma reavaliação desses conjuntos, identificando qualidades urbanas significativas — densidade adequada, amplas áreas livres, boa conexão ao transporte público — e mostrando que a demolição raramente solucio-

nava problemas sociais estruturais. Diante disso, torna-se essencial retomar o debate sobre a modernidade arquitetônica de forma menos polarizada, reconhecendo suas contradições internas e seu legado plural, ainda objeto de disputa no presente.

Palavras-chave: CONJUNTOS HABITACIONAIS, ARQUITETURA MODERNA, URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

A CASA MODERNA COMO MUSEU DE SI MESMA

Silvia Leao e Daniel Pitta

A Arquitetura Moderna, num sentido amplo, teve seu período mais produtivo entre os anos 15 e 60 do século XX e suas obras mais emblemáticas são hoje consideradas patrimônio histórico. Como tal, devem ser preservadas como testemunho de um período fundamental, em que houve profunda revisão na concepção estrutural, espacial e formal dos edifícios. A casa unifamiliar foi tema recorrente naquele período, como meio de experimentação e divulgação do ideário moderno. Sua produção inicia-se na Europa e dissemina-se para o restante do mundo. No Brasil, houve uma produção importante de casas unifamiliares modernas, principalmente a partir dos anos 30, com a ascensão da chamada Escola Carioca, e nos anos 50, quando começa a crescer a chamada Escola Paulista, com apogeu nos anos 60 e 70. À margem dos principais centros, portanto para além das escolas canônicas que costumam polarizar o debate da arquitetura moderna brasileira, mas também influenciadas por elas, há produções significativas que têm merecido atenção num panorama mais recente.

Hoje, faz-se necessário preservar as casas unifamiliares emblemáticas daquele período, representantes de uma parte significativa do modernismo brasileiro. Segundo Brandi, "a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à transmissão para o futuro"¹. Para Pellegrini, "merecem ser preservados o edifício que é uma obra de arte, produto de uma mente criativa distinta e excepcional, e o edifício que não é criação distinta nesse sentido, mas que possui de forma pronunciada as virtudes e características da escola de arquitetura que o produziu".

Há duas formas de preservação que representam boas práticas no que diz respeito à casa unifamiliar: na *casa-museu* o edifício é restaurado e seu principal acervo é o mobiliário original; na *casa-galeria-de-arte* o principal acervo são obras de arte, pertencentes ou não ao proprietário original. Em ambos os casos, são casas que resistiram ao tempo e se converteram em museus de si próprias, abertas ao público. Uma terceira situação possível, eventualmente mais difícil de ser identificada, compreende casas que seguem sendo habitadas, preservando sua materialidade e espacialidade originais, móveis e outros objetos, como “cápsulas do tempo”, potenciais casas-museu em futuro próximo.

A fim de propor um debate sobre a vigência do moderno e das boas práticas para sua preservação, são esperados, na presente sessão, trabalhos que apresentem novas abordagens a respeito de obras canônicas, mas também pesquisas que busquem expandir o campo através de obras menos conhecidas, oriundas de manifestações diversas da arquitetura moderna no território do sul global e no amplo período abarcado pelo evento. A sessão tem foco no patrimônio moderno edificado, mas também pode contemplar casas modernas objetos de projetos de ampliações, expansões, anexos, medidas de proteção, restauros e expografias.

MUSEO CASA VILAMAJÓ: EXPERIENCIA EN EXPANSIÓN

Aníbal Parodi

La concreción del proyecto del Museo Casa Vilamajó (MCV) en la que fuera su vivienda propia, construida en el año 1930 en Montevideo, requirió del abordaje de múltiples y variados desafíos.

El primer paso supuso el rastreo de información fidedigna y sobre todos los elementos que definieron la identidad de los ambientes cuando fueron habitados por Vilamajó. Para ello el acceso a registros fotográficos de época, habitualmente esquivos y escasos, se tornó imprescindible. En este proceso, gradualmente se afirmó la convicción de la elocuencia de la imagen como instrumento clave de la investigación, se instaló la que dimos en llamar: metodología de investigación visual por escenas [VSR / *Visual Scene Research*], y se activaron recursos heurísticos específicos: el conocimiento espacial, geométrico y dimensional de la envolvente arquitectónica; el auxilio de una cultura visual informada en todas las escalas de diseño; un amplio entrenamiento en el uso de la analogía como recurso de investigación. Se elaboraron así extensos laminarios que describen exhaustiva y meticulosamente el proyecto de sus interiores equipados, incluyendo las piezas de mobiliario, las obras de arte y los objetos de afecto de sus moradores. En la siguiente etapa, este dossier posibilitó el inicio de la recuperación integral de sus ambientes.

Hoy día el MCV funciona como sede de protocolo de la FADU, es residencia temporal para actividades académicas de distintas disciplinas, recibe visitantes nacionales e internacionales, mantiene vínculos con otras casas-museo y sirve de modelo de gestión para la apertura al público de la Casa del Arq. Antonio Cravotto, construida en 1932, ubicada frente por frente con el museo.

La metodología de investigación depurada a partir del proyecto del Museo Casa Vilamajó fue además aplicada, con muy buenos resultados, en la Casa Curutchet de Le Corbusier en La Plata, Argentina (Patrimonio de la Humanidad, Unesco).

Palavras-chave: VILAMAJÓ, CURUTCHET, MOBILIARIO

ANAMNESE DA CASA ESCRITÓRIO BRUTALISTA DE HANS BROOS

Alcilia Afonso

O objeto do artigo trata-se da casa escritório do arquiteto Hans Broos (1971-1978), no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo, enquadrando-se na situação que compreende casas que seguem sendo habitadas, preservando sua materialidade e espacialidade originais, móveis e outros objetos, como “cápsulas do tempo”, potenciais casas-museu em futuro próximo.

O objetivo é apresentar a anamnese da obra que vem sendo pesquisada pela autora em pesquisa pós-doutoral, trazendo à tona um resgate documental projetual com análise arquitetônica e crítica que compõe a primeira etapa de um processo de conservação de um bem patrimonial residencial.

A obra está imersa no jardim projetado por Roberto Burle Marx, composta pelo volume da residência, localizado na parte mais alta do terreno com declividade acentuada e faces voltadas para duas ruas; e pelo volume do escritório, localizado na parte mais baixa do lote com acesso independente para uma das vias.

Entre as edificações encontra-se a piscina e o jardim que complementam a composição arquitetônica da obra que se caracterizou pela adoção da linguagem brutalista, adotando o concreto armado como sistema construtivo dominante em ambos os volumes.

Justifica-se trazer à tona tal caso para discussões no evento, considerando o significado dessa obra no cenário brasileiro, por ser considerada um exemplar clássico residencial brutalista, preservada legalmente desde 2018 pelo município de São Paulo, mas passando por sérios problemas de conservação do imóvel em si, e do acervo documental que ela abriga.

Entretanto, a obra em pauta encontra-se desocupada desde a morte do arquiteto em 23 de agosto de 2011, deixando-a em testamento, a sua doação e de seu acervo para uma instituição de arquitetura indefinida. Embora os esforços de contato com várias universidades tenham sido realizados na tentativa de concretizar o desejo do arquiteto, até o presente momento ainda não se obteve um resultado positivo.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO DO SÉCULO XX, BRUTALISMO, CONSERVAÇÃO.

CASA SOBRE EL ARROYO: A NATUREZA NO COTIDIANO

Laura Attuati *

“Las ciudades deben devolver a los hombres lo que les quitaron: la luz, el aire, el sol, el goce del espacio y del tiempo” – é como se inicia o projeto-manifesto elaborado por Amancio Williams e Delfina Gálvez Bunge, publicado em 1976, sob o título *La ciudad que necesita la humanidad*. Essa exploração teórica e projetual elaborava uma ideia de cidade em altura, tendo como constante a vista infinita sobre a copa das árvores. A condição aérea e ambiental de vivência proposta tem uma correspondência em menor escala na primeira obra construída pelo casal de arquitetos, entre 1943 e 1945: a *Casa sobre el arroyo*, em Mar del Plata. Representativa dos ideais que permeariam sua obra conjunta, associa o habitar ao jardim, ao espaço, ar e luz. Apresenta-se como um reflexo da paisagem em que se insere, tanto de maneira figurada, ao espelhar a curva do curso d’água que a define, quanto literal, estampando o movimento dos galhos e folhas das árvores no plano envidraçado de seu invólucro. É a forte presença da vegetação e sua percepção vinculada ao movimento de percorrer a casa que não apenas a conectam ao lugar como também a munem de um sentido que é próprio da vivência cotidiana. Os projetos de Amancio Williams e Delfina Gálvez Bunge parecem sintetizar aquelas sutis substâncias que compõem a arquitetura, como definidas por Lina Bo Bardi, para além dos aspectos físicos e materiais: ar, luz, natureza e arte. Este trabalho pretende, portanto, a partir da análise da *Casa sobre el arroyo*, evidenciar essa natureza que permeia o projeto, através de sua aproximação a esses sutis elementos intangíveis, sem os quais as construções tornam-se vazias de significado.

Palavras-chave: CASA SOBRE EL ARROYO, AMANCIO WILLIAMS, DELFINA GÁLVEZ BUNGE, NATUREZA, ARQUITETURA MODERNA ARGENTINA

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A SEGUNDA RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA WEBER, A CASA DE CURITIBA

Heverson Akira Tamashiro e Isabela Prohmann Froelich

O artigo objetiva documentar um projeto exemplar da arquitetura moderna curitibana: a residência unifamiliar Guido Weber. Localizada no bairro Juvevê, a casa foi projetada em 1965 pelos arquitetos paulistas Luiz Forte Netto, Roberto Luiz Gandolfi e José Maria Gandolfi, formados pela FAU Mackenzie, e construída entre 1965 e 1971. A residência foi encomendada por Guido Weber, engenheiro civil e empresário, e por sua esposa Edna, que tinham três filhos pequenos. O partido da residência de Curitiba é um grande retângulo térreo com quase 900m², dividido em dezessete vigas nervuradas transversais que se apoiam em duas vigas principais longitudinais, que, por sua vez, descarregam os esforços em apenas dez pilares, resultando em um notável sistema estrutural de caráter experimental e emblemático. Parte da família morou na casa até final de 2024, mantendo as características originais durante seis décadas, e convertendo, portanto, a casa em uma cápsula histórica de si mesma, com potencial para algum tipo de museu ou galeria. Hoje a residência encontra-se desocupada e não se tem certeza de qual será seu futuro, em virtude de novos proprietários com tendência à especulação imobiliária decorrente da privilegiada localização em que se encontra.

Mesmo com a melhoria dos mecanismos de proteção municipal nos últimos anos, vislumbrando possíveis tombamentos, até agora persiste morosidade, burocracia e falta de informação no trato com a arquitetura moderna, que ainda é vista pela sociedade como não tão importante quanto a arquitetura eclética, por exemplo. Faz-se emergencial a divulgação destas preciosidades em todas as instâncias da sociedade, da academia até a população que usufrui da cidade, para que possam vir a ser tanto compradores quanto protetores e idealizadores de novos caminhos para tais excepcionalidades da arquitetura moderna.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, EMBLEMÁTICA, SISTEMA CONSTRUTIVO, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA

PRIVACIDAD EXPUESTA. LAS CASAS FUNCIONALISTAS DE JUAN O'GORMAN EN MÉXICO

Vanessa Nagel Vega

En distintas ciudades del mundo, casas que alguna vez fueron espacios privados, de creación artística o de vida cotidiana se han transformado en museos públicos. Esta transición, en apariencia simple, encierra preguntas profundas sobre cómo entendemos el patrimonio moderno, qué valor le damos a la arquitectura doméstica, y cómo un inmueble pensado para ser habitado puede reinterpretarse como objeto de identidad.

En México, caso emblemático de un conjunto de casas modernas convertidas en museo es el de las diseñadas por el arquitecto Juan O'Gorman (1905-1982) en Altavista, al sur de la Ciudad de México. Se trata de tres construcciones contiguas, entre ellas la célebre Casa Estudio Diego Rivera y Frida Kahlo, terminada en 1932. El conjunto incluye la conocida como Casa O'Gorman,* proyectada en 1929, considerada una de las primeras obras funcionalistas mexicanas y precedente inmediato de las viviendas para los artistas.

Las casas para Diego Rivera (1886-1957) y Frida Kahlo (1907-1954), después de pertenecer, ser habitadas y transformadas por las dos hijas de Diego Rivera —Guadalupe y Ruth Rivera Marín— fueron compradas por el Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura (INBAL)** en 1981, abriendo al público por primera vez en 1986, coincidiendo con el centenario del nacimiento de Rivera. Las tres casas han sido restauradas de forma integral por Víctor Jiménez, arquitecto e historiador. Las de los artistas entre 1995 y 1996. La Casa O'Gorman entre 2012 y 2013. El actual museo se ha consolidado como la pieza clave para comprender la arquitectura moderna mexicana en su etapa funcionalista.

Palabras-clave: FUNCIONALISMO, JUAN O'GORMAN, MÉXICO

* Registrada al momento de su construcción como Casa para el Sr. Cecil Crawford O'Gorman, padre del arquitecto, quien nunca la habitaría.

** Antes Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA), a partir de 2015 INBAL, nombre oficial actual que se citará en este texto.

ECLÉCTICO INTERIOR EN EL LOMO DE LA BALLENA

Nathália Bichinho C. Oliveira e Pablo Muñoz

Este trabalho aborda o processo de revalorização da casa de Román Fresnedo Siri e seu contexto sociocultural em Punta Ballena, Uruguai, projetada em 1938. Trata-se da casa de veraneio do arquiteto, uma obra singular do Movimento Moderno, que une arquitetura e paisagem, e está associada a uma figura central no desenvolvimento da arquitetura, do design e da arte uruguaios do século XX.

No âmbito de um projeto maior que propõe uma reflexão sobre a possível reutilização da casa Fresnedo em Punta Ballena, explorando seu potencial como museu e centro de interpretação. A ativação do local é proposta a partir de múltiplos ângulos relacionados à sua atividade artística.

Para o Docomomo Brasil, propomos refletir sobre como uma casa em um balneário foi o campo de testes para arquiteturas marcantes na cidade de Montevidéu, como o prédio da Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo da Universidad de la Republica (Udelar). A casa é um documento não apenas por fora, mas também por seu design de interiores e pela vida cultural que a cerca.

A restauração desta casa representa uma oportunidade de praticar formas alternativas de trabalhar com o patrimônio arquitetônico moderno, visto que se trata de um bem de grande valor histórico e cultural na costa de Maldonado, anterior às casas do arquiteto catalão Antoni Bonet e agora localizada muito próxima a áreas naturais protegidas. O desafio não é apenas preservar ou musealizar a arquitetura, mas sim elaborar estratégias de gestão patrimonial que permitam imaginar novos usos, em coordenação entre os setores público e privado, do design e das artes integradas à arquitetura, que em muitos períodos foi a visão arquitetônica, artística e de design que prevaleceu para o arquiteto Fresnedo Siri.

Palavras-chave: ROMÁN FRESNEDO SIRI, PUNTA BALLENA, MUSEU

RESIDÊNCIA KUBITSCHECK: HABITAR NA PAMPULHA, HABITAR NA MODERNIDADE

Flávio Carsalade e Mariana Guimarães Brandão

A casa da Família Kubitscheck foi encomendada por JK a Oscar Niemeyer durante o período de implantação do bairro residencial na Pampulha (1943), como exemplo de bem morar no novo bairro. A casa foi implantada em terreno de 2.800 metros quadrados com grande afastamento frontal e quintal com pomar e pavilhão de piscina, contando com jardins de Burle Marx e, internamente, com obras de Alfredo Volpi e Paulo Werneck.

O projeto se organiza através de planta em “U”, com pátio central, com o volume principal, destinado ao estar, paralelo à rua, onde se destaca o “te-lhado-borboleta”.

Após sua desapropriação em 2005, a casa foi restaurada e adaptada, em 2013, para servir como uma casa-museu, conservando sua ambiência doméstica e, abrigado na garagem, um memorial da construção da Pampulha. A residência ainda abriga várias peças de mobiliário adquiridas para a própria residência pela família Kubitschek, que morou nela até 1945, e pela família Guerra, que adquiriu a casa em 1951 e ali viveu até 2005.

O projeto de restauro e expográfico para a casa partiu da premissa de preservá-la como residência – Casa Museu – uma vez que ela conta a forma de morar modernista. Assim, a expografia propõe um percurso sensorial e afetivo que revela a casa como expressão do ethos modernista, atravessando arquitetura, cotidiano e relações pessoais. A ambientação destaca desde o contexto histórico e político do Modernismo até o uso íntimo dos espaços, valorizando a memória de seus moradores e visitantes, como Juscelino Kubitschek e a família Guerra.

O Museu Casa Kubitschek consolida as ações de valorização do Modernismo, além de incrementar o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, representando a arquitetura modernista residencial no roteiro turístico do bairro.

Palavras-chave: MUSEU-CASA, PATRIMÔNIO CULTURAL, NIEMEYER, JK, JUSCELINO KUBITSCHECK

CASA DAS CANOAS, MANIFESTO DA ARQUITETURA DE FORMAS LIVRES DE NIEMEYER

José Simões de Belmont Pessoa

Oscar Niemeyer (1907/2012) projetou apenas três casas para si mesmo. Uma primeira casa urbana em 1942, no bairro carioca da Lagoa na qual procurava articular o diálogo entre elementos da arquitetura tradicional e a linguagem moderna. A segunda casa, realizada sete anos depois seria uma pequena casa de fim de semana em Mendes no interior do Estado do Rio de Janeiro (1949), assumindo radicalmente a linguagem moderna nesta casa com o tratamento inclinado da fachada e o volume trapezoidal recurso utilizado pelo arquiteto em outras residências projetadas no período. Finalmente constrói uma terceira residência na Estrada das Canoas então arrabalde da cidade do Rio de Janeiro (1953). Verdadeiro manifesto da arquitetura de expressividade plástica proposta pelas formas livres que o arquiteto vinha desenvolvendo desde os projetos para o bairro da Pampulha em Belo Horizonte (1940). O projeto inovador articulando a cobertura branca de formas livres, com a piscina através de uma grande pedra existente no terreno e que é incorporada à construção. Inicialmente residência permanente, depois transformada em casa de fim de semana, está hoje sob a gestão da Fundação Oscar Niemeyer, funcionando como casa museu. As formas inovadoras da casa mantêm sua atualidade, sendo muito solicitada para filmagens de publicidade com temática futurista. Verdadeiro ícone das experiências de Niemeyer com as formas livres foi, no entanto, objeto de diversas intervenções posteriores feitas pelo arquiteto ao longo de sua vida. A importância da casa é confirmada pelo triplo reconhecimento de tombamento municipal, estadual e federal. Fazer a conservação da casa significa hoje contextualizar os diferentes tempos da casa e, portanto, enfrentar a discussão sobre manter ou não as diversas intervenções realizadas por Niemeyer ao longo de sua vida.

RESIDÊNCIA BRAGANÇA: MODERNIDADE E INTERIORES INTEGRADOS

João Paulo Silveira Barbiero

O artigo analisa a residência de Maria Hilda e Hélio Roca Bragança, projetada em 1968 pelos arquitetos Luís Fernando Corona e Battistino Anele, em Porto Alegre. Embora ambos já tivessem trajetórias consolidadas na arquitetura moderna gaúcha, o período em que atuaram em sociedade resultou em obras residenciais menos estudadas, entre as quais se destaca a Residência Bragança. Autores como Skezut (2007) e Fischmann (2022) já a haviam citado, mas a residência carecia de uma análise centrada em sua arquitetura de interiores. Trata-se de uma casa distinta em razão de sua rara integração entre o projeto arquitetônico e os ambientes internos, preservados de forma exemplar. A proprietária ainda reside no imóvel, onde ainda se preservam materiais, espaços e mobiliário originais — incluindo peças de Sergio Rodrigues e de Jorge Zalazupin — compondo um conjunto moderno coerente. Tal grau de preservação aproxima a Residência Bragança do conceito de “sala bem temperada”, proposto por Peixoto (2006), segundo o qual a ambientação moderna é uma prática de composição sensível, que articula elementos diversos sob controle autoral, criando uma atmosfera coesa, simbólica e afetiva. A casa, assim, transforma-se em uma *mise-en-scène* da modernidade, em que arquitetura, mobiliário, luz e materiais expressam um conjunto moderno integral. A metodologia da pesquisa baseou-se em entrevista com a proprietária, levantamento fotográfico atualizado e análise documental. O estudo registra e interpreta a residência como um caso singular da produção moderna do Sul do Brasil devido à conservação da integridade física e simbólica da casa. A permanência da família reforça o valor do imóvel como exemplo de preservação. Ao evidenciar a relevância desse exemplar que não se encontra no eixo Rio-São Paulo, o artigo contribui para o debate sobre patrimônio, destacando o papel da memória afetiva, do uso cotidiano e da coerência projetual na salvaguarda da arquitetura residencial moderna no Sul global.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, RESIDÊNCIA, PORTO ALEGRE

A DIMENSÃO URBANA DO EDIFÍCIO RESIDENCIAL MODERNO

Mara Eskinazi e Denise Nunes

Se a relação entre arquitetura moderna e habitação pode ser descrita como uma relação de origem, a relação entre habitação moderna e cidade é colheita de resultados e possibilidade de impulsionar a dimensão urbana dos edifícios. Durante os períodos de consolidação e hegemonia da arquitetura moderna brasileira, concentrados entre as décadas de 1940 a 1960, o edifício residencial tornou-se um importante local de experimentação arquitetônica, fazendo justiça ao papel central que tem a questão da habitação no projeto moderno e na construção das cidades.

Assim, no Brasil, a produção arquitetônica de edifícios de apartamentos encontra na sua dimensão urbana alguns dos principais aspectos que a singularizam e que garantem tanto seu papel histórico quanto seu valor como experiência de projeto. Esta dimensão urbana pode ser verificada a partir da análise de um conjunto de estratégias de projeto empregadas reiteradamente em muitas destas obras, tais como: o amplo repertório de soluções para os planos de fechamento e a articulação entre estrutura resistente, fachada, dispositivos arquitetônicos de controle ambiental e as relações que estes estabelecem como elementos intermediadores com a cidade; a preferência pela construção de superfícies permeáveis e porosas; os parâmetros de urbanização e de inserção dos edifícios nos lotes e na malha urbana; as estratégias de projeto dos pavimentos térreos, que exacerbam o potencial de articulação territorial, amplificando relações de continuidade com a cidade; o modo de projetar tomando o corte como instrumento principal de concepção e de exploração espacial, o que valoriza interpenetrações verticais nos espaços, bem como o encontro do edifício com o solo e, consequentemente, com a paisagem urbana.

SESSÃO

Alargando o interesse para a produção brasileira concentrada entre 1920 e 2020, esta sessão busca selecionar trabalhos baseados na análise de edifícios residenciais (construídos ou não) e nas estratégias de projeto nelas empregadas que permitem maior intermediação entre edifício e cidade, urbanizando os edifícios. Temos como objetivo compreender estas obras a partir das interfaces que estabelecem com as cidades onde se inserem e que garantem, por consequência, sua singular dimensão urbana. Ao elegermos a habitação como

questão central, nosso interesse está focado no protagonismo do tecido urbano ordinário, e não em suas situações de exceção. Além disso, considerando a célula habitacional como elemento essencial na articulação da arquitetura com a cidade, nos interessa investigar estratégias de projeto que potencializam o estabelecimento de interfaces entre interior e exterior, diferenciando âmbitos privado e público, definindo fronteiras e transições entre estes domínios, e com isso ajudando a entender que tipo de cidade essas arquiteturas para a moradia têm o potencial de gerar.

Por fim, uma investigação sobre estratégias de projeto empregadas nos edifícios residenciais brasileiros é fundamental não só para a compreensão histórica do legado moderno, mas também para a correta compreensão da condição contemporânea na arquitetura. Assim, pretendemos situar em que termos as soluções investigadas se inserem na arquitetura contemporânea, de forma a responder às prementes questões climáticas, aos novos modos de habitar, estabelecendo novos tipos de suportes ambientais para o projeto arquitetônico.

A RUA COMO ESPAÇO DE CONEXÃO: O PROJETO DO EDIFÍCIO COPAN

André Luiz Tura Nunes e Helena Aparecida Ayoub Silva

Este artigo propõe uma reflexão sobre o desenho de cidade contido na versão original do projeto do Edifício Copan, em São Paulo, desenvolvido pelos arquitetos Oscar Niemeyer e Henrique Mindlin entre 1952 e 1953. Ao longo dos mais de 20 anos desde o primeiro estudo apresentado até a finalização da obra, o projeto passou por inúmeras versões e modificações. O desenho proposto inicialmente reflete a capacidade de adaptação do projeto moderno a diferentes contextos urbanos. Mais do que um edifício inserido em um terreno, o projeto propõe a construção de um trecho da cidade, um conjunto formado por duas lâminas verticais – um edifício residencial e um hotel – sobre um embasamento comum que tensiona as relações entre arquitetura e cidade ao dialogar com a forma de ocupação tradicional do centro de São Paulo e, ao mesmo tempo, propor uma inserção urbana permeada por vazios. A análise é estruturada através da produção de desenhos – realizados a partir de publicações em revistas especializadas – que revelam as relações e espacialidades propostas. A definição de uma rua interna de pedestres, que atravessa o terreno, é o elemento articulador da implantação do conjunto. O embasamento, que ocupa todo o terreno, é cindido por um vazio linear que não apenas interliga duas ruas na cota do pedestre, mas também relaciona espacialmente os andares superiores. Através desse vazio, os dois projetos – o edifício residencial desenhado por Niemeyer e o hotel projetado por Mindlin – estabelecem um diálogo: as passagens de um edifício encontram a continuidade no outro, passarelas conectam os usos do embasamento, vazios aéreos compartilham paisagens.

Palavras-chave: EDIFÍCIO COPAN, OSCAR NIEMEYER, HENRIQUE MINDLIN

INTERSECÇÕES, CIDADE E HABITAÇÃO: O EDIFÍCIO BARÃO DE GRAVATÁ

Clara Braga de Britto Pereira e Bernardo Rocha de Miranda e Silva

Projetado no início da carreira do arquiteto Sérgio Bernardes, o edifício Barão de Gravatá, localizado no bairro de Ipanema, cidade do Rio de Janeiro, se mostrou inovador pela ocupação do lote e gabarito alto proporcionado

pelas mudanças de legislação no final dos anos 40 e início dos 50. A implantação, aberturas e tipologias foram alguns dos recursos que inovaram a forma de pensar arquitetura e cidade, se inserindo na lógica apresentada pelo movimento moderno.

As experimentações promovidas por Sérgio Bernardes ainda no início de sua carreira contribuem até a atualidade, dentre elas a inovadora estratégia de implantação do edifício no centro de terreno para liberar o lote para seu uso coletivo com áreas comuns no térreo. Em tempos de crise climática, as reflexões sobre como a malha urbana pode ser reconfigurada através de outras formas de implantação dos edifícios se revelam importantes para a melhoria das condições de conforto ambiental na cidade.

Mesmo com indicações de diferenças entre o construído e o projetado, as experimentações modernas que se expressam no projeto do edifício manifestam mudanças e novas formas de relação da arquitetura com a cidade que o movimentou proporcionou e deixando um legado que se mostra importante na construção de novas formas de projetar.

Palavras-chave: MODERNISMO, HABITAÇÃO, NOVOS TIPOS DE IMPLANTAÇÃO

O EDIFÍCIO ITÁLIA (1961) E A CIDADE DE CURITIBA EM TRANSFORMAÇÃO

Ana Luiza Zimmermann de Quadros

Este artigo tem como foco o estudo do Edifício Itália, projeto residencial de 1961 assinado pelo arquiteto Elgson Ribeiro Gomes, localizado no centro de Curitiba. A análise integra pesquisa desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, voltada à documentação da produção habitacional moderna de Gomes entre as décadas de 1960 e 1970. O interesse por edifícios residenciais modernos está associado à sua condição de campo para experimentações arquitetônicas e formulações urbanas. O objetivo é apresentar o Edifício Itália, destacando como suas soluções de projeto transformam o tecido urbano e qualificam as unidades habitacionais.

Entre 1950 e 1959, morando em São Paulo, o arquiteto colaborou com Franz Heep — traços dessa experiência são perceptíveis na arquitetura que desenvolveu após 1960, ao retornar a Curitiba e abrir seu escritório. Encontrou um

cenário urbano em transformação, com mercado imobiliário em ascensão e carente de melhorias.

Segundo Gnoato*, seu repertório habitacional varia de 30 a 600 m² e totaliza 24 edifícios entre 1960 e 1979, sendo 14 localizados na área central da cidade. As obras apresentam estrutura clara, modulação rigorosa, caixilhos organizados e atenção à iluminação natural. São comuns peitoris rebaixados, janelas basculantes e fachadas funcionais — características associadas à influência de Heep.

O artigo discute como o Edifício Itália sintetiza a contribuição de Elgson Ribeiro Gomes à modernização da paisagem arquitetônica curitibana, evidenciando estratégias projetuais que articulam estrutura, espaço e cidade. Nesse sentido, o Edifício Itália constitui um exemplar significativo da transformação urbana em curso na Curitiba dos anos 1960.

Palavras-chave: ARQUITETO ELGSON RIBEIRO GOMES (1), EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS (2), ARQUITETURA EM CURITIBA (3), ARQUITETURA MODERNA PARANAENSE (4)

QUATRO EDIFÍCIOS E UMA CIDADE: HABITAÇÃO MODERNA EM SANTA MARIA

Renata Zampieri

O presente trabalho parte da investigação de um conjunto de edifícios modernos verticais construídos no centro histórico comercial de Santa Maria – RS entre os anos de 1955 e 1975, período em que a cidade vivencia seu primeiro ciclo de verticalização urbana - resultante crescimento urbano e econômico, desenvolvimento de legislação e consolidação da arquitetura moderna brasileira. A pesquisa integra a tese da autora, apoiada na hipótese de que onze edifícios, construídos de maneira independente, configuram um conjunto dotado de linguagem e inserção urbana comuns, e por terem sido edificadas em um mesmo período e território, estabelecendo uma identidade moderna na paisagem urbana do centro histórico comercial.

O artigo propõe um recorte analítico centrado em quatro edifícios habitacionais que ilustram diferentes modos de relação entre arquitetura e espaço

* Gnoato, Luís Salvador. *Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

urbano: Taperinha, Galeria do Comércio, Augusto e Pampa. A escolha se justifica pela expressiva relação desses exemplares com o espaço urbano, tanto pela presença marcante na paisagem quanto pelas soluções projetuais que qualificam a escala da rua e do pedestre. O objetivo consiste em verificar como esses edifícios operam como elementos estruturadores da cidade, conformando situações urbanas qualificadas e relevantes. A metodologia abrange a contextualização do conjunto e a análise específica dos quatro casos – apoiada por categorias relativas à relação com o lugar, aspectos programáticos, técnico-constructivos e formais, culminando nas reflexões sobre sua dimensão urbana.

Os quatro edifícios revelam estratégias projetuais que potencializam a dimensão urbana da habitação moderna. A produção em cidades de porte médio e em desenvolvimento em meados do século XX, como Santa Maria, oferece campo fértil para investigar a capacidade do edifício residencial moderno de produzir cidade. O artigo busca contribuir para os debates sobre preservação e valorização desse acervo, e refletir como seus atributos podem ser reapropriados por uma produção contemporânea comprometida com a qualidade do espaço urbano.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, HABITAÇÃO COLETIVA, PAISAGEM URBANA

ED. ANTÔNIO CEPPAS: INTERAÇÕES ENTRE FACHADA, TÉRREO E CIDADE

Gustavo Leal e Lucas Marques

O Edifício Antônio Ceppas, localizado no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, concebido em 1952 pelo arquiteto Jorge Machado Moreira e contemplado com paisagismo e painéis artísticos de Roberto Burle Marx, é um exemplar arquitetônico de grande relevância para compreendermos as interações entre a arquitetura, cidade e paisagem por meio do estudo das manifestações do moderno carioca características da primeira metade do séc. XX. Este trabalho pretende abordar o projeto de Moreira, no contexto da paisagem carioca a qual se insere, a partir de suas características arquitetônicas e paisagísticas. Busca-se evidenciar como as decisões de projeto de Moreira e Burle Marx denotam um profundo desejo de sintetizar um repertório moderno acumulado em uma obra expressiva e singular do ponto de vista de sua

implantação e das relações que estabelece com a cidade. Defende-se que tais características são mais evidentes no projeto do pavimento térreo, amplamente explorado pelas intervenções paisagísticas de Burle Marx, e do plano da fachada, ao qual argumentamos ser o elemento estruturador do edifício e cujas lições são exemplares do seu repertório construído ao longo dos anos. No Edifício Antônio Ceppas, defendemos que Moreira transcende o uso da fachada enquanto elemento de intermediação entre o público e privado ao torná-la, simultaneamente, o gesto modular ao qual todas as outras partes do edifício são subordinadas ou derivadas. Ressalta-se contudo que, no pavimento térreo, a potente articulação formal estabelecida entre a mata atlântica e o edifício por Burle Marx se perde a nível botânico, ao constatar-se que a maior parte das espécies presentes são exóticas ou invasoras. Conclui-se que as estratégias de projeto empregadas por Moreira e Burle Marx são fundamentais para entender o potencial do Edifício Antônio Ceppas em gerar uma ambiência singular e integrada com a cidade, contribuindo para a construção de um *locus* sensível à paisagem.

Palavras-chave: DIMENSÃO URBANA, PATRIMÔNIO MODERNO, FACHADA POROSA, ROBERTO BURLE MARX, JORGE MACHADO MOREIRA

O ESPAÇO EXTRA NA HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Juliana Sicuro Corrêa

Este artigo tem como objetivo estabelecer relações entre algumas estratégias e procedimentos presentes em edifícios emblemáticos da arquitetura moderna brasileira – aqui reunidos em torno do conceito de espaço extra – e questões contemporâneas pautadas nos discursos e práticas de três escritórios de arquitetura atuais: Lacaton e Vassal (França), Adamo-Faiden (Argentina) e Plan Común (Chile-França). Os edifícios modernos em questão, todos localizados na cidade do Rio de Janeiro são: os edifícios projetados por Lucio Costa para o Parque Guinle (1948-1954), o Edifício Júlio de Barros Barreto de autoria dos Irmãos Roberto (1947-1950) e o bloco principal do Conjunto Pedregulho de Afonso Eduardo Reidy (1946-1950).

Os três edifícios modernos, importantes representantes da chamada Escola Carioca, apresentam semelhanças no que diz respeito à aplicação de

princípios espaciais e construtivos modernos e também diferenças importantes relativamente à escala da edificação, inserção urbana e perfil dos moradores, refletidas nas tipologias das unidades. O artigo argumenta que, em todos os casos, espaços extra-funcionais – tais como varandas, recuos de fachada, circulações coletivas alargadas e térreos livres – atuam como elementos-chave nas suas materializações produzindo uma rica variação de qualidades de ambiência e ampliando o espectro de possibilidades de uso e apropriação dentro e fora das unidades. Argumenta ainda que a presença dessas “gorduras espaciais” contribui para que essas arquiteturas se tornem dispositivos relacionais propriamente urbanos capazes de fomentar relações com a cidade e seus modos de vida atuando como infraestruturas da vida coletiva.

A análise dos exemplos citados evidencia vínculos entre as produções moderna e contemporânea e demonstra a atualidade e pertinência do repertório moderno para o ensino e a prática de projeto no âmbito da habitação coletiva, reafirmando o interesse de que a arquitetura possa contribuir qualitativamente na produção do espaço e da vida urbana nas cidades contemporâneas.

Palavras-chave: ESPAÇO EXTRA (1), HABITAÇÃO COLETIVA (2), ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA (3)

MODERNIDADE E VERTICALIZAÇÃO: O CASO PIONEIRO DO EDIFÍCIO RIQUE EM CAMPINA GRANDE (PB)

Lucas Jales

Construído entre os anos de 1957 e 1960, o Edifício João Rique – originalmente denominado Edifício Banco Industrial de Campina Grande – consolida-se como o primeiro exemplar tipológico do edifício alto de uso misto, edificado na cidade. Erguido em um período áureo da arquitetura moderna local, o edifício simbolizou a chegada de uma nova forma de habitar, inaugurando, simultaneamente, novas escalas na produção imobiliária campinense. Convergente às intenções de verticalidade presentes em Campina Grande desde as reformas urbanas da primeira metade do século XX, o edifício também refletiu, os valores simbólicos e as aspirações de seus agentes produtores. Considerando sua relevância no contexto de modernização da cidade, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos relati-

vos às dimensões urbanas e residenciais observáveis no Edifício Rique. Para tanto, busca analisar, por um lado, as relações estabelecidas entre o edifício e a cidade, a partir de seus espaços comerciais no térreo, e de outro, compreender o perfil de suas unidades habitacionais presentes. A partir de redesenhos elaborados com base em visitas e levantamentos *in loco*, reconstitui-se o objeto arquitetônico, de modo a gerar materiais de apoio ao estudo proposto. Tal abordagem justifica-se pela relevância da edificação no âmbito da modernidade local, também constituindo sua salvaguarda projetual, visto que seus materiais de projeto originais não estão mais presentes nos arquivos locais. Conclui-se que a documentação resultante desse processo analítico, constitui um instrumento fundamental para a valorização do objeto edificado e do patrimônio moderno campinense frente ao seu contexto contemporâneo, evidenciando sua importância no cenário urbano atual e os desafios de sua conservação na contemporaneidade.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA (1), VERTICALIZAÇÃO (2), EDIFÍCIO VERTICAL DE USO MISTO (3)

LEGADO FUTURO: HACIA UNA REACTIVACIÓN RESIDENCIAL MODERNA

Juan Pablo Tuja

El presente artículo resume el trabajo de Tesis (actualmente en curso) “Legado Futuro”, desarrollado en el marco del Doctorado en Arquitectura de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo (FADU). La investigación se propone analizar y construir una reflexión crítica en torno a la vigencia de ciertos postulados de la arquitectura moderna, ligados a edificios residenciales, ubicados en el barrio de Pocitos, construidos entre las décadas de 1950 y 1960. De forma complementaria se reconoce la necesidad de realizar operaciones de actualización para continuar extendiendo su vigencia. En dichas obras se reconocen, a priori, búsquedas proyectuales innovadoras, caracterizadas por un marcado espíritu experimental y por una fuerte voluntad de explorar nuevas relaciones entre forma, técnica y habitar.

En la actualidad, este conjunto de edificios enfrenta desafíos diversos, vinculados a la adaptación a nuevos modos de vida, a la obsolescencia de componentes y materiales, a la mejora del desempeño energético y, en muchos casos, a la gestión de su condición patrimonial. A partir del análisis detallado

de un caso de estudio se busca profundizar en estas problemáticas, con el propósito de extraer criterios y reflexiones transferibles a situaciones análogas dentro del corpus moderno montevideano.

En este sentido se selecciona el Edificio Positano, proyectado en 1958 por los arquitectos Luis García Pardo y Adolfo Sommer Smith, ya que se considera una obra paradigmática tanto por su valor conceptual, como por su búsqueda material. Se dispone de un amplio acervo de información sobre su proceso de proyecto*, conservado principalmente en el archivo del Instituto de Historia de la Facultad de Arquitectura (Universidad de la República).

Palabras-clave: EDIFICIO POSITANO, LUIS GARCÍA PARDO, GESTIÓN PATRIMONIAL

TRANSPOSIÇÕES DA HABITAÇÃO MODERNA NO RIO DE JANEIRO

Carlos Feferman

O presente trabalho investiga a questão da habitação nos conjuntos urbanos estruturantes de segunda geração moderna no Rio de Janeiro. Projetos como o Centro Cívico Municipal, o conjunto do Pedregulho (Reidy, 1948 e 1946) e o conjunto habitacional do Cafundá (Magalhães, Petrik e Barros, 1978) fazem parte de uma estratégia ampla de reestruturação urbana caracterizada por núcleos locais (*local cores*). Incorporam, portanto, estratégias não-cartesianas do Town Planning inglês. Esses projetos buscam reavaliar ou transformar alguns princípios rígidos da primeira geração moderna, conforme foram consolidados na Carta de Atenas. As ações se enquadram nas revisões de segunda geração propostas no CIAM 8 (*O Coração da Cidade*). Contam com a crítica ao funcionalismo estrito e com uma série de diretivas novas que aproximam o planejamento moderno da cidade existente, como o processo de *recentralização*, a ideia de *programar* o núcleo (*core*) e o movimento de *replanejar* as cidades, defendidos por Sert. Mobilizam também a ideia de *enquadramento* (*frame*) proposta por Wiener, na qual um âmbito urbano é

* El proceso de proyecto del edificio Positano ha sido analizado en profundidad por el autor y publicado bajo el título: "El proceso de proyecto y el proceso de interpretación del edificio Positano." Montevideo: Ediciones Universitarias, 2018. <https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/48569>

delimitado para dar coerência ao projeto de um conjunto estruturante. Nesse contexto, o edifício habitacional adquire novo papel na organização dos planos locais. Nos casos do Cafundá e do Pedregulho, o conjunto de moradias e espaços públicos funcionará como esteio do bairro, que se desenvolve no entorno de forma tradicional. No caso do Centro Cívico de Reidy, a presença da habitação desafia os princípios de separação funcional (zoning) e mesmo a visão de núcleo proposta por Sert. Tem papel fundamental na diversificação do programa urbano e na construção da ideia de *chão*, ao mediar a relação com o tecido existente.

Palavras-chave: HABITAÇÃO MODERNA (1), CENTRO CÍVICO (2), AFFONSO EDUARDO REIDY (3)

O ESPAÇO MODERNO E A QUADRA TRADICIONAL: ESTRATÉGIAS DE PROJETO

Jônatas S. Costa e Lucas A. S. F. Salvador

Este trabalho tem como objetivo observar as estratégias de projetos para a implantação e urbanização do edifício residencial moderno na quadra tradicional, a partir de projetos habitacionais na cidade do Rio de Janeiro tendo quatro estratégias de projeto como categorias de análise: o desenho da estrutura como determinante da arquitetura a partir da composição de seus planos de fechamento; a construção de espaços de grande escala sem usos previamente definidos; o desenho do térreo como continuidade do espaço urbano para o interior do edifício residencial e a definição de edificações de grandes dimensões estabelecendo relações com a paisagem e a cidade. Com base nestas categorias, a pesquisa analisa três edifícios residenciais modernos localizados na zona sul do Rio de Janeiro: o edifício MMM Roberto projetado pelos Irmãos Roberto em Copacabana (1945); o edifício Nova Cintra, de Lúcio Costa, em Laranjeiras (1948) e o edifício Justus Wallerstein, de Sérgio Bernardes, também em Copacabana (1953). Essa seleção se justifica a partir de seu contexto histórico, em um momento de efervescência do setor imobiliário na zona sul do Rio de Janeiro e com o reconhecimento internacional da arquitetura moderna carioca. O trabalho parte do redesenho em escala ampliada como ferramenta de análise para a compreensão do pensamento projetual dos arquitetos estudados. Assim, o estudo aponta para as diferentes soluções advindas das experimentações de sistemas estruturais

baseados no concreto armado e a busca pela associação de elementos arquitetônicos da tradição construtiva nacional aplicada ao edifício em altura, bem como os estudos de inserção do edifício moderno na quadra tradicional. Esses aspectos evidenciam a singular dimensão urbana da arquitetura moderna carioca.

Palavras-chave: HABITAÇÃO MODERNA, ESPAÇO MODERNO, ESCOLA CARIOCA

HAVIA GENTILEZA NO MODERNO? EDIFÍCIOS E INTERRELAÇÕES PÚBLICO-PRIVADAS

Yan Azevedo

Este artigo propõe uma abordagem analítica sobre a possibilidade de espacialidades gentis na arquitetura. Com enfoque na análise de três edificações verticais, projetadas entre as décadas de 1930 e 1960 na cidade de São Paulo: Edifício Esther, Edifício Louveira e Edifício Conjunto Nacional. Parte-se do pressuposto de que valores como abertura ao espaço público, promoção da vida urbana, acolhimento ao pedestre e mediação qualificada entre as esferas pública e privada já eram mobilizados por arquitetos modernos no contexto brasileiro, ainda que sob outros discursos e intenções. O conceito de *edifício gentil*, sistematizado por autores como Gabriela Tenório (2022), tem sido apropriado pelo mercado imobiliário como diferencial simbólico e reforçado por instrumentos legislativos como o Plano Diretor Estratégico de São Paulo (2014). Contudo, é possível traçar paralelos entre a noção contemporânea de *gentilezas urbanas*, e as estratégias adotadas em parte da produção arquitetônica moderna brasileira: seja na galeria interna do Esther, que cria uma passagem pública entre ruas; na implantação generosa do Louveira, que oferece parte do lote à cidade e estabelece uma transição sutil entre o público e o privado; ou mesmo na praça interna coberta do Conjunto Nacional, cuja marquise se projeta sobre as calçadas e acolhe diferentes fluxos urbanos. Argumenta-se que, nesses projetos, a gentileza decorre tanto do pensamento arquitetônico vigente, articulado a valores éticos, sociais e urbanos, quanto da intenção de qualificar a relação edifício–cidade. Ao historicizar o conceito de gentileza urbana, desloca-se seu uso de uma lógica mercadológica para o campo da reflexão arquitetônica orientada ao bem comum, como propõem Montaner e Muxi (2011) ao defender que a

arquitetura deve assumir função política e fortalecer a cidadania e o espaço público. Assim, revisitar o legado moderno sob esse olhar contribui para uma base crítica mais consistente para pensar a noção de edifício gentil na contemporaneidade.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA PAULISTA, ESPAÇO PÚBLICO, GENTILEZA URBANA, EDIFÍCIO GENTIL, FRUIÇÃO PÚBLICA

HABITAR A CIDADE: ENTRE A UTOPIA MODERNA E O CONCRETO URBANO

Monica Luce Bohrer e Nathalia Cantergiani

O presente artigo discute a trajetória do pensamento de Le Corbusier sobre a cidade moderna e a habitação coletiva, enfatizando o movimento entre a utopia e a realidade construída. O percurso tem como ponto de partida o *Immeuble Locatif*, concebido como parte da *Ville Contemporaine de trois millions d'habitants* (1922), manifesto urbano marcado pela monumentalidade, pela racionalização técnica e pela separação entre funções. Como contraponto à obra ideal, o trabalho elegeu o *Immeuble Clarté* (1930–32), edifício implantado em Genebra que traduz, em chave concreta e adaptada, princípios antes explorados apenas em escala teórica. A análise das tipologias habitacionais – do *Immeuble Locatif*, entendido como “máquina de morar” de alta densidade, ao *Immeuble-Villa*, de menor escala e relação mais direta com a rua – revela as tensões entre monumentalidade funcional e experiência cotidiana. Já no *Immeuble Clarté*, evidencia-se a conciliação entre inovação técnica, flexibilidade tipológica e integração ao tecido urbano, configurando-se como marco de transição entre ideal e realidade. O percurso revela, assim, uma progressiva reaproximação da habitação coletiva com a rua e com a vida urbana, deslocando a arquitetura moderna do campo da abstração utópica para soluções enraizadas no concreto urbano. O artigo destaca, ainda, a influência decisiva de Le Corbusier na formação da arquitetura moderna brasileira. Durante a década de 1930, Lúcio Costa absorve e reelabora as ideias corbusianas, defendendo o uso do pilotis e da estrutura independente como elementos constitutivos da arquitetura moderna no Brasil, frequentemente referidos em seus textos e memórias, não apenas como soluções técnicas, mas como expressões de sentidos simbólicos e funcionais ampliados. A aplicação sistemática desses

elementos – em articulação com a racionalidade construtiva do concreto armado – evidencia uma apropriação criativa dos conceitos corbusianos, adaptados de forma eficaz ao contexto urbano e climático brasileiro.

Palavras-chave: LE CORBUSIER, IMMEUBLE-LOCATIF, IMMEUBLE CLARTÉ, IMMEUBLE-VILLA

A PETROBRÁS É NOSSA

Carlos Eduardo Comas e Carlos Alberto Martins

Pioneiro da prospecção de petróleo no Brasil, radical defensor da independência energética do país, Monteiro Lobato acabou preso pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, dadas as críticas ferozes feitas pelo escritor à subserviência do Conselho Nacional do Petróleo aos interesses da Royal Dutch Petroleum e da Standard Oil (leia-se Rockefeller e, indiretamente, MoMA).

Mas é o próprio Getúlio Vargas na sua volta ao poder como presidente eleito quem vai fundar em 1953 a Petróleo Brasileiro S/A, sociedade de economia mista que tem a União como sócio majoritário e detém o monopólio da exploração de petróleo no país (descoberto oficialmente com o Poço Lobato na Bahia em 1939, quando o Pavilhão do Brasil brilhava na Feira Mundial de Nova Iorque). O Brasil é hoje o sétimo maior produtor de petróleo no mundo. A importância econômica e política da Petrobras é considerável. A importância cultural não é menor.

A sessão deseja contribuir para tanto com estudos de caso analisando a contribuição da Petrobrás como patrocinadora direta ou indireta de arquitetura, via seus poços, plataformas submarinas, refinarias, sedes empresariais, postos de gasolina e edificações correlatas. Nesse sentido, a sessão também estará aberta a trabalhos que explorem as implicações na arquitetura e no urbanismo das políticas rodoviaristas e da opção estratégica pela indústria automobilística como bandeira central do desenvolvimentismo. A pluralidade das tipologias edilícias envolvidas incluem postos de serviços de outras companhias, garagens, borracharias, lojas de revendedoras e fábricas montadoras. Em tempos de claros ataques à soberania, ao patrimônio público e à sua memória, há que cuidar do que é nosso.

NIEMEYER E O DESENVOLVIMENTISMO: DOIS POSTOS DE ABASTECIMENTO

Rolando Figueiredo

O artigo analisa dois projetos pouco estudados de Oscar Niemeyer relacionados à infraestrutura de combustíveis no Brasil: o posto de gasolina do Clube dos 500, em Guaratinguetá (1952), e o projeto não construído de um depósito de combustíveis e lubrificantes, com postos de abastecimento, para o Centro Técnico de Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (1947). Apesar de distintas naturezas — um executado e outro apenas projetado —, ambas as obras compartilham a tipologia associada ao abastecimento e permitem discutir a inserção da arquitetura moderna brasileira nas estratégias do nacional-desenvolvimentismo.

O período de concepção desses projetos coincidiu com o auge da ideologia desenvolvimentista, marcada por políticas voltadas à infraestrutura viária, à indústria automobilística e à autonomia tecnológica e energética nacional. O posto do Clube dos 500, localizado entre Rio de Janeiro e São Paulo, simboliza a modernização do transporte individual e a consolidação do rodoviarismo, enquanto o projeto do CTA integra o esforço estatal de criar uma base científica e tecnológica voltada à defesa e à aviação.

Em ambos os casos, a linguagem moderna e a experimentação estrutural materializam ideais de progresso e autossuficiência. O auto posto do Clube dos 500 destaca-se pela cobertura em laje delgada sustentada por colunas em “K”, exemplo de síntese entre forma e técnica. Já o depósito do CTA, ainda que não construído, revela clareza tipológica rara em edifícios utilitários. A análise comparativa evidencia como Niemeyer também se dedicou a programas técnicos e logísticos, frequentemente negligenciados pela historiografia, e como essas obras, embora marginais à monumentalidade que consagrou sua carreira, participaram da construção simbólica e material da modernidade brasileira.

Palavras-chave: OSCAR NIEMEYER (1), DESENVOLVIMENTISMO (2), POSTOS DE ABASTECIMENTO (3), ARQUITETURA MODERNA (4), ARQUITETURA BRASILEIRA (5)

EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRÁS: UM PONTO FORA DA CURVA?

Paulo Pacheco

Este texto investiga a gênese do edifício sede da Petrobrás (EDISE), no Rio de Janeiro, cujo projeto foi selecionado por concurso nacional de arquitetura (1967/1968).

Houve, em torno desse processo, sentimentos contraditórios, a começar pelo fato de se tratar de imposição de um governo autoritário.

Some-se a isso as alterações ocorridas no andamento do concurso, como a mudança do terreno; o aumento das dimensões do programa e a determinação de que a obra deveria ser executada em duas etapas.

A polêmica se intensifica quando, mesmo mediante maciça maioria dos participantes pertencerem ao eixo Rio/São Paulo, inclusive entre os integrantes do Júri, o concurso é vencido por uma equipe de jovens arquitetos da então periférica Curitiba.

A crítica especializada não perdoa o projeto vencedor, que surge mediante características formais avessas às da arquitetura moderna brasileira.

Depois de concluído, o edifício foi retratado como uma experiência megalomaniaca do período militar, rótulo que, embora amenizado pelo tempo, ainda prevalece.

Este texto, portanto, tem os seguintes objetivos:

1. resgatar o contexto existente nas duas fases do concurso e, assim, os prováveis motivos que levaram à premiação de uma equipe desconhecida;
2. conhecer o projeto do edifício e identificar óbices ou qualidades;
3. entender o contexto da cidade de Curitiba e a formação dos arquitetos premiados;
4. identificar as possíveis influências nacionais e internacionais que possam ter contribuído para a solução do projeto.

Espera-se, pois, responder a pergunta título desse texto: o Edifício Sede da Petrobrás configura um ponto fora da curva? Pode ser visto como um corpo estranho à ampla produção da arquitetura moderna brasileira? A resposta talvez revele a verdadeira identidade do EDISE.

Palavras-chave: CONCURSO SEDE DA PETROBRÁS (1); GRUPO DO PARANÁ (2); ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (3).

ANTEPROJETO NÚMERO 142 DO CONCURSO DO EDIFÍCIO-SEDE DA PETROBRÁS RJ, 1967

Luciana Monzillo de Oliveira e Adriana Monzillo de Oliveira

O período compreendido entre o final da década de 1960 e início dos anos 1970, no Brasil, foi historicamente denominado como “milagre econômico”. Correspondeu a uma época de amplas transformações na infraestrutura das grandes cidades brasileiras. O Rio de Janeiro, apesar ter perdido a categoria de capital do Brasil a partir de 21 de abril de 1960, continuou vigorando como uma importante centralidade de prestação de serviços, comércio e turismo, recebendo investimentos em diferentes setores. Em 1954, estabeleceu-se na cidade a primeira sede da empresa Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobrás. A empresa foi se expandindo e em pouco mais de uma década, sua administração estava pulverizada em diferentes prédios, o que levou a proposição da sua centralização administrativa em um único local. Assim, a partir de 1965 a empresa começa as tratativas para a realização de um concurso de arquitetura para sua nova sede. Em 17 de maio de 1968, uma comissão escolhia o trabalho vencedor: o projeto elaborado pela equipe liderada por Roberto Luis Gandolfi. Os projetos das 5 equipes finalistas foram publicados em revistas especializadas, porém os outros projetos não foram divulgados, sendo que entre eles havia uma equipe formada por 6 jovens de São Paulo, liderados por Eurico Prado Lopes e composta por: Conrado Jorge Heck, seu irmão Carlos Henrique Heck, Tito Lívio Frascino, Flávio Marcondes e Luiz Benedito Castro Telles. Diante desse contexto, a presente pesquisa propõe apresentar o anteprojeto realizado pela equipe de Eurico Prado Lopes, com o objetivo de identificar as relações com o partido arquitetônico do projeto vencedor. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa de base historiográfica envolvem: levantamento de dados em bases secundárias relacionadas ao concurso de arquitetura, e em base primária, a partir do acervo profissional do arquiteto Luiz Benedito Castro Telles; descrição e análise da proposta do anteprojeto número 142.

Palavras-chave: CONCURSO DE ARQUITETURA, PETROBRÁS, LUIZ BENEDITO CASTRO TELLES

UM POSTO, O TOURING CLUB E A NOVA SEDE: A PETROBRAS EM BRASÍLIA

Eduardo Pierrotti Rossetti

A construção de Brasília e a transferência da Capital Federal do litoral para o interior enseja a questão do deslocamento por uma nova malha rodoviária. Para rearticular a centralidade da nova Capital, o Plano de Metas de Juscelino Kubistchek exigirá viadutos, barragens, milhares de metros cúbicos de areia, brita e asfalto para pavimentação desta modernização, incluindo infraestrutura complementar de postos de gasolina, motéis, restaurantes, etc. O automóvel poderia ser o fator de vivência, experimentação e mesmo descoberta deste admirável Brasil novo! Para milhares de automóveis circularem livremente pelas novas estradas é imprescindível haver redes de postos de gasolina. Assim, o combustível que alimenta estas viagens somente seria possível se a Petrobras estivesse consolidada e atuante, sinalizando que a empreitada de Brasília é irreversível. Portanto, interessa especular como um posto de combustível da Petrobrás na BR-040 (1959-60), a sede do Touring Club (1962-63) e a nova sede da Petrobrás (1961-63) podem ser articuladas como fatores da consolidação de Brasília, para além dos seus palácios e espaços cívicos. Enquanto as revistas, jornais e mídia impressa, rádio e televisão enaltecem a construção da arquitetura simbólica, miríades de outras obras foram arquitetadas para a plena consecução do Plano Piloto. Nesta perspectiva, outros profissionais tais como o arquiteto José Bina Fonyat Filho —que projetou o posto— e o arquiteto Hélio Uchôa —que projetou a sede da Petrobrás— comprovam que há muitos outros profissionais em atuação no canteiro de Brasília, para além de Oscar Niemeyer, que também desenhou o Touring Club. Assim, entre a campanha nacionalizante pelo petróleo, do espírito “*on the road*” da cultura norte-americana e do caráter exclusivo de clube para aficionados por automóveis, é possível ampliar a complexidade da questão rodoviarista que está no DNA do Plano Piloto, mas sobretudo refletir sobre o caráter estrutural da presença da Petrobrás em Brasília.

Palavras-chave: BRASÍLIA, PETROBRAS, TOURING CLUB, POSTO GUARAPARI

OS EDIFÍCIOS – SEDES DA PETROBRÁS EM SALVADOR

Suely de O. F. Puppi e Márcia Reis

Em 1951, Getúlio Vargas assume seu segundo governo como presidente do Brasil; e em 1953, a lei da Petrobrás institui o monopólio estatal do petróleo no país, antecedida de decretos que o nacionalizam já nos anos 1930, no primeiro governo de Getúlio. Em 1939, a descoberta de petróleo em terreno nacional dá-se exatamente no Recôncavo baiano. Esse é um fato preponderante para o reerguimento da economia baiana, profundamente imersa em um estado de estagnação a partir de meados do século XIX e assim definido no início do século XX. O despertar econômico da capital baiana dá-se exatamente nos anos 1950; e entre finais desta mesma década e inícios dos anos 1960, em continuidade com processo em curso, surgem na paisagem soteropolitana importantes edifícios de linguagem moderna, entre eles a primeira sede da Petrobrás na cidade, o Edifício Jequitaia (1957-1961), no bairro do Comércio, projetado por Lev Smarcevscki (1924-2004) e Emmanuel Berbert (1929-2016). A partir de 2011, a Petrobrás decide criar um segundo edifício-sede em Salvador, a Torre Pituba, no bairro do Itagara. A nova sede é projetada por André Sá e Francisco Mota, arquitetos responsáveis por várias obras em Salvador. O objetivo principal desse artigo é demonstrar que tais edifícios, como representantes da instituição do petróleo, são obras significativas da produção arquitetônica de determinada época e têm suas idealizações acompanhando a lógica do desenvolvimento da arquitetura do país e do crescimento urbano da própria cidade. A metodologia prioriza material bibliográfico de várias fontes e estudo crítico dos projetos. No solo onde se descobriu o petróleo pela primeira vez no Brasil, foi também onde a campanha “o petróleo é nosso” mais se popularizou e se expandiu. E desse modo, esses edifícios precisam ser compreendidos nas suas arquiteturas e como frutos da realidade de uma época em âmbito nacional, mas também local.

Palavras-chave: PETROBRÁS EM SALVADOR (1), EDIFÍCIO JEQUITAIA (2), TORRE PITUBA (3)

O PETRÓLEO É NOSSO – REFAP, TEDUT, FAMP E EA

Sergio M. Marques

A campanha “O Petróleo é nosso”, evidenciava a face progressista da Petrobras, desde os governos Getúlio Vargas (1951/1954) até João Goulart (1961/1964), passando pelo empenho do governador Leonel de Moura Brizola (1959/1963) em trazer a Refinaria Alberto Pasqualini para o Estado. Na carona do espírito desenvolvimentista e da independência energética, a Petrobras enxergava na construção de suas instalações a oportunidade de constituir uma imagem de modernidade signatária da identidade nacional almejada. O Engenheiro José Carlos Wellausen, funcionário da Petrobras, foi encarregado de selecionar os arquitetos para a realização dos projetos que traziam em seu bojo a vocação de obras representativas da Arquitetura Moderna na região. Conjuntamente com o IAB/RS, escolheram Carlos M. Fayet (1930/2009), Cláudio L. G. Araújo (1931/2016), Moacyr Moojen Marques (1930/2017) que por sua vez convidaram Miguel Alves Pereira (1932/2014).

O plano diretor, partiu de premissas determinadas pela equipe: aproveitamento dos valores da paisagem local e organização geral das edificações de forma a constituir espaços urbanos inseridos nesta paisagem e relacionados entre si. A estratégia do projeto urbanístico preservou a topografia natural e a mata nativa, localizando nas partes mais altas os edifícios, em quatro conjuntos, de forma a estabelecer relações urbanísticas.

A arquitetura dos pavilhões associou-se formalmente à ideia de abstração a partir de certo repertório formal e tipológico, onde tectônico e materialidade foram fios condutores, criando sistema arquitetônico - através do desenho apurado de pilares, vigas e vigas-calhas, pré-moldados e coberturas, painéis de fechamento lateral, panos de alumínio, fibrocimento, fórmica, elementos vazados, tijolos à vista e caixilharia de vidro - como um “lego”, montado a partir da tipologia dominante.

Dotados de diversos graus de intermediação entre construção e paisagem, sistema tipológico e construtivo, inovação tecnológica e pioneirismo ambiental, a REFAP e TEDUT são uma das melhores experiências formais da Arquitetura e Urbanismos Modernos Brasileiro no Sul.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NO SUL, ARQUITETURA INDUSTRIALIZADA, ARQUITETURA PARA INDUSTRIAS

AMÉRICA(S) EM TRÂNSITO. ROTAS CONTINENTAIS EM ARQUITETURA (1900-1970)

Rafael Urano Frajndlich e Fernando Atique

Desde as independências dos países americanos no século XIX, correntes intelectuais têm se concentrado na construção de uma identidade cultural compartilhada. Os debates arquitetônicos foram centrais nesse esforço, fornecendo um terreno comum para a discussão em como seria o espaço transnacional de modernidade. As pesquisas em arquitetura transnacional usualmente focam seu escopo em movimentos intercontinentais, o que motiva a busca por abordagens diferentes de pesquisa: essa sessão propõe tratar da complexa relação acerca das distintas tradições arquitetônicas nas três Américas e seus diálogos por identidades comuns.

No princípio do século XX, movimentos revivalistas propuseram uma abordagem própria de suas histórias, recorrendo a motivos indígenas ou reinventando a arquitetura acadêmica colonial, enfatizando a autodeterminação na governança independente da metrópole. Posteriormente, a Arquitetura Moderna foi utilizada para projetar edifícios e planos urbanos em cidades ainda em desenvolvimento, onde profissionais abordaram o funcionalismo, a serialização industrial e a estética abstracionista de maneiras que diferiam de seus pares além mar.

Esses movimentos foram moldados tanto por esforços coordenados quanto por movimentos espontâneos, contando com arquitetos em trânsito: profissionais que circularam pelas Américas em busca de intercâmbios educacionais, conferências técnicas ou comissões no exterior. Iniciativas estatais designaram arquitetos a países vizinhos como parte de seus interesses estratégicos, fortalecendo laços diplomáticos, promovendo identidades ou avançando agendas ideológicas. Por exemplo, Oscar Niemeyer no Brasil, Obregón

Santacília no México e Paul Lester Wiener nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, arquitetos independentes em trânsito também contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade compartilhada. Casos notáveis incluem o mexicano Luis Barragán e o brasileiro Vilanova Artigas durante seus estudos nos Estados Unidos, a norte-americana Georgia Louise Harris Brown no Brasil e a argentina Myriam Waisberg no Chile.

Esta sessão busca discutir como rotas continentais na arquitetura teceram uma identidade americana durante as primeiras décadas do século XX até os anos 1970. Serão bem vindos trabalhos que abordem essas iniciativas, elaborando sobre o intercâmbio de ideias, instituições, projetos arquitetônicos, doutrinas de planejamento urbano, debates e biografias de arquitetos como formas de contrastar contextos particulares com uma visão mais ampla.

INTERCÂMBIOS CONTINENTAIS: ROSA KLIASS E A DOBRA ESTADUNIDENSE

Priscila Gonçalves Santos e Gabriela Tie Nagoya Tamari

Este artigo analisa a trajetória da arquiteta paisagista Rosa Kliass e sua contribuição para a formação e consolidação da arquitetura paisagística brasileira, com foco no impacto de seus intercâmbios internacionais. Formada em um período de grande prestígio da arquitetura moderna brasileira, Kliass teve sua carreira profundamente marcada por uma viagem de estudos aos Estados Unidos em 1969. Articulada pelo professor Francis Violich da UC Berkeley, a viagem permitiu seu contato com as práticas mais inovadoras do campo, incluindo a metodologia de planejamento paisagístico de Ian McHarg, que integrava ecologia e geografia ao desenho urbano.

A imersão no cenário norte-americano, então referência mundial, produziu três desdobramentos fundamentais. Primeiramente, impulsionou a profissionalização do campo no Brasil, inspirando Kliass a fundar seu próprio escritório em 1970 e a liderar a criação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP) em 1976, nos moldes da American Society of Landscape Architects (ASLA). Em segundo lugar, ela introduziu e adaptou o método de McHarg em planos diretores de diversas cidades brasileiras, difundindo uma abordagem sistêmica que articula a paisagem como estrutura fundamental do urbano. Por fim, a experiência solidificou sua convicção na importância da colaboração multidisciplinar e do intercâmbio contínuo de conhecimento, prática cultivada ao longo de sua carreira.

A atuação de Kliass como um vetor de difusão e adaptação de referenciais internacionais foi crucial para a evolução da prática projetual no país. Sua trajetória evidencia como a circulação de ideias e profissionais enriqueceu o campo, promoveu avanços metodológicos e consolidou uma visão sistêmica da paisagem que integra ecologia, infraestrutura e desenho. O legado de Kliass reside em seus projetos e na estruturação da profissão no Brasil.

Palavras-chave: ARQUITETURA PAISAGÍSTICA, ROSA KLIASS, VIAGEM DE ESTUDOS.

TUNGA E A PEDAGOGIA POÉTICA DA ESCOLA DE ARQUITETURA DE VALPARAÍSO, CHILE (1960–1970)

Julia Cavalcante

Atualmente há uma vasta fortuna crítica sobre a obra de Tunga (1952–2016), mas pouco se investigam aspectos menos conhecidos de sua formação, especialmente aqueles vividos na juventude, fora do Brasil. Entre essas experiências, destaca-se seu contato com a Escola de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, no Chile, cuja pedagogia, desde meados dos anos 1960, integra poesia, artes visuais e arquitetura por meio de Atos Poéticos, Travessias e da *Ciudad Abierta*, espaço experimental habitado e construído coletivamente. Em entrevistas e manuscritos, Tunga reconhece o impacto dessa vivência, descrevendo Valparaíso como um ambiente de profunda integração entre arte, arquitetura e poesia. Em uma de suas anotações, afirma que “a arquitetura tem como princípios aqueles mesmos que regem a poesia”, síntese tanto de sua experiência pessoal quanto do fundamento pedagógico da escola. Embora mencionada em fontes como Spinelli (2016), Lampert (2020) e Lopes Torres & Machado Silva (2023), essa relação permanece pouco explorada. A pesquisa em desenvolvimento utiliza principalmente o arquivo do artista no Instituto Tunga, composto por cadernos, manuscritos, correspondências, registros audiovisuais e documentos pessoais, onde se encontram evidências de sua participação em atividades da escola e de vínculos com seus professores e colegas. Complementarmente, recorre-se ao Arquivo Histórico José Vial Armstrong, da própria PUCV. A análise apoia-se em três referenciais teóricos: a “biografia intelectual” de François Dosse, que compreende vida e obra como dimensões entrelaçadas; o “biografema” de Roland Barthes, orientado à busca de fragmentos significativos; e a noção de “Nebulosas”, de Margareth da Silva Pereira, que permite lidar com lacunas e emaranhados na construção de uma cronologia formativa. O objetivo é discutir Tunga como artista e arquiteto em trânsito, destacando seus intercâmbios educacionais nas Américas. Pergunta-se quais registros ele deixou sobre a escola, que redes estabeleceu e como práticas pedagógicas chilenas dos anos 1960 e 1970 reverberam em sua obra. O estudo busca, assim, iluminar uma faceta pouco conhecida de sua trajetória e evidenciar como a experiência chilena contribuiu para sua visão integrada de arte, arquitetura e poesia.

AMERICANODELSUD. AMIZADES IMPROVÁVEIS.

Suelen Camerin

Em 2013, um grupo de arquitetos latino-americanos fez um tour por cidades do interior da Argentina promovendo conversatórios sobre o fazer arquitetônico no subcontinente. O evento chamava-se *America(no) del Sud* e no grupo estavam os argentinos Rafael Iglesia (1952-2015) e Ricardo Sargiotti (1966), o paraguaio Solano Benítez (1963), o brasileiro Angelo Bucci (1963), o chileno Alejandro Aravena (1967) e o espanhol radicado no Equador José María Saéz Vaquero (1963). Na época, todos com obras de importância em seus países e certa difusão internacional - hoje, alguns com carreira mundialmente aclamada, incluindo um Pritzker para Aravena. Em uma semana, os seis estiveram em Córdoba, Tucumán e La Plata, reunindo mais de 4 mil pessoas para falar sobre o futuro da disciplina, a educação nas escolas de arquitetura, o interesse por projetos sociais e os desafios de trabalhar com escassez de recursos. A iniciativa foi apoiada pela *Fundación en Obras* e também objetivava arrecadar fundos para que um dos arquitetos desenvolvesse um projeto para solucionar problemas da região - Iglesia foi o primeiro selecionado e portanto deveria expor seu trabalho no evento seguinte. A segunda edição, que passou a se chamar *AMERICANodelsud*, aconteceu em 2015, em Assunção, e contou com conferências dos Pritzker Peter Zumthor (1943) - mentor da arquiteta paraguaia-brasileira Gloria Cabral (1982) - e Paulo Mendes da Rocha - com quem Benítez mantinha estreita relação pessoal e profissional -, além de Rafael Iglesia - que tratou de apresentar seu projeto. Na ocasião, os três receberam o título de doutor honoris causa pela Universidade Nacional de Assunção. Este artigo trata de narrar os acontecimentos das duas edições do *America(no) del Sud*, contextualizando a formação do grupo e apresentando os principais temas abordados nas conferências. Na sequência, apresenta-se o projeto desenvolvido por Iglesia, que servirá de argumento para especular as possíveis convergências na produção evidentemente heterogênea dos seis arquitetos.

Palavras-chave: AMÉRICA LATINA, AMERICANO DEL SUD, RAFAEL IGLESIA, SOLANO BENÍTEZ

NIEMEYER AMERICANO: 1938–1950

Marcos Leite Almeida

A atuação de Oscar Niemeyer, de 1938 a 1950, relacionada aos Estados Unidos da América, é o objeto deste trabalho.

O recorte inicia-se com sua participação no projeto do Pavilhão do Brasil na New York World's Fair de 1939–1940 e encerra-se com a publicação de *The Work of Oscar Niemeyer*. Foram passados nove meses em solo americano, oportunidade em que conhece e trabalha diretamente com Wallace Harrison, Paul Lester Wiener e Thomas Price. Após a aprovação do anteprojeto para a Feira, Lucio Costa retorna ao Brasil, mas Niemeyer permanece, atuando no projeto executivo junto à construtora Hegeman-Harris Co.

Niemeyer recebe seu primeiro encargo no contexto americano a seguir. O industrial Herbert Fisk Johnson Jr. encomenda uma casa em Fortaleza, Ceará, publicada em *Brazil Builds: Architecture Old and New: 1652–1942* (1943). A publicação, com textos de Philip Lippincott Goodwin e fotografias de George Everard Kidder Smith, estreita ainda mais os laços entre Niemeyer e esses autores.

No retorno aos Estados Unidos, em 1947 (entre março e dezembro) representa o Brasil na equipe incumbida do projeto para a sede da ONU. Essa participação, somada ao interesse de Burton Tremaine Jr. e Emilly Hall pela arte e arquitetura moderna, explicam o convite para projetar uma residência de praia para o casal na Califórnia. No ano seguinte, a residência Tremaine é incluída na exposição do MoMA, *“From Le Corbusier to Niemeyer, 1929–49”*.

Em 1948, convidado a lecionar na Yale University, tem o visto negado pelo governo americano devido à sua posição política: era filiado ao Partido Comunista Brasileiro desde a legalização do partido em 1945.

Finalmente, as monografias do arquiteto, professor e crítico grego Stamo Papadakis, que edita a partir de 1950, as principais obras de referência sobre Niemeyer até os anos 1970.

São 12 anos intensos, com exposições, catálogos, publicações, experiências, correspondências, obras e projetos em intercâmbio; com aprofundamento de conhecimentos, desenvolvimento de capital social, difusão cultural e promoção profissional que serão apresentados e analisados.

ARQUITETURA COMO ESTRUTURA QUALIFICADA

Carlos Fernando Bahima

Defendida por Lucio Costa, a noção de arquitetura como construção qualificada diferencia arquitetura da “simples construção” através da intenção plástica. Costa diz em *Razões da Nova Arquitetura* (1934) que o segredo da nova arquitetura é a “ossatura independente”, um esqueleto independente qualificado pela ausência de vigas aparentes que comprometessem a livre disposição de paredes internas e externas e pelo recuo da linha de suportes em relação aos bordos de laje. Após mais de duas décadas, é Colin Rowe que confirma em *A Estrutura de Chicago* (1956) a atribuição da estrutura como essência da arquitetura moderna, comparável ao papel desempenhado pela coluna na Antiguidade Clássica, ao estabelecer “uma razão comum com a qual se relacionam todas as partes”, ou ainda aquela que “estabelece relações, define uma disciplina e produz uma forma”. Nas palavras do engenheiro de estruturas dos palácios de Brasília, Joaquim Cardozo, “Forma Estática – Forma Estética”.

Essa sessão se propõe a discutir o papel fundamental da estrutura no campo da arquitetura muito além do seu viés pragmático, ou, em geral, subavaliado pela crítica de arquitetura. Afinal, a própria derivação da palavra arquitetura é composta por *arché*, ligada à origem, ao princípio, à intenção plástica, a qual se refere Lucio Costa, enquanto *tektonikos*, é vinculado à ação de construir; esta não pode ser avaliada como exclusiva do campo da engenharia de estruturas. A sessão identifica essa invisibilidade da concepção estrutural no ensino de arquitetura e nas pesquisas de pós-graduação, e se propõe a estimular a dimensão tectônica inerente ao ofício e à disciplina.

Do ponto de vista da integração entre os componentes da estrutura e os demais elementos de arquitetura, considera-se a relevante herança e tradição presente na arquitetura moderna brasileira do século XX. Com batismo

corbusiano em solo brasileiro, a partir da década de 1930 uma nova arquitetura se fundamenta na estrutura tipo Dom-ino em suas bases no Rio de Janeiro, com expansão Brasil afora, especialmente na Região Nordeste, e posteriormente nos anos 1960 se transforma profundamente em São Paulo através do Brutalismo Paulista, caracterizado tanto pelo fascínio do concreto à vista quanto pela mutação e inclusão de elementos estruturais. A partir dos anos 1980, componentes em aço substituem porções da estrutura anteriormente ocupadas exclusivamente pelo concreto armado, resultando em um conjunto muitas vezes híbrido entre concreto e aço. No cenário brasileiro das duas primeiras décadas do século XXI, prosseguem as mesclas entre diferentes materiais de estruturas, com ampliação dessa paleta, através do emprego de madeira industrializada.

Portanto, a sessão visa a estimular aproximações entre estudos focados na dimensão técnica da estrutura e outros que abordem a representação desta no recorte temporal do 16º Seminário DOCOMOMO Brasil (1920-2020); busca-se conectar estas pesquisas àquelas. Reafirma-se que o comportamento estrutural pertence ao campo arquitetônico tanto quanto as questões de caracterização da estrutura, esta reconhecida como fundamental agente de representação da construção. Nesse sentido, são bem-vindos trabalhos que abordem estudos de caso vinculados à iconografia da estrutura, a sua dimensão tectônica, os tipos de caráter lastreados na Tradição Acadêmica, ou ainda a gama de conotações abstratas ou figurativas, e as repercussões sistêmicas próprias do seu papel ordenador da geometria do espaço, assim como pesquisas que evidenciam as pressões e demandas específicas da tecnologia da construção que em muitos casos contribuem decisivamente para o resultado formal.

A EXPRESSÃO TECTÔNICA EM OBRAS DE CLORINDO TESTA

Cassandra Salton Coradin

Com base no texto “Estrutura, Construção, Tectônica” (SEKLER, 1964), que distingue fundamentos essenciais da arquitetura, compreende-se estrutura como o arranjo abstrato e sistemático que organiza elementos para responder a forças físicas; construção como o processo de materialização dessa estrutura por meio de técnicas e materiais; e tectônica como a dimensão expressiva resultante da interação entre forma, força e matéria, conferindo sentido e caráter estético ao edifício. É na esfera tectônica que estrutura e construção se articulam visual e materialmente, revelando a lógica formal e os princípios construtivos que organizam a obra construída.

Partindo dessas distinções conceituais, o presente resumo tem por objetivo investigar a expressão tectônica em um conjunto de obras de Clorindo Testa que empregam, de modo proeminente, o concreto armado aparente e dispositivos de suspensão — especialmente tensores metálicos. Defende-se a hipótese de que Testa elabora seus projetos a partir de um processo contínuo de experimentação estrutural, no qual a concepção espacial e a definição técnica se retroalimentam, gerando soluções singulares que articulam linguagem, materialidade e desempenho estrutural.

Para verificar essa hipótese, são analisadas três obras representativas, selecionadas em ordem cronológica, nas quais os pavimentos superiores são suspensos sobre espaços de destaque do programa, liberando áreas internas de apoios e conformando ambientes amplos e coesos.

Palavras-chave: CLORINDO TESTA, TECTÔNICA, SUSPENSÃO

SITUAÇÕES PONTUAIS SOB TETO PLANO: COLUNAS METÁLICAS COMO EXCEÇÃO NAS RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES EM PORTO ALEGRE 1950-1970

Daniel Pitta Fischmann

A Arquitetura Moderna em Porto Alegre tem sido caracterizada por termos como contenção e pragmatismo (LUCCAS, 2004); comedimento, aplicação e esforço (COMAS, 2013); austeridade e frugalidade (MARQUES, 2016).

Embora tenha se beneficiado das possibilidades da estrutura independente, suas principais qualidades não estão ligadas a arroubos estruturais. Nas residências unifamiliares, essas questões se acentuam, validadas por paredes portantes ou estruturas híbridas. Ao analisar oitenta residências em Porto Alegre entre 1950 e 1970, FISCHMANN (2023) constata que somente em pouco mais de um quinto delas há versões do sistema Dom-Ino, parcial ou hibridizado; se considerada a norma de apoios pontuais sob teto plano, o número de exemplares resume-se a um punhado de casas, tomadas como obras de exceção no contexto deste trabalho. O ponto de partida é a Residência Hélio Dourado (arquitetos Miguel Pereira e João Carlos Paiva, 1961), laje plana apoiada em duas linhas de dez pilares metálicos de seção "I" a cada 3,60 metros e vigas embutidas com vão de onze metros travadas por paredes de concreto. Apoios e vedações desalinhados exaltam as qualidades da planta livre. O mesmo sistema seria repetido pelos arquitetos em Camaquã/RS, na Residência José Cândido de Godoy Neto (1964-1967), bem como o esquema compositivo do pavilhão horizontal sobre base semienterrada. No período, os arquitetos projetam em Porto Alegre a Residência Moysés Roithman (1963), implantada entre divisas em dois pavimentos, com colunas metálicas cruciformes no setor social. Em 1966 o arquiteto Lincoln Ganzo de Castro projeta em Porto Alegre sua própria residência: sequência de sete pórticos paralelos com vãos de 7,65 por 3,55 metros com colunas metálicas de seção cruciforme no plano de vedação, evidenciando a estrutura ao mesmo tempo em que resolve o teto plano normativo estabilizado por paredes portantes laterais. Em cada casa, os apoios pontuais metálicos ressaltam determinadas qualidades da planta livre.

Palavras-chave: CASA MODERNA; ARQUITETURA MODERNA EM PORTO ALEGRE; COLUNA.

A ESFINGE DE CONCRETO: REPRESENTAÇÃO E MATERIALIDADE NO EDIFÍCIO DA FAU-USP

Felipe de Araujo Contier

O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), projetado por Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em 1961 e inaugurado em 1969, pode ser analisado sob diversas perspectivas. Na historiografia recente prevalece o entendimento de que a questão

principal dessa obra reside em sua estrutura de concreto armado aparente e na relação com as noções artísticas e políticas de Artigas, ligadas à moral construtiva. No entanto, as divergências interpretativas, por vezes antagônicas, costumam privilegiar a dimensão aparente do material ao invés de sua constituição materialista.

A pesquisa da qual este trabalho é fruto examinou desenhos técnicos, fotografias do canteiro de obras, documentos administrativos e entrevistas com agentes da construção para se compreender como a realidade construtiva do edifício se relaciona com a fortuna crítica sobre ele. A conclusão é que as escolhas arquitetônicas dos autores indicam uma elaboração representacional sobre a construção, o que torna a obra particularmente fecunda para interpretações como as que foram consagradas.

A especificação de marcas de tábuas horizontais nas empenas externas e de chapas de madeira nas faces internas indica decisão de linguagem, e não uma consequência técnica. Os pilares em "V", frequentemente entendidos como expressão diagramática da estrutura, sustentam apenas parte da cobertura enquanto a carga principal transita por pilares internos e por vigas ocultas dentro de lajes do tipo caixão perdido.

Assim, em um edifício que parece expor toda sua verdade construtiva, o concreto guarda uma representação ambígua da construção, ao mesmo tempo que sugere uma construção verossímil e oculta os meios que a tornam possível. Compreender os enigmas dessa obra prima da arquitetura brasileira exige voltar-se ao canteiro de obras.

Palavras-chave: BRUTALISMO; REPRESENTAÇÃO; CONCRETO ARMADO

INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS: A COMPLEXIDADE DA SÍNTESE

Elcio Gomes Silva

A síntese entre arquitetura e estrutura, que caracterizou as primeiras construções em Brasília, se desdobrou em iniciativas pioneiras voltadas à racionalização da construção, após a inauguração. Baseada no uso de componentes pré-moldados em canteiro, o desafio subsequente era de alcançar a expressividade arquitetônica com técnicas próprias da pré-moldagem.

Essa nova fase consolidou-se na Universidade de Brasília, onde os projetos se baseavam no esqueleto estrutural independente e a estrutura aparente

ganhou papel preponderante. Ao combinar padronização e economia às qualidades plásticas compositivas, as realizações atestam um modo inventivo próprio de racionalização construtiva.

O Instituto Central de Ciências (ICC) é o resultado mais relevante, dentre as experiências do *Campus*. Com mais de 700 metros de extensão, sua composição em pórticos expressa a lógica estrutural e as diretrizes da pré-fabricação, mas subordina a repetição modular e a simetria geométrica a uma expressão arquitetônica de caráter singular.

Baseado na documentação original, este artigo analisa concepção, desenvolvimento e execução do ICC, que permanece como marco da racionalização construtiva no Brasil e testemunho de que existem caminhos possíveis para a indústria nacional da construção por meio da inovação técnica.

Palavras-chave: INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS; RACIONALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO; PRÉ-FABRICAÇÃO.

ARQUITETURA COMO PERSONAGEM. O PODER NARRATIVO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO NO CINEMA

Ana Carolina Marques e Rafael d'Andrea

Esta sessão propõe uma reflexão sobre como a arquitetura transcende sua função de cenário no cinema para se tornar um elemento narrativo fundamental, uma espécie de "personagem silencioso" que comunica emoções, conflitos e identidades. Fugindo da máxima de que o espaço arquitetônico pode ou não influenciar uma cena, sendo meramente pano de fundo, mas sim um agente ativo na construção de significados, buscamos artigos que explorem essa relação complexa entre arquitetura e narrativa fílmica.

Tomando como exemplo emblemático "A Single Man" (2009), onde a arquitetura moderna californiana (Schaffer House, 1949) não apenas ambienta, mas define psicologicamente o personagem principal - sua transparência, frieza e linhas precisas

dialogam diretamente com a personalidade do protagonista e sua situação emocional -, propomos uma análise aprofundada de como o cinema utiliza o espaço construído como extensão da psique humana. Da mesma forma, obras como "Blade Runner" (1982), "Metrópolis" (1927), "São Paulo Sociedade Anônima" (1965) e "Laranja Mecânica" (1971) demonstram como a arquitetura pode assumir papéis narrativos diversos, desde espelho de distopias sociais até catalisador de tensões psicológicas.

No contexto brasileiro, essa relação se mostra particularmente rica e significativa. Produções como "Ainda Estou Aqui" (2024) transformam a arquitetura em metáfora poderosa - a casa em construção como representação de sonhos que se desfazem junto com o projeto assim que o protagonista é assassinado. Já em "Aquarius" (2016), o edifício é um marco no debate da especulação imobiliária, se tornando um divisor de águas entre a

preservação de memória ou a ruptura para o mercado imobiliário. “Carandiru” (2003) transforma as grades e as paredes em reflexos da violência sistemática de homens que são empilhados como animais e sobrevivem em situações desumanas. “Que horas ela volta?” (2015) liderou o debate sobre o quarto de empregada e o elitismo promovido dentro da sociedade brasileira burguesa e a demanda arquitetônica, sustentando hábitos coloniais velados até os dias de hoje. O icônico Copan, presente em inúmeras produções brasileiras, como em “Bom dia Verônica” (2020) se torna um cenário de refúgio e flerta com o passado de foragidos, assim como outros marcos da arquitetura moderna brasileira que frequentam nossas novelas e filmes, deixam de ser simples locações para se tornarem símbolos da brasilidade, da urbanidade e das complexas relações sociais que definem nosso imaginário coletivo.

Esta sessão pretende reunir análises que explorem como a arquitetura moderna, em suas diversas manifestações, é apropriada pelo cinema para:

- Construir atmosferas e estados psicológicos;
- Representar ideologias e contextos sociais;
- Servir como metáfora visual para conflitos narrativos;
- Preservar e ressignificar o patrimônio arquitetônico no imaginário cultural.

Convidamos pesquisadores a submeterem trabalhos que, através de estudos de caso específicos ou abordagens teóricas mais amplas, contribuam para esta discussão sobre como o espaço construído fala - muitas vezes mais eloquente que os próprios diálogos - nas narrativas cinematográficas, especialmente no que diz respeito à arquitetura moderna e sua relação com a identidade brasileira.

“O HOMEM AO LADO”: CASA CURUTCHET COMO PERSONAGEM

Silvia Lopes Carneiro Leão

O conceito de “personagem” sofre evolução ao longo do tempo. Originalmente referente apenas a seres humanos, amplia-se e passa a abarcar também seres não humanos.

No filme argentino “O homem ao lado”, fica clara a noção de personagem aplicada a um ser inanimado. Além dos protagonistas Leonardo e Victor, há outra personagem relevante: a Casa Curutchet, única residência do arquiteto Le Corbusier construída na América.

Localizada na cidade de La Plata, Argentina, foi projetada em 1948/49 para o cirurgião Dr. Curutchet. Mesmo sem conhecer pessoalmente o terreno, o arquiteto conseguiu uma adaptação magistral da casa moderna ao entorno pré-moderno.

No filme, mora na residência com a família o designer Leonardo, apresentado como homem refinado, colecionador de objetos de vanguarda.

A história inicia com uma obra na parede de divisa, onde o vizinho Victor, mostrado como cafona e mal-educado, abre uma janela. O fato desencadeia um forte conflito e evidencia o choque de comportamentos e situações socioculturais entre os vizinhos.

Ao longo do filme, ocorre uma reviravolta entre os dois antípodas. No início, Leonardo é visto como “mocinho” e Victor como “vilão”. A seguir, essa distinção começa a se confundir. No final, os papéis se invertem.

A famosa Casa Curutchet participa da ação do filme e vai sendo revelada em pormenores. O projeto segue os preceitos de Le Corbusier: planta-livre, pilotis, janela horizontal, fachada livre e terraço-jardim.

O desfecho é dramático: um assalto à casa tem a intervenção de Victor, que leva um tiro. Os bandidos fogem e Leonardo tem nas mãos a decisão de salvar o vizinho ou deixá-lo morrer. Opta pela segunda alternativa e se livra do problema da janela de forma prática.

Há filmes em que a arquitetura comparece apenas como cenário ou pano de fundo. Neste, a Casa Curutchet é protagonista e personagem fundamental da história.

Palavras-chave: CASA CURUTCHET; FILME “O HOMEM AO LADO”; ARQUITETURA MODERNA.

É DE TIRAR O FÔLEGO! ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA EM O HOMEM DO RIO*

Luciano de Topin Ribeiro

Este artigo analisa como a arquitetura e o urbanismo modernos brasileiros são utilizados como cenários e locações no filme *O Homem do Rio* (1963). A obra explora as paisagens do Brasil como elemento ativo na narrativa visual, contribuindo significativamente para a retórica da modernidade e da identidade nacional da época.

A produção, rodada em um momento de fé no progresso e maturidade cultural, utiliza as locações externas para conferir materialidade à sua trama fantástica e apresenta ao mundo uma imagem progressista e sofisticada do país.

O Homem do Rio é um filme de perseguição - uma estrutura narrativa que se sustenta em locações reais. Em boa parte de seus 112 minutos, Adrien Dufourquet (Jean-Paul Belmondo), corre para salvar sua amada por cenários habilmente escolhidos e magistralmente fotografados que realçam a modernidade brasileira, ditando o ritmo e a energia do filme. O espaço fílmico ganha materialidade quando o deslocamento e as pausas transformam a experiência visual em experiência física com forte carga dramática.

Neste contexto, a paisagem brasileira é tanto o cenário de aventura, quanto o suporte narrativo de um mundo em transformação que constrói seu progresso em tempo recorde. Os enquadramentos exploram a potência plástica da arquitetura brasileira, conferindo-lhe força retórica própria. Adrien percorre territórios em expansão e infraestrutura em obras. Transita por ícones como o Palácio Capanema, o MAM do Rio e a Praça dos Três Poderes.

No morro, o casal é acolhido em uma versão brasileira do cabanon corbusiano que sintetiza nosso vocabulário formal. Esse mundo imaginário e futurista, otimista e construído sobre o real, deve ter causado impacto nas plateias francesas. Porém, seria abruptamente interrompido em abril, poucas semanas após o lançamento do filme.

Palavras-chave: CINEMA, MODERNIDADE BRASILEIRA, ARQUITETURA E IDENTIDADE

*de Broca, Phillippe, diretor. *L'Homme de Rio*. Artistes Auteurs Associés (A.A.A.), Les Films Ariane, Dear Film Produzione, 1964.1h52min.

ESPAÇO URBANO COMO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM O HOMEM QUE VIROU SUÇO

Ana Elisa Vieira Soares

A cidade de São Paulo é frequentemente evocada no cinema brasileiro como metáfora viva das tensões sociais, econômicas e territoriais que atravessam a modernidade nacional. No filme *O Homem que Virou Suço* (1981), dirigido por João Batista de Andrade, esse papel se intensifica. A metrópole não apenas ambienta, mas atua como personagem central, contribuindo de forma narrativa e simbólica para a construção do conflito vivido pelo protagonista. Ao observar os modos como a arquitetura moderna surge no filme, o presente trabalho propõe investigar o poder narrativo do espaço urbano enquanto expressão simbólica da violência estrutural e da alienação urbana sofridas pelo migrante nordestino.

Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa fundamentada na análise fílmica e em revisão bibliográfica interdisciplinar. Nesse percurso, foram mobilizadas as críticas de Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre à lógica do canteiro e às contradições da arquitetura moderna. Também se utilizaram os estudos de Eunice Durham sobre migração e cultura popular no Brasil. No campo cinematográfico, o trabalho dialoga com a semiótica de Sergei Eisenstein e Christian Metz, além das reflexões de Jean-Claude Bernardet sobre o cinema político e de intervenção. Ao investigar como a cidade opera como agente de opressão e apagamento, mas também como documento crítico de sua época, o trabalho busca contribuir para os debates contemporâneos sobre o papel do espaço construído nas disputas por visibilidade, pertencimento e identidade no Brasil urbano.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA (1), CINEMA BRASILEIRO (2), MIGRAÇÃO NORDESTINA (3)

O ELEVADOR

Marta Bogéa e Felipe de Souza Noto

Partindo da presença inoperante dos elevadores do fictício *Edifício das Américas*, em Sábado (Ugo Giorgetti, 1995), este artigo desenvolve discussões que interessam à arquitetura e ao urbanismo diante da disputa em um centro ocupado por movimentos de moradia e pela especulação imobiliária. Analisa a

potência simbólica do elevador como meio de transporte e, sobretudo, como espaço de supressão da experiência temporal e social. O enclausuramento involuntário e a convivência forçada são explorados a partir de autores como Paul Virilio (1980), Beatriz Colomina (1994), e Andreas Bernard (2014). O texto recupera a proposta de Rem Koolhaas para o Arte/Cidade (1999), que desnaturaliza a falta de elevadores em edifícios como o *São Vito*. Três décadas depois, a tensão se mantém, agravada pela lógica excludente do *retrofit* e da produção em massa de microapartamentos vendidos a fundos internacionais. A crítica social é esboçada pelo humor na trama de Giorgetti. O filme contrasta o elevador “social”, cenário publicitário, ao elevador “de serviço”, que falha e aprisiona os moradores, explicitando a cisão de classes e os desdobramentos do processo de popularização das áreas centrais. *Sábado* explicita que onde há riqueza, a pobreza é considerada intrusa; onde há pobreza, a sensação vendida é a da insegurança. Entretanto, o texto lembra que os movimentos de moradia organizados, como a Ocupação 9 de Julho, apontam para possibilidades de reapropriação coletiva e ressignificação simbólica dos edifícios centrais, afirmando a convivência como necessária e possível. O elevador, tomado como protagonista narrativo e objeto arquitetônico, permite articular questões de mobilidade vertical, experiências temporais e fronteiras sociais, e reposicionar a discussão sobre habitação, desigualdade e urbanidade.

Palavras-chave: ARQUITETURA E CINEMA, ELEVADOR, HABITAÇÃO NO CENTRO DE SÃO PAULO.

LISBOA, SÃO PAULO: CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS E MODERNIDADE NO CINEMA

Romullo Baratto Fontenelle

O artigo propõe uma análise comparativa entre *Os Verdes Anos* (1963), de Paulo Rocha, e *São Paulo, Sociedade Anônima* (1965), de Luís Sérgio Person, destacando o papel central da arquitetura e do espaço urbano na construção das narrativas fílmicas. Com base em autores como Giuliana Bruno, Jean-Claude Bernardet e Ignasi de Solà-Morales, parte-se da premissa de que a arquitetura transcende a função de cenário para atuar como agente narrativo, revelando como as paisagens de Lisboa e São Paulo moldam as trajetórias dos protagonistas e refletem as tensões entre modernidade e experiência humana.

Em *Os Verdes Anos*, Lisboa é apresentada por planos que transitam do bucólico ao urbano, refletindo o estranhamento do jovem migrante diante de uma cidade em expansão, marcada pelo choque entre ruralidade e modernização. Júlio chega à capital pela estação ferroviária e vive o desajuste e a nostalgia de quem é lançado à metrópole. O bairro liminar entre campo e cidade onde se instala reflete seu desenraizamento.

Em *São Paulo, Sociedade Anônima*, a metrópole industrial surge como território fragmentado, atravessado pelo rodoviarismo e pela lógica do capital. Carlos vive entre relações afetivas superficiais e a busca de ascensão social, num cotidiano pautado pela alienação e pela repetição. O filme emprega uma montagem não linear, associada à esquizofrenia narrativa, em que tempos distintos se confundem num eterno presente caótico.

Em ambas as obras, a cidade atua como personagem ativa e, por vezes, opressora. Enquanto Carlos tenta recomeçar por meio da fuga, Júlio é tragado pelo destino trágico. A arquitetura emerge como espelho e catalisador das trajetórias individuais, condensando no espaço físico as dinâmicas de poder, as angústias pessoais e as ambiguidades da experiência coletiva das cidades.

Palavras-chave: PSICOGEOGRAFIA, CINEMA MODERNO, PERSONAGEM URBANO, TERRAIN VAGUE.

IMPROVISO E GAMBIARRA: CASAS DE MIGRANTES EM FILMES PAULISTAS

Rafael Blas

Este estudo investiga as representações de espaços domésticos transitórios no cinema paulista dos anos 1980, tomando como objeto os filmes *O homem que virou suco* (1981), de João Batista de Andrade, e *A hora da estrela* (1985), de Suzana Amaral. O cinema brasileiro moderno comumente retrata personagens errantes, sem rumo, deambulando pelas ruas e espaços públicos; no entanto, esta pesquisa se volta aos interiores como expressão de modos de vida precários e de acentuada fragilidade. Nas obras supracitadas, as casas temporárias são hostis, impessoais, marcadas por improvisos e gambiarras como tecnologia, refletindo tanto instabilidades físicas quanto existenciais.

Ambos os filmes evidenciam como as habitações transitórias constituem parte essencial da experiência urbana dos personagens migrantes em São Paulo. As cenografias empreendidas nos longas-metragens transformam os interio-

res em uma espécie de documentação informal de um modo de vida marginal, revelando práticas domésticas e uma memória social da arquitetura do cotidiano, ainda em processo de investigação.

Palavras-chave: CINEMA PAULISTA, CENOGRAFIA, DOMESTICIDADE

CIDADE DE DEUS PELO CINEMA: PROJETO E PROJEÇÃO; PASSADO E FUTURO

Daniela Cidade

Este trabalho se propõe a investigar a função do cinema entre a mimese e o simulacro, tomando como objeto de reflexão o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles (2002). O objetivo é o de refletir sobre o projeto moderno voltado a bairros populares na década de 1960 e sua recepção transformadora na paisagem contemporânea que o filme ajuda a reconstruir. A projeção, enquanto conceito, possui uma história mal conhecida, cujas raízes estão na psicanálise, na geometria, na ótica e na representação pictórica. O termo “projetar” comporta múltiplos significados: imaginar, premeditar, prever; mas também expulsar, jogar, lançar, arremessar – ações que articulam dimensões psíquicas e corporais. Na interface entre cinema e vida urbana, a paisagem do bairro revela com sensibilidade as transformações espaciais: de um bairro-modelo moderno, utópico e com predomínio de espaços abertos e casas sem muros, à configuração de um espaço distópico, labiríntico e denso, característica de tecido urbano medieval. Entre passado - o traçado na prancheta - e futuro anunciado - a consequente ampliação pela linguagem fotográfica e cinematográfica na contemporaneidade, emerge um espaço distópico com uma série de contradições. O filme de Meirelles ressalta essas tensões ao nos mostrar, por um lado, o ideal moderno como projeção de melhoria das condições de vida; por outro, o abandono da implementação das políticas públicas. A partir do cinema, torna-se possível perceber como a representação imagética contribui para a compreensão crítica das transformações socioespaciais — passadas e futuras — que moldam a paisagem urbana brasileira de concepção moderna.

Palavras-chave: CIDADE DE DEUS (1), PROJETO (2), PROJEÇÃO (3), UTOPIA (4), DISTOPIA (5)

“ME DÁ NOS NERVOS ESSE BARULHO”, A DESTRUIÇÃO DO BAIRRO FONTAINHAS NO FILME NO QUARTO COM VANDA DE PEDRO COSTA

Flavia Santos de Oliveira

Resumo não disponível

O DRAMA DO ESPAÇO MODERNO: DIÁLOGOS ENTRE “MEDIANEIRAS E “AQUARIUS”

Natália Costa Boff

Assim como no cotidiano, em que muitas vezes a arquitetura passa despercebida como simples cenário, no cinema isso também ocorre. Em algumas obras, porém, ela assume o primeiro plano e se torna personagem principal, com narrativa, história e capacidade de produzir sensações. Os filmes *Medianeiras: Buenos Aires na era do amor virtual* (2011), de Gustavo Taretto, e *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, exemplificam quando a arquitetura deixa de ser pano de fundo e se converte em protagonista.

A análise parte da inquietação ao assistir *Medianeiras* e reconhecer paisagens comuns às cidades brasileiras: ruas longas, edifícios extensos e interiores apertados. A cidade de Buenos Aires, narrada por Martín e Mariana, é apresentada como fragmentada, verticalizada e caótica, tornando-se um agente simbólico que molda a subjetividade dos personagens. As medianeiras, tornam-se metáforas do isolamento, da incomunicabilidade e da falta de lugar. Como símbolo de resistência, passam a expor o tempo, a desconexão e até publicidade. Nesse ponto, articulam-se os conceitos de Guy Debord sobre a perda da experiência urbana e a psicogeografia como tentativa de conexão afetiva com a cidade.

No contexto brasileiro, *Aquarius* desloca o foco para o interior arquitetônico. O apartamento amplo, com grandes janelas voltadas ao mar, abriga Clara, que resiste à pressão de uma construtora para deixar o edifício dos anos 1950. Aqui, a arquitetura atua como guardiã da memória, dos afetos e da história. A escolha do edifício enquanto protagonista evidencia não apenas uma crítica ao mercado imobiliário, mas uma narrativa sobre pertencimento e resistência. Dialoga-se com Lucy Huskinson (2018), que entende os espaços como extensões da mente.

Apesar dos contextos distintos, ambos os filmes revelam como o espaço moderno expõe ou silencia temas como isolamento, memória e pertencimento. Entre *Medianeiras* e *Aquarius*, a arquitetura, mesmo imóvel, move a narrativa.

Palavras-chave: ARQUITETURA, CINEMA, PERTENCIMENTO

ARQUITETURA MODERNA E ESTRATIFICAÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO COMO VALOR

Claudio Comas Brandão e Pedro Murilo Gonçalves de Freitas

No final do século XX, quando as preocupações com a conservação da arquitetura moderna tornaram-se centrais, surgiram os principais confrontos entre a história de diversas construções, suas relações com as intenções originais de projeto e sua efetiva condição material.

Se, de um lado, a obsolescência dos materiais e seu estado de degradação acelerada convidavam a uma revisão crítica do ideário moderno — especialmente quanto à confiança no progresso técnico e na permanência das soluções construtivas —, de outro, o uso continuado de inúmeros edifícios desde sua construção revela uma dinâmica diferente. Intervenções voltadas a acrescentar ou adequar funções, restituir o desempenho físico de elementos, ou simplesmente responder a demandas alheias às intenções originais dos projetos, tornaram-se recorrentes. O reconhecido papel das comunidades na salvaguarda destes edifícios tem levado a favorecer a importância das chamadas “adaptações comunitárias” como atributos a serem preservados, temática que tem sobressaído nas últimas reuniões do DOCOMOMO Internacional. Esse cenário coloca em questão dimensões caras à arquitetura moderna como patrimônio cultural, reconfigurando critérios ligados à autenticidade projetual, integridade material e autoria — sobretudo em situações marcadas pela ausência ou fragmentação da documentação técnica e histórica.

Enquanto estudos decoloniais têm fornecido, em parte, ferramentas conceituais para incorporar no quadro das obras consagradas aquelas produzidas no Sul Global — sobretudo reivindicando “outras modernidades” —, ainda é rara a discussão de pesquisas que abordem a arquitetura moderna no

Brasil como objeto histórico estratificado, sujeito, portanto, à conservação de marcas, alterações, transformações de uso e adaptações que carregam valores intrínsecos. Portanto, permanece em aberto campo fértil voltado à compreensão do acervo moderno a partir de suas camadas acumuladas ao longo do tempo, por vezes ainda a revelar pelo exame dos documentos, do corpo dos edifícios e das relações entre os atores sociais que os produziu sucessivamente até hoje.

Isso se evidencia com particular força nos exemplares pouco conhecidos que compõem a vasta massa construída do modernismo brasileiro — muitas vezes à margem do reconhecimento no campo, mas cuja trajetória de transformações também se observa em obras de valor arquitetônico consagrado. A necessidade de adotar novas abordagens de conservação — especialmente em face da emergência climática, que exige soluções mais flexíveis e sustentáveis — abre espaço para reavaliações que incorporem, mesmo no âmbito da economia de recursos, da eficiência energética, e do projeto “baseado em valores”, novas estratégias de salvaguarda, documentação e gestão da conservação destas transformações, estimulando-se conceitos de “adaptação à mudança” como atributo cultural. Obras que permanecem em pé, mesmo com alterações, desafiam visões que ainda se orientam por ideias de pureza projetual ou retorno a um estado original.

Esta sessão propõe o desafio de recuperar trabalhos e pesquisas que permitam identificar transições e metamorfoses da arquitetura moderna no uso, na linguagem, nas tecnologias construtivas, ou mesmo na incorporação de acréscimos e modificações ao longo do tempo. Propõe-se estimular o debate de casos no qual o exame das edificações modernas permitiu a incorporação e inclusão de novos valores, enquanto fases, etapas de construção, discursos e problemas para o enfrentamento de sua preservação no século XXI.

DO HOSPÍCIO AO CAMPUS UNIVERSITÁRIO: A ARQUITETURA FEITA POR PARTES DO INSTITUTO DE NEUROLOGIA DEOLINDO COUTO

Rafael Barcellos Santos e Bernardo Albuquerque

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise tipológica do edifício do Instituto de Neurologia Deolindo Couto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, feito de partes diversas e de épocas supostamente distintas. Localizado no Campus da Praia Vermelha, e dentro dos limites da Área de Proteção do Ambiente Cultural do bairro de Botafogo, o edifício é parte integrante do diversificado complexo arquitetônico do campus. As características tipológicas de sua arquitetura sugerem diversidade equivalente e uma sequência de transformações e ampliações historiograficamente ainda inexploradas, a partir do pavilhão de linguagem acadêmica do Instituto de Neurosífilis, construído nos fundos do antigo Hospício Pedro II e atual Palácio Universitário que hoje dá forma ao campus, e que foi sendo atualizado e ampliado até chegar aos característicos elementos de proteção solar que abrigam suas varandas em balanço, e às formas que distinguem a moderna linguagem arquitetônica que agora se apresenta a quem passa pela sua frente, mas que ao mesmo tempo esconde o que pode haver por trás. Os processos de ampliação da estrutura do Instituto ao longo dos anos e a sua condição simultânea de dispositivo de saúde e repositório de estratos e camadas temporais, portanto, interessam a este trabalho, inclusive para o entendimento dos modos de se projetar em ambientes consolidados existentes. A complexidade de sua arquitetura e do seu funcionamento, assim sendo, faz do edifício do Instituto de Neurologia Deolindo Couto um objeto de estudo a ser pesquisado como fenômeno típico de estratificação arquitetônica e também urbana, uma vez observada tanto na escala do edifício em si como na escala do lugar e do conjunto arquitetônico de que faz parte.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO, TIPOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO.

A METAMORFOSE DA ARQUITETURA MODERNA DE PAULO MENDES DA ROCHA EM GOIÂNIA

Marília Rezende

Nas últimas décadas, a conservação da arquitetura moderna consolidou-se como um campo de investigação marcado por tensões fundamentais entre os princípios de permanência material e as demandas de adaptação funcional e simbólica. A rápida obsolescência programática, o envelhecimento precoce dos sistemas construtivos experimentais e a fragilidade dos instrumentos de tutela patrimonial representam desafios crescentes para a preservação deste legado arquitetônico. Este artigo apresenta a estruturação metodológica desenvolvida em uma pesquisa de doutoramento em curso, que investiga as metamorfoses materiais e simbólicas das quatro obras de Paulo Mendes da Rocha em Goiânia: o Jockey Clube de Goiás (1962), a Residência Bento Odilon Moreira (1963), o Estádio Serra Dourada (1975) e sua participação no Terminal Rodoviário (1984). A investigação fundamenta-se na triangulação sistemática entre três estados temporais – *as-designed* (intenção projetual), *as-built* (materialização construtiva) e *as-is* (condição contemporânea) – operacionalizada através de ferramentas de *Heritage Building Information Modeling* (HBIM). Sustenta-se a premissa de que as transformações identificadas nestas obras configuram processos dinâmicos de adaptação funcional, resignificação social e evolução material, que ultrapassam a noção convencional de degradação patrimonial, e que também se entendem como um valor das obras. Como contribuição específica, o artigo propõe um quadro metodológico integrado para análise das transformações do patrimônio moderno, articulando documentação histórica, levantamento geométrico e registro dos usos contemporâneos. Busca-se, ainda, demonstrar a operacionalidade do HBIM como instrumento unificador para compreender, documentar e difundir este patrimônio em contextos urbanos em acelerada transformação, como é o caso de Goiânia.

Palavras-chave: HBIM (1), ARQUITETURA MODERNA (2), PAULO MENDES DA ROCHA (3), GOIÂNIA (4)

SESC CONSOLAÇÃO: ESTRATIGRAFIAS DE UM EDIFÍCIO EM TRANSFORMAÇÃO

Luiza Nadalutti

O artigo examina o Sesc Consolação como caso exemplar para compreender a arquitetura moderna em sua condição estratificada, cujos valores derivam da leitura crítica das camadas materiais e simbólicas acumuladas ao longo de quase seis décadas. Inaugurado em 1967 e primeiro edifício encomendado pelo Sesc (Serviço Social do Comércio) na capital, o conjunto marcou a transição institucional do reaproveitamento de imóveis adaptados para uma arquitetura concebida em diálogo com arquitetos, capaz de traduzir a ampliação do programa sociocultural da entidade. Projetado por Icaro de Castro Mello, o edifício integrou verticalmente atividades esportivas, culturais e de convivência em estrutura de concreto armado de grandes vãos, com fachada marcada por brise-soleil. Sua trajetória posterior foi caracterizada por intervenções sucessivas — reconfigurações internas, adequações técnicas, mudanças programáticas e atualizações de imagem — que produziram apagamentos e permanências, compondo um mosaico de temporalidades que desafia concepções normativas de autenticidade e integridade. A pesquisa, em andamento, mobiliza fontes primárias, observação direta e análise das dinâmicas institucionais que motivaram tais alterações, buscando compreender o edifício como produto contínuo da ação de múltiplos agentes. Ao deslocar o foco do estado original do edifício para sua historicidade construída, o estudo argumenta que as transformações acumuladas constituem atributos culturais relevantes, cuja leitura crítica é indispensável para orientar práticas de preservação. O caso do Sesc Consolação evidencia a necessidade de abordagens capazes de reconhecer temporalidades sobrepostas e compreender a transformação como componente da condição histórica da arquitetura moderna.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, PRESERVAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO, SESC CONSOLAÇÃO, SÃO PAULO

VIVER O MODERNO: EXPERIÊNCIAS HABITANTES E TRANSFORMAÇÕES NAS UNITÉS D'HABITATION DE LE CORBUSIER

Priscilla Bittencourt Biassi

Como representar a arquitetura em sua dimensão viva— em sua complexidade ativa, contraditória e sempre inacabada? Como dar conta de seus movimentos, reconfigurações e contínuas reinvenções, sem reduzi-la a uma imagem fixa ou a uma leitura canônica?

Este artigo propõe uma reflexão sobre a *arquitetura em movimento* a partir das Unités d'Habitation de Le Corbusier localizadas na França. O objetivo é compreender o dinamismo da arquitetura a partir das experiências cotidianas dos moradores, documentando as múltiplas formas de apropriação, transformação e invenção do espaço.

A pesquisa parte das proposições de Latour e Yaneva*, que reivindicam modos de representação capazes de dar conta do dinamismo dos edifícios, e dialoga com Ingold**, ao pensar a arquitetura como um fazer contínuo— uma linha de vida e não um ponto de chegada. Inspirada também nas epistemologias situadas, a metodologia combina levantamento habitado, historiografia oral e cartografia sensível compondo uma abordagem que privilegia o vínculo entre teoria, experiência e sensibilidade.

Ao eleger as Unités d'Habitation como campo empírico, a pesquisa busca tensionar a centralidade do autor e do projeto, deslocando o foco para as práticas habitantes que reconfiguram e mantêm viva a arquitetura. As transformações materiais e simbólicas operadas, longe de comprometer a integridade arquitetônica, conferem densidade histórica e sensível às edificações, revelando o valor da transformação como continuidade.

Assim, o artigo propõe pensar a conservação não como preservação da forma, mas como reconhecimento da vida que a atravessa— uma arquitetura feita de gestos, memórias e resistências, que persiste não por permanecer igual, mas como campo aberto de experimentação, transformação e vida.

Palavras-chave: HABITAR, UNITE D'HABITATION, ARQUITETURA EM MOVIMENTO, PRÁTICAS HABITANTES; EPISTEMOLOGIAS SITUADAS

* Latour, Bruno e Yaneva, Albena. 2008. "Give Me a Gun and I Will Make All Buildings Move: An ANT's View of Architecture." In *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*, editado por Reto Geiser, 80–89. Basel: Birkhäuser.

** Ingold, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge, 2011.

ED. AJURICABA E A ESTRATIFICAÇÃO NA CONSERVAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM MANAUS - AM

Vlória Cantanhede

Este artigo trata do acervo arquitetônico do século XX constitutivo da paisagem do Centro Antigo de Manaus – AM, estabelecendo como recorte, o Edifício Ajuricaba projetado por Paulo Antunes Ribeiro (ENBA, 1926) inaugurado em 1951. Trata-se de um exemplar significativo que sobrevive, documentando a história de Manaus e sua arquitetura, sendo sua preservação, desafiada pelo impacto de transformações sedimentadas durante os anos de sua existência. A partir deste caso em específico, o trabalho objetiva contribuir para a discussão em torno da presença de imóveis de caráter moderno no contexto manauense, na condição de bens culturais, desde a leitura de seu transcurso no tempo. Para tanto, considera os efeitos advindos de sua trajetória histórica, sejam os relativos ao fluxo dos significados socialmente atribuídos, à sua reconfiguração física, aos sinais de sua degradação. A análise documental, de transformações na imagem pública do imóvel e os levantamentos fotográficos atuais, deram a ver em perspectiva histórica, a superposição de sucessivas intervenções, ampliações irreversíveis ou formas de uso e ocupação resultantes de demandas contingentes e desregradas. Ademais, o edifício, em suas atuais dinâmicas de uso, abriga uma população significativa de comerciantes, moradores, trabalhadores, visitantes. Estes fatores complexificam a preservação do bem, caso fundada em noções estritas de originalidade, que desconsiderem sua história e respectivas estratificações, além das práticas sociais ambientadas no Centro Antigo de Manaus e a participação da comunidade no reconhecimento de valores relacionados a tal bem imóvel, sustentados pela sua importância para a paisagem e memória urbanas da cidade no presente.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO MODERNO (1), PRESERVAÇÃO (2), CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS (3), HOTEL AMAZONAS (4).

ARQUITETURA MODERNA HOSPITALAR: PROJETOS, ACERVOS E PATRIMÔNIO

Renato Gama-Rosa Costa e Ana Amora

O estudo da tipologia hospitalar como um importante contributo aos estudos da modernidade está cada vez mais latente nas pesquisas de arquitetos, urbanistas, engenheiros e historiadores. A importância de se estudar esta tipologia está em se debater como os projetos para a saúde responderam aos desafios sociais e científicos demandados para sua realização, em plena modernidade da primeira metade do século XX. A arquitetura moderna da área da saúde é um programa de modernidade e inovação que norteou a concepção da arquitetura moderna. Esta sessão busca ser um espaço de discussão dessa temática no âmbito do Docomomo Brasil, que tem recebido estudos em seus seminários, desde particularmente o *Homework* elaborado para o Docomomo Internacional intitulado “*Health and Modern Architecture*”, entre 2011 e 2012. A partir dessa importante iniciativa, as preocupações quanto à conservação, proteção patrimonial e identificação de acervos relativos a essa tipologia do movimento moderno têm sido contempladas por pesquisadores de diferentes áreas, entre instituições públicas, privadas e autônomas. Orientados pela medicina, os projetos para edificações de saúde procuraram trazer, em sua essência, respostas concretas cujas marcas ainda estão em nossas cidades e no nosso cotidiano citadino. Ao mesmo tempo que configuram importantes contribuições à arquitetura moderna, sua conservação e preservação enfrenta os desafios inerentes a qualquer obra do período, acrescidos das preocupações quanto à manutenção de seu uso e características construtivas originais. Devido às necessidades espaciais e às demandas tecnológicas, a transformação, a desativação ou a demolição são uma certeza. Vale lembrar que na Holanda, com a iminente destruição do sanatório Zonnestraal, surgiu a oportunidade de criar o Docomomo Internacional no ano de 1988, evidenciando o quão necessário é pensar na proteção e

SESSÃO

valorização desta tipologia entre as diretrizes da preservação do Movimento Moderno. A despeito dessa origem, sentimos que a arquitetura hospitalar moderna ainda não foi devidamente estudada no Brasil, embora recentes contribuições estejam surgindo de diferentes partes do país. Se um hospital precisa continuar sendo útil ao que foi demandado para sua construção, deve-se apostar na tecnologia em detrimento da conservação de seu projeto original? Ou deve-se preservar suas características arquitetônicas originais que justificaram a relevância de seu projeto para a história da arquitetura, e rever seu uso? Como conciliar tais desafios? O diálogo é necessário e cada vez mais urgente. Nesse sentido, a preservação de acervos de arquitetura e engenharia da saúde do período moderno se faz cada vez mais presente, indicando atitudes mais atentas das instituições de preservação e salvaguarda como contribuição à proteção patrimonial dos espaços de saúde. Esta sessão estabelece como objetivos reconhecer os edifícios modernos de saúde como uma tipologia moderna que ainda precisa ser compreendida como parte dos ideais do Movimento Moderno; identificar os edifícios modernos de saúde como sujeitos a contínuas transformações espaciais e reconhecê-los como edifícios paradigmáticos para discutir estratégias de conservação e reabilitação dentro da ideologia do Movimento Moderno; e, por fim, identificar as características singulares dos projetos, a forma, a tecnologia e o conhecimento como base para a definição das estratégias de intervenção.

A PRESERVAÇÃO OFICIAL DA ARQUITETURA HOSPITALAR EM SÃO PAULO

Silvia Ferreira Santos Wolff

Há um dilema enfrentado por técnicos e conselhos de preservação ao se depararem com demandas inquestionáveis por atualização de espaços hospitalares. A história da arquitetura da saúde revela o quanto os espaços se transformaram por alterações nos procedimentos médicos e por inovações tecnológicas ao longo do tempo. No século XX houve progressivo abandono das estruturas pavilhonares, consagradas em período anterior. E torres substituíram os espaços antes divididos em alas que separavam fisicamente enfermidades. O desafio tem sido o de como manter ativas edificações que demarquem a cronologia dessas mudanças. Será possível adaptá-las ao presente, ou ainda, é pertinente conservar estruturas obsoletas de grande magnitude? Com que usos? Se grandes conjuntos, como mosteiros, fábricas ou instalações de provimento energético cujas finalidades originais se esgotaram, vêm sendo, cada vez mais, reaproveitados com novos programas no mundo todo, esse é um destino bem menos usual para espaços hospitalares. Esses são demolidos parcial ou integralmente ou são ampliados em remodelações que os descaracterizam. Esse artigo propõe-se a verificar como o Condephaat, o conselho de preservação do patrimônio cultural paulista, tem atuado desde sua criação, ao final da década de 1960, ao receber solicitações para tombamento de instalações hospitalares. Nesse percurso não há exemplos de arquitetura moderna, pois o Estado de São Paulo iniciou construções de espaços destinados à saúde já no século XIX, porém, foi também em São Paulo, que arquitetos como Rino Levi promoveram uma atualização dos espaços de atendimento a doentes por meio da arquitetura moderna. Esse levantamento identifica diferentes momentos da história da arquitetura hospitalar paulista em geral, as transformações das instalações e as dificuldades em conciliar preservação e uso contemporâneo dos espaços.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, PRESERVAÇÃO CULTURAL, INTERVENÇÃO NA PREEXISTÊNCIA.

BIOFILIA EM HOSPITAIS: O MODERNISMO HUMANIZADO DE LELÉ

Jagna Stefani

Os hospitais contemporâneos são majoritariamente orientados por normas técnicas e sanitárias rigorosas, que priorizam o controle de infecções, a segurança dos pacientes e a eficiência operacional. Embora essenciais, esses parâmetros tendem a gerar ambientes áridos, pouco sensíveis às dimensões afetivas e sensoriais da experiência humana, impactando o bem-estar de usuários e profissionais. Diante dessas limitações, surgem iniciativas que buscam conciliar rigor técnico e humanização, destacando-se no contexto brasileiro a obra de João Filgueiras Lima, o Lelé. Com forte atuação na arquitetura da saúde por meio da Rede Sarah Kubitschek, Lelé integrou industrialização, funcionalidade e conforto ambiental, antecipando de modo pioneiro o conceito de biofilia, a tendência inata de buscar conexão com a natureza. Essa abordagem projetual ganha relevância crescente na arquitetura hospitalar por sua capacidade de reintroduzir qualidades sensoriais, afetivas e ecológicas nos espaços de cuidado. A pandemia de Covid-19 evidenciou a vulnerabilidade dos sistemas de saúde e reforçou a necessidade de ambientes mais resilientes, adaptáveis e sustentáveis. Nesse cenário, estratégias como iluminação e ventilação naturais, somadas à presença de vegetação, revelam-se fundamentais para reduzir o consumo energético, qualificar a experiência dos usuários e favorecer a recuperação. O presente estudo analisa o Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília, marco da arquitetura hospitalar brasileira. Inscrito no modernismo tardio, o edifício articula funcionalidade, padronização construtiva e integração ambiental. A investigação mapeia suas zonas de criticidade segundo a RDC nº 50/2002, identificando como estratégias biofílicas são incorporadas em cada nível de complexidade. Ao evidenciar a biofilia como mediadora entre técnica e afeto, a pesquisa reforça a importância de diretrizes que valorizem a natureza não como ornamento, mas como elemento funcional, sustentável e humanizador. Assim, o legado de Lelé demonstra a possibilidade de conciliar rigor normativo e sensibilidade ambiental, apontando caminhos para hospitais mais integrados à natureza, acolhedores e resilientes.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, BIOFILIA, JOÃO FILGUEIRAS LIMA.

O PATRIMÔNIO DA SAÚDE NA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

Patricia Cavalcante Cordeiro

As Cidades Universitárias no Brasil foram um grande campo de experimentação e atuação da arquitetura moderna, a partir da década de 1930. A Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro é um marco nessa trajetória, pois configura o ponto de partida do projeto educacional e político na tentativa da criação de um modelo para as Cidades Universitárias Brasileiras, encampado por Gustavo Capanema quando a frente do Ministério da Educação e Saúde Pública (MES).

O conjunto urbano e arquitetônico da Cidade Universitária, projetado pelo Arquiteto Jorge Machado Moreira e a equipe do Escritório Técnico Universitário (ETUB) e os seus edifícios do conjunto inicial (1949-1970) ligados aos programas da saúde, constituem uma importante fonte de memória do Movimento Moderno e do Patrimônio da Saúde.

Neste artigo serão abordados o contexto histórico e o panorama da formação do campus da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, dando destaque aos edifícios da saúde, detalhando a história da construção do Hospital das Clínicas.

A documentação do antigo Escritório Técnico Universitário (ETUB), sob guarda do Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU UFRJ, permite remontar a história da criação do campus e do projeto dos edifícios, em suas várias versões. A leitura da documentação contribui para o entendimento da concepção inicial do projeto, deste que foi um dos exemplares pioneiros de hospital escola no ensino universitário.

O aprofundamento do conhecimento sobre o plano urbano e o edifício, tanto do ponto de vista histórico e documental como do ponto de vista projetual, visa contribuir para o entendimento da sua importância para arquitetura moderna, propiciar o reconhecimento de seus valores como patrimônio da saúde e afirmar a necessidade da preservação, deste que é um dos conjuntos modernistas mais importantes da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA DA SAÚDE, CIDADE UNIVERSITÁRIA, PRESERVAÇÃO

PLANOS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO PARA O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO HOSPITALAR MODERNO: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS

Pedro Murilo Gonçalves de Freitas e Marta Cristina Ferreira Buarque Guimarães

Este estudo pretende contribuir para a disseminação do patrimônio hospitalar moderno, através da sua associação a atividades de investigação associadas às etapas necessárias para sua adequada conservação. Elegendo-se como estudo de caso o Instituto de Neurologia Deolindo Couto, situado no Campus da Praia Vermelha da UFRJ, este artigo descreve as principais estratégias adotadas para a implementação de Planos de Conservação e Manutenção através de metodologias baseadas em valores. Para isso, tem por objetivo descrever as primeiras reflexões associadas e levantar oportunidades e desafios sobre o tema.

Palavras-chave: CONSERVAÇÃO PREVENTIVA, PATRIMÔNIO MODERNO HOSPITALAR, METODOLOGIAS BASEADAS EM VALORES.

CARTOGRAFIAS MODERNAS DO MARANHÃO: O MAPA DA PESTE DE 1905 E O MAPA DA EXPANSÃO URBANA 1950 DO ÁLBUM MIÉCIO JORGE. DIÁLOGOS URBANOS E ARQUITETURA HOSPITALAR EM SÃO LUÍS DO MA.

Grete Soares Pflueger e Bruno David Ferreira

O artigo busca analisar duas cartografias modernas do Maranhão no século XX que constam nas fontes primárias do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite de São Luís (<https://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervo-digital/>): são elas: o livro: “A peste do Maranhão” de autoria do médico Victor Godinho de 1904, relatório feito para o Governador Alexandre Collares Moreira que apresenta o mapa da peste e imagens de edifícios hospitalares e o segundo livro é o “Álbum do Maranhão” de autoria do jornalista Miécio Jorge, que apresenta o mapa da expansão urbana de São Luís de 1950 e imagens dos hospitais modernos.

A pesquisa busca um diálogo entre as cartografias e exemplares da arquitetura hospitalar moderna e o processo de expansão urbana da cidade, resgatando fontes primárias de pesquisa e lançando um novo olhar sobre

o urbanismo na capital. O recorte temporal é a primeira metade do século XX, o recorte espacial é o centro histórico de São Luís do Maranhão e o recorte teórico é baseado nas fontes primárias do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite -BPBL em São Luís(livros e relatório de Paulo Ramos da Era Vargas no Maranhão (1935-47), em autores maranhenses que tratam a expansão urbana como (LACROIX 2015,2020) e em autores da arquitetura Moderna e hospitalar (SEGAWA (1999) e COSTA (2008,2013).

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, MARANHÃO, CARTOGRAFIAS MODERNAS.

VALORES MODERNOS, HOSPITAL E CIDADE: INTEGRAÇÃO URBANA COMPARADA

Carlos Homero Bakke de Araujo e Eunice Helena Sguizzardi Abascal

O artigo propõe uma análise comparativa entre edifícios hospitalares modernistas e contemporâneos, com foco na relação entre arquitetura, urbanismo e cidade. O estudo examina os projetos do Hospital Pérola Byington e do Hospital Antônio Cândido de Camargo, ambos concebidos sob os valores da arquitetura moderna, em confronto com o Hospital da Mulher de São Paulo e o Hospital de Urgência de São Bernardo do Campo, representativos da produção recente, pós RDC50/2002. Parte-se do reconhecimento de que os hospitais são equipamentos estruturantes do tecido urbano, com potencial de qualificar ou fragmentar os bairros onde se inserem. Com base em análise documental, leitura morfológica e observação de campo, a pesquisa investiga como as decisões projetuais impactam a permeabilidade, os fluxos, a acessibilidade e a vitalidade urbana em torno dos edifícios de saúde. O artigo propõe diretrizes para atualizar os valores modernos de abertura, racionalidade e clareza funcional na concepção de hospitais contemporâneos mais integrados ao contexto urbano, capazes de fomentar bem-estar, pertencimento e acessibilidade social.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, MODERNISMO, MORFOLOGIA URBANA, ACESSOS

CARLOS LEMOS E A MODERNA ARQUITETURA DE UNIDADES SANITÁRIAS

Gustavo Ladeira Caracuel

O trabalho examina conceitos da arquitetura hospitalar moderna a partir da localização inédita do artigo “Nova orientação nos projetos de prédios para unidades sanitárias” (1959), de Carlos Lemos, publicado nos *Arquivos de Higiene e Saúde Pública* (n.os 75–82). O estudo analisa as proposições de Lemos, então arquiteto da Secretaria da Saúde, para as unidades sanitárias vinculadas ao Plano de Ação do governo de Carvalho Pinto (PAGE, 1959-1963). Discute-se a polivalência e a formação de novos programas, contextualizando o artigo. A diversidade de proposições sobre o programa da unidade sanitária é o objeto de análise, por suas implicações na modernização da arquitetura hospitalar do PAGE. Este Plano promoveu novas linguagens na arquitetura pública paulista. No recorte da saúde, destacam-se arquitetos como Rino Levi e Jarbas Karman, defensores da adaptabilidade da arquitetura hospitalar moderna à realidade nacional. Os projetos do PAGE propuseram a conjunção entre medicina curativa e profilática, associando o equipamento de saúde à estruturação urbana. O artigo de Lemos defende a polivalência associada à unicidade dos projetos, opondo-se ao modelo de projetos-tipo do DOP-SP. Seus argumentos alinham-se à diretriz oficial do PAGE, que buscava esse conceito. Essa visão era compartilhada pelo secretário Fauze Carlos, que a via como equacionamento mais racional dos problemas. Lemos atribui “dignificação” ao Plano, superando o cenário preexistente na arquitetura da saúde. O trabalho contextualiza os comentários de Lemos sobre equipamentos de saúde do PAGE, como a Unidade Polivalente de Catanduva, de 1959, da Seção de Engenharia Sanitária; o P.A.M.S de Cunha, de Jon Maitrejean (1959); e o Posto Bivalente de Pontal (1959), de Carlos Millan e Galiano Ciampaglia. Destaca-se o lugar das unidades sanitárias como campo de experimentação programática e projetual moderna, mediado por avanços da medicina.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR MODERNA, ARQUITETURA PÚBLICA, CARLOS LEMOS, PLANO DE AÇÃO (PAGE), UNIDADES SANITÁRIAS.

VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE PERNAMBUCO

Elisabeth d'Abreu Hirth e Barbara Cortizo de Aguiar

A preservação da arquitetura moderna hospitalar é tema de crescente relevância no cenário mundial, sendo um campo disciplinar que abrange desde a salvaguarda de edificações históricas e acervos científicos, à valorização da memória institucional, bem como a promoção da educação e da pesquisa. No caso dos edifícios modernos que desempenham atividades hospitalares, demandas sociais, tecnológicas, científicas e exigências médicas implicam a necessidade permanente de intervenções no espaço físico.

No contexto do Recife, o anseio por modernização gerou transformações urbanas significativas nas décadas de 1940 e 1970. Uma delas, foi o projeto urbanístico para a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da década de 1950, que contribuiu para a expansão à zona oeste, e teve o Hospital das Clínicas, projetado entre 1950 e 1951 por Mario Russo, como um dos seus marcos. A construção inicial obedeceu à estrutura e aos conceitos do projeto arquitetônico de Russo, mas com *layout* modificado para atender à demanda da época. Ao longo dos anos, diversas reestruturações aconteceram como processos de modernização, reformas e construções de novas edificações externas ao conjunto.

A conservação de um edifício histórico se torna, portanto, um desafio perante a complexidade de um hospital. O bom funcionamento assistencial, de ensino e de pesquisa em edificações preservadas, com excelência, garante a vitalidade destes importantes bens patrimoniais.

Assegurar uso e função ao patrimônio edificado pode promover sua preservação. A salvaguarda do Hospital das Clínicas, portanto, deve ser orientada por políticas públicas que reconheçam o valor do patrimônio moderno da saúde, promovendo intervenções qualificadas que assegurem a integridade de sua infraestrutura, preservando a história da arquitetura hospitalar brasileira, da medicina, do ensino e da pesquisa.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO DAS CIÊNCIAS E SAÚDE, MÁRIO RUSSO, ARQUITETURA HOSPITALAR.

HOSPITAL DA LAGOA: A MODERNA ARQUITETURA HOSPITALAR BRASILEIRA

Elza Maria Alves Costeira

Apresentamos o Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, como representante do Movimento Moderno Brasileiro. Importante exemplar da arquitetura moderna, configura modelo de atendimento hospitalar à época de sua concepção, evidenciando as formas de adoecimento e cura de então.

Nas décadas de 1940 a 1960, a partir dos princípios preconizados por Le Corbusier, empregados no Ministério da Educação e Saúde Pública, marco da nova arquitetura, tem início um período de construções de edifícios com programas complexos, como hospitais.

Em 1952 tem início sua construção, pela fundação Larragoiti, como Hospital Sul América, concebido pelos arquitetos Oscar Niemeyer e Hélio Uchôa, jardins desenhados por Roberto Burle Marx e painéis com azulejos de Athos Bulcão. A obra durou sete anos e encontrou dificuldades para sua finalização. Suas qualidades de concepção aliadas à preocupação com a humanização e conforto ambiental, merecem um estudo para apontar conceitos da melhor arquitetura hospitalar.

O Hospital incorpora os conceitos do movimento moderno e o emprego dos “cinco pontos da arquitetura” de Le Corbusier. No entanto, mais do que um protótipo do uso dos brises e dos cobogós, percebe-se a personalização desta arquitetura com valores genuinamente nacionais e históricos na sua arquitetura.

Nota-se a busca por maior conforto nas enfermarias, com estudo de orientação do prédio e emprego de elementos para boa ventilação e insolação, características essenciais para hospitais. Sua arquitetura foi capaz de absorver novas tecnologias ao longo do tempo, compatibilizando-as com uma abordagem pioneira de conforto ambiental e humanização.

Este artigo foi desenvolvido a partir da tese apresentada pela autora em 2018, no Proarq-FAU/UFRJ. Contou com pesquisas *in loco*, entrevistas ao corpo clínico e administrativo do hospital, e observação de plantas do projeto original, no arquivo da Gerência dos Hospitais Federais do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: ARQUITETURA HOSPITALAR, ARQUITETURA MODERNA, PATRIMONIO MODERNO.

CIDADE MODERNA, ARQUITETURA MODERNA: REFLEXÕES SOBRE O HOSPITAL-COLÔNIA JULIANO MOREIRA, NA CAPITAL DA PARAÍBA.

João de Oliveira Crispim e Maria Berthilde Moura Filha

No Brasil, a modernidade foi atravessada pelo ideal de ordem e progresso. Esse ideário, que preconizava a racionalidade, passou a ordenar e disciplinar tudo e todos aqueles que desviavam da norma. Nessas circunstâncias, era necessário medicalizar e separar os corpos daqueles que ameaçavam a ordem pública. Na capital da Paraíba, emergiram edificações que visavam afastar do meio social aqueles tidos como indesejáveis. Dentre essas instituições, nasceu o Hospital-Colônia Juliano Moreira, inaugurado em 1928, como uma estratégia de reordenamento espacial que destinou aos bairros periféricos as instituições de tratamento e isolamento daqueles corpos incompatíveis com a cidade moderna. O edifício neocolonial revela uma das contradições mais significativas da modernidade: a contradição. A episteme moderna transgride os limites, se reorganiza, se inscreve nas margens, e se desmancha no ar. Ao despertar do sono dogmático, ela possibilita a emergência de novo discurso – do moderno. É aquele onde o progresso e desenvolvimento andam lado a lado com a prática inaudita do isolamento, silenciamento e estigmatização. Não obstante, é também a episteme moderna que possibilita interrogar o solo a partir do qual determinadas coisas podem ser ditas, certos discursos podem aflorar, e outros, não. É, pois, o que nos permite problematizar: o que pode ser considerado moderno? Sob quais condições uma edificação pode ser reconhecida como moderna? O Hospital-Colônia Juliano Moreira parece escancarar esses dilemas, ao passo em que foi a expressão da modernização da cidade, mas que permanece sem o reconhecimento enquanto integrante do patrimônio moderno paraibano. Portanto, o objetivo por meio desse texto é problematizar essa instituição enquanto uma edificação moderna, além de, questionar a ausência do debate sobre o tema. Para isso, pretende-se uma análise documental, articulada com o referencial teórico, a fim de discutir o reconhecimento dessa edificação, ainda que paradigmática, mas produto da ideologia de um tempo dito moderno.

Palavras-chave: MODERNIDADE, MODERNIZAÇÃO, MODERNO.

MODERNISMO EM DISPUTA: ESPAÇO, TECNOLOGIA E PERMANÊNCIA NO HCPA

Jenifer Godoy Daltrozo e Betina Tschiedel Martau

A arquitetura hospitalar moderna constitui um campo emblemático da modernidade, no qual se entrelaçam avanços técnicos, racionalidade espacial e valores simbólicos ligados ao cuidado. No Brasil, esse legado produziu edifícios de alto valor projetual e institucional, mas hoje sua continuidade é tensionada por transformações tecnológicas, normativas e funcionais. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) é tomado neste estudo como caso paradigmático dessas tensões entre permanência e atualização. Projetado por Jorge Machado Moreira em 1942 e implantado a partir de 1971, o Bloco A expressa os princípios da escola carioca e da arquitetura moderna, forma prismática, pilotis, fachada livre e racionalidade compositiva, que, mesmo após sucessivas reformas, permanecem legíveis em sua estrutura e organização espacial. A expansão recente do complexo, com os Blocos B e C projetados conforme o Plano Diretor Hospitalar e ocupados a partir de 2020, introduziu uma lógica mais normativa e tecnocrática, orientada por padrões de eficiência e segurança sanitária. A partir de análise documental, projetual e bibliográfica, o presente estudo examina como o conjunto revela os dilemas da conservação crítica: a convivência entre valores originais e exigências contemporâneas. Nesse contexto, a arquitetura hospitalar moderna é compreendida como uma infraestrutura em transformação, cuja vitalidade depende da capacidade de adaptação sem ruptura de seus fundamentos espaciais e simbólicos.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA (1), CONFORTO (2), PERMANÊNCIA (3).

ARQUITETURA HOSPITALAR: INOVAÇÃO E PRESERVAÇÃO URBANA

Bianca Oresko e Maria Isabel Imbrunito

A arquitetura hospitalar evolui constantemente, impulsionada por avanços médicos, normativos e tecnológicos. No Brasil, muitos hospitais são edifícios antigos que demandam atualizações e expansões, como o Albert Einstein

e o Hospital das Clínicas, em São Paulo. Muitos conjuntos, construídos ao longo de décadas, possuem edifícios de valor histórico e tornam-se marcos urbanos, interferindo na dinâmica do entorno. Assim, arquitetura hospitalar deixa de ser apenas técnica para se tornar estratégica, e enfrenta o seguinte desafio: como a modernização hospitalar pode atender às rigorosas normas atuais, como a RDC 50 da Anvisa, sem descaracterizar seu patrimônio histórico e identidade? A resposta muitas vezes está na própria heterogeneidade dos conjuntos e na lógica da arquitetura moderna, que, com sua modularidade e flexibilidade, facilita conexões e transformações. O estudo de caso proposto é o Hospital das Clínicas da FMUSP, um marco da arquitetura moderna planejado nos anos 1930, e exemplo dessa adaptação contínua, integrando-se à malha urbana e atendendo às novas demandas sem perder sua identidade histórica.

Palavras-chave: HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP (1), PATRIMÔNIO HISTÓRICO HOSPITALAR (2), MODERNIZAÇÃO DE HOSPITAIS (3)

CONTRA A OBSOLESCÊNCIA: O HOSPITAL DE COQUIMBO E OS PRIMEIROS PROJETOS DA SCEH, 1967–1976

Claudio Galeno-Ibaceta e Logan Leyton Ossandon

Globalmente, a saúde ocupou um lugar privilegiado na instauração dos princípios da arquitetura moderna. Como afirma Colomina, “não é que os arquitetos modernos fizessem sanatórios modernos, mas, antes, que os sanatórios modernizaram os arquitetos” (Colomina; 2021; 66). Na América do Sul, e especialmente no Chile, os terremotos desempenharam um papel análogo. Este texto explora como ambos os catalisadores de modernidade confluíram nesta região da América do Sul no início do último quarto do século XX.

Palavras-chave: OBSOLESCÊNCIA (1), TERREMOTOS (2), SOCIEDAD CONSTRUCTORA DE ESTABLECIMIENTOS HOSPITALARIOS (3).

A ARQUITETURA MODERNA DE SAÚDE EM SALVADOR: O CASO DO HOSPITAL ARISTIDES MALTEZ

Paloma Ramos Oliveira

Este trabalho é resultado parcial da pesquisa intitulada “Uma análise histórica do desenvolvimento da arquitetura moderna de saúde em Salvador: O caso do Hospital Aristides Maltez”. O estudo analisa e aprofunda o conhecimento histórico e arquitetônico sobre as edificações modernas de tratamento oncológico em Salvador-BA. O objetivo é investigar o desenvolvimento desses espaços arquitetônicos singulares, de grande valor cultural, e particularmente, o Hospital Aristides Maltez (HAM) desde os anos 1940 até o presente.

A construção do Instituto de Cancerologia da Bahia na década de 1940 foi um marco importante para a consolidação da rede pública de atendimento ao câncer no estado.

Além de sua relevância institucional e assistencial, o hospital constitui um exemplo significativo da arquitetura moderna de saúde implantada na Bahia entre as décadas de 1930 e 1950.

O estudo se insere nas discussões sobre a preservação do patrimônio cultural da saúde e nos esforços em se valorizar essas tipologias arquitetônicas integrando história, cultura e saúde pública.

De acordo com Costa e Sanglard (2008), o desaparecimento de marcos arquitetônicos compromete a identidade dos usuários e trabalhadores da saúde, bem como da sociedade em geral.

Busca-se salientar a importância do estudo, registro e documentação das instituições de assistência à saúde para

compreender a história da saúde no Brasil e em particular da Bahia, para assim, podermos subsidiar a adoção de medidas de preservação patrimonial, e propor estratégias eficientes de intervenção nesses estabelecimentos.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA; PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE; ARQUITETURA HOSPITALAR

ARQUITETURA PARA A SOCIEDADE A PARTIR DO ESTADO

Jasmine Luiza e Miguel Antonio Buzzar

No Brasil, a arquitetura moderna conheceu suas melhores expressões quando associada à construção da imagem do Estado-nação. Essa vinculação refletiu não apenas um compromisso com a modernização do país, mas também a busca por uma identidade arquitetônica própria que expressasse os ideais de progresso, desenvolvimento e, de certo modo, de coesão social desempenhando um papel estratégico na materialização cultural, por meio da realização de edificações institucionais, equipamentos coletivos e inúmeras outras obras.

Na historiografia brasileira vê-se que a arquitetura moderna está diretamente relacionada às obras públicas, em diferentes governos. A princípio, no governo de Getúlio Vargas, conheceu a dimensão simbólica de progresso, mesmo que não fosse “eleita” como linguagem oficial do governo, e convivesse com outras linguagens arquitetônicas. Posteriormente, em paralelo à difusão nacional e veiculação internacional, alcançou sua consagração nos mandatos de Juscelino Kubitschek com obras em Minas Gerais e, como presidente, com a construção da nova capital, Brasília, em ambos os casos tendo Oscar Niemeyer como autor dos projetos simbólicos das gestões políticas.

As concepções arquitetônicas, a partir das demandas públicas, além da dimensão cultural, constituem um conjunto da expressão material da arquitetura, na medida em que esses equipamentos não apenas abrigam funções essenciais para o cotidiano como educação, saúde e cultura, mas também refletem concepções sobre “projetos de sociedade” e cidadania almejados. Ao configurar espaços de serviços, encontro e socialidade, tornam-se elementos centrais na construção da vida pública e na conformação simbólica das cidades.

A relação entre a arquitetura moderna e a preservação cultural configura um campo amplo de investigação, revelando desafios e contradições no

SESSÃO

reconhecimento e na proteção desse legado. Entretanto, a preservação dos bens modernos não recebe a devida atenção do Estado. Nos últimos anos, no Brasil, esse patrimônio tem sido alvo de ataques, descaracterizações e tentativas de alienação, evidenciando o descaso e a fragilidade dos mecanismos de proteção. A depredação dos edifícios situados na Praça dos Três Poderes, reconhecida como Patrimônio da Humanidade, ocorrida durante a tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023, ainda que tenha tido uma motivação política que extrapola o campo patrimonial, exemplifica um processo mais amplo de negação da cultura e pelo conhecimento que alimenta a vulnerabilidade do patrimônio público moderno brasileiro. Além de casos emblemáticos, como a proposta de venda do Palácio Capanema, a concessão do Estádio do Pacaembu à iniciativa privada e os ataques à integridade do Conjunto Esportivo do Ibirapuera, que ilustram a crescente mercantilização e a negligência em relação à preservação desse legado. As relações entre a arquitetura moderna e a construção do patrimônio público constituem uma ampla frente de investigações. Partindo do entendimento que a arquitetura moderna é múltipla em sua variedade de formas e concepções, a proposta tem como intuito identificar e refletir sobre concepções arquitetônicas menos

difundidas na historiografia e suas relações com o poder. A sessão se propõe como um espaço de reflexão sobre o papel social da arquitetura moderna construída a partir de demandas políticas do Estado, sendo patrimônio reconhecido ou não.

Espera-se receber trabalhos que reflitam sobre “A ARQUITETURA MODERNA PARA A SOCIEDADE A PARTIR DO ESTADO”, visando conhecer e debater a contribuição da arquitetura moderna e governanças; trabalhos que analisem e/ou identifiquem patrimônio público e sua preservação nos tempos atuais; registros dos profissionais envolvidos; obras modernas de uso público e seu capital simbólico.

ARQUITETURA PÚBLICA MODERNA NO SERTÃO: CASO DA TELPA SOUSA

Rani Silva e Gabriel Medeiros

Este trabalho investiga e documenta o edifício que sediou a antiga TELPA (Telecomunicações da Paraíba S.A.), construído entre 1973 e 1976 na cidade de Sousa, sertão paraibano, atualmente sob gestão da Oi (Oi S.A.). Inserido nas estratégias estatais de interiorização da infraestrutura de comunicação no Nordeste durante o século XX, o edifício constituiu um marco simbólico e funcional na paisagem urbana, reafirmando o papel do Estado como agente da modernização regional. Sua localização central e sua função institucional conferiram-lhe visibilidade e importância, consolidando-o como referência urbana e articulando dimensões práticas e representativas da presença estatal na formação de um centro urbano mais conectado aos fluxos regionais e tecnológicos da época.

O estudo identifica o edifício como exemplar da arquitetura modernista, marcado pela racionalidade construtiva e pelo funcionalismo característicos das edificações públicas da segunda metade do século XX no Brasil. Essas tipologias expressavam não apenas uma estética arquitetônica, mas também uma ideologia técnica e social associada aos valores de progresso, eficiência e universalização dos serviços. A investigação busca elucidar as condições de projeto e construção, contribuindo para compreender a difusão da arquitetura moderna institucional em cidades médias do interior nordestino.

A metodologia envolve levantamento iconográfico e documental, análise morfológica, observações in loco e avaliação da inserção urbana, juntamente com a contextualização histórica da atuação da TELPA em Sousa e da disseminação do modernismo em suas unidades operacionais. Inclui também a consulta a fontes secundárias, como planos urbanos, registros administrativos e mapas históricos, além do cruzamento com depoimentos de moradores e ex-funcionários, articulando dados técnicos e memórias locais.

A leitura arquitetônica revela soluções alinhadas ao vocabulário modernista, como simplicidade volumétrica, modulação das aberturas, elementos de sombreamento e uso do concreto aparente. O trabalho contextualiza o papel da edificação no processo de modernização urbana de Sousa e identifica os valores arquitetônicos.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, EDIFÍCIO PÚBLICO, TELPA, SERTÃO PARAIBANO, PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

PLATAFORMAS: PAISAGEM E INFRAESTRUTURA NO PAÇO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

Márcio Fontão e Rodrigo Queiroz

As plataformas são dispositivos arquitetônicos presentes em conjuntos monumentais e fornecem limites, sustento e mediação entre a *civitas* e *urbs*. Diferente da praça histórica, cuja vitalidade emerge da apropriação espontânea, aproxima-se do *témenos* sagrado: espaço de exceção que monumentaliza uma paisagem simbólica por meio do “isolamento” e “elevação» do terreno. Na modernidade, tornou-se recurso para articular edifícios, vazio e chão, de Saint-Dié à Chandigarh. No Brasil, Praça dos Três Poderes. desdobra-se em projetos como o Paço de Santo André, o qual intensifica a dimensão infraestrutural e incorpora o cotidiano. Revela-se neste caso um paradoxo: a plataforma-paisagem como monumento convive com a plataforma-infraestrutura como suporte à vida cotidiana. Sem resolver a tensão, ela se afirma como categoria crítica para pensar dois importantes temas da arquitetura e urbanismo modernos.

Palavras-chave: PLATAFORMAS, NOVA MONUMENTALIDADE, PAÇO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

UMA NOVA SOCIEDADE MODERNA? DOIS ÍCONES NA VENEZUELA (1955-1961)

Ruan Carlos Marques dos Santos e José Carlos Huapaya Espinoza

A cidade de Caracas, na Venezuela, pode constituir-se em um exemplo singular entre as cidades latino-americanas que passaram por fortes processos de transformação em meados do século XX. De um lado, a capital venezuelana foi caracterizada por um novo regime econômico, de outro, pelas mudanças políticas e sociais que provocaram a transformação drástica do seu espaço urbano em um contexto caracterizado por intensas migrações e processos de urbanização exacerbados. Nesse cenário, a historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos tem construído um discurso baseado, no geral, em obras entendidas como icônicas, as quais simbolizariam a cristalização do ideário moderno. Ainda assim, muitas dessas grandes obras executadas na década de 1950 trouxeram à tona conflitos que levaram à revisão do pensamento hegemônico, fazendo com que algumas delas fossem

entendidas, hoje, como estigmas da sociedade. Nessa perspectiva, a presente comunicação propõe como objetivo discutir os processos de mutação formal do espaço urbano na cidade de Caracas e os consequentes impactos na sua estrutura social a partir das novas dinâmicas de habitação, transporte e consumo, bem como analisar os discursos utilizados pelas instituições, agentes e autoridades para tal fim. Para isso, tomaremos como casos de estudo o *Conjunto 23 de Enero* (1955-1957) e o *Helicoide* (1955-1961), os quais servem como exemplos das propostas mais representativas idealizadas e executadas pelo governo venezuelano na cidade de Caracas – eles são reflexo de uma tentativa por construir uma nação mais “próspera” e “moderna”, apostando, assim, na transformação da sociedade. Apesar disso, o que se percebe é que esses projetos não só fomentaram a segregação espacial e social, mas, inclusive, modificaram de forma radical a paisagem *caraqueña*. Para a análise destes casos foram utilizadas publicações em revistas especializadas e documentos oficiais da época, além de outras produções bibliográficas e sites especializados.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA (1), CONJUNTO 23 DE ENERO (2), HELICOIDE (3)

MODERNISMO E ENSINO TÉCNICO: A ESCOLA TÉCNICA DE VITÓRIA

Amanda Fornaciari Ferreira e Clara Luiza Miranda

O artigo relaciona o advento da arquitetura moderna e o ensino técnico no Espírito Santo, tendo como foco a Escola Técnica de Vitória. Fundamentado no conceito de Cultura Material Escolar, o estudo destaca como a arquitetura escolar reflete transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, consistindo na expressão da materialização do sistema de ensino. O artigo apresenta o desenvolvimento histórico do ensino técnico desde as Escolas de Aprendizes Artífices (EAA) até a consolidação das Escolas Técnicas, efetuando o levantamento documental e a linha cronológica do projeto arquitetônico original da Escola Técnica de Vitória e evidenciando sua importância arquitetônica, histórica e estética. Ainda, corrobora a influência do arquiteto Carlos Henrique Porto e a adoção de princípios modernos, como racionalidade construtiva, a inovação técnica e a integração com o contexto urbano. O estudo aponta que, apesar da relevância dessas escolas para o

desenvolvimento do ensino técnico e industrial, o tema tem sido relegado na historiografia da arquitetura capixaba e brasileira.

Por fim, o artigo conclui que a análise das edificações técnicas permite compreender o papel da arquitetura moderna na formação da classe trabalhadora, na expansão urbana e na consolidação de ambientes educacionais de excelência, ressaltando a necessidade de valorização e preservação desse patrimônio histórico e arquitetônico.

Palavras-chave: HISTÓRIA DO ENSINO

A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: RODOVIARISMO E SIMBOLISMO NACIONAL

Victoria Jannuzzi

Este artigo busca analisar o papel de ícones da modernidade como meios de transporte, produções audiovisuais e o ideário arquitetônico e urbanístico modernista na formação identitária de Brasília. Entende-se que o plano de desenvolver o interior do país e promover uma mudança política e econômica trouxe grandes transformações no território brasileiro durante o período JK, relacionando-se com a construção da nova capital. Sob a influência dos conceitos de planejamento urbano e arquitetura modernos, Brasília representou a materialização de uma utopia em diferentes âmbitos. Os meios de comunicação direcionavam esforços para a construção da ideia da nova capital como símbolo de progresso e modernidade, enquanto políticas rodoviaristas em escala nacional promoviam sua integração com o resto do território, popularizando a ideia de uma nova vida possível no centro do país. Assim, busca-se explorar como a modernidade em suas múltiplas formas desempenhou papel fundamental na criação de uma nova identidade, trazendo Brasília como a concretização de um projeto político-ideológico de integração e modernização nacional.

O PLANO DE AÇÃO COMO PROMOTOR DA MODERNIZAÇÃO PAULISTA

Fernanda Millan Fachi

A concepção política instituída como plano de governo ao longo do mandato de Carvalho Pinto (1959-1963), no estado de São Paulo, teve sua formulação fortemente baseada no movimento Economia e Humanismo – doutrina instituída pelo padre dominicano Lebrez, nos anos de 1940, pautada numa visão integrada de conceitos sociais e econômicos. O Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE), como ficou conhecida a proposta, buscava, a partir de demandas necessárias à reorganização da economia, determinar ações de desenvolvimento e, mais do que isso, prever custos para sua execução. Enquanto plano de governo, o PAGE possuía uma dimensão técnica baseada nas condições administrativas, sociais e financeiras paulistas, caracterizando-se por um plano de investimentos, tendo o Estado como grande promotor das ações. Em sua elaboração, somado aos preceitos de industrialização e de intervencionismo estatal, de cunho desenvolvimentista, o progresso material era proposto associado ao social. E, coerente acerca da promoção de uma política nacional modernizante em conformidade com a modernização industrial, o Plano assumiu um papel estratégico no modernismo cultural e social do estado e da sociedade com a difusão de equipamentos públicos, projetos, ideias, fundos econômicos, orçamentos e ações. Prova disso são as soluções arquitetônicas de seus projetos – de usos diversos como fóruns, escolas, edifícios do ensino superior, hospitais, centros de pesquisas, casas de lavouras etc. –, cuja linguagem empregada foi moderna. Assim sendo, a participação do Estado na materialização cultural de uma identidade arquitetônica no caso do Plano de Ação é sobrepujante e caracteriza-se como determinante de um expressivo plano estratégico governamental responsável pela elaboração de um conjunto de obras modernas instaladas em São Paulo. Por essa razão, sua valorização e reconhecimento fazem-se necessários. O não reconhecimento do Plano na historiografia da arquitetura moderna possibilita o desmonte, a descaracterização e mesmo a demolição de exemplares modernos variados à revelia.

Palavras-chave: PAGE, PLANO DE AÇÃO, ARQUITETURA MODERNA

ARQUITETURA RESIDENCIAL E ESCOLAR, EMPRESA CONJUGAL

Suelen Camerin

Escolas são equipamentos chave nas unidades de vizinhança do urbanismo culturalista, extensão da moradia. Moradias coletivas povoam as superquadras do urbanismo progressista, para usar os termos felizes de Françoise Choau. Tanto escolas primárias e/ou secundárias quanto moradias coletivas se destacam na produção de duas empresas conjugais. Fry, Drew and Partners (fundada em 1946) e A&P Smithson (fundada em 1949) foram pioneiras na paridade explícita das decisões autorais de seus titulares parceiros na vida e na arte, em contraste com o relativo anonimato de outras arquitetas trabalhando com os maridos. Como, primeiro Aino e depois Elissa Aalto, as mulheres do finlandês Alvar, no entre guerras e no pós-guerra, respectivamente. Ou como Liliana Marsicano no fim dos 1950 e noutra periferia da civilização, brasileira e paulista, atuando em firma onde só figura o nome do marido, a Arquiteto Joaquim Guedes e Associados (fundada em 1955).

Jane Drew e Maxwell Fry se radicaram na Índia, ex-colônia inglesa, Alison e Peter Smithson não abandonaram o Reino Unido. À testa de suas empresas, responderam a programas escolares e residenciais evidenciando no seu brutalismo pós-corbusiano a vitalidade da arquitetura moderna e do seu compromisso com a urbanidade, quaisquer reservas que suscitem. Ainda assim, e a despeito do considerável envolvimento feminino com a educação e a domesticidade, essa conjunção de um tipo de empresa, tipos de encargo e realizações arquitetônicas notáveis não se multiplicou: permaneceu singular por algum tempo tanto em país desenvolvido quanto subdesenvolvido. Mas o número de empresas conjugais paritárias vai aumentando nos 1990 se não no Norte certo no Sul Global, da América Latina à Ásia. Duas décadas depois, já em século novo, sua produção de

escolas e moradias coletivas merece atenção. A sessão busca identificar casos relevantes pelo seu trato não só de problemas funcionais e técnicos como estéticos, não só de firmeza e comodidade como de deleite do corpo e do espírito, com particular interesse em questões de composição e caracterização programática, de linhagem e atmosfera, relações com o entorno e com o repertório tipológico disciplinar, diferenciação e repetição, fundo e figura.

PRÁTICA A DOIS NA ARQUITETURA MODERNA PAULISTA: ACERVO KARAZAWA

Amanda Vantini

Este artigo apresenta a prática arquitetônica conjunta dos arquitetos Fernando Karazawa (1943–2023) e Ana Maria d’Andretta Karazawa (1945), com ênfase na documentação de duas obras residenciais representativas de sua atuação no contexto da arquitetura moderna paulista: a Residência Maria Aparecida Vulcano (1969) e a Residência Haruo Onosaki (1977) localizadas em São Paulo. A residência Maria Aparecida Vulcano, localizada no bairro Cidade Jardim, São Paulo, marca o início da prática autoral do casal. A casa é marcada pelo volume escultórico da escada enquanto a residência Haruo Onosaki se destaca pelas cinco abóbadas de concreto armado, formadas por arcos pré-moldados e tijolos cerâmicos, que definem a volumetria principal. O estudo fundamenta-se no *Acervo Karazawa* — composto por desenhos, projetos e registros pessoais do casal — publicado na dissertação de mestrado da autora “Arquitetura Moderna Paulista: Acervo Karazawa”. Para isso, são apresentados desenhos arquitetônicos e fotografias, ambos digitalizados pela autora. Formados pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, Fernando em 1967 e Ana Maria em 1970, os arquitetos atuaram na capital e no interior paulista de forma autônoma e associados a arquitetos como Ruy Ohtake, Décio Tozzi e Jorge Wilhelm. No interior, participam da difusão da arquitetura moderna paulista nas cidades de menor porte principalmente após 1980, quando se estabeleceram em Presidente Prudente, no Oeste Paulista. A prática conjunta de Fernando e Ana Maria Karazawa combina domínio técnico, linguagem moderna e sensibilidade ao contexto local. A análise das duas residências, fundamentada nos documentos do *Acervo Karazawa*, ressalta a importância da documentação arquitetônica para preservar trajetórias profissionais e reconhecer práticas conjugais na história da arquitetura moderna brasileira.

Palavras-chave: ARQUITETURA PAULISTA, ACERVOS, EMPRESA CONJUGAL

UNA II SP BR: AULAS 2003 APARTAMENTOS 2017. NOTAS PARA UMA ARQUITETURA VIVA E URBANA

Carlos Eduardo Comas

O UNA Arquitetos foi um estúdio paulistano operacional de 1999 a 2019 comandado pelos casais Fernanda Barbara e Fabio Valentim, Cristiane Muniz e Fernando Viegas – após dissolvida sociedade datando de 1996 com Ana Paula Pontes, Catherine Otondo, todos os seis egressos da FAUSP entre 1993 e 1995. O comentário sobre uma escola e um edifício de apartamentos representativos da obra desse UNA II comporta quatro seções.

A primeira, Empresas conjugais, recorda o contexto em que o estúdio se fundou e desenvolveu. A ênfase na arquitetura como trabalho de equipe se associa ao reconhecimento da paridade autoral entre arquitetos e arquitetas bem como a afirmação da tradição de arquitetura moderna brasileira, na trilha da Geração Sevilha egressa da FAUSP no fim dos 1980.

A segunda seção, Aulas monumentalizadas, trata da Escola Estadual Prof. Telêmaco Melges (2003-2004) na periferia de Campinas: primeiro como produto do desenvolvimento de um sistema de elementos pré-fabricadas, segundo como solução enfaticamente diferenciada do entorno, que aceita os constrangimentos do lote pequeno para o programa e enfatiza o estatuto cívico da escola.

A terceira, Apartamentos diferenciados, examina as estratégias projetuais que distinguem o Edifício Humas Klabin (2012-2017) de seus vizinhos e congêneres de sem perder o ar de mesma família, contribuindo para a urbanidade do conjunto no bairro paulista de classe média alta.

A seção final, Caracterizações genéricas, lembra que o sexo de autor não se reconhece na obra de arquitetura acabada, mas que a equiparação da arquitetura ao corpo humano é secular e vigente tanto em textos corbusianos quanto em obras niemyrianas com Casa do Baile e o Clube da Pampulha Planalto e Alvorada. Como nos precedentes brasileiros, a estilização antropomórfica na escola e edifício residencial do UNA II sugere complementaridades e grautes na relação de princípios ordinariamente tomados como opostos, yin-yang...

COMPLICIDAD Y COMPLEMENTARIEDAD ESTUDIO BERTOLINO-BARRADO

Lucía Barrado

Muchos estudios de arquitectura son protagonizados por sociedades matrimoniales con visibilidades individuales desparejas, sumisiones u omisiones en un contexto de desequilibrio de género en cuanto a la presencia profesional. Como fenómeno social, cultural, político, académico y desde una mirada feminista, se permite revelar un amplio espectro de parejas que trabajan con protagonismos y compromisos equilibrados, trascendiendo roles preconcebidos injustamente.

El trabajo de Mónica Bertolino y Carlos Barrado en Argentina, y tantos otros en distintas latitudes, muestran que esta forma de práctica no es una excepción sino una modalidad singular dentro del campo profesional. En sus obras se percibe una sensibilidad compartida hacia la naturaleza, el paisaje, las diferentes escalas y esferas del habitar; así como una voluntad de intervenir desde una mirada crítica y situada que trasciende a la nueva generación que se incorporó a su oficina.

El diálogo entre lo doméstico de la vida y las definiciones proyectuales parece intensificarse en sus proyectos educativos y residenciales. Las vivencias de los espacios cotidianos, la preeminencia del mundo sensorial, la conciencia de lo colectivo y de la obra como parte de un sistema y no como objeto aislado, expresan la inquietud compartida por un hábitat común al cual cuidar y contribuir en la construcción de un trabajo conjunto de cooperación y complementariedad.

Cultivar, cuidar, jugar, percibir el mundo de lo cotidiano y de lo habitual pero desde lecturas intencionadamente no convencionales, devienen en fuente y herramientas que interpelan y enriquecen el hacer disciplinar y académico. La mirada no habitual sobre lo habitual, lo extraordinario de lo ordinario como plantea Mónica Bertolino, se vuelven modalidades, herramientas proyectuales, acciones y exploraciones. Una complicidad que facilita la comprensión profunda del pensamiento del otro, lo cual enriquece la toma de decisiones y da lugar a propuestas con una fuerte carga poética y conceptual.

Palabras clave: EMPRESA CONJUGAL (1), EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS (2), ARQUITECTURA Y CIUDAD (3)

OPEN. ESCOLAS À CHINESA (2014, 2019, 2022)

Carlos Eduardo Binato de Castro

Escolas estão entre as obras de arquitetura mais interessantes na China contemporânea e algumas foram projetadas por empresas conjugais surgidas após liberado, em 1995, o funcionamento de escritórios de arquitetura privados, numa economia socialista de mercado já consolidada. Uma dessas empresas é a Open Architecture de Li Hu (n. 1973 e egresso da Tsinghua University em Beijing com mestrado na Rice University de Houston) e Wenjing Huang (n. 1973 e egressa da Tsinghua com mestrado em Princeton). Com sede na capital chinesa, a Open foi fundada em 2006, quando a China se preparava para os Jogos Olímpicos de 2008; Hu trabalhava então com Steven Holl e Huang com I.M.Pei.

Duas escolas em superquadras suburbanas oferecendo do ensino pré-primário ao pré-universitário, equipamentos esportivos, auditórios, teatros e acomodações para internato ajudaram a firmar a reputação da Open: a Garden School (Beijing 2014) e a Qingpu Pinghe International School (Shanghai 2019), e às quais se somou uma congênere exurbana, a Shanfeng Academy (Suzhou 2022), o setor cultural da Mountain Kingston Bilingual School, em plano elaborado com a TJAD (Tongji Architectural Design Group), o escritório estatal responsável pelo projeto dos espaços de ensino e administração.

A partir de material publicado e material fornecido pela Open, entrevistas com seus arquitetos e relatos de arquitetos que visitaram essas escolas, esta comunicação vai analisá-las comparativamente e evidenciar seu enquadramento numa tradição de arquitetura moderna erudita diversa e inclusiva, num contexto em muitos pontos diversos do contexto ocidental em geral e do brasileiro em particular, mas não em todos. Oriente ou Ocidente, Norte ou Sul, empresas conjugais aumentam em número desde os 1990 sem impacto mensurável sobre a qualidade de suas obras. Lá como cá, a qualidade continua tributária do entendimento imaginativo de programa, situação e localização, admitindo, no caso das escolas, tensão entre postulá-las microcosmo de cidade e sua monumentalização face à moradia e ao comércio pré-existente ou planejado.

Palavras-chave: OPEN, ESCOLAS, CHINA

CUIDADO E PARIDADE: A ARQUITETURA DE BARCLAY & CROUSSE

Fernanda Jung Drebes

A escolha do escritório Barclay & Crousse como objeto deste estudo se justifica não apenas pelo fato de se tratar de um casal de arquitetos cuja produção conjunta apresenta forte coerência conceitual, mas sobretudo pela relevância disciplinar e internacional de sua obra. Fundado em 1994 em Paris e, desde 2006, sediado em Lima, o estúdio destaca-se por uma abordagem arquitetônica que integra paisagem, clima, técnica e percepção, operando de forma consistente em programas de médio e grande porte.

Diversos de seus projetos contribuíram para consolidar essa visibilidade. O Lugar de la Memoria, concluído em 2015, tornou-se um marco na arquitetura pública contemporânea ao articular espaço construído, território e narrativa histórica, ampliando significativamente o reconhecimento do escritório dentro e fora do Peru. A isso se soma o impacto do Edifício da Universidad de Piura (2016), vencedor do MCHAP 2018, um dos mais importantes prêmios das Américas, confirmando sua maturidade técnica e conceitual.

Nesse sentido, Barclay & Crousse diferenciam-se ao constituírem um caso exemplar: uma parceria conjugal capaz de produzir arquitetura de alta qualidade, premiada, publicada e amplamente debatida. Essa singularidade justifica a pertinência do estudo no âmbito das “parejas parejas”, permitindo examinar como a colaboração entre Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse se materializa em soluções arquitetônicas de forte identidade, perceptíveis em projetos residenciais e educacionais de maior escala, como o Liceo Peruano e os edifícios UN, B1101 e GRL.

Nos edifícios residenciais, o estudo destaca a composição das fachadas, o uso de brises e elementos filtrantes, a regularidade estrutural e os limites e potencialidades das soluções de planta. No liceu, examina-se o partido modular, a hierarquia dos acessos, a separação funcional dos setores, a construção dos pátios e o papel dos percursos como mediadores da experiência pedagógica.

Assim, o trabalho busca identificar de que modo Barclay & Crousse elaboram uma linguagem coerente capaz de atravessar diferentes escalas e programas, evidenciando a relevância crítica de sua prática.

Palavras-chave: BARCLAY & CROUSSE, ARQUITETURA PERUANA CONTEMPORÂNEA, PAREJAS PAREJAS

ARQUITETURA SOB AMEAÇA: DEMOLIÇÕES E RESISTÊNCIAS NA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO MODERNO

Maisa Fonseca de Almeida e Bárbara Guazzelli Gonçalves

O patrimônio da arquitetura moderna encontra-se hoje em uma encruzilhada crítica. Ao mesmo tempo em que cresce o reconhecimento institucional e acadêmico de seu valor histórico, artístico e cultural, multiplicam-se os casos de descaracterização, abandono e demolição de edifícios e conjuntos significativos, motivados por interesses imobiliários, negligência pública ou visões limitadas de progresso urbano. Esta sessão propõe um espaço de reflexão e debate sobre os conflitos contemporâneos em torno da permanência — ou demolição — do patrimônio moderno, com ênfase nas ações de resistência promovidas por comunidades, coletivos de arquitetos, movimentos sociais, pesquisadores e instituições.

O objetivo é reunir experiências e análises que problematizem os processos de apagamento de obras modernas — demolidas parcial ou integralmente, ou ainda ameaçadas — e, em contrapartida, se concentrem em estratégias de enfrentamento e de reinvenção crítica da noção de preservação. A sessão tem como objetivo receber trabalhos que reflitam sobre estudos de caso de diferentes regiões, ampliando a compreensão dos fatores políticos, econômicos, culturais e afetivos que incidem sobre o destino de bens modernos. É de especial interesse observar como determinadas iniciativas, mesmo quando não exitosas do ponto de vista jurídico-institucional, produzem contranarrativas e ativam redes de memória e pertencimento que desafiam a lógica do esquecimento.

Pretende-se também abrir espaço para abordagens que explorem o papel das tecnologias digitais, das linguagens visuais e dos dispositivos narrativos na construção de novos repertórios de sensibilização e mobilização social

SESSÃO

em defesa do patrimônio. A sessão enseja fomentar o cruzamento entre investigações acadêmicas, práticas de ativismo urbano e experiências pedagógicas, reconhecendo o valor político da memória e da escuta coletiva na constituição de um campo ampliado da preservação.

No contexto do 16º DOCOMOMO Brasil, esta sessão convida à reflexão sobre os modos como o patrimônio moderno é atravessado por disputas que revelam camadas de desigualdade e silenciamento. Afinal, o que se demole quando se derruba um edifício moderno? Quais vozes são desconsideradas? E quais formas de resistência emergem como contrafluxo à lógica do apagamento?

Ao reunir pesquisas e práticas que se debruçam sobre esses embates, a sessão visa mapear perdas e ameaças, e destacar os modos de agir e imaginar coletivamente outras possibilidades de permanência, cuidado e reapropriação crítica do legado moderno. Assim, a proposta se insere em uma perspectiva de preservação expandida, comprometida com a complexidade dos vínculos afetivos, políticos e urbanos que sustentam a arquitetura moderna no presente.

APAGAMENTO E PERMANÊNCIA: A CASA CÉSAR DORFMAN EM PORTO ALEGRE

Priscila Vargas e Fabiana Bernardy

A partir da década de 1940, Porto Alegre passou por um acelerado processo de urbanização, que transformou sua paisagem urbana. Nesse contexto, novos edifícios passaram a adotar princípios da arquitetura moderna como linguagem predominante, constituindo uma produção significativa. Apesar disso, esta se encontra desprotegida diante das dinâmicas de valorização imobiliária, presentes no planejamento urbano contemporâneo, uma vez que o reconhecimento patrimonial permanece voltado a edifícios de caráter historicista. Esses fatos contribuem para o frágil reconhecimento da arquitetura moderna local e comprometem, ao longo do tempo, sua permanência. O caso da Residência Cesar Dorfman sintetiza os efeitos dessa invisibilidade e das lógicas especulativas presentes no planejamento urbano nas cidades brasileiras. A casa foi construída em 1972, sendo um exemplar importante da arquitetura moderna residencial em Porto Alegre. Em março de 2022, a casa foi demolida para dar lugar a um novo empreendimento, revelando fragilidades institucionais no reconhecimento do valor patrimonial de obras modernas, a ausência de instrumentos que documentem esses edifícios e a tendência à verticalização indiscriminada. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo investigar a preservação do patrimônio arquitetônico moderno diante das pressões do mercado imobiliário e da negligência do poder público, a partir do episódio exposto. A metodologia abrange três etapas: (i) levantamento de notícias relevantes na imprensa; (ii) estudo do projeto como documento material e simbólico; (iii) análise crítica da bibliografia sobre modernização urbana e preservação do patrimônio moderno em Porto Alegre. Ao trazer à tona esse episódio recente, propõe-se a reflexão quanto aos efeitos do desaparecimento de obras modernas e sobre a potência de contranarrativas que, embora discretas, desafiam a lógica do esquecimento. Ainda que sem mobilizações jurídicas ou populares, seu apagamento constitui um evento urbano relevante, que expõe um conjunto de valores e discursos que guiam as decisões do planejamento urbano contemporâneo.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA RESIDENCIAL, PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

A CASA DA PEDRA DE CAIOBÁ, A 1ª CASA DA FAMÍLIA WEBER

Karina Scussiato Pimentel e Nicolly Polakowski de Souza

O artigo tem como objetivo documentar uma verdadeira joia da arquitetura moderna do Paraná: o excepcional projeto da Casa Guido¹ e Edna² em Caiobá, litoral do estado.

Localizada no município de Matinhos, a obra do escritório curitibano Forte Gandolfi (Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi)³ foi finalizada em 1964 sobre três grandes pedras e possuía 170 m² de área construída e mais 237 m² de varanda sobre um platô superior de 407 m². Teve seu programa resolvido em dois pisos, sendo o primeiro a área de areia naturalmente delimitada pelas pedras, e o segundo, o platô superior a 4,7 metros de altura.

Depois de décadas de conservação, a casa saiu da família Weber e um novo proprietário solicitou um projeto de reforma e adaptação em 2019. Tal intervenção colapsou o partido original, evidenciando tensões entre valores arquitetônicos.

Este artigo busca versar sobre a concepção original, suas peculiaridades estruturais e a vivência da família. Apresenta também uma análise comparativa entre a construção primordial e a recente reforma através da visualização e fotografia da intervenção *'in loco'* e análise do projeto atual, versus redesenho, modelagem e maquete física feitos a partir de documentação original. A abordagem final será em relação às possibilidades de salvaguarda e limites de intervenção, tutela e fragilidade dos instrumentos de preservação, já que permanecem questionamentos acerca dos apagamentos da arquitetura moderna no Paraná.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, PATRIMÔNIO, DESCARACTERIZAÇÃO, SALVAGUARDA.

RECUPERAÇÃO DO MÓDULO IANSÃ: PRESERVAÇÃO DA OBRA DE LELÉ EM SALVADOR

Sergio K. Ekerman

O Módulo Iansã da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) foi construído em 1988 para abrigar as atividades do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA (PPG-AU),

então denominado Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (MAU UFBA). O edifício seguiu o modelo das escolas de dois pavimentos em argamassa armada projetadas para Salvador pelo arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, no âmbito da Fábrica de Equipamentos Comunitários (FAEC).

Entre 2015 e 2017, a demolição de escolas e creches do período da FAEC foi anunciada pela Prefeitura Municipal de Salvador, devido a problemas de manutenção. Sendo um dos exemplares remanescentes no campus da UFBA, o Módulo Iansã também apresentou dificuldades mais agudas para ações de manutenção cerca de vinte e cinco anos depois de sua entrada em atividade, o que gerou o seu gradual esvaziamento.

O artigo trata do processo de estudo, diagnóstico, projeto e obra para recuperação e salvaguarda do Módulo Iansã visando à sua transformação no Laboratório de Construção e Canteiro Experimental da Faculdade de Arquitetura da UFBA, planejado como espaço de experimentação com caráter multiusuário para atendimento das demandas da FAUFBA no campo da tecnologia da construção, obra iniciada em 2023 e finalizada em dezembro de 2024.

Compreendendo a base teórica de tal proposição, em confronto com os aspectos práticos do processo e os problemas enfrentados, desde o diagnóstico de patologias até sua conversão de uso, o artigo realiza um relato crítico da experiência de conservação de um importante exemplar do nosso patrimônio moderno pré-fabricado, trabalho de recuperação e conservação da obra construída de um dos mais reconhecidos arquitetos brasileiros, Lelé.

Palavras-chave: PRÉ-FABRICAÇÃO, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, PRESERVAÇÃO

A DESTRUIÇÃO DO MARACANÃ E A INVISIBILIDADE DO PATRIMÔNIO MODERNO

Felipe Loureiro e Roberto Bartholo

Concebido para ser o maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã rapidamente se tornou uma referência marcante na cultura e na história do país. Porém, para além de seu amplamente reconhecido impacto esportivo e cultural, o estádio também introduziu inovações arquitetônicas: sua forma elipsóide, destacada pelo anel elíptico superior definido por uma marquise de concreto em balanço e pelos pórticos estruturais que distinguem a fachada,

representava uma inovação que se tornaria influente nas décadas seguintes*; além disso, o projeto incluiu a criação de um setor popular, chamado de “Geral”, no qual os torcedores assistiam às partidas de pé, sem conforto mas muito próximos ao campo. A Geral, e principalmente os *geraldinos*, se tornariam elementos fundamentais na construção da identidade do Maracanã. Porém, embora o complexo esportivo do estádio tenha sido tombado pelo IPHAN em 2000, as estruturas que introduziram estas inovações foram destruídas pelas reformas realizadas entre 2010 e 2014 – apenas a fachada do estádio foi “preservada”. A realização de tais modificações em um bem tombado foi justificada por demandas estruturais e de segurança, além da necessidade de adequação aos parâmetros da FIFA. Estes fatores subjugaram os argumentos e apelos de especialistas que defendiam a preservação do estádio, revelando como, apesar do tombamento, o Maracanã continuou vulnerável a intervenções desta magnitude devido à interpretação de que o valor patrimonial a ser preservado seria etnográfico, e não arquitetônico**. Tomando o caso do Maracanã como exemplo, o artigo discute como a arquitetura moderna, por muitas vezes não ser compreendida pelo público geral como sendo “histórica”, parece estar especialmente vulnerável a intervenções que podem ser irreversivelmente destrutivas.

Palavras-chave: MARACANÃ (1), ARQUITETURA MODERNA (2), PATRIMÔNIO (3)

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DO CAIC JOSÉ JOFILLY, CAMPINA GRANDE, 1994-2023

Ivanilson Pereira

O artigo tem como objeto a investigação crítica dos processos que resultaram na demolição do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC) José Jofilly, localizado no bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB. A pesquisa centra-se na análise das causas que levaram ao abandono e, por fim, à destruição do complexo em 2023. Entre os fatores destacados estão as

* Prais, Mauro apud Girão, Cláudia. “Maracanã: destruir ou preservar.” *Vitruvius*, 133.08 crítica, ano 12, fev. 2012. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>

** Simas, Luiz Antônio. *Maracanã: Quando a Cidade era Terreiro* (Rio de Janeiro, Mórula, 2021).

tensões políticas e institucionais que marcaram a implantação do programa, bem como as pressões exercidas por empreiteiras, que impuseram modificações no projeto original, comprometendo a concepção arquitetônica e a tecnologia da argamassa armada. Esses conflitos culminaram no afastamento da equipe de Lelé logo após a inauguração do primeiro protótipo, em 1992, acentuados ainda pelo cenário de instabilidade política decorrente do impeachment de Fernando Collor de Melo. Metodologicamente, o estudo é desenvolvido em três etapas: a análise arquitetônica do edifício, a apresentação de propostas de intervenção para requalificação e conservação do conjunto e, por fim, a discussão dos entraves políticos e administrativos que conduziram à sua demolição. A justificativa da investigação assenta-se na necessidade de conferir visibilidade ao abandono de um patrimônio edificado que expressa os valores da modernidade clássica e, ao mesmo tempo, abrir possibilidades de reflexão sobre estratégias de recuperação e preservação desses equipamentos.

Palavras-chave: PRÉ-FABRICAÇÃO, ARQUITETURA ESCOLAR, LELÉ, CONSERVAÇÃO.

BOOM IMOBILIÁRIO E AS CASAS MODERNAS NA ORLA DE JOÃO PESSOA

Cíntia Rebeca Quintans de Araújo e Adriana Leal de Almeida

O artigo busca refletir sobre os desafios da preservação da arquitetura moderna residencial em João Pessoa frente a um processo acelerado de renovação urbana e edilícia, acompanhado de um discurso midiático que coloca a cidade como o melhor destino do Nordeste para se visitar e morar atualmente. A demanda por mais lotes que suportem prédios de luxo e de apartamentos do tipo “flats”, têm resultado na demolição frequente de edificações, incluindo casas construídas a partir de meados dos anos 1950 na orla marítima da cidade. Este processo evidencia uma fragilidade dos mecanismos de preservação do patrimônio moderno que, no caso pessoense, ocupa um espaço incipiente nas políticas públicas dos órgãos de preservação. Uma análise dos bancos de dados do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM/UFPB) mostra que muitos dos exemplares da orla das praias de Cabo Branco, Tambaú e Manaíra têm sido substituídos por novas edificações. Desse modo, partindo dos registros de pesquisas anteriores e da verificação de

imagens disponíveis no Google Street View e da situação in loco, buscou-se aprofundar a discussão sobre os desafios da preservação frente ao processo de renovação, de modo a buscar mecanismos para lidar com a temática junto aos órgãos de patrimônio e à sociedade em geral. A experiência do laboratório com os registros das obras modernas tem revelado que a divulgação do valor patrimonial de determinadas obras para a sociedade parece contribuir para agravar a condição de risco deste patrimônio, uma vez que a preservação em geral não se alinha aos interesses privados e imobiliários. Nesse sentido, se a pesquisa e o registro não têm sido suficientes para embasar ações de proteção, a divulgação das demolições e descaracterizações talvez possa estimular um debate sensível que envolva universidade, poder público, os interesses privados e a sociedade em geral.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO MODERNO (1), ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA (2), RENOVAÇÃO URBANA (3)

MOOCA E VILA GUIOMAR: TRANSFORMAÇÕES QUE AMEAÇAM A PROPOSTA DO MORAR MODERNO

Larissa Cristina da Silva-Dias e Ana Beatriz Pahor pereira da costa

Grades, muros e portões em áreas projetadas para serem livres. Garagens que fecham térreos antes permeáveis. Esquadrias trocadas rompendo o antigo ritmo e harmonia das fachadas. Sacadas incorporadas aos volumes dos edifícios. Anexos que comunicam novas demandas. Estes são exemplos de alterações em conjuntos habitacionais modernos construídos pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) entre 1937 e 1964. Ao vivenciar intensos processos de urbanização e valorização do solo urbano, tais transformações avançaram para além dos elementos estéticos e tangíveis, frequentemente presentes nas valorações realizadas pelas instituições patrimoniais. Atravessados por diferenças e aproximações, atualmente os conjuntos IAPI da Mooca e IAPI Vila Guiomar se encontram no interesse e defesa de suas áreas livres, partes integrais de seus projetos. Apesar de institucionalmente reconhecidos e protegidos enquanto bens culturais, as transformações impostas aos dois Conjuntos nas últimas décadas fazem parte de um processo de alteração de valores e práticas sociais a eles associados, sobretudo pelos seus habitantes mais antigos. Tanto aquelas pensadas e projetadas por seus arquitetos, quanto as do cotidiano de seus moradores.

Frente a tal problemática e mobilizando estudos sobre as transformações e valorações dos conjuntos IAPI da Mooca e IAPI Vila Guiomar, o presente texto se propõe a discutir conflitos atuais que se colocam entre práticas preservacionistas, relações dos moradores, novas demandas impostas ao morar e valorização fundiária. Pretendemos assim demonstrar como as ações tomadas pelas instituições de salvaguarda responsáveis por esses Conjuntos revelam vulnerabilidades existentes no trato das instituições de patrimônio com a habitação social moderna e os impactos de tais ações naquilo que é efetivamente preservado.

Palavras-chave: IAPI, TRANSFORMAÇÕES, SALVAGUARDA.

PATRIMÔNIO EM RISCO: A ANTIGA RODOVIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS - SC

Gabriela Carvalho de Moura

Este estudo propõe uma análise crítica da atual situação de conservação da Antiga Rodoviária de Florianópolis e discute perspectivas futuras para sua preservação enquanto exemplar significativo da arquitetura moderna da capital catarinense. Localizada em área estratégica do centro, a edificação encontra-se abandonada após mais de uma década de ocupação irregular. Em 2025, propostas de alienação, incluindo leilão e até possibilidade de demolição, foram interrompidas por ações do Ministério Público. A recente confirmação de posse compartilhada entre município e Estado evidencia a urgência de decisões políticas e técnicas sobre seu destino, reacendendo o debate público quanto à preservação. Nesse contexto, entidades como o Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Santa Catarina (IAB-SC) destacam seu valor simbólico, cultural e urbano e reivindicam sua conservação. A pesquisa tem como foco discutir os desafios da preservação do patrimônio moderno em Florianópolis, elegendo a Antiga Rodoviária como objeto de estudo. Parte-se da compreensão de que esse patrimônio, apesar de recente, é vulnerável às transformações urbanas e frequentemente não reconhecido como elemento da memória social pelas instâncias decisórias. O estudo busca analisar como o edifício se insere no conflito entre conservação e desenvolvimento, marcado pela pressão por novos usos do solo em áreas centrais da cidade. Os objetivos específicos incluem reconstituir a trajetória histórica e urbana do edifício e de seu entorno; analisar sua inserção na

paisagem e na produção da arquitetura moderna em Florianópolis; e propor diretrizes para sua reabilitação e reintegração ao cotidiano da cidade. A metodologia combina levantamento documental e iconográfico, análise arquitetônica e estudo de parâmetros urbanísticos e patrimoniais, articulados a uma abordagem qualitativa que compreende a edificação como elemento de identidade, experiência urbana e construção social. A partir da análise e proposições, a pesquisa visa contribuir para o debate sobre o futuro do patrimônio moderno nas cidades brasileiras contemporâneas.

Palavras-chave: REABILITAÇÃO, PATRIMÔNIO MODERNO, FLORIANÓPOLIS

PATRIMÔNIO MODERNO: PRESERVAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE REDUÇÃO DE GEE

Thomas Ilg e Lucas Caldas

Vivemos em uma fase crítica da crise climática, na qual cerca de 40% das emissões globais de gases de efeito estufa (GEE) provêm da construção, manutenção e uso dos edifícios. Embora vários esforços busquem mitigar essas emissões no setor de Arquitetura, Engenharia, Construção e Operações (AECO), o ato de construir permanece como a principal fonte de impacto. A preservação do patrimônio construído traz um valor ambiental significativo, pois reduz a necessidade da demolição e a construção de novas edificações, alinhando-se à ideia de consumo responsável por meio da reabilitação e do prolongamento da vida útil dos edifícios. Portanto, preservar construções existentes ajuda a reduzir a emissão de GEE. No Brasil, edifícios modernos — mesmo aqueles bem conservados e em uso — enfrentam problemas como manutenção inadequada e desvalorização patrimonial. Um caminho para destacar sua importância, além do valor histórico, é calcular o Carbono Incorporado (CI), que representa as emissões de GEE durante o ciclo de vida do edifício, por meio da quantificação dos materiais usados na construção. Ferramentas modernas como o Building Information Model (BIM) permitem a modelagem digital dos edifícios, facilitando a quantificação dos materiais e suas emissões de CI. Aliado à Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), baseada nas normas ISO 14040/44, o BIM possibilita a análise dos impactos ambientais nas fases de produção, transporte e construção.

Este artigo apresenta uma metodologia simplificada para calcular o CI de edifícios modernos, utilizando o modelo BIM, com foco no Bloco Principal do edifício Jorge Moreira Machado (JMM), localizado na Cidade Universitária do Rio de Janeiro. Com dados obtidos de desenhos técnicos originais da UFRJ, a análise concentrou-se na estrutura de concreto, resultando em emissões entre 403,49 e 605,23 kgCO₂-eq/m², valores altos para construções contemporâneas. Reconhecer o carbono já incorporado evidencia que a demolição e substituição desses edifícios geraria emissões desnecessárias, reforçando argumentos para sua conservação em prol da sustentabilidade e resiliência climática. A metodologia pode ser replicada em outras pesquisas para formar uma base de dados que apoie a preservação com foco na mitigação das mudanças climáticas.

Palavras-chave: METODOLOGIA BIM; CARBONO INCORPORADO; ACV

ARQUITETURA, URBANISMO, E A DIVERSIDADE DA EXPERIÊNCIA MODERNA BRASIL

Felipe Franco e Vanessa Borges Brasileiro

O modernismo pode ser descrito como uma resposta cultural positiva à vida moderna: uma adesão às transformações socioeconômicas trazidas à luz ao longo do século XX pelos circuitos produtivos associados ao capital industrial. Esse processo global, inicialmente caracterizado pela pressão modernizante da indústria sob a produção material, logo influenciaria toda a sociedade.

Na Arquitetura e Urbanismo, isso se materializaria através do anseio por formas derivadas de racionalismo e de economia formal, aspecto característico dos movimentos modernos ao redor do planeta. No entanto, a resposta dos agentes responsáveis pela produção do espaço às condições socioeconômicas modernas não poderia ser homogênea. Se o modernismo é uma reação subjetiva à reorganização da vida pelo capital industrial, essa reação foi tão diversa quanto as formas com que os processos de modernização afetaram os diferentes territórios do planeta.

O modernismo brasileiro, frequentemente descrito pela Historiografia da Arquitetura como um caso singular e homogêneo de vanguarda moderna, materializaria a adesão do país, se não à sociedade moderna, a um projeto nacional de modernidade. Através do mesmo potencial de forja e transformação da sociedade que levaria o modernismo à rejeição pelos regimes totalitários europeus, uma corrente predominante do modernismo brasileiro seria alçada à condição de ferramenta para a construção de uma nação moderna.

Por outro lado, se a experiência da modernidade no Brasil foi distinta da sua contraparte europeia, ela também seria diferente através do extenso território nacional. Às margens da corrente modernista canonizada pela Historiografia

da Arquitetura, a experiência brasileira produziria modernismos, que negociariam o modelo modernista com tradições regionais, expectativas políticas, contradições sociais e particularidades econômicas através de toda sua extensão territorial no século XX.

Para este eixo, esperam-se trabalhos que analisem criticamente as tensões entre modelos de um modernismo oficial e totalizante e as particularidades da experiência brasileira das transformações socioeconômicas associadas à modernidade. Com isso, propomos uma expansão crítica sobre os processos, os arquitetos, as obras e os ideais que materializariam a diversidade da experiência brasileira da vida moderna.

MODERNIDADE E AUTORIA NA PARAÍBA (1930–1980): BIOGRAFIAS EM REDE

Thiago Thamay

O artigo analisa trajetórias de arquitetos, engenheiros e escritórios que contribuíram para a consolidação da arquitetura moderna na Paraíba entre 1936 e 1985. Com base em vinte e seis verbetes biográficos apoiados em documentos, entrevistas e acervos institucionais e familiares, investiga-se como a modernidade arquitetônica se estruturou em contextos periféricos e inter-regionais, revelando práticas e repertórios próprios. Propõe-se uma leitura crítica da historiografia brasileira, tradicionalmente centrada no eixo Rio de Janeiro–São Paulo–Belo Horizonte, discutindo seus efeitos na construção da memória disciplinar. O método biográfico, empregado como ferramenta analítica, articula percursos individuais, redes profissionais e contextos institucionais, evidenciando mediações entre sujeitos, obras e políticas públicas. Os resultados indicam que a modernidade paraibana resultou de reconfigurações locais de repertórios técnicos e formais, mediadas por condições climáticas, econômicas e materiais. Destacam-se arquitetos-funcionários em frentes institucionais, núcleos privados voltados à habitação e a presença ainda restrita de mulheres na profissão. A análise das lacunas documentais reafirma a importância da biografia como instrumento crítico para recompor vínculos entre agentes, instituições e práticas arquitetônicas. Conclui-se que a arquitetura moderna na Paraíba expressa um campo relacional de mediações, contribuindo para uma historiografia mais inclusiva e atenta às especificidades regionais.

Palavras-chave: arquitetura moderna, biografia, historiografia crítica.

EDIFÍCIO SÃO CARLOS: QUANDO MACEIÓ COMEÇOU A OLHAR PARA O ALTO

Brenda Abreu Protásio Alves e Francine Regina Camilo Cândido

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa “Maceió Moderna: mapeamento da arquitetura residencial modernista na capital alagoana”, que teve como objetivo principal elaborar um inventário da atual situação da Arquitetura Moderna residencial produzida entre os anos de 1950 e 1980 na

capital alagoana. Após mapeamento feito em 2021 *, optou-se por analisar o Edifício São Carlos (1964), do arquiteto Walter de Azevedo Cunha, primeiro edifício residencial modernista de Maceió. O estudo busca contribuir para a valorização e preservação dessa arquitetura, frequentemente invisibilizada e ausente das políticas de salvaguarda patrimonial. A investigação adota metodologia** fundamentada em sete dimensões de análise - normativa, histórica, espacial, tectônica, funcional, formal e de conservação -, que permitem compreender o bem em sua totalidade física, simbólica e documental. O método foi aplicado por meio de pesquisa qualitativa, envolvendo levantamento bibliográfico e iconográfico, análise de registros legais, visitas técnicas e entrevistas com moradores. Os resultados evidenciam que a obra sintetiza o processo de modernização urbana de Maceió, conciliando princípios estéticos e construtivos do movimento moderno às especificidades locais, como o clima e a relação com a paisagem marítima. Contudo, o edifício carece de reconhecimento institucional e de políticas que assegurem sua preservação. Conclui-se que a aplicação das sete dimensões constitui ferramenta eficaz para identificar e interpretar o valor patrimonial de obras modernas, articulando aspectos técnicos, históricos e sociais. O estudo reforça a urgência de ações sistemáticas de documentação, difusão e valorização da Arquitetura Moderna alagoana, entendida como parte essencial da memória urbana e da construção da identidade modernista do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA RESIDENCIAL, EDIFÍCIO SÃO CARLOS, MACEIÓ

MODERNIDADE E MEMÓRIA EM MACEIÓ: O PALÁCIO DO TRABALHADOR

Flávia de Holanda Costa e Mônica Peixoto Vianna

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa “Maceió Moderna: mapeamento da arquitetura institucional modernista na capital alagoana”, que teve como objetivo principal elaborar um inventário da atual situação deste

* Tamires Cassella, *Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021).

** Alcília Melo, Ivanilson Pereira, Lucas Jales. “Por uma Campina Grande Moderna: Arquitetura e Documentação,” *Mouseion*, n. 39 (novembro 2021): 1-17.

estilo arquitetônico produzido entre os anos de 1950 e 1980 na capital alagoana. Após mapeamento feito em 2021 *, optou-se por analisar o Palácio do Trabalhador, edificação inaugurada em 1950 e projetada pelo arquiteto Joffre Saint'Yves e discutir as razões pelas quais ela permanece como única obra modernista tombada no Estado. A investigação adota a metodologia ** fundamentada em sete dimensões de análise - normativa, histórica, espacial, tectônica, funcional, formal e de conservação -, que permitem compreender o bem em sua totalidade física, simbólica e documental. O método foi aplicado por meio de pesquisa qualitativa, envolvendo levantamento bibliográfico e iconográfico, análise de registros legais, visitas técnicas e entrevistas com moradores. Apesar de sua evidente precarização, o Palácio do Trabalhador segue como símbolo de resistência e memória coletiva da classe trabalhadora alagoana. Seu tombamento, ocorrido em 1998, conforme Decreto Estadual nº 37.934, foi motivado não por critérios estéticos, mas por seu papel histórico nas lutas sociais e sindicais do estado. Em contraponto ao que ocorreu em outras regiões do Brasil, em Alagoas o reconhecimento patrimonial foi tardio e pontual. O estudo conclui que o Palácio do Trabalhador representa uma exceção emblemática e reforça a necessidade de políticas públicas que ampliem o olhar sobre o patrimônio da Arquitetura Moderna nos contextos periféricos, reconhecendo não apenas sua linguagem estética, mas sobretudo seu valor como espaço de representação social e resistência política.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA INSTITUCIONAL, PALÁCIO DO TRABALHADOR, MACEIÓ

* Tamires Cassella, *Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021).

** Alcilia Melo, Ivanilson Pereira, Lucas Jales. "Por uma Campina Grande Moderna: Arquitetura e Documentação", *Mouseion*, n. 39 (novembro 2021): 1-17.

MODERNIDADE EM DUAS CAPITAIS: SEDES SALIC CURITIBA E PORTO ALEGRE

Karine Arimateia

A produção arquitetônica brasileira das primeiras décadas do século XX caracteriza-se por uma notável pluralidade formal e funcional, decorrente dos avanços tecnológicos em curso, do conturbado contexto teórico e prático do campo arquitetônico e, sobretudo, da significativa contribuição de profissionais estrangeiros que aqui se instalaram. Insere-se nesse panorama a presente análise, extraída da pesquisa pessoal de doutorado que investigou as edificações verticais projetadas pelo arquiteto Roberto Capello (1901–1985) para a Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida (SALIC) e suas ramificações empresariais, como a SULACAP e a SATMA. O estudo propõe um exame comparativo entre o primeiro edifício desenhado por Capello, o Sul América de Curitiba, construído em 1935, e as duas sedes posteriormente projetadas na capital gaúcha (Sul América e SULACAP), com o objetivo de demonstrar que as estratégias projetuais adotadas pelo arquiteto para a empresa, embora dialogassem com as novas proposições do racionalismo arquitetônico, não renunciavam inteiramente aos recursos classicizantes ainda presentes na prática de alguns arquitetos. Tais estratégias, ainda que tenham conferido uma linguagem própria à produção de Capello, revelam-se sensíveis às especificidades locais, variando conforme o processo de formulação das legislações urbanísticas e das reformas urbanas em curso em cada cidade.

Palavras-chave: ROBERTO CAPELLO, EDIFÍCIOS VERTICAIS, SALIC.

AS ORIGENS TROPICAIS DA ARQUITETURA MODERNA

Ruth Verde Zein e Marcos Paulo Cereto

A arquitetura dos trópicos inspirou, desde as origens, os ideais da Modernidade. No século 18 a invocação de uma idealizada 'cabana primitiva' edênica e tropical serviu de alavanca para superar a tradição em busca de autenticidade, alimentando-se a seguir das "descobertas" dos viajantes naturalistas, em suas andanças pelos Trópicos. Obra inaugural da modernidade, o Palácio de Cristal de Paxton é uma estufa de vegetação tropical, redimensionada, exibindo (e simbolicamente se apropriando) a rica diversidade material e cultural dos trópicos. Nela, uma "cabana das Caraíbas" iluminou e potencializou as teorias de Semper, que passou a validar o conhecimento técnico da construção como parte essencial da concepção da arquitetura moderna, e a montagem leve com paramentos diáfanos como seu corolário. Quando reexaminada de maneira crítica, com base em acontecimentos e datas, e sem os vieses eurocêntricos das narrativas historiográficas canônicas, evidencia-se uma constatação simples e potencialmente transformadora: a arquitetura moderna tropical não é, nunca foi, uma derivação menor a posteriori, e sim uma legítima contribuição primordial e original que ajudou a edificar os fundamentos da Arquitetura Moderna. Os Trópicos, suas arquiteturas, influenciaram amplamente os/as arquitetos/as modernistas das vanguardas locais e internacionais; que habilmente combinaram materiais e modos construtivos tradicionais das regiões tropicais com a experimentação técnica, conceitual e material contemporânea. As obras de arquitetura moderna brasileira são uma contribuição notável para este debate, testemunhando a criatividade e a versatilidade desses encontros cruzados. Esta sessão pretende acolher textos propondo contrapontos combinando questões teóricas entrelaçadas a estudos de caso exemplares, que celebrem a contribuição tropical da arquitetura moderna brasileira e latino-americana, em prol de um melhor reconhecimento, valorização, conservação e preservação desse patrimônio.

MAM E O PARAÍSO EM TRÊS ESCALAS: PALMEIRA, PÃO DE AÇÚCAR E ATERRO

Augusto Ruschel e Ana Paula Polizzo

Signos de um paraíso reencontrado foram identificados na paisagem do Rio de Janeiro desde a chegada dos colonizadores. Afinal, o jardim paradisíaco que serviu de morada para Adão e Eva foi frequentemente representado pela cultura europeia com floras exuberantes, grandes montanhas e águas cristalinas — aspectos vinculados ao cenário encontrado na Baía de Guanabara. Portanto, não é novo que uma forma de analisar a história da arquitetura produzida nesse território é justamente pelo percurso do conflito entre ser humano e natureza, entre artifício e paraíso. Assim, a relação entre arquitetura e natureza se estabeleceu em tensão desde a colonização: construir no que se imaginou ser o Éden redescoberto se mostrava ora inteiramente desnecessário, ora humanamente indispensável. Uma posição intermediária, porém, parece ter sido possível: a convivência entre a imagem do paraíso e a necessidade de ocupação humana. Com base nesse panorama, o trabalho pretende lançar luz sobre uma forma de pensar a relação entre arquitetura moderna e natureza no Rio de Janeiro: a artificialização de signos do paraíso. Como expressão emblemática desse processo, analisa-se o projeto do Museu de Arte Moderna (MAM), concebido por Affonso Reidy, Carmen Portinho e Roberto Burle Marx por volta de 1953. Fundamentada em fotografias e desenhos que evidenciam o diálogo entre natureza, cidade e ser humano, a aproximação ao projeto se dá por três escalas que remetem ao paraíso artificializado: as palmeiras — o elemento arquitetônico; o Pão de Açúcar — a paisagem enquadrada; e o Aterro do Flamengo — a integração entre corpo, artifício e natureza. Conclui-se que, quando explorada pelo Movimento Moderno, as visões do paraíso que permeiam a tradição arquitetônica brasileira foram atualizadas, o que resultou em formas mais potentes de articulação com a natureza e, sobretudo, na vontade de confiar em utopias.

Palavras-chave: VISÕES DO PARAÍSO, ARQUITETURA TROPICAL BRASILEIRA, MUSEU DE ARTE MODERNA, PALMEIRAS

A PRIMEIRA MISSA EM BRASÍLIA E O PAVILHÃO DE BRUXELAS

Rafael Manhães

Este trabalho* propõe uma abordagem teórica a dois edifícios efêmeros e contemporâneos: o Altar para a Primeira Missa em Brasília (1957) e o Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Bruxelas (1958). Através deles, investiga-se como formas arquetípicas — particularmente a tenda — foram mobilizadas para articular narrativas nacionais complementares: o gesto fundacional (Holston, 1989; Tavares, 2022) e o mito do progresso (Zein, 2012). Para responder à pergunta “Seria o projeto arquitetônico capaz de converter-se em expografia, operando como dispositivo crítico e simbólico?”, parte-se da hipótese de que, no contexto brasileiro, o formato expositivo e o seu receptáculo revelam tensões entre tradição (Hobsbawm, 1997) e desvio como motores do projeto moderno, permitindo explorar suas origens tropicais a partir do que remanesce.

A metodologia envolve a busca em fontes arquivísticas e outros documentos, que contrapostos à recepção crítica das obras, aproximam-se sob a hipótese de um desajuste da identidade nacional entre repercussão interna e prática diplomática. Com o objetivo de compreendê-los enquanto protótipos que refletem conflitos sobre representação e projeto, defende-se um pensamento crítico-teórico nacional (Bastos, 2003, p. 255-264) pelos modos de expor-se. A comparação Altar–Pavilhão revela os meios que ambos utilizam para transformar arquitetura em dispositivo expositivo sendo, neste caso, a tensão entre projeto e contingência, geradora de novas leituras da modernidade brasileira. A presente análise conduz à identificação de paradigmas que operam fora dos cânones convencionais da historiografia moderna brasileira, observando a arquitetura como uma exposição de si mesma (Colomina, 1994; Bo Bardi, 1957), reforçando a máxima de Paulo Mendes da Rocha de que “a arquitetura torna-se a linguagem por excelência”.

Palavras-chave: EXPOGRAFIA; CRÍTICA; ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA; TEORIA E PROJETO; IDENTIDADE NACIONAL

* Baseado em pesquisas mais abrangentes em desenvolvimento no âmbito da tese de doutorado do autor, “Tradição e desvio: espaços e exposições da arquitetura brasileira em contexto internacional (1943-2023)”. Projeto 2025.09454.PRT, financiado pela FCT.

ARQUITETURA NOS TRÓPICOS: PAULO MENDES DA ROCHA E A AMÉRICA COMO INVENÇÃO

Omar de Oliveira Porto Junior

O presente artigo analisa o I Seminário Nacional sobre Arquitetura nos Trópicos, ocorrido na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, no período de 18 a 20 de setembro de 1984. Aprofundando o discurso realizado por Paulo Mendes da Rocha no contexto do seminário. Intitulado: “Perspectivas da arquitetura brasileira – Recomendações para sua adequação aos trópicos”, o discurso levanta questões identitárias do Brasil e sua relação com a América Latina, aproximando essas reflexões do campo da arquitetura, como prática responsável pela construção física das cidades. No discurso realizado em Recife, Paulo já aponta a condição de crise à qual o Brasil sempre esteve sujeito. Ao afirmar essa condição de um país colonizado, o arquiteto levanta a hipótese de que nossas questões identitárias estariam ligadas à nossa realidade geográfica e tropical, questões que, segundo ele, deveriam orientar nossas práticas em arquitetura. O próprio Mário Pedrosa, quando escreve, em 1957, que estamos “condenados ao moderno”, aponta justamente para algo que é tanto condição quanto sintoma de uma produção cultural e histórica. Aproximando de uma reflexão construtiva do Brasil que Paulo também traz em seu discurso. O tom profético de sua fala, parece ter seu ponto de contato com a produção teórica crítica contemporânea, em que o debate decolonial está tão latente. Estratégias de desconstrução teórica e crítica tem feito parte das práticas artísticas e teóricas no campo da arte e da historiografia. Essa capacidade de invenção, própria das Américas, aproxima Paulo de autores que também colocaram essa possibilidade de invenção, sob um viés colonialista. O que ocorre em Paulo, no entanto, é o giro desse eixo cultural: ele assume a condição e a enxerga como possibilidade de construção política e cultural.

Palavras-chave: ARQUITETURA NOS TRÓPICOS, PAULO MENDES DA ROCHA, ARQUITETURA MODERNA

IMAGINARIES OF THE PRIMITIVE HUT IN BRAZILIAN MODERNISM

Izabel Amaral

Em um artigo publicado em 2009 na revista POS, explorei as múltiplas definições da noção de tectônica em arquitetura, destacando a contribuição das teorias de Gottfried Semper e Kenneth Frampton para a construção de discursos sobre a cultura construtiva. O arquétipo da cabana primitiva aparece simultaneamente como fundamento antropológico das origens da ornamentação, das técnicas construtivas e do simbolismo arquitetônico, e como uma tradição duradoura que permeia a história da arquitetura. À luz de uma leitura cruzada de debates históricos e contemporâneos, esta comunicação examina ocorrências raras, porém significativas, do imaginário da cabana primitiva e de técnicas construtivas ancestrais no modernismo brasileiro. Analisamos dois projetos emblemáticos: o pavilhão de Oscar Niemeyer no Parque do Ibirapuera (São Paulo, 1951), no qual a forma da oca se insinua em uma linguagem modernista — associação reforçada pela recepção pública da obra — e o conjunto habitacional de Acácio Gil Borsoi em Cajueiro Seco (Recife, 1963), que emprega a técnica da taipa em um sistema de pré-fabricação voltado à habitação social. Esses exemplos ilustram como o imaginário das arquiteturas vernaculares alimentou a reflexão e a prática modernistas, permeando tanto o imaginário coletivo quanto a concepção arquitetônica. Ao mobilizar esses dois casos, argumentamos que a cabana primitiva operou como figura crítica no modernismo brasileiro, renovando a compreensão das relações entre modernidade, tradição e identidade cultural, e abrindo novas perspectivas sobre a cultura construtiva da arquitetura moderna no Brasil.

DO COLONIAL AO MODERNO: PERMANÊNCIAS LUSO-BRASILEIRAS NA ARQUITETURA TROPICAL BRASILEIRA

Noemia Barradas Barradas-Fernandes

O artigo propõe uma revisão crítica da história da arquitetura moderna brasileira a partir das permanências formais, simbólicas e construtivas herdadas da tradição luso-brasileira e da cultura arquitetônica dos trópicos. Com base nos estudos de Dora Alcântara, argumenta-se que a modernidade no Brasil não se constitui como ruptura em relação ao passado colonial, mas como

síntese criativa de temporalidades, na qual matrizes vernáculas e dispositivos ambientais são reconfigurados como fundamentos operativos do moderno. Contrapondo-se à historiografia tradicional, marcada pelo paradigma da ruptura e pela leitura eurocêntrica do Movimento Moderno, o texto demonstra que elementos como galerias sombreadas, arcos plenos, beirais largos, colunatas, varandas e dispositivos de ventilação passiva formam uma genealogia técnica e simbólica que atravessa da arquitetura colonial às obras paradigmáticas do século XX. Análises de edifícios como o Palácio Gustavo Capanema, o Palácio do Planalto, o Itamaraty e o Alvorada revelam como *pilotis*, *brises-soleil*, plantas livres e a integração das artes foram reinterpretados a partir de referências coloniais, rurais e vernáculas, configurando uma modernidade tropical mestiça, crítica e enraizada no território.

A reflexão aproxima as proposições de Dora Alcântara das teorias de Riegl, Choay, Lúcio Costa, Paulo Santos e Gottfried Semper, destacando o valor epistemológico das permanências e sua função como operadores projetuais. Ao recuperar paralelos entre fazendas coloniais, sobrados maranhenses, palheiros portugueses, engenhos nordestinos e palácios modernos, evidencia-se um campo de continuidade cultural que desafia a narrativa linear e homogênea da modernidade.

O artigo conclui que descolonizar a história da arquitetura moderna implica reconhecer a tropicalidade como matriz de invenção, e não como adaptação periférica. Preservar a arquitetura moderna brasileira exige, portanto, preservar também seus fundamentos históricos, ambientais e simbólicos, raízes vivas que sustentam a singularidade de uma modernidade situada, mestiça e profundamente vinculada ao território.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, TRADIÇÃO LUSO-TROPICAL, HISTÓRIA CRÍTICA DA ARQUITETURA.

SESSÃO

BILATERALIDADES

Urano Frajndlich

IAUS: ORGANIZAÇÃO E TEMPORALIDADES

Yuri de Souza Duarte

Resumo não disponível

MIES, KORNACKER Y EL IIT COMO LABORATORIO ESTRUCTURAL

Zaida Garcia-Requejo e Luciana Colombo Fornari

Chicago fue, desde finales del siglo XIX, un territorio privilegiado para la experimentación estructural en arquitectura. En la segunda mitad del siglo XX, esta tradición encontró continuidad tanto en oficinas como Skidmore, Owings & Merrill (SOM), como en entornos académicos como el Illinois Institute of Technology (IIT), bajo la dirección de Ludwig Mies van der Rohe. Si bien proyectos como el John Hancock Center (1969) o la Sears Tower (1973) — con Bruce Graham y Fazlur Khan— redefinieron la arquitectura en altura, el verdadero laboratorio donde se gestaron estas ideas fue el IIT.

En 1962, Myron Goldsmith —exalumno de Mies y arquitecto en SOM— invitó a Khan a incorporarse como supervisor estructural en el IIT. Juntos impulsaron una docencia centrada en la investigación de sistemas estructurales para edificios en altura y grandes luces. Esta lógica experimental, ejemplificada por la tesis de Mikio Sasaki (1968), anticipó soluciones que luego serían aplicadas en la Hancock Tower y tuvo raíces anteriores: durante veinte años, Mies supervisó 48 tesinas de máster, varias de ellas en colaboración con el ingeniero Frank Kornacker, su socio habitual. En estos trabajos se ensayaron estructuras aún no construidas, anticipando soluciones desarrolladas más tarde en su oficina.

La presente comunicación analiza tres casos donde este vínculo entre docencia y arquitectura estructural se hace explícito, conectando tesinas desarrolladas en el IIT con proyectos de Mies: Brownson con Crown Hall, Carter con la Neue Nationalgalerie y Miwa, Kanazawa y Chang con el Convention Hall. Estas conexiones encuentran su síntesis en el McCormick Place (1971), dirigido por Gene Summers —exalumno de Mies— que retoma principios estructurales ensayados en el entorno académico miesiano y los proyecta hacia una resolución contemporánea del espacio expositivo, consolidando una cultura interdisciplinar silenciosamente cultivada durante décadas en el IIT.

Palavras-chave: LUDWIG MIES VAN DER ROHE, ARQUITECTURA ESTRUCTURAL, COLABORACIÓN INTERDISCIPLINAR

DIÁLOGOS TRANSNACIONAIS NA PRODUÇÃO DO CATÁLOGO BRASILEIRO DA CONSTRUÇÃO

Natália Maria Gaspar

Nesta comunicação apresento brevemente os resultados da pesquisa de mestrado em História sobre o *Catálogo Brasileiro da Construção* (1961-1975), produzido por diversas editoras a partir de iniciativa do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP), e sobre a rede transnacional de catálogos do *Sweet's Catalog* da qual fez parte a iniciativa brasileira entre os anos 1950 e 1980. O objetivo da pesquisa foi entender como se deu a produção, a distribuição, a circulação e a recepção do *Catálogo Brasileiro da Construção* (CBC) no meio profissional brasileiro de arquitetura e sua relação com a rede transnacional de catálogos à qual estava filiado, cuja matriz era o catálogo estadunidense *Sweet's Catalog* (SC). A rede era formada por catálogos produzidos na Espanha, na Itália, na Bélgica, na Alemanha, na França, na Suécia, na Inglaterra e no Brasil, e existiu aproximadamente entre os anos 1950 e 1980, quando o modo americano de projetar se difundiu. O *Sweet's Catalog* definia a identidade visual da rede e possivelmente exerceu algum nível de influência e controle no modo como a informação sobre construção era distribuída pelos catálogos filiais no pós-segunda guerra nos países onde estavam sediados. No Brasil, o CBC foi distribuído para diversas instituições brasileiras entre escolas, escritórios de projeto, empresas públicas e privadas, onde diversos profissionais utilizaram intensamente essa ferramenta quando não havia outros meios para consulta de produtos para a construção e comunicação direta entre projetistas e fabricantes de componentes. O CBC teve diversos nomes e foi publicado por diversas editoras, até seu encerramento em 1975. Ainda que a experiência do *Sweet's Catalog* seja perene e conhecida, a partir de meados dos anos 1970, todos os catálogos da rede deixaram de ser publicados e a existência de uma rede transnacional de catálogos permaneceu curiosamente esquecida.

Palavras-chave: CATÁLOGO BRASILEIRO DA CONSTRUÇÃO, DAISY RUTH IGEL, HISTÓRIA TRANSNACIONAL

CIDADES UNIVERSITÁRIAS COMO ESTRUTURAS URBANAS, 1930-1970

Ana Lucia Ceravolo e Elisangela de Almeida Chiquito

No Brasil, o modelo “cidade universitária” se consolidou, entre as décadas 1930 e 1970, como definição, preferencial, do território da universidade brasileira, integrando, como revela boa parte das pesquisas realizadas nos últimos anos, as propostas pedagógica, urbanística e arquitetônica. Este modelo, presente de maneira significava na América Latina, foi expressão do processo de modernização dos estados nacionais, da construção de identidade cultural e ganhou forma com a arquitetura e o urbanismo modernos.

As primeiras universidades criadas no país, na primeira metade do século XX, foram influenciadas pela reunião de faculdades isoladas já existentes, sobretudo de Direito, Medicina e Engenharia. A partir dos anos 1930, com o processo de modernização da universidade brasileira, os novos territórios adotaram, em termos espaciais, um modelo baseado na tradição anglo-saxã de *campus*.

As Cidades Universitárias são parte, portanto, dos esforços de escudo da modernização promovidos pelo Estado e constituem territórios simbólicos e espaciais, como dispositivos de difusão da modernidade. Os *campi*, projetados e construídos nesse período, são implantados, por vezes, distantes da área urbanizada, em espaços até então rurais e incorporados ao perímetro urbano, expondo as contradições e tensões da urbanização brasileira. Entre seu caráter segregado da vida urbana cotidiana e seu potencial de se colocar como indutor de novas espacialidades e sociabilidades, surge também como infraestrutura.

Hoje, essas instituições se conformam como referência urbana, como lugares dedicados à prática do ensino e das ciências, apresentando-se como “lugares de memória”, como propõe Pierre Nora. Revisitando a cultura arquitetônica brasileira, desde o projeto da Cidade Universitária do Brasil, na década de 1930, a sessão tem interesse por trabalhos que situem seus olhares sobre

SESSÃO

as camadas de temporalidades que configuraram e reconfiguram os espaços e conjuntos educacionais.

Assim, são esperadas propostas que explorem as relações entre modernização, modernidade e modernismo na constituição das cidades universitárias e na configuração espacial de seus territórios, compreendidos como dispositivos simbólicos e instrumentos operativos para o desenvolvimento nacional e como infraestrutura urbana. Ou, que abordem experiências de requalificação da configuração organiza\va

das instituições de ensino superior ou ainda de restauração de edificações ou planos de conservação são temas que se enquadram na presente sessão.

Investigações sobre

os *campi* universitários e o impacto no processo de urbanização e de modernização urbana. Pesquisas que discutam aspectos teóricos e projetuais que relacionem universidade e sociedade; tradição e iden\dade; ciência, tecnologia e arte, envolvendo gestores públicos, teóricos da educação e arquitetos e urbanistas em intenso intercâmbio. São aguardadas também reflexões sobre a contribuição do movimento moderno para os projetos urbanísticos das cidades universitárias, assim como outras estratégias teóricas ou projetuais de valorização simbólica de edikcios, conjuntos ou territórios universitários pela via da síntese ou integração das artes. Interessa-nos ainda explorar as maneiras pelas quais esses espaços foram concebidos como campo prokcuo para o desenvolvimento e a inovação de sistemas e processos construtivos, constituindo-se como canteiros experimentais e laboratórios para a avaliação de soluções e propostas de técnicas e processos produtivo extensíveis ao conjunto da cidade e do território.

OSCAR NIEMEYER E DARCY RIBEIRO: DA UNB À UENF EM TRINTA ANOS *

Fabício R. S. Godoi

A parceria entre o antropólogo, educador e universitário Darcy Ribeiro com o arquiteto Oscar Niemeyer foi extremamente frutífera, gerando símbolos incontestáveis das três maiores cidades do Brasil – o Sambódromo no Rio de Janeiro; o Memorial da América Latina em São Paulo e a Universidade de Brasília (UnB). Nos anos 1980, com a reorganização da democracia, Darcy Ribeiro é eleito vice-governador de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. Lá implantam um novo modelo democrático de corte desenvolvimentista, lastreado em um programa educacional muito amplo. Apesar do sucesso, na eleição seguinte a oposição vence. Após quatro anos de um governo venal, Brizola retorna, tendo como mote a retomada dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) e a criação de uma universidade (Universidade Estadual Norte Fluminense, UENF). Darcy assumiria a Secretaria de Ciência e Tecnologia. Tanto no programa educacional dos dois governos brizolistas, como na nova universidade, a parceria com Niemeyer é revivida. O arquiteto adotou soluções na UnB de modo criativo, bastante livre, ao reunir unidades acadêmicas em um único (e enorme) edifício, alterar eixos do plano original de Lucio Costa, sempre rapidamente e com a confiança do contratante (então Reitor). O resultado é o atual “Campus Darcy Ribeiro”, constituído de edifícios implantados em meio a uma gleba de grandes dimensões, próxima da cidade, porém a ela pouco conectada. Na UENF, quase trinta anos depois, novamente Oscar Niemeyer se aproxima da industrialização na construção, com o uso dos elementos construtivos dos CIEPs para construir os edifícios principais em uma gleba que abrigaria a maior parte da nova universidade. Mas, dessa vez, a solução seria mista: além da gleba, a universidade também ocuparia edifícios históricos situados em áreas centrais da cidade. Esse artigo dará mais ênfase a essa experiência, cujas relações entre a política e a arquitetura resultante tem presença escassa na literatura.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, TERRITÓRIOS UNIVERSITÁRIOS, RELAÇÃO POLÍTICA - ARQUITETURA

* Este artigo é derivado da pesquisa de doutorado do autor. O texto apresentado é uma versão modificada daquele apresentado na Tese. Os documentos consultados estão arquivados no acervo da Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR).

O PROJETO MODERNO: DISPOSITIVO PARA UMA MODERNIDADE DESEJADA

Vitória Margotto Barroca e Renata Hermann de Almeida

Para compreensão da força do projeto moderno como dispositivo de constituição de uma modernidade desejada, o artigo investiga duas práticas projetuais situadas em áreas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória (ES): um edifício hospitalar, em Maruípe, de autoria do arquiteto Sérgio Nacinovic; e um plano global para a implantação da universidade, em Goiabeiras, de autoria do arquiteto Marcello Vivacqua. Ambos não foram executados em sua integralidade – portanto, para efeitos da descrição e interpretação pretendidas, adota-se como objetos iconológicos maquetes representacionais dos referidos projetos. A maquete do edifício hospitalar, Hospital das Clínicas de Vitória, é resultante de convênio firmado em 1951 entre governo estadual e Plano SALTE, objetivando implantar em Maruípe hospital de grande porte vinculado à criação de uma faculdade pública de Medicina, inexistente à época. A maquete do plano global para implantação da universidade em Goiabeiras (c. 1967), de Vivacqua, advém de projeto pensado com base em zoneamento urbanístico proposto por Rudolph Atcon no ano anterior. No plano, adota-se o “CEMUNI” como unidade mínima de pavilhão didático, complementada por edifícios singulares, em conjunto formulados a partir de vocabulário da arquitetura moderna. A seleção das obras parte do entendimento de ambas como experimentações de ideais da arquitetura e do urbanismo modernos e de sua vinculação com anseios políticos, sociais e econômicos coetâneos da sociedade capixaba. Tem-se como objetivo geral reconhecer narrativas vinculadas à sintaxe projetual moderna em Vitória. Para tanto, a abordagem metodológica dos objetos de estudo é realizada por meio de interpretação descritiva e ensaio representacional, na forma de diagrama de radar. Como resultado, apresenta um olhar expandido acerca das práticas projetuais analisadas, de modo a reconhecer vínculos disciplinares – discursivos e práticos – da arquitetura e do urbanismo modernos no Espírito Santo como resposta à circulação de ideias e expressão da modernidade desejada para a sociedade capixaba.

Palavras-chave: projeto e plano, arquitetura, urbanismo, cidade universitária, modernidade.

LA CIUDAD UNIVERSITARIA DE MADRID: PROYECTO, MEMORIA Y TRANSFORMACIÓN

Ana Esteban Maluenda e Nicolás Mariné Carretero

La Ciudad Universitaria de Madrid, iniciada en 1927 bajo la dirección de Modesto López Otero, fue uno de los proyectos universitarios más ambiciosos de la Europa del siglo XX. Concebida en un contexto de reformas educativas y modernización del Estado, se planteó como un enclave avanzado para la educación superior, donde arquitectura, urbanismo y pedagogía convergían para crear un polo de renovación científica, técnica y cultural. Inspirado en modelos anglosajones pero adaptado al contexto madrileño, el plan articuló monumentalidad, orden y eficiencia, incorporando al mismo tiempo un fuerte componente experimental en sus sistemas constructivos, metodologías proyectuales y formas de vida académica.

La Guerra Civil española interrumpió drásticamente este programa. La Ciudad Universitaria se convirtió en uno de los frentes de batalla más intensos de Madrid, lo que ocasionó daños severos en muchos de sus edificios y en su trazado. La reconstrucción franquista no solo reparó infraestructuras, sino que resignificó ideológicamente el conjunto, introduciendo nuevos lenguajes y orientando su expansión posterior hacia necesidades simbólicas y prácticas del régimen. A las fases iniciales y bélicas se sumaron las ampliaciones desarrollistas de mediados del siglo XX, lo que ha dado lugar a un territorio urbano complejo, estratificado en capas históricas y estilísticas diversas.

Hoy, la Ciudad Universitaria sigue siendo una infraestructura activa y un espacio urbano central en Madrid. Sus funciones docentes conviven con dinámicas metropolitanas que plantean debates sobre conservación, movilidad, sostenibilidad y apertura a nuevos usos. La reciente puesta a disposición pública del Fondo Modesto López Otero, custodiado en la Biblioteca de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, junto con documentos del Archivo General de la Universidad Complutense de Madrid, el Archivo General de la Administración, el Instituto del Patrimonio Cultural de España o el Archivo Histórico del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, permite revisar en profundidad las intenciones fundacionales, los procesos de transformación y la interacción entre arquitectura, ciencia y política.

Este trabajo propone una lectura crítica del campus como artefacto urbano modelado por múltiples actores y temporalidades, estructurada en torno a tres ejes: su función como infraestructura estatal y motor de expansión urbana; las lógicas espaciales y proyectuales que han guiado su evolución; y los desafíos contemporáneos relativos a su gestión, conservación y adaptación.

Palabras clave: CIUDAD UNIVERSITARIA DE MADRID, INFRAESTRUCTURA ESTATAL, PLANIFICACIÓN UNIVERSITARIA

A LINGUAGEM MODERNA NO CAMPUS/UFV – VIÇOSA/ MG: PISAGEM CULTURAL COMO MEIO DE SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO MODERNO

Sâmara Menezes Porto e Lucas Pereira Coli

Este trabalho tem como objetivo analisar a viabilidade do campus UFMG - Viçosa como paisagem cultural, como mecanismo de auxílio na salvaguarda de suas múltiplas camadas temporais, dando ênfase à camada histórica moderna. Contemporaneamente, a “paisagem cultural” é compreendida como toda delimitação geográfica que expressa a apropriação social do espaço, materializada em bens materiais e imateriais. Nesse sentido, o campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV), cuja trajetória passa por três fases institucionais, constitui um exemplo significativo. Entre essas se destaca a terceira, marcada pela incorporação dos ideais modernistas na arquitetura, desenho urbano e paisagismo, características atualmente ameaçadas pelo crescimento desordenado. Para atingir os objetivos propostos optou-se por aplicar a metodologia de vetores desenvolvida por Rocío Silva Pérez e Víctor Fernández Salinas, de modo a identificar inicialmente a vocação do campus. Foram identificados três eixos norteadores, natural, cultural e histórico, que compilam os vetores de acordo com suas características. O eixo histórico, que constitui o foco central deste artigo, apresenta como principais vetores o patrimônio arquitetônico, o desenho urbano e os parques e jardins. Esses elementos, fundamentais para a conformação e compreensão da paisagem histórica, evidenciam a estruturação e a evolução do território ao longo do tempo. Como resultados iniciais, foram elaboradas tabelas que sistematizam os vetores do eixo histórico a partir de um conjunto diversificado de fontes. Propõe-se uma análise da linguagem moderna que compõe parte significativa do acervo da UFMG/Viçosa, tendo como recorte temporal o período entre as décadas de 50 e 70, buscando compreender como os princípios modernistas se materializam e influenciam a organização espacial. Posto isso, evidencia-se a importância da preservação desses elementos, constituintes da paisagem cultural associada ao campus, reconhecendo seu papel no fortalecimento da identidade institucional e na valorização arquitetônica e paisagística da universidade.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO MODERNO, CAMPUS UFV, GESTÃO SUSTENTÁVEL

O ATRIBUTO URBANO DOS ESPAÇOS LIVRES DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFRJ

Leonardo Rodrigues Mesquita Santos

A Cidade Universitária (CIDUNI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é o primeiro campus projetado para a primeira universidade federal do país. Instituída em 1920 pela união da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica e da Faculdade de Direito, sua construção iniciou em 1949, após décadas de propostas, como as de Alfred Agache (Praia Vermelha, 1929), Lúcio Costa (Lagoa Rodrigo de Freitas, 1936) e Le Corbusier (Quinta da Boa Vista, 1936). O Plano Geral Original foi projetado por Jorge Moreira, com paisagismo de Burle Marx. Preservar sua paisagem moderna exige integrar diferentes áreas do patrimônio cultural, mesclando dimensões modernas e universitárias e escalas do edifício ao urbano. Entre os desafios estão a rápida degradação, que compromete seu valor utilitário, e a dificuldade de gestão devido à grande escala e complexidade programática. Tombamentos atuais concentram-se em edifícios isolados, como a sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), mas a preservação do campus requer compreender seu valor global, incluindo os espaços livres que conectam os edifícios e possibilitam apropriações diversificadas do território. Este trabalho visa identificar os valores dos espaços livres da CIDUNI e suas qualidades atuais que possibilitam apropriação, enfocando as quadras da FAU (década de 1950), da sede da Faculdade de Letras (década de 1970) e da ruína inacabada das Extensões Acadêmicas (década de 2010). Realizou-se uma revisão bibliográfica que contrapôs o projeto brasileiro de solo urbano à abstração funcional europeia. A colaboração entre Jorge Moreira e Burle Marx na FAU exemplifica o êxito do projeto de solo moderno brasileiro, dissolvendo limites entre edifício e urbano por meio de recursos formais e naturais. Entretanto, a sobreposição de planos urbanos, que desconsideravam pré-existências e desvalorizavam os espaços livres, comprometeu a qualidade urbana do campus. Preservar a CIDUNI significa reconhecer que crítica e êxito coexistem.

Palavras-chave: URBANISMO MODERNO, PATRIMÔNIO CULTURAL, CAMPUS UNIVERSITÁRIO

CAMADAS E SIGNIFICADOS NA PATRIMONIALIZAÇÃO DO CAMPUS BUTANTÃ DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Gabriel de Andrade Fernandes

O campus Butantã da Universidade de São Paulo constitui uma realidade urbanística resultante da superposição de distintas camadas planejamento — várias delas de caráter marcadamente moderno. Trata-se, portanto, de um território e paisagem no qual convivem distintos traços e signos de variados planos e projetos. Enquanto campus universitário, naturalmente, trata-se ainda de paisagem e território vivo, no qual se disputam variadas formas de apropriação, interpretação e transformação dos espaços por parte dos vários sujeitos que cotidianamente se relacionam com ele e no qual se manifestam suas referências culturais. Neste trabalho buscamos apontar como as iniciativas de patrimonialização do campus — particularmente aquelas voltadas a valorizar a sua herança modernista — apontam para o privilégio de uma visão idealizada e hermética do movimento moderno, ignorando a enorme bricolagem arquitetônica e urbanística que caracteriza a sua materialidade e a intensa vida universitária que aí tem lugar. Neste sentido, buscamos apontar as contradições de processos de patrimonialização que menosprezam, ignorem ou mesmo tentem anular a presença de “impurezas” entre os elementos presentes neste conjunto urbano e edificado, apontando para a necessidade de incorporar a bricolagem e as impurezas nos processos de patrimonialização.

Palavras-chave: CAMPUS, PATRIMONIALIZAÇÃO, PRESERVAÇÃO

COISAS DO PAULO

Carlos Eduardo Binato de Castro

Paulo Mendes da Rocha (1928-2021) afirmou, em 2018: “Nós estamos condenados à concomitância entre ideia e coisa. A ideia é abstrata porque o outro não sabe nunca. Você tem que transformar em coisa”. Para Paulo, o caminho mais curto entre ideia - abstrata - e coisa - concreta - poderia ser um pensamento dito em voz alta, um texto, um desenho ou uma maquete - feitos no (ou de) papel. Entre suas ideias - privadas - e suas obras construídas - públicas -, há outras tantas coisas feitas por Paulo. É interesse desta sessão discutir as coisas não construídas do Paulo, projetos exemplares que permaneceram no papel. Entre os projetos que merecem atenção, há os de escala urbana, como o Centro de Santiago (1972), a Cidade do Tietê (1980), as Baías de Vitória (1993) e de Montevideu (1998), o projeto para as Olimpíadas de Paris 2008 (2000) e de São Paulo 2012 (2003), os equipamentos públicos, como a Casa das Retortas da Companhia de Gás de São Paulo (1977), as Bibliotecas Públicas do Rio de Janeiro (1984) e de Alexandria (1988), o Aquário Municipal de Santos (1991), o Sesc Tatuapé (1996), o Centro de Coordenação Geral do SIVAM (1998), o Pavilhão do Mar (1999), a Praça da República (2001) e a Readequação do Museu Nacional de Belas Artes (2005), e, ainda, os campi universitários, como o da Fundação Getúlio Vargas (1995), a Praça dos Museus da USP (2000), o Campus da Universidade de Vigo (2004) e o Campus Universitário ERSU em Cagliari (2007). Entre os projetos culturais, há o Centro Cultural Georges Pompidou (1971), o Museu de Arte Contemporânea da USP (1975), o Museu Constantini (1997), o Pavilhão Serpentine (2012) e o Museu do Século XX, em Berlim (2015), e, entre os projetos de habitação, há o Parque da Grotta (1974) e as casas G. De Cristófarro (1971), Helena Ometto (1978), Antônio Bueno Neto (1978), Alfredo Luparelli Júnior (1990) e Torre del Gallo (2003). Esta sessão procura trabalhos que analisem criticamente os projetos de Paulo - escritos, desenhados, dobrados, enrolados, cortados ou colados - guardados apenas como coisas no (ou de) papel.

APRENDENDO COM A ARQUITETURA MODERNA: O PROJETO DO PAULO PARA O CONCURSO DO CENTRO POMPIDOU

Marcelo Puppi

Na entrevista que acompanha a publicação do projeto do Centro Pompidou na Revista Caramelo, Paulo Mendes da Rocha afirma que fazer arquitetura é navegar “neste campo de construir alguma coisa que sonhamos”. Embora não seja necessariamente uma má definição de arquitetura, ela evoca, no contexto do Brutalismo brasileiro ao qual se havia filiado o primeiro Paulo, a intenção brutalista de criar um “mundo novo” (nas palavras de Vilanova Artigas), não somente através da arquitetura, mas concebendo a própria arquitetura como um pequeno grande mundo novo. Apesar de genérica, essa definição cabe perfeitamente no projeto do Centro Pompidou, proposto como uma pequena cidade utópica superior à cidade e ao centro histórico nos quais se insere, permeável, mas mais fechada que aberta (física e metaforicamente), mais bruta que encantadora.

Entretanto, o projeto do Centro Pompidou é mais que uma simples materialização do sono dogmático da razão brutalista. Além de sonhar para si mesmo, ele também incorpora a realidade empírica, complexa e dinâmica, do contexto histórico da cidade que, por sua vez, pretende orgulhosamente, ou messianicamente superar. A fluidez do interior que, nas palavras do próprio Paulo, estabelecem a continuidade entre o interior e um exterior variado e dinâmico revelam que o Pompidou do Paulo bebeu também, e muito, na fonte da Arquitetura Moderna Brasileira, e no Niemeyer em particular, cujo museu de Caracas é igualmente a fonte bem evidente do volume em pirâmide invertida do Pompidou.

Em suma, o projeto do Pompidou mostra claramente que Paulo Mendes da Rocha tinha aprendido e continuava aprendendo com a Arquitetura Moderna enquanto sonhava o sonho do Brutalismo. E também que era preciso continuar aprendendo com a Arquitetura Moderna para, quando o sonho acabasse, tornar-se “moderno e eterno ao mesmo tempo” (Carlos Eduardo Comas).

Palavras-chave: PAULO MENDES DA ROCHA; ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA; BRUTALISMO BRASILEIRO

SEGUNDA COSTA: UMA APROXIMAÇÃO À ATUALIDADE DO DISCURSO DE PAULO MENDES DA ROCHA

Gregório Rosenbusch

O presente trabalho se enquadra nos marcos de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo consiste em discutir a atualidade do discurso de Paulo Mendes da Rocha. Neste contexto ampliado o exame do discurso se detém, primeiramente, em material reunido em *Encontros: Paulo Mendes da Rocha* (2012) e na análise do conteúdo apresentado na exposição *Geografias Construídas* (2022-23), realizada na Casa da Arquitetura. Aqui discutiremos alguns fragmentos da exposição, a serem especificados mais adiante.

Mas antes, um breve esclarecimento da compreensão de discurso aqui mobilizada. Ao denominarmos discurso um objeto que se expressa em formas diversas, pronunciado e escrito, ou ainda, na produção arquitetônica, reconhecemos no arquiteto um princípio de agrupamento e coerência, conforme a definição oferecida por Foucault. Nestes termos, por discurso compreende-se uma linha de continuidade entre modos e formas de comunicação e expressão de ideias com uma origem, quem o enuncia. Com esta compreensão pretende-se o exercício de esboçar linhas de continuidade, desde discursos acerca do arquiteto a fragmentos de seu próprio discurso. Em qualquer caso, um material pinçado conforme nossa curiosidade, interesse e possibilidade de conduzir-nos à origem deste discurso para, quem sabe assim, enredá-la, ainda que por um átimo.

Dentre estes fragmentos discutiremos, em particular: i) carta de Lula enviada a Mendes da Rocha por ocasião do Pritzker (2006); ii) fragmentos do projeto de exposição para Osaka (1969), e; iii) duas maquetes de projetos não construídos, a Casa Fechada (1976) e a Casa Silvio Bueno Neto (1978). No primeiro objeto destacamos uma singela interpretação do perfil público de Mendes da Rocha. No segundo, elabora-se um discurso cuja articulação entre técnica e território expressa um sentido político muito particular. Por fim, do terceiro objeto buscamos extrair um possível princípio na gênese do discurso do arquiteto.

Palavras-chave: PAULO MENDES DA ROCHA, DISCURSO, GEOGRAFIAS CONSTRUÍDAS

CAPELAS DO PAULO

Christian Michael Seegerer

O presente trabalho tem como objetivo primeiro conhecer uma das ideias de Paulo Mendes da Rocha que se tornaram projeto, mas não edificadas: o projeto para a Capela do Jardim Virgínia, para o Guarujá. Uma obra não executada e de uso religioso. É de amplo conhecimento que a arquitetura religiosa não foi muito trabalhada pelo arquiteto capixaba em sua carreira, mas, ao mesmo tempo, aquelas que concebeu são consideradas obras de elevada qualidade arquitetônica e espiritual. Ambas estão edificadas no Brasil: Capela São Pedro, Campos do Jordão - SP, 1987 e, Capela de Nossa Senhora da Conceição, Recife - PE, 2004.

Dentre os projetos que foram destacados na chamada da sessão não há o edifício religioso. A intenção é desenvolver um trabalho que analise criticamente o projeto da Capela do Jardim Virgínia a partir das outras duas capelas por ele projetadas.

A Capela de São Pedro é reconhecidamente uma obra notável pelo seu conceito estrutural e, simultaneamente, pela sua inserção no sítio. Contempla em seu conjunto arquitetônico, todos os elementos da arquitetura religiosa católica. Também a Capela de Nossa Senhora da Conceição reúne os mesmos elementos e, tal como São Pedro, o uso do concreto aparente e do vidro, em especial a laje de cobertura e os fechamentos que permitem ventilação natural, registram alguns dos princípios projetuais de Paulo.

Espera-se contribuir com o reconhecimento e aprofundamento de uma das coisas de Paulo que permaneceram no papel, e não mais uma ideia abstrata em sua genial mente criativa.

Palavras-chave: ARQUITETURA RELIGIOSA, ARQUITETURA MODERNA, PATRIMÔNIO MODERNO

“RAZÕES DE UMA ÚLTIMA CONVERSA: COM PAULO MENDES DA ROCHA.”

Catherine Otondo

Os projetos de Paulo Mendes da Rocha não construídos, constituem uma força rara no conjunto de realizações do arquiteto, eles contêm uma potência de discurso, que pode ser entendida como equivalente à obra realizada.

Dizendo de outra forma é possível compreender o universo do pensamento espacial deste arquiteto estudando estes projetos ideais. Ideais não num sentido utópico da sua inexecutabilidade, mas como projetos capazes de criar uma formulação autônoma sobre arquitetura, e através de seus meios constrói conhecimento, um discurso como na filosofia. Com suas hipóteses, teses e neste caso técnica e matéria. Como ensaios teóricos sobre temas que lhe moviam o pensamento: cidade, natureza, América.

O filme *O tempo de um traço* (2020) mostra o arquiteto no seu ambiente de trabalho, sua rotina ao chegar no edifício do IAB em São Paulo onde nos mostra alguns de seus projetos não construídos mais icônicos tais como a Cidade Fluvial Tietê (1981) e a Piscina da Praça da República (2006). Numa filmagem intimista, com a câmera movente, o filme mostra a importância destes projetos/ensaios para a constituição do pensamento de Paulo Mendes da Rocha.

Com a voz e mãos precisas o arquiteto apresenta um discurso muito atual sobre a pertinência e as razões do nosso fazer no mundo contemporâneo. A oportunidade da construção de um planeta melhor pelos desafios apresentados à ciência por conta de uma doença que se espalhou por todos os cantos. Nos mostra ainda - naquela que acabou sendo sua última entrevista - uma visão atenta, contundente e de esperança, articulada num discurso de transformação espacial e social pelo fazer da arquitetura e urbanismo.

CONTINUIDADE DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

Rodrigo Queiroz e Maria Isabel Imbrunito

À primeira vista, parece desnecessário justificar o legado moderno em um país ainda carente de habitação, escolas, hospitais, infraestrutura e equipamentos públicos para atender a uma população desprovida de um sentido de dignidade que se realiza, espacialmente, pela própria arquitetura. Notadamente, o que se vê é um legado em seu crônico estado parcial, inconcluso. Do ponto de vista histórico, o legado se evidencia e se transmite após a conclusão de um ciclo ou movimento. Como a causa que justifica a inteligência sensível moderna ainda é uma realidade, entendemos que a noção de continuidade nos parece mais adequada que o sentido fechado e retrospectivo que o termo “legado” carrega.

Compreendemos que o entendimento de continuidade, hoje, não se dá de modo apaziguado ou acrítico, mas como acomodação, por meio de estratégias de diálogo com a realidade que substituem a utopia moderna, sendo essa expressa na convicção da força da ideia e do desenho para uma transformação estrutural da condição social e espacial. A acomodação pode também ser vista como um modo de sobrevivência da utopia entre os arquitetos, por meio da substituição, com igual teor de convicção, de aparatos técnicos definitivos por enunciados mais indeterminados e processuais.

A indeterminação moderna como pressuposto revela uma questão central para o debate: a crise do programa como funcionalidade determinante do uso. Em vez de prescrever a função, a continuidade moderna oferece instrumentos materiais, tecnológicos e formais para, justamente, suportar a indeterminação do uso. Nesses termos, esta sessão do 16º Seminário DOCO-MOMO Brasil entende que são bem-vindos para o debate trabalhos que abordem temas como: 1. arquitetura moderna e os novos modos de morar (a partir da multiplicidade de configurações na atualidade); 2. arquitetura

moderna como patrimônio e preexistência capaz de amparar novos e indeterminados usos; 3. arquitetura moderna como referência, seja ela conceitual ou literal, para uma produção contemporânea que, não por mera coincidência, assume destacada posição no panorama internacional; 4. arquitetura moderna e a descentralização de sua continuidade no território brasileiro; 5. arquitetura moderna como léxico para novas experiências materiais e tecnológicas; 6. arquitetura moderna como referência para soluções sustentáveis (baixo impacto ambiental, baixo custo de manutenção e baixo gasto energético); 7. arquitetura moderna e seus pontos de contato com as demais expressões artísticas contemporâneas; 8. arquitetura moderna como referência para o imaginário visual na atualidade; 9. arquitetura moderna e as novas modalidades de interpretação de sua genealogia no presente; e 10. arquitetura moderna como dispositivo dialógico com a cidade.

Oposta à uma previsível postura ingenuamente saudosista, esta sessão não se restringe à reflexão contemporânea sobre a arquitetura moderna, pois pretende interpretá-la como uma inteligência instrumental e propositiva para compreensão do presente e para o projeto de um futuro que incorpore a complexidade (inclusive formal, que localiza a autoria como antítese dos arranjos em coletivos) por meio de instrumentos que superem a hoje frágil universalidade moderna quando posta diante das especificidades de urgências locais, mesmo que integrantes de uma agenda que, em parte, ainda nos convoca para tomadas de decisão em larga escala.

LUGAR COMO CONTINUIDADE CRÍTICA NA ARQUITETURA DE ÁLVARO SIZA

Vanessa de Conto e Ana Elisa Souto

O artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Universidade Federal de Santa Maria¹ e investiga a permanência de fundamentos da arquitetura moderna na obra recente de Álvaro Siza, com ênfase na relação entre projeto e lugar. Parte-se da ideia de que, mesmo após a superação das vanguardas modernistas, princípios como a clareza construtiva, a funcionalidade e a integração ao entorno permanecem vivos na produção contemporânea, sobretudo quando reinterpretados criticamente por arquitetos como Siza. O conceito de lugar é tomado como eixo teórico e operatório central, articulando dimensões físicas, culturais e simbólicas do contexto. A metodologia combina revisão teórica, análise comparativa e leitura crítica de dois projetos paradigmáticos: a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre, Brasil) e o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso (Chaves, Portugal). Ambos, concebidos entre 1998 e 2016, revelam como Siza desenvolve estratégias projetuais que dialogam com as preexistências naturais e urbanas, reinterpretando o legado moderno à luz das singularidades locais. Na Fundação Iberê Camargo, a relação com o lugar se expressa na integração entre topografia e percurso, resultando em volumetria fluida e contemplativa. No Museu Nadir Afonso, a intervenção é marcada pela contenção formal e pela integração ao tecido urbano e à paisagem do rio Tâmega. A análise demonstra que, em Siza, o lugar não é mera adequação contextual, mas instância crítica do projeto. Sua arquitetura media tradição e inovação, reafirmando o papel do arquiteto como intérprete do território. Assim, a obra de Siza revela uma continuidade crítica da modernidade, atualizando princípios modernos diante das transformações contemporâneas e reafirmando a arquitetura como prática cultural e instrumento de afirmação do lugar.

Palavras-chave: (1) ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, (2) CONTINUIDADE CRÍTICA, (3) MODERNIDADE

EXPRESSÕES DA ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO SUL DO BRASIL

Ana Elisa Souto e Josiane Talamini

A busca por uma identidade arquitetônica nacional no Brasil intensifica-se com o movimento moderno e a criação do SPHAN durante o Estado Novo, consolidando uma política cultural voltada à valorização do patrimônio e à construção de uma imagem moderna do país. Embora a historiografia da arquitetura moderna tenha privilegiado obras civis do eixo Rio-São Paulo, a arquitetura religiosa moderna destaca-se como campo de experimentação formal, simbólica e litúrgica, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Superando os estilos historicistas predominantes nas décadas iniciais, arquitetos alinhados ao ideário moderno passaram a conceber templos cristãos com linguagem depurada, liberdade formal e uso simbólico da luz, respondendo às transformações da Igreja Católica e à renovação litúrgica. Este artigo analisa três igrejas construídas entre as décadas de 1960 e 1970, localizadas no interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, Igreja São José em Cachoeira do Sul, Paróquia Nossa Senhora Consoladora em Ibiaçá e Paróquia Santíssima Trindade em Tunápolis. Essas obras articulam tecnologia, estrutura e espiritualidade, configurando soluções inovadoras em contextos periféricos. A adoção de plantas centralizadas, o protagonismo estrutural e o uso criterioso da luz natural criam atmosferas contemplativas que potencializam a experiência litúrgica e comunitária. A metodologia combina revisão bibliográfica, análise documental e iconográfica, além de entrevistas com agentes locais ligados à preservação e à prática religiosa. As igrejas revelam influências de Oscar Niemeyer, pela liberdade compositiva e expressividade do concreto, e da Escola Paulista, pela racionalidade estrutural e depuração formal, incorporando ainda técnicas e referências regionais. Apesar de seu valor arquitetônico, essas obras permanecem à margem dos repertórios oficiais de preservação e da historiografia moderna. A análise amplia o entendimento da arquitetura moderna brasileira ao reconhecer experiências periféricas que articulam técnica, liturgia e identidade regional, reafirmando a relevância de sua documentação e conservação.

Palavras-chave: ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA (1), PATRIMÔNIO PERIFÉRICO (2), CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO (3)

O DEPOIMENTO DE OSCAR NIEMEYER: PROCEDIMENTOS E PROCESSOS PROJETUAIS

Victor Oliveira

Este artigo analisa o *Depoimento* de Oscar Niemeyer, publicado em 1958, como momento de revisão crítica de sua prática projetual. O texto expressa não apenas uma reflexão teórica, mas a síntese de transformações já em curso na obra do arquiteto.

A trajetória é examinada desde a Pampulha, onde Niemeyer construiu um vocabulário formal singular, até obras posteriores que exigiram concisão e maior coesão. O Museu de Arte Moderna de Caracas e o Conjunto do Ibirapuera revelam a transição para uma arquitetura de gestos totais, marcada pela depuração de elementos e pela síntese entre programa, forma e estrutura.

O crescimento urbano de São Paulo e a atuação no mercado imobiliário ampliaram a escala das encomendas e levaram à reorganização do escritório, introduzindo dinâmica empresarial e delegação de tarefas sem perda da centralidade autoral.

Brasília constituiu o ápice desse processo. Trabalhando sob forte pressão de tempo e recursos, Niemeyer formulou partidos arquitetônicos vigorosos que se converteram diretamente em obras monumentais. A experiência internacional posterior reafirmou o croqui como centro de sua prática.

O *Depoimento* evidencia, assim, a arquitetura como atividade de síntese, em que teoria e prática se articulam e as limitações se transformam em oportunidade de depuração formal.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL (1), PROJETO DE ARQUITETURA (2), OSCAR NIEMEYER (3)

FÔRMAS E FORMAS: TRANSFORMAÇÕES NA OBRA DE VILANOVA ARTIGAS

Guilherme Pianca Moreno

O trabalho analisa a relação entre estrutura e elementos não estruturais — como paginações de fôrmas e pinturas — na produção de Vilanova Artigas entre o final dos anos 1950 e início dos 1960, período de transições em sua prática projetual. Busca-se mostrar como componentes considerados secundários mobilizam questões temporais, políticas e culturais, revelando tensões

inerentes ao processo de concepção e execução. A discussão ganha relevância ao compreender a arquitetura como resultado direto da ordenação material e das decisões que organizam a construção.

Na arquitetura moderna brasileira, especialmente na obra de Artigas, a estrutura atua como matriz geradora do espaço e da expressão plástica. Embora haja tendência de simplificação, o protagonismo estrutural não esgota a compreensão desses edifícios. Nos projetos do período, observa-se interesse crescente pela superfície construída como campo de operação estética, no qual fôrmas, juntas e cromatismos articulam a linguagem.

Artigas experimenta soluções diversas para o concreto aparente: tábuas verticais na Casa Olga Baeta; murais geométricos na Casa Rubens de Mendonça; o relevo de concreto da fachada do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem; no elaborado uso das cores nos ginásios de Itanhaém. Essas obras evidenciam o potencial expressivo da construção, que ultrapassa a dimensão estrutural e envolve a lógica de montagem.

A atenção às fôrmas, suas orientações e texturas, às pinturas que destacam apoios e às decisões sobre juntas e módulos mostra que esses elementos têm papel essencial na materialidade e na percepção das obras. Mesmo subordinados à estrutura, adquirem função estruturante no plano semântico: modulam a experiência, revelam o processo construtivo e atualizam criticamente a noção de arquitetura moderna. Ao explorar superfícies, cores e marcas construtivas como componentes expressivos, Artigas transforma o ato de montar em linguagem arquitetônica, reforçando o interesse contemporâneo de sua obra.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, VILANOVA ARTIGAS

NOVO USO DO EDIFÍCIO BRUTALISTA DO FÓRUM DE UBERLÂNDIA

Tomitão Adriano Canas e Maria Eliza Alves Guerra

A proposta deste trabalho é desenvolver uma primeira análise do Centro Municipal de Cultura de Uberlândia, novo equipamento cultural instalado no edifício que abrigou por quarenta anos o Fórum de Justiça Abelardo Penna, exemplar da arquitetura brutalista localizado no centro da cidade. Projetado pelos arquitetos mineiros José Carlos Leander de Castro e Roberto

Pinto Manata, o edifício (1972–1977) foi integrado ao projeto do Centro Cívico de Uberlândia (1973–1976), elaborado pelo escritório do arquiteto Ary Garcia Roza, com paisagismo de Roberto Burle Marx. O projeto previa uma ampla praça que reuniria edifícios político-administrativos e equipamentos culturais e de lazer no antigo leito ferroviário da Companhia Mogiana, desativado nos anos 1970. Contudo, apenas a Praça Sérgio Pacheco e o fórum foram construídos, e reformulações posteriores, decorrentes de alternância política, fragmentaram e descaracterizaram a praça, isolando o edifício, cuja arquitetura se destaca pelo partido e pelo uso do concreto aparente pouco comuns no Triângulo Mineiro. O edifício funcionou como fórum por quatro décadas e recebeu intervenções que resultaram em descaracterizações, como a perda da pavimentação idealizada por Burle Marx e o cercamento do entorno. Após a transferência das atividades judiciais para nova sede, o edifício passou por um período de incertezas quanto ao destino e ao risco de descaracterização. Em 2018, foi cedido ao município para uso cultural e recebeu adaptações para abrigar programas como a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, a Biblioteca Municipal e a Banda Municipal, além do arquivo do judiciário, ainda presente. Inaugurado em 2020 como Centro Municipal de Cultura, o equipamento completa cinco anos, permitindo avaliar sua adaptação ao novo uso. Entretanto, o isolamento provocado pelo cercamento e a ocupação do térreo por estacionamento evidenciam a necessidade de repensar a relação entre a intervenção atual, o potencial arquitetônico e uma integração mais efetiva com a cidade.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA EM MINAS GERAIS (1), INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO (2), CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA DE UBERLÂNDIA (3)

DÉCIO TOZZI E O MODERNO EM TRANSFORMAÇÃO NUMA ESCOLA EM SÃO PAULO

Franklin Roberto Ferreira De Paula

A arquitetura moderna brasileira produziu, ao longo do século XX, um conjunto expressivo de escolas públicas, sobretudo vinculadas a programas estatais de ampliação do acesso à educação em áreas periféricas. Embora impulsionada pela crença na universalização de direitos por meio da forma arquitetônica, essa produção frequentemente se materializou de

modo precário ou inacabado. A Escola Estadual Sd. PM Eder Bernardes dos Santos, no Conjunto Habitacional Encosta Norte, zona leste de São Paulo, exemplifica essa simultaneidade entre moderno inacabado e suas reinterpretações contemporâneas. Este trabalho examina sua trajetória como caso emblemático das permanências e transformações da arquitetura moderna em territórios periféricos. A construção do edifício projetado por Décio Tozzi na década de 1990 marcou a incorporação de princípios modernos: racionalidade construtiva, economia de meios, articulação entre espaços internos e externos e adaptação ao terreno acidentado. A pergunta central deste estudo é: como essas transformações impactam a atualidade da arquitetura moderna em sua capacidade de suportar usos indeterminados? Por meio de pesquisa qualitativa — levantamento arquitetônico, análise do projeto e visitas técnicas entre 2021 e 2025 — observou-se que, apesar das reformas, o edifício sustenta práticas que extrapolam a arquitetura, como eventos culturais, ações ambientais e atividades educativas. O caso analisado contribui para os debates sobre a continuidade da arquitetura moderna no Brasil ao revelar como sua permanência não se dá por cristalização formal, mas pela capacidade de amparar novas agendas socioterritoriais. A experiência da escola Eder Bernardes demonstra que a arquitetura moderna, mesmo atravessada por transformações e tensões, mantém-se como uma inteligência instrumental e propositiva para os desafios urbanos e educativos contemporâneos.

Palavras-chave: ESCOLA PÚBLICA (1), DÉCIO TOZZI (2), ARQUITETURA MODERNA (3)

FORMA-PAISAGEM E CHÃO: OBRA DE ARTIGAS NO CENTRO CÍVICO DE MACAPÁ

João Magnus Pires

Macapá teve um processo de desenvolvimento configurador de sua paisagem urbana entre as décadas de 1940 e 1990. A produção arquitetônica desse período possui elementos da arquitetura moderna, mas poucos estudos analisam esses projetos, com potencial para apresentar sinais de uma possível descentralização da continuidade da arquitetura moderna no Brasil. Este artigo toma a quadra das secretarias do Amapá, situada na Avenida FAB, como estudo de caso para contribuir no preenchimento dessa lacuna. Nessa

quadra localiza-se o edifício originalmente concebido como sede da Divisão de Obras do Território do Amapá pelo arquiteto João Vilanova Artigas, inaugurado em 1970, atualmente conhecido como Secretaria de Infraestrutura (SEINF). O objetivo deste estudo foi identificar estratégias arquitetônicas adotadas nos projetos dessa quadra, que a distinguem das demais ao preservarem o caráter público dos seus espaços livres. A falta de compreensão sobre esses projetos que compõem a paisagem do bairro Central de Macapá constitui uma lacuna que se propõe enfrentar. A análise se fundamenta nos conceitos de tectônica, forma-paisagem e espaços de aparição pública, trabalhados por Kenneth Frampton. O método adotado consistiu na análise, à luz dessas categorias, dos edifícios e da quadra, para compreender os gestos projetuais essenciais, as relações dos edifícios com a paisagem, o grau de indeterminação do chão e o domínio público derivado dessas relações. Identificou-se que o gesto projetual de configuração do terreno (*earthwork*), conectando o chão interno e externo ao edifício da SEINF, é repetido em escala ampliada na quadra do Centro Cívico, tornando-a excepcional em Macapá pela preservação do caráter público do espaço livre interno da quadra. Conclui-se que esta estratégia projetual pode servir de referência para o ensino e o desenvolvimento de projetos arquitetônicos. Estudos futuros sobre outras obras podem evidenciar o papel do conjunto da avenida na conformação da paisagem urbana de Macapá.

Palavras-chave: MACAPÁ (1), PAISAGEM (2), TECTÔNICA (3)

PÓS-SEVILHA: ENTRE DIÁLOGOS E CONTINUIDADES MODERNAS EM COLETIVO

Tatiani Amadeu de Freitas

Este artigo busca debater a retomada de uma arquitetura moderna de matriz paulista, presente no projeto vencedor para a Expo Sevilha em 1991, como marco a partir do qual interpretar a genealogia na produção contemporânea representada na exposição *Coletivo*, de 2006. A partir do método de pesquisa histórica, o artigo parte da revisão bibliográfica do período e da investigação em periódicos especializados, a fim de interpretar ambos os eventos aqui propostos a partir de um eixo de continuidade em uma produção contemporânea, que, ao longo das décadas, assume um papel de destaque, seja nas revistas especializadas, nos concursos públicos ou no pa-

norama internacional, compreendendo a Exposição Coletivo como um dos desdobramentos reabertos a partir de Sevilha. A herança de Artigas e Paulo Mendes da Rocha, presentes no discurso e projeto da proposta vencedora para Sevilha, marcou não só a retomada de um legado, mas também ampliou o campo de reflexão para aquilo que se configuraria mais tarde no andamento da produção arquitetônica contemporânea. De continuidades diretas, entre elas o próprio projeto vencedor para Sevilha, ou a partir de uma série de reinterpretações presentes quanto ao uso de materiais, detalhes e técnicas construtivas, o grupo de arquitetos arrolados na exposição Coletivo parece não se esquivar da cultura arquitetônica da qual emerge. Nota-se uma continuidade dentro de sua própria tradição, a partir de um esforço para uma reavaliação da produção moderna paulista, sem romper com uma ética, mas sim, de ampliar o campo da produção e da reflexão arquitetônica.

Palavras-chave: ARQUITETURA PAULISTA (1); CONCURSO EXPO SEVILHA 92 (2); EXPOSIÇÃO COLETIVO (3).

ARQUITETURA DEPOIS DO BRUTALISMO EM CURITIBA

Salvador Gnoato

Estudo da arquitetura desenvolvida em Curitiba após o Brutalismo, cujos projetos criticam o racionalismo do Movimento Moderno incorporando outras linguagens e referências. A contestação da arquitetura moderna teve início nos últimos CIAMs. Para Kenneth Frampton o Regionalismo Crítico interpreta pressupostos modernistas com realidades locais e para Aldo Rossi, “a cidade é um artefato que cresce no tempo”. O espírito rebelde da contracultura também influenciou esta geração. Os arquitetos do Grupo do Paraná atuaram no IPPUC, no desenvolvimento do Plano Preliminar de Curitiba, que tinha entre outras premissas, a valorização do centro histórico e a procura de uma identidade para a cidade. As casas de imigrantes poloneses e italianos, principalmente as populares casas de madeira de tábuas, fazem parte destas pesquisas. Othelo Lopes Filho inspirou-se na arquitetura vernacular no projeto de sua residência. Para o Setor de Projetos do IPPUC, Mauro Magnabosco reciclou uma antiga serraria existente no terreno. Osvaldo Navarro reutilizou antigos postes de madeira para construir sua casa em um lote com bosque natural. Essas concepções aparecem de forma mais elaborada na Unilivre, de Domingos Bongestabs, executada junto a um

bosque e uma pedreira desativada. Com a mesma simplicidade construtiva, implantada em terreno com características semelhantes, a Ópera de Arame foi executada com tubos de aço. Em meados de 1980 as publicações sobre Pós-modernismo incentivaram os alunos da UFPR e PUCPR, a se contrapor ao ensino brutalista dos professores. Nos edifícios da iniciativa privada predominaram referências historicistas e no IPPUC o Paranismo. Este movimento regional da década de 1920, buscava uma identidade regional tendo o pinheiro como elemento icônico. A Casa da Memória e o Memorial da Cidade, no centro histórico; e as diversas Ruas da Cidadania apresentam referências paranistas, características predominantes nos projetos de uso público nas décadas de 1980 e 1990.

DEPOIS DO PILOTIS – UMA ESTRATÉGIA PROJETUAL EM 100 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA

Nathalia Cantergiani e Monica Luce Bohrer

O pilotis foi estabelecido como elemento arquitetural e princípio de projeto por Le Corbusier no início do século XX. Obras com pilotis se disseminaram na Europa e nas Américas a partir da arquitetura moderna, transformando a volumetria e introduzindo novos parâmetros de permeabilidade nas edificações, num tempo em que os níveis térreos eram herméticos e maciços. A criação desse pavimento aberto e coberto flexibilizou a relação entre o espaço privado e o espaço público, antes conectados apenas pela superfície de uma fachada dita principal.

O uso da estrutura independente, que possibilitou a liberação do pavimento térreo, assim como a inversão do peso na composição volumétrica da edificação, são aspectos que marcam uma transformação tipológica fundamental absorvida pela arquitetura moderna brasileira. Dessa operação deriva-se um dos tipos mais emblemáticos da modernidade na arquitetura – a lâmina, barra (ou bloco) sobre pilotis.

Um século se passou desde o surgimento do conceito de pilotis e é possível encontrá-lo ao longo das décadas na historiografia da arquitetura brasileira até a contemporaneidade. O pilotis foi incorporado por sucessivas gerações de profissionais, que renovaram e ampliaram o repertório do térreo ou da base permeável. Em alguns projetos, é desenhado de modo análogo ao conceito corbusiano dos anos 1920; em outros foi reinterpretado e sofreu mutações formais, especialmente ao longo da segunda metade do século XX. A partir dos anos 2000, o conceito original do pilotis adquire um significado ainda mais abrangente, ampliando relações de permeabilidade decorrentes da liberação do nível térreo e desafiando a lógica do tipo canonizado como

SESSÃO

barra ou torre sobre pilotis, seja em edifícios de habitação, comerciais ou institucionais.

A proposta dessa sessão aborda tanto interpretação tipológica quanto as transformações formais do pilotis, a fim de criar conexões analíticas entre obras distintas, dentro do amplo recorte temporal estabelecido pelo 16º Seminário DOCOMOMO Brasil. Documentar, interpretar e comparar edifícios que absorveram o conceito de pilotis será o eixo comum que unificará os trabalhos a serem incluídos para compor essa sessão. Independente da escala destes espaços ou da forma das suas estruturas, a sessão buscará aproximar obras construídas entre 1920-2020 que mantém vivo o conceito elementar de pilotis na arquitetura brasileira.

O foco será selecionar estudos de caso que coloquem lado a lado soluções arquitetônicas com estratégias projetuais comuns, seja por influência conceitual, seja por condicionantes da legislação urbana. Esta proposta de sessão pretende ampliar o debate acerca do pilotis e suas variações para além das obras icônicas. Ao reconhecer o pilotis como um arranjo de configuração espacial - e não apenas um conjunto de apoios que possibilita a suspensão do edifício - torna-se possível dissecar seu conceito para reencontrá-lo em novas interpretações. Ao revisitar o pilotis por meio de seus atributos espaciais, espera-se contribuir para compreensão deste elemento, que foi incorporado a uma produção plural e que desempenhou papel fundamental para a consolidação de uma identidade da arquitetura brasileira.

LELÉ NO CAB: VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA EM PROJETOS DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA

Daniel J.M. Paz

João Filgueiras Lima (1932-2014) foi arquiteto fundamental na história recente da Arquitetura brasileira, pioneiro na pré-fabricação na arquitetura, em especial na tecnologia da argamassa armada. O Centro Administrativo da Bahia foi local privilegiado de seus experimentos. Ali, entre 1973 e 1974 realizou três tipos de edifício, que podemos compreender como variações no tema dos pilotis, parte da recorrência de temas relacionados ao mesmo, em termos da relação indissociável entre arquitetura, estrutura portante e infra-estrutura. São os edifícios as Secretarias em plataformas (1973-74, o Centro de Exposições (1974) e a Igreja Ascensão do Senhor (1975), com uma coda na sua última obra no local, o edifício do Tribunal Regional do Trabalho.

Palavras-chave: LELÉ, JOÃO FILGUEIRAS LIMA, CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA

O PASSADO COMO REFERÊNCIA: USO DE PILOTIS NA HABITAÇÃO SOCIAL

Mariana Jardim

A arquitetura pode ser compreendida por múltiplos aspectos — forma, função, materiais e espaço — sendo este último o elemento que distingue a disciplina (Zevi, 1996). Também envolve dimensões socioculturais, pois acolhe usos humanos e comunica significados (Pallasmaa, 2008). Nesse contexto, a habitação de interesse social (HIS) consolidou-se como instrumento fundamental de transformação urbana ao longo do século XX, principalmente durante o Movimento Moderno, reforçando a ideia, expressa pela Carta de Atenas, de que a unidade habitacional atua como célula de estruturação da cidade. Contudo, seu papel nem sempre se materializou como potencial de conexão urbana, muitas vezes restringindo-se a preencher áreas frágeis ou isoladas. Entre os princípios modernos aplicados à HIS, o pilotis destacou-se por liberar o térreo, permitir circulação e promover articulação entre edifício e cidade. Assim, compreender seus desdobramentos em projetos emblemáticos e contemporâneos contribui para avaliar sua permanência como estratégia arquitetônica.

Desta forma, este artigo realiza uma análise comparativa de três conjuntos habitacionais que empregam o pilotis como elemento de projeto e de relação com o entorno: CECAP Zezinho Magalhães Prado, Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) e Gleba G em Heliópolis. Os dois primeiros representam diferentes vertentes do Movimento Moderno brasileiro — paulista e carioca — e demonstram usos distintos do térreo livre: no CECAP, como organizador dos núcleos de circulação; no Pedregulho, como espaço intermediário que conecta níveis e prolonga a relação entre público e privado. Já a Gleba G apresenta uma releitura contemporânea, marcada por demandas de segurança e pela topografia irregular, incorporando pilotis e passarelas como áreas de convivência e circulação. O estudo busca demonstrar como o pilotis, enquanto princípio moderno, é reinterpretado na HIS atual, mantendo sua capacidade de permeabilidade e novas formas de articulação entre arquitetura e cidade, a fim de gerar espaços de qualidade.

Palavras-chave: HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL, PILOTIS, MOVIMENTO MODERNO.

IRMÃOS ROBERTO: PILOTIS PARA UMA CIDADE

Mara Eskinazi e Denise Vianna Nunes

De reconhecida relevância no quadro moderno brasileiro, a produção arquitetônica dos Irmãos Roberto — Marcelo, Milton e Maurício — encontra na sua dimensão urbana alguns dos principais aspectos que a singularizam e que garantem tanto seu papel histórico quanto seu valor como experiência de projeto. O presente artigo examina a produção residencial multifamiliar dos Irmãos Roberto destacando o papel desempenhado pelo pavimento térreo e, em particular, pelo uso do pilotis como operador espacial e urbano. Partindo do reconhecimento de que, no contexto de consolidação da arquitetura moderna brasileira, o edifício residencial tornou-se um campo privilegiado de experimentação, o estudo investiga como esses arquitetos desenvolveram soluções inovadoras de articulação entre o edifício e a cidade. A análise concentra-se em seis edifícios projetados no Rio de Janeiro entre 1950 e 1954, período de intensa afirmação do ideário moderno no país. A pesquisa estrutura-se em seis categorias de análise — Varanda, Praça, Esquina, Aéreo, Mirante e Multiforme — formuladas a partir do diálogo com estudos recentes sobre o pilotis. Cada categoria corresponde a uma

estratégia específica de conformação do térreo, evidenciando como os Roberto reinterpretaram o uso dos pilotis segundo as condições do lote, da quadra, da topografia e das demandas urbanas. Assim, o pilotis ora atua como espaço de transição semipermeável, ora como praça coberta, conector urbano, plataforma elevada ou estrutura plástica, revelando a amplitude e as possibilidades destas estratégias.

Os resultados demonstram que nas obras dos Irmãos Roberto o pilotis se afirma como instrumento ativo de mediação entre interior e exterior, capaz de produzir novas formas de convivência, circulação e fruição no espaço urbano. Conclui-se que o conjunto de edifícios analisados reafirma o papel da produção residencial dos Roberto na ampliação do repertório moderno brasileiro e na proposição de modos renovados de relação entre arquitetura e cidade.

Palavras-chave: IRMÃOS ROBERTO (1), PILOTIS (2), EDIFÍCIO RESIDENCIAL (3)

PILOTIS: DUAS ESTRATÉGIAS DE ÁLVARO SIZA

Patricia Hecktheuer

O artigo relaciona dois edifícios institucionais de autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira. Ambos se utilizam do espaço térreo livre, sendo continuidade ao sítio e solução para condicionantes ambientais. Após um século do conceito de pilotis estruturado por Le Corbusier, é possível identificar sua revalidação como estratégia de projeto arquitetônico para a Biblioteca em Viana do Castelo e para o Museu Nadir Afonso em Chaves, edifícios que se relacionam de maneira peculiar com o meio que estão inseridos, para o que o espaço em pilotis é determinante. O artigo objetiva, através da análise desses dois projetos construídos em Portugal, reconhecer a capacidade flexível e a adaptabilidade de um princípio de projeto moderno, da década de 1920, que se mantém na arquitetura do século XXI.

Palavras-chave: ÁLVARO SIZA, PROJETO ARQUITETÔNICO, PILOTIS

EDIFÍCIOS EM ÁREAS CENTRAIS DAS CIDADES BRASILEIRAS

Marcos Carrilho e Silvia Ferreira Santos Wolff

No transcurso do século XX, as principais cidades brasileiras passaram por profundas transformações decorrentes de processos de modernização econômica e de intensa urbanização. Suas áreas centrais consolidaram-se como núcleos dinâmicos de atividades financeiras, administrativas e comerciais, resultando em um expressivo conjunto de edifícios corporativos. Marcadas por vitalidade, densidade e inovação, testemunharam, especialmente a partir da década de 1920, o surgimento dos primeiros edifícios verticais favorecidos pelos avanços tecnológico do concreto armado e dos sistemas de circulação mecânica.

Essas condições favoreceram o florescimento de um acervo de edifícios representativos do Movimento Moderno ao lado de outros que, embora também significativos exemplares de modernização tecnológica, senão de linguagem, permaneceram à margem da historiografia que se consagrou. Certamente, essa produção aguarda uma revisão dos critérios de valoração e classificação adotados pela crítica, desafiando os limites do modernismo ortodoxo.

Nas décadas de 1980 e 1990, no entanto, o esvaziamento progressivo dessas áreas centrais têm trazido ameaças a esse patrimônio. O deslocamento de funções urbanas, a obsolescência das edificações e, mais recentemente, as transformações no mundo do trabalho — acentuadas durante a pandemia — contribuíram para o esvaziamento e a ociosidade de muitas edificações, mesmo em zonas com ampla oferta de infraestrutura e localização estratégica. Esse paradoxo evidencia a urgência de estratégias que aliem preservação e requalificação urbana.

Nesse cenário, a retomada do legado moderno nas áreas centrais emerge como uma oportunidade de uma ação integrada, com benefícios sociais,

culturais e ambientais. O reaproveitamento de edificações existentes se impõe como estratégia sustentável frente à expansão urbana, à produção de resíduos e à emissão de gases. Ao mesmo tempo, a reconversão funcional desses edifícios pode fomentar o repovoamento das áreas centrais e promover sua reintegração à vida urbana.

Neste quadro, tem se colocado de maneira cada vez mais frequente o desafio do reaproveitamento de edificações pré-existentes, reconvertidas e adaptadas. Uma nova dimensão da atividade de projeto toma corpo no campo profissional. E, ao fazê-lo, traz simultaneamente, um universo de questões cuja resposta e debate é urgente. Como conservar o legado da produção moderna senão por sua apropriação intensa, integrada ao circuito social e atualizada às exigências da vida contemporânea? Como se definem novos critérios de projeto contidos nos limites

de estruturas arquitetônicas pré-definidas? O que deve ser conservado, mantido, preservado e restaurado, em respeito aos valores da obra legada do passado e o que pode ser alterado, transformado, adaptado em resposta às demandas atuais? A proposta desta mesa é discutir essas questões à luz de experiências de reutilização e reconversão de edifícios modernos em áreas centrais brasileiras, explorando caminhos projetuais, critérios de intervenção e marcos conceituais para uma preservação ativa e comprometida com a vida contemporânea.

DUALISMO ENTRE RECONVERSÃO E DEMOLIÇÃO: SESC 24 DE MAIO - SP

Maria Pronin

Resumo não disponível

GERALDINO DUDA (DÉCADA DE 1950): UMA PRODUÇÃO EM DESCOBERTA

Ítalo Tavares de A. Farias

Este trabalho propõe-se a discutir o papel seminal de Geraldino Pereira Duda (1935–2024) como um dos introdutores da arquitetura moderna no interior do Nordeste brasileiro, especificamente em Campina Grande, Paraíba, no período entre 1955 e 1959. A investigação tem como objeto um conjunto de exemplares inéditos de obras modernistas do arquiteto, buscando reconhecer sua relevância com base em documentos do acervo inexplorados até 2024. Essa produção permaneceu à margem da historiografia tradicional. A apresentação das obras concebidas neste período, com destaque para o Edifício Macahyba (1955), o Edifício Clayton Marques (1958), residências como a Residência Olavo Cavalcanti (1958) e a Res. Waldemar de Souza revela princípios modernistas adaptados às condições locais ampliando o repertório conhecido. A pesquisa se fundamenta no trabalho de Ítalo Tavares de Araújo Farias (2024-25) baseado no método de Geoffrey Baker (2021), aliado à micro-história e aos conceitos de *habitus*, *campo* e *capital* de Pierre Bourdieu. Essa metodologia permite analisar a emergência da modernidade a partir de Duda, um profissional que iniciou sua atuação como desenhista autodidata aos 15 anos em 1950, qualificando-se via prática e curso técnico à distância inicialmente. Estudos recentes sugerem uma revisão deste período, recolocando Duda no centro das discussões como um dos primeiros arquitetos modernistas da Paraíba. No entanto, a preservação é um desafio. Apenas 20% das obras de Duda da década de 1950 estão edificadas, evidenciando a alta vulnerabilidade desse patrimônio em áreas centrais cobiçadas pela especulação imobiliária.

Palavras-chave: GERALDINO DUDA (1), DÉCADA DE 1950 (2), CAMPINA GRANDE (3)

O PASSADO DO FUTURO: DO MODERNO AO MODERNO – O EDIF. PIRATININGA*

Luiz Amorim

Discute-se estratégias de completamento de edificações modernas. Toma-se o Edifício Piratininga (1970), projetado por Delfim Fernandes Amorim e Heitor Maia Neto, profissionais reconhecidos pela historiografia da arquitetura moderna no Brasil, para estudo de completamento por meio do projeto. O imóvel, parcialmente construído no centro da cidade do Recife, agregaria lojas, escritórios e garagem vertical, tendo, a última, sido concluída e permanecido em contínuo funcionamento até hoje.

O estudo responde aos esforços da municipalidade de combater a obsolescência de parte dos bairros centrais, por meio do Programa Recentro e à convocação para o desenvolvimento de alternativas de adaptação do estoque edificado. Fundamenta-se no direito de completação conforme projeto aprovado, início de construção e habite-se referente à parte concluída. O projeto de arquitetura, a parte edificada e o acervo dos arquitetos são suas fontes primárias.

Toma-se como estratégia de completação a solução adotada por Amorim no Edifício Luciano Costa (1959): a sobreposição de uma pele de elementos vazados para modernizar edifício eclético, mas permitir a apreciação sincrônica dos léxicos arquitetônicos. No Edifício Piratininga, a fachada do passado moderno obedecerá aos desígnios dos autores, mas, dissociada do espaço do presente, envolverá a arquitetura contemporânea. A pele não dialoga com o passado, mas com a contemporaneidade para constituir o patrimônio do futuro.

Palavras-chave: COMPLETAMENTO (1), ADEQUAÇÃO (2), RECONVERSÃO (3)

* O estudo foi desenvolvido por Giriquiti Arquitetura e Urbanismo (Luiz Amorim, Roberto Lins e José Guilherme Silva) e Fernando Guerra Planejamento, Arquitetura e Design (Fernando Guerra e Guilherme Sperb).

MULTIFUNCIONALIDADE MODERNA: JÓQUEI CLUB RJ SEU PASSADO E FUTURO

Alex Carvalho Brino

A sede central do Jockey Club Brasileiro do Rio de Janeiro é fruto de uma longa história, que se inicia com a fusão de dois clubes de turfe, o Jockey Club e o Derby Club, com a meta de fortalecer financeiramente a nova instituição. O objetivo deste artigo é apresentar um sucinto histórico de formação deste prédio, desde a fase de estudo, construção da edificação, até a atual situação de subutilização. Permeada por idas e vindas, inúmeros projetos, a sede definitiva foi projetada por Lucio Costa e construída no centro do Rio de Janeiro entre os anos de 1954-74. Nesta obra, a multifuncionalidade atinge um alto nível de diversidade e escala, além de se apresentar como mecanismo capaz de ofertar uma densificação dos centros urbanos. Junte-se a isto a minimização de deslocamentos dentro da cidade, que geram uma melhor qualidade de vida a seus usuários e oferece uma condição de trabalho, saúde e lazer em um só lugar. Isto se mescla com uma solução baseada nos prédios americanos, principalmente, de Chicago e New York, nos quais a multifuncionalidade assumiu um papel de relevância na solução das cidades, pois ela permitia a compactação dimensional dos centros, por oferecer uma série de atividades em um mesmo lugar.

Palavras-chave: JOCKEY CLUB BRASILEIRO (1), LUCIO COSTA (2), MULTIFUNCIONAL (3)

PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL NO CENTRO DE SÃO PAULO

Ana Marta Ditolvo

A formação do Centro de São Paulo remonta a 1554, com a fundação da cidade e a celebração da missa que oficializou o Pátio do Colégio, conduzida pelos padres jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, no Planalto de Piratininga.

No século XIX, transformações estruturais impulsionaram a expansão urbana para além da colina histórica, culminando em expressivo crescimento no início do século XX.

A verticalização, intensificada pelo Plano de Avenidas na década de 1940, redefiniu conexões entre o centro e outras regiões, deslocando a centralidade para a zona sudoeste. Essa reconfiguração espacial e social gerou um processo de esvaziamento do centro, consolidado entre as décadas de 1970 e 1980, marcado por deterioração física e vulnerabilidade social.

Nos anos 1990, iniciativas de requalificação urbana buscaram requalificar a área, mas a descontinuidade administrativa comprometeu avanços. Mais recentemente, políticas públicas voltaram a priorizar o centro, com incentivos à reincorporação de edificações subutilizadas e aproveitamento da infraestrutura existente. Tais ações têm promovido a ressignificação cultural por meio de restauros e reusos adaptativos, impulsionando novos fluxos de desenvolvimento.

Nesse contexto, destacam-se o edifício da Companhia Telefônica Brasileira, na Rua Sete de abril, projetado em 1936 pelo escritório Ramos de Azevedo, e o Edifício Renata Sampaio, na Rua Araújo, projetado em 1956 pelo arquiteto Oswaldo Bratke.

O reuso adaptativo dessas pré-existências configura estratégia eficaz de preservação da memória social, ao assegurar a continuidade simbólica e funcional de tipologias arquitetônicas representativas do patrimônio paulistano.

Palavras-chave: RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL, RETROFIT, MEMÓRIA.

EDIFÍCIO JOÃO BRÍCOLA: UMA LEITURA DE DOCUMENTOS SEMINAIS

Hermógenes Moussallem Vasconcelos

Construído entre 1936 e 1939, o Edifício João Bricola tornou-se um dos marcos na paisagem do centro de São Paulo. Abrigou, entre 1939 e 1999, a *Mappin Stores*, loja de departamentos que foi referência no comércio e que permanece viva na memória paulistana. Após o encerramento da loja, o imóvel foi alugado pelas Casas Bahia até março de 2023, quando teve suas portas novamente fechadas, sendo comprado pelo Serviço Social do Comércio (SESC) naquele mesmo ano, a fim de utilizá-lo prioritariamente com fins administrativos.

A historiografia registra que o edifício foi construído pelo Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e permutado com a Santa Casa de Misericórdia. Contudo, pesquisa recente no Arquivo Público Municipal revelou um fato desco-

nhecido: um processo de 1936, anterior ao do Banespa, requeria o alvará de obras para um edifício no mesmo local, com morfologia notavelmente semelhante ao que foi executado pelo banco. Isso permite deduzir que o prédio não foi uma concepção original do Banespa, mas dos antigos proprietários dos imóveis que deram lugar ao edifício.

Este trabalho pretende trazer a público esses documentos, que podem ser interpretados como “certidões de nascimento” do edifício, evidenciando as negociações e lapidações a que um projeto arquitetônico é submetido. Com o resgate dessa documentação e sua análise, pretende-se contribuir para a reflexão sobre o desenvolvimento da arquitetura moderna em São Paulo, revelar agentes ocultos e evidenciar a importância das fontes documentais para a preservação da memória e do patrimônio histórico.

Palavras-chave: EDIFÍCIO JOÃO BRÍCOLA, MAPPIN, DOCUMENTAÇÃO, ALVARÁ, SÃO PAULO.

EM PAPEL E DIGITAL: ARQUIVOS, ACERVOS E DOCUMENTAÇÃO

Sylvia Ficher e Eduardo Rossetti

Esta Sessão Temática propõe um debate sobre acervos, arquivos e documentação de arquitetura e urbanismo, sejam em diferentes materiais ou em suporte digital. Trata-se de assunto premente, vinculado a um processo global de valorização desse tipo de produto, incluindo estratégias de aquisição, modos de armazenamento, tecnologias de digitalização e capacidade de divulgação. Assunto que traz grande potencial para pesquisas sobre um manancial de documentos referentes ao nosso campo profissional, que não pode deixar de ser tratado nos fóruns especializados. Essa temática pode abordar quais políticas institucionais podem ser implementadas, além de enfrentar questões técnicas, questões financeiras e custos, demandas de espaços e equipamentos específicos para armazenamento, preservação, exposição e viabilidade de acesso a pesquisadores. O fenômeno da transferência, por aquisição ou doação, da memória nacional de arquitetura e urbanismo precisa ser debatido com franqueza, uma vez que recentemente nosso campo profissional foi abalado com o deslocamento dos acervos de Lucio Costa e Paulo Mendes da Rocha para a Casa da Arquitectura em Matosinhos, Portugal. Diante dessa nova circunstância, e diante do risco de não haver controle nem entendimentos sobre esse fenômeno, é preciso incrementar uma discussão intrínseca ao campo ampliado da arquitetura e urbanismo. Aos acervos de profissionais da área, em suas diversas instâncias de atuação, devem ser somados os arquivos e bibliotecas de instituições, órgãos de imprensa ou entes federais, estaduais e municipais. As pesquisas historiográficas das últimas cinco décadas consolidaram estudos e análises sobre trajetórias profissionais, histórias institucionais, projetos não construídos, além da exploração de conteúdos de arquitetura e urbanismo publicados em revistas especializadas ou não. Somam-se também como fontes de interesse conexo, filmes e demais produções

SESSÃO

de suportes audiovisuais. Pesquisas podem ser ampliadas se ainda forem incorporadas como fonte de documentação a produção bibliográfica dispersa em diferentes modalidades de teses, dissertações, artigos e anais de eventos consolidados, tais como o próprio Seminário DOCOMOMO, ENANPARQ, ENANPUR, SHCU, PROJETAR, ARQUIMEMÓRIA e tantos outros. Entre a preservação de coleções documentais, o treinamento de mão de obra especializada para tratar de documentação heterogênea e as novas pesquisas latentes, decorrentes dessa política, defende-se a necessária mudança de paradigmas para tratar do assunto. Para tanto, também interessa debater uma política nacional de acervos, arquivos e documentação de arquitetura e urbanismo que tenha como referencial os elevados padrões da Getty Foundation, do Canadian Centre for Architecture e da Casa da Arquitectura, para citar apenas algumas das instituições mais conhecidas, com vistas à criação de um centro de referência nacional.

INVENTARIAR PARA EXISTIR: O ACERVO PESSOAL DE CHU MING SILVEIRA

Julia Nariçawa

Chu Ming Silveira (Xangai, 1941 – São Paulo, 1997) foi uma arquiteta sino-brasileira formada pela Universidade Mackenzie em 1964. Foi uma profissional multifacetada, reconhecida internacionalmente pela criação dos protetores telefônicos, popularmente conhecidos como “Orelhinha” e “Orelhão”, ícones do design urbano brasileiro. Além do mais, atuou na Companhia Telefônica Brasileira (CTB), na Serete S.A. e no Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores (CNEC), desenvolvendo projetos de grande porte. A partir dos anos 1970, dedicou-se ao próprio escritório, destacando-se com obras brutalistas e com o estilo “pós-caiçara”, inspirado no Feng Shui. Apesar de sua relevância para a cultura arquitetônica paulista e brasileira, sua trajetória ainda é pouco estudada. A pesquisa realizada ao longo do último ano, orientada pela Prof.^a Dr.^a Mônica Junqueira de Camargo, dedica-se à inventariação de seu acervo pessoal, localizado na Casa do Morumbi. Visitas semanais, intermediadas pelo filho da arquiteta, Djan Chu, permitiram a catalogação de desenhos, fotografias, documentos e bibliografia, com foco nas categorias “Desenhos” e “Documentos paralelos”, por seu potencial de revelar métodos projetuais e contexto profissional. O estudo, portanto, busca contribuir para o reconhecimento de Chu Ming Silveira e para o debate sobre a preservação e valorização de acervos não institucionalizados na historiografia da arquitetura brasileira.

Palavras-chave: CHU MING SILVEIRA, CULTURA ARQUITETÔNICA PAULISTA, ACERVO PESSOAL

POLÍTICA DE ACERVO E COLEÇÃO ICONOGRÁFICA DA FAU-USP

Clara T. Homem de Melo e Artur S. Rozestraten

A partir do estudo do acervo da Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAU-USP, busca-se discutir seus critérios de preservação e as relações entre arquivos, memória e ensino, inserindo a consolidação desse acervo no contexto mais amplo de formação de arquivos de arquitetura no Brasil e no mundo, sobretudo a partir das revisões historiográficas dos anos 1980.

O acervo iconográfico da FAU-USP reúne ampla variedade de materiais - cartazes, diapositivos, fotografias, projetos, maquetes, publicações e vídeos - abrangendo as áreas de Arquitetura, Urbanismo e Design. Entre seus conjuntos, destacam-se cerca de cinquenta coleções de arquitetos brasileiros ou radicados no país, que preservam desenhos, croquis, registros fotográficos, correspondências e documentos administrativos. Esses materiais permitem traçar um panorama da produção arquitetônica e urbanística brasileira entre o final do século XIX e o XX.

Mais do que conservar projetos e desenhos, o acervo abriga múltiplas formas de representação da arquitetura, reconhecendo-as como expressões interdependentes da prática e do pensamento arquitetônico. Como coleção pública universitária, cumpre funções de ensino, pesquisa e extensão, afirmando-se como espaço de produção e institucionalização da memória.

O artigo também discute o atual processo de digitalização e a incorporação de artefatos nato-digitais, em consonância com a formulação da Política de Acervos da USP. Ao analisar o caso da FAU-USP, propõe-se refletir sobre o papel dos arquivos universitários na preservação e difusão da memória da arquitetura e na construção de uma iconografia arquitetônica.

Palavras-chave: ICONOGRAFIA, ACERVO, REPRESENTAÇÃO

O QUE PODEM OS DOCUMENTOS PRIVADOS?

O ARQUIVO DE RACHEL SISSON

Pilar Tejero Baeza e Ligia Maria Mello Dias

A partir da demanda familiar e da preocupação coletiva sobre a importância da produção técnica e cultural de não esquecer épocas de crises sociais e apagamentos deliberados, este artigo narra o processo de cuidado do arquivo da historiadora da arte, arquiteta, fotógrafa, cineasta e urbanista Rachel Sisson (1928-2023). Limpar, acondicionar e organizar o arquivo nos levou a desvelar: o que pode entregar um arquivo feminino, da última metade do século XX, ao saber técnico e cultural atual? Limpando papéis, cartas, recortes de jornais, organizando e guardando fotografias, negativos e contatos. Assim como abrindo, catalogando e guardando livros, cadernos e revistas, foi possível perceber a abrangência de interesses do mundo de uma intelectual, a qual buscava sempre questionar o que lia, mas também o que produzia e observava à sua volta. Com essas primeiras aproximações ao mundo material e social da Sisson, conjuntos de nuvens começam a formar uma biografia intelectual a partir do material organizado. Nessas

pequenas nuvens de um arquivo, todos os seus documentos possuem histórias a serem reveladas sobre uma determinada época, sobre uma forma de ser mulher, pensar e construir conhecimento para o campo da Arquitetura e do Urbanismo. Afinal, o arquivo é tomado aqui como um discurso a ser decifrado. Assim, discutir e refletir sobre o arquivo da arquiteta Rachel Sisson é uma possibilidade de pensar sobre o processo intelectual e exige reconstruir o campo cultural da própria história da Arquitetura e Urbanismo, não vista apenas em termos de oposições ou conflitos, mas em um sistema de acontecimentos e relações dinâmicas que mudam a configuração variável do jogo (Pereira, 2000).

Palavras-chave: ARQUIVOS PRIVADOS (1), ARQUITETAS (2), HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO (3)

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: ARQUITETURAS PARA EDUCAÇÃO PÚBLICA EM BRASÍLIA

Filipe Bresciani

Esta comunicação investiga o potencial de pesquisa em arquitetura e urbanismo a partir de material salvaguardado pelo Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). Mais precisamente, interessa explorar um universo projetual pouco estudado e historiografado: arquiteturas para a educação pública do Plano Piloto de Brasília.

Os projetos desenvolvidos para Jardins de Infância, Escolas-Classe, Escolas-Parque e Centros de Ensino Médio configuram conjuntos ora autônomos, ora articulados entre si, sendo tributários do Plano Educacional concebido por Anísio Teixeira e sua equipe para a nova capital. Ao serem examinados, estas propostas podem revelar trajetórias, qualidades espaciais e construtivas, mas, sobretudo, diversidade e afinidades de pensamento arquitetônico que vão além de sua materialização física, aos edifícios que foram efetivamente construídos.

As fontes primárias inéditas do ArPDF evidenciam uma produção coletiva variada, que contribuiu para a consolidação da espacialidade cotidiana de Brasília. Assim, visando ampliar as abordagens sobre a Capital Federal para além de seus programas e espaços monumentais de exceção, o presente artigo oportuniza ocasião para explorar fração deste conjunto.

Palavras-chave: PLANO PILOTO DE BRASÍLIA, ARQUITETURA ESCOLAR, PLANO EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

MAPEANDO A ARQUITETURA DE BRASÍLIA: A OBRA DE MILTON RAMOS.

Marcelo Pimenta

Graduado pela Faculdade Nacional de Arquitetura em 1958, Milton Ramos (1929-2008) veio a compor os primeiros quadros profissionais na construção de Brasília. Funcionário da Construtora Pederneiras de 1959 a 1967, foi responsável pelo detalhamento e execução de importantes obras de Oscar Niemeyer. Tal colaboração teve continuidade mesmo após ter constituído escritório próprio em 1967, tendo o arquiteto atuado até o início dos anos 1990, contribuindo para compor a paisagem urbana de algumas regiões de Brasília. Avançando a iniciativa pioneira de Carlos Henrique Magalhães de Lima, a singularidade e a diversidade das realizações do arquiteto permitem novas abordagens de sua obra. Enquanto objetivo, o presente trabalho propõe consolidar um registro virtual da localização da obra de Milton Ramos em Brasília. Busca-se criar um repositório interativo que permita ao usuário ter acesso diretamente de dispositivos com acesso à *internet*. A título de metodologia, além de revisão bibliográfica, foram realizados contatos com outros profissionais, além de consultas no acervo de projetos do arquiteto. A partir da sistematização das informações que possibilitam localizar a obra do arquiteto, pôde-se construir uma primeira versão do mapa digital, com marcadores que permitem visualizar imagens e legendas de cada projeto. Tal ferramenta busca promover a difusão, facilitar a aproximação e colaborar na preservação das realizações de Milton Ramos. O mapa desenvolvido poderá ser aprimorado à medida que novas pesquisas possibilitem incrementá-lo ou introduzir novas informações. Por fim, este trabalho pretende não só apresentar uma experiência de difusão de determinado patrimônio arquitetônico, mas contribuir para o desenvolvimento de diferentes formas e ferramentas de preservação de acervos documentais. Link do mapa: <https://www.google.com/maps/d/u/2/edit?mid=13YwaRmB_vEOnYg0VeGfmgn4xHniKkZo&ll=-15.789755240978762%2C-47.87270950407042&z=12>.

Palavras-chave: BRASÍLIA, MILTON RAMOS, ACERVO, BRUTALISMO.

FIOS E MEMÓRIA: CARTAS ENTRE LINA BO BARDI E EDMAR DE ALMEIDA

Adalberto Vilela e Raquel Byrro

Em 1975, a Exposição Repassos – Edmar e as Tecedeiras do Triângulo Mineiro, realizada no MASP e organizada por Lina Bo Bardi e Flávio Império, instaurou um embate deliberado entre o rural e o urbano, o popular e o cosmopolita. Longe de ser uma mostra convencional, a presença de estrume no salão nobre simbolizava a “agressão do mundo rural ao mundo civilizado paulistano”, evidenciando a virada que Lina consolidara desde *A Mão do Povo Brasileiro* (1969), quando o artesanato tradicional passou a ocupar lugar central em sua reflexão sobre a cultura brasileira.

Cinquenta anos após Repassos, emergem as tapeçarias das tecedeiras do Triângulo Mineiro, mas também um conjunto inédito de correspondências trocadas entre Lina e Edmar de Almeida de 1973 a 1989. As cartas revelam uma relação marcada pela troca estética e afetiva: de um lado, a paisagem sertaneja evocada por Edmar, marcada pelo universo literário de Guimarães Rosa; de outro, o olhar erudito de Lina e seu fascínio pelo popular. A sensibilidade comum em torno do Cerrado atravessa versos, memórias de infância, confissões de solidão e relatos que expõem contrastes estruturais da vida interiorana.

O acervo também traz novas informações sobre a construção da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado (Uberlândia, 1976-1982), destacando o papel decisivo de Edmar na mediação com a comunidade franciscana e no próprio processo de implantação do edifício. As cartas evidenciam a presença do contexto da ditadura, configurando um espaço de disputa simbólica onde narrativas são construídas e ressignificadas.

Partindo da noção de arquivo como fragmento aberto, este trabalho cruza documentos heterogêneos – cartas, fotografias, depoimentos, pinturas e entrevistas – para propor uma reavaliação crítica de um capítulo da modernidade brasileira. Ao articular essas camadas com demandas políticas e culturais contemporâneas, o estudo recusa leituras anacrônicas e aborda o passado como campo de experimentação para futuros possíveis.

Palavras-chave: LINA BO BARDI (1), EDMAR DE ALMEIDA (2), MODERNIDADE BRASILEIRA (3)

VKHUTEMAS: ARQUIVO DE UMA PEDAGOGIA MODERNISTA PARA ARQUITETURA

Lívia Koeche

O presente artigo propõe uma forma de tradução crítica para um conjunto de três publicações seminais para o pensamento pedagógico de vanguarda na arquitetura, desenvolvido pelo professor e arquiteto racionalista Nikolái Ladóvski (1881 — 1941), no início do período pós-revolucionário soviético. A tradução toma como ponto de partida os documentos originais digitalizados, *Izvéstia ASNOVA* (1926), *Arkhitectura: Raboty Arkhitektúrnoy Fakulteta Vkhutemasa* (1927) e *VKhUTEIN: Výschi Gossudarstvênny Khudojestvênno-Tekhnícheski Institut v Moskvê* (1929), que integram o domínio público. Estas publicações são citadas como fontes primárias por todo um corpo de literatura crítica secundária, em diversos idiomas a partir do fim da década de 1970, sobre esse momento do pensamento pedagógico de uma autonomia disciplinar arquitetônica no contexto das vanguardas russas. A partir da tradução gráfica dos textos, muitas vezes associados a desenhos, diagramas e fotografias, proponho uma forma de tradução aliada à análise comparativa com outras traduções parciais e interpretações publicadas nos idiomas inglês (Senkevitch Jr., 1983; Khan-Magomedov, 1987; Bokov, 2020; Vronskaya, 2022), francês (Khan-Magomedov, 1990) e português (Diniz, 2016). A tradução das formulações teóricas presentes nesses documentos parte de uma abordagem fenomenológica, centrada na noção de *arquivo* como uma pós-produção, feita a partir de um olhar situado no futuro, de um conjunto de fragmentos recuperados, acessíveis, que permitem por sua articulação uma gama de possíveis leituras. Ao examinar essa produção como componente do diálogo entre as tradições soviética e internacional no que concerne a intelectualidade e a arquitetura modernistas, tomo a cultura arquitetônica soviética como uma parte integrante, ainda que radical, da modernidade; não meramente informada por ideais ocidentais, mas participativa na sua formação. Sob este viés, o trabalho busca discutir as estratégias metodológicas adotadas para uma pedagogia projetual arquitetônica que, posteriormente, poderão aprofundar o entendimento de instrumentos operativos e críticos do método então proposto para o ensino de projeto em arquitetura.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNISTA, VANGUARDAS RUSSAS, TRADUÇÃO GRÁFICA, PEDAGOGIA PROJETUAL

EXPOSIÇÕES DE ARQUITETURA: RECONSTITUINDO MEMÓRIAS SEM ARQUIVOS

Fernando Araújo Costa e Maria Cristina Cabral

A exposição de arquitetura é uma categoria de difusão da cultura arquitetônica, compreendida como uma possibilidade de definir os limites e contornos da arquitetura como prática disciplinar e reflexiva. É igualmente um dispositivo emblemático de intermediação política, com forte viés simbólico, na medida em que pode atingir um público amplo, para além das fronteiras do campo disciplinar.

Para o estudo da história das exposições e de sua repercussão, os arquivos institucionais têm um papel primordial. Atualmente, são bastante especializados e cientes de sua importância para pesquisas científicas e culturais. Diferentemente de instituições culturais internacionais como o MoMA-NY ou o Centro Canadense de Arquitetura, são raras as instituições brasileiras que disponibilizam informações sobre as exposições que produziram. Reconstruir cronologias das exposições realizadas no Brasil sem arquivos institucionais tornou-se uma árdua tarefa de pesquisa, mas que tem muito a agregar sobre a forma de divulgação da cultura arquitetônica.

Na ausência de arquivos específicos institucionais, este estudo apresenta algumas experiências expositivas de arquitetura e urbanismo realizadas e/ou divulgadas na cidade do Rio de Janeiro, a partir da pesquisa na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Serão apresentadas desde as escassas experiências expositivas na cidade até os anos 1920; a crescente dos anos 1930; e a internacionalização das trocas culturais através das exposições de arquitetura entre os anos 1940 e 1950, culminando em sua institucionalização, tanto no âmbito da Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1951) como na criação de departamento especializado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1948) e sua primeira exposição de arquitetura (1952).

As exposições serão analisadas sob os prismas da sua importância política, através de seus agentes e instituições promotoras; e da contribuição ao campo disciplinar, através da análise das escolhas curatoriais na época.

Palavras-chave: RIO DE JANEIRO (1), HISTÓRIA DAS EXPOSIÇÕES (2), PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (3)

O LUGAR CATARINENSE NO DEBATE SOBRE ACERVOS ARQUITETÔNICOS

Yuri Cristiano Berrido Gheler e João Paulo Schwerz

O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina iniciou, em 2023 via Edital do CNPq, a pesquisa “Acervo Público de Arquitetura e Urbanismo em Santa Catarina (SC): um levantamento de casos e práticas no Brasil e em SC”. Parte-se da constatação de que o estado, a exemplo de parte do contexto nacional, não possui um acervo público especializado em arquitetura e urbanismo. Essa ausência resulta na dispersão e na vulnerabilidade no tratamento da documentação produzida no estado, como projetos, concursos, planos urbanos e acervos pessoais de arquitetura, frequentemente mantidos em condições precárias de guarda e acesso institucional. Buscou-se relatar e refletir sobre o processo de consolidação de um acervo público de arquitetura e urbanismo em SC, enquanto ação estratégica diante das fragilidades estruturais existentes. Ao reconhecer que parte significativa da história da arquitetura no estado ainda permanece desconhecida, o projeto aponta para a urgência de estruturar políticas e dispositivos institucionais voltados à preservação, sistematização e difusão desses materiais. Trata-se, também, de uma tentativa de inserir o estado em um debate nacional em consolidação e contribuir com uma perspectiva local ainda pouco representada nesse cenário. O mapeamento preliminar apresentado neste trabalho revela um campo marcado por heterogeneidade e assimetrias.

Palavras-chave: ACERVOS DE ARQUITETURA E URBANISMO, DOCUMENTAÇÃO, SANTA CATARINA

TRIBUNAS DO MODERNO: IMPRENSA E ARQUITETURA NO BRASIL (1920–1950)

Francisco Sales Trajano Filho e Monaliza Cristina Gonçalves

Resumo não disponível

A CONTRIBUIÇÃO HISTORIOGRÁFICA E OS LIMITES GERENCIAIS DO ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE ARACAJU

Carolina Chaves

A Política Nacional de Arquivos (Lei nº 8.159/1991) visa garantir a gestão documental e a proteção especial de arquivos, reconhecendo o valor dos documentos no apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação. Suas diretrizes são definidas pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ). Apesar desse marco legal, a ineficiência na implementação da política tem contribuído para a transferência de acervos importantes, como os dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Lúcio Costa, para a Casa da Arquitetura, em Portugal.

A ampliação das narrativas historiográficas exige revisão das fontes que as sustentam. A reaproximação às fontes primárias pode gerar novas interpretações ou revelar fatos antes ausentes. Arquivos públicos ou privados de arquitetura guardam elementos essenciais para o alargamento e aprofundamento da história arquitetônica e urbana. A pesquisa realizada no arquivo de arquitetura do Arquivo Público da Cidade de Aracaju confirmou essa relevância, tanto por sua contribuição historiográfica quanto pelos obstáculos gerenciais.

A historiografia sobre Aracaju apresenta lacunas referentes à produção arquitetônica e urbana de meados do século XX, cuja investigação requer retorno às fontes primárias. Para compreender o processo de ocupação da cidade nas décadas de 1950 e 1960 e a produção arquitetônica desse período, foram analisadas peças gráficas de projetos aprovados pela Prefeitura e fotografias do acervo municipal.

Neste processo, identificou-se tendências de crescimento urbano, processos de adoção de elementos formais associados a uma “modernização formal”, configurações dos espaços de morar, atuação de profissionais da construção e assimilação do vocabulário da Arquitetura Moderna em um contexto de difusão nacional.

Os resultados revelaram vasta produção Art Deco em diversos bairros, tanto em novas construções quanto em reformas, além da presença de obras alinhadas à Arquitetura Moderna em novas residências. Esses achados evidenciam o papel fundamental dos arquivos na preservação e ampliação da história coletiva.

Palavras-chave: ARQUIVO DE ARQUITETURA, ARQUITETURA MODERNA, HISTÓRIA URBANA, SÉCULO XX.

ACERVOS FOTOGRÁFICOS E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO ESPORTIVO BRASILEIRO

Arthur Prates

A partir de importantes exemplares de arquitetura esportiva projetados por Ícaro de Castro Mello (1913-1986) durante a segunda metade do século XX, este trabalho versa sobre a necessidade de uma valorização da arquitetura esportiva moderna enquanto tipologia arquitetônica (e urbanística) digna de maior atenção e zelo.

Tal área, apesar de todas as experimentações construtivas e redes de sociabilidade que incita, permanece ainda pouco estudada e reconhecida enquanto tipologia a ser preservada. Exemplo disso são as inúmeras obras pertencentes a Ícaro que se encontram abandonadas, descaracterizadas ou mesmo perdidas em virtude do descaso e incompreensão delas enquanto bem comum do país.

Como forma de contornar este cenário, ensaia-se neste artigo possibilidades de valorização e recuperação destas arquiteturas (e urbanismos) por intermédio da apropriação de materiais iconográficos pertencentes (e quase sempre esquecidos e abandonados) em arquivos, acervos, bibliotecas e inventários.

Utilizando-se, enfim, de importantes referenciais teóricos da fotografia e de experiências prévias notáveis de mobilização de materiais iconográficos em prol da valorização do patrimônio e da memória, veremos caminhos pelos quais poderá ser viável a preservação e o usufruto das arquiteturas e espacialidades esportivas modernas pelas atuais e futuras gerações.

Palavras-Chave: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO, FOTOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA NAS EDIÇÕES DA EAUFMG, 1924-1975

Danilo Matoso Macedo

Este artigo traça a trajetória da produção literária e editorial da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG) entre 1924 e 1975. Antes da formalização das edições da Escola, a atividade literária era impulsionada por seus fundadores, como o polímata Aníbal Mattos, que publicou obras importantes sobre história da arte e da arquitetura brasileira

a partir de 1924. Outros membros do grupo inicial também contribuíram com livros técnicos e históricos.

O processo de institucionalização se consolidou em 1955 com a criação das “Edições Arquitetura”, sob a direção de Aníbal Mattos, que visava estabelecer uma imprensa universitária. A compra de um “aparelhamento tipográfico Multilith” e a inauguração do Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura em 1957 permitiram a publicação regular de obras de diversos temas.

A partir da criação de um “tripé” de pesquisa, documentação e edição, a escola atingiu um ritmo notável. Entre 1960 e 1964, foram editados 67 títulos, uma média de quase dois livros por mês. A editora lançou coleções como “Documentário Arquitetônico” e a “Traduções escolhidas”, e publicou teses de professores, como a de Sylvio de Vasconcellos, além de obras fundamentais como a “Carta de Atenas” e o primeiro volume das “Obras completas” de Lucio Costa. Destaca-se ainda a monumental “História da Arquitetura” de João Boltshauser, publicada em seis volumes entre 1965 e 1972.

A intensa atividade de pesquisa histórica e a publicação de mais de 200 títulos pelos professores da EAUFGM funcionaram como motor para a pesquisa na Escola, constituindo hoje uma fonte documental inestimável para o campo da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: HISTÓRIA DO LIVRO, HISTÓRIA DA ARQUITETURA, TEORIA DA ARQUITETURA, EAUFGM, BELO HORIZONTE.

CACHORRO COM MUITOS DONOS

Andrey Schlee

A preocupação com a documentação arquitetônica volta a ganhar corpo. Depois de um período de valorização ocorrido nas décadas de 1960 a 80 – calcado na necessidade de fortalecer o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil e marcado pelas estruturantes propostas de criação de centros de documentação junto às universidades e centros de ensino superior –, caímos em outro momento. Agora, tudo indica, caracterizado por uma crise das instituições de memória e por um incômodo viés xenófobo. Ocorre que, a transferência de documentação produzida por arquitetos e urbanistas brasileiros para a Casa da Arquitetura/Portugal, evidenciou a fragilidade e fez emergir uma questão fundamental: “como nós estamos cuidando da memória nacional? A discussão levantada pelo campo da arquitetura e urbanismo eviden-

ciou a fragilidade das instituições federais e a falta de instrumentos capazes de garantir a conservação da documentação que interessa. O IAB estruturou a rede de acervos e propôs a criação de uma “Casa da Arquitetura do Brasil”. O CAU estabeleceu sua Câmara Temática de Patrimônio. O Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro solicitou o tombamento federal de 32 acervos e apresentou ao Iphan a minuta de portaria que limita a mobilidade de acervos que contenham documentos referentes a bens edificados tombados. Ou seja, uma série de propostas que evidenciam as preocupações do campo profissional. Sendo cada vez mais necessário retomar a proposta apresentada em 2022, por profissionais de arquitetura e de arquivologia, quando sugeriram a concepção de uma política pública capaz de fomentar a gestão, guarda, preservação, descrição e acesso aos arquivos de arquitetura e urbanismo, em consonância com as normas e padrões definidos pela área de arquivologia. Caso contrário, só reforçaremos o ditado popular: “cachorro com muitos donos morre de fome...”

Palavras-chave: ACERVOS, DOCUMENTAÇÃO, HISTÓRIA DA ARQUITETURA

ACERVOS DE ARQUITETURA NO BRASIL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Luiz Eduardo Sarmento

Este artigo discute a relevância dos acervos de arquitetura e urbanismo para a preservação da memória cultural e para a compreensão dos processos criativos, técnicos, políticos, estéticos e sociais da produção arquitetônica, analisando suas potencialidades e os desafios de conservação no contexto brasileiro. Caracterizados por grande diversidade de suportes — plantas, croquis, maquetes, objetos de construção, livros, obras de arte e materiais coletados em pesquisa — esses acervos demandam tratamentos específicos de salvaguarda. Exemplos como o acervo de Roberto Burle Marx evidenciam sua complexidade multidisciplinar, mostrando que tais coleções não são apenas repositórios técnicos, mas espaços de memória e investigação que articulam diferentes áreas do conhecimento e valorizam o patrimônio cultural, técnico e artístico.

Ao explorar a situação desses acervos no Brasil, o artigo identifica desafios centrais, como a ausência de instituições adequadas para tratamento, guarda,

divulgação e exposição. Essa lacuna resulta em documentos dispersos e vulneráveis, dificultando o acesso e a pesquisa. Arquivos e bibliotecas tradicionais não são concebidos para lidar com a natureza híbrida desses materiais, que combinam elementos arquivísticos, bibliográficos e museológicos.

A insuficiência institucional é analisada à luz da nova definição de museu do ICOM, que enfatiza não apenas colecionar e conservar, mas também expor e interpretar acervos. O estudo também discute os efeitos de processos neocolonizantes na evasão de acervos para o exterior, como os de Paulo Mendes da Rocha e Lucio Costa, gerando perdas simbólicas e culturais. Outros entraves incluem fragmentação, descarte e baixa valorização de acervos privados, agravados pela pouca difusão pública e pela proximidade temporal da produção moderna.

Apesar desses obstáculos, o artigo destaca o potencial desses acervos como pilares de um ecossistema cultural que integra ensino, pesquisa, produção e preservação. Por fim, aponta caminhos para sua salvaguarda, ressaltando seu valor cultural e econômico para o país.

Palavras-chave: ACERVOS DE ARQUITETURA E URBANISMO, PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS, PATRIMÔNIO CULTURAL

ENSINO DO MODERNO NA ARQUITETURA COMO PROPOSTA PARA O SÉCULO XXI

Monica Camargo e Sabrina Studart Fontenele Costa

As intrincadas relações entre a arquitetura moderna e o seu passado constituem um fértil campo de investigações e revisões. Inicialmente marcada por uma negação da história em prol do avanço, a arquitetura moderna transitou pelo ecletismo historicista das primeiras décadas do século XX, para posteriormente incorporar as raízes culturais, especialmente na produção latino-americana a partir dos anos 1930. Sua inserção como conteúdo didático nas disciplinas de história da arquitetura, a partir da década de 1960, e a sua consolidação como campo de pesquisa com a criação dos programas de pós-graduação nos anos 1970 pavimentaram o caminho para uma revisão crítica à luz das pautas contemporâneas.

Considerando o tema do 16º Seminário Docomomo Brasil, o debate sobre o papel da arquitetura moderna na formação profissional do século XXI revela-se não apenas oportuno, mas essencial. Se, por um lado, o vasto legado de obras e projetos modernos continua a inspirar e servir como referência fundamental para as novas gerações de arquitetos e urbanistas, por outro, a historiografia desse período tem sido objeto de críticas significativas.

A leitura atenta da produção crítica e historiográfica dos autores modernos assume um papel crucial para a análise das questões e das obras contemporâneas. Como pertinentemente nos alertou Denis Diderot, é a prática que invariavelmente precede e fundamenta a teoria. A historiografia da arquitetura moderna, em suas múltiplas dimensões – seja no conteúdo abordado, nas metodologias empregadas ou nas teorias propostas – pode oferecer uma contribuição rica e indispensável à formação profissional. Trata-se de um conjunto de autores nacionais como Lúcio Costa, Paulo Ferreira Santos, Sílvio Vasconcellos, Henrique Mindlin e Carlos A. C. Lemos, e de pensadores estrangeiros de igual importância, como Nikolaus Pevsner, Bruno Zevi,

Manfredo Tafuri, Marina Waisman, Kenneth Frampton, William Curtis, Jean Louis Cohen e Josep Maria Montaner.

Esta proposta busca levantar e aproximar experiências que garantam uma revisão crítica consistente e fundamentada e estabeleça um diálogo produtivo entre o legado desses autores clássicos e a produção intelectual da geração contemporânea,

representada por nomes como Adrián Gorelik, Miwon Kwon, Ynaê Lopes dos Santos, Luis Fernando Lara, Ruth Verde Zein, Ailton Krenak, Grada Kilomba, Nego Bispo de maneira a

garantir avanços significativos e enriquecedores para o campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo.

Levantamos algumas questões para os envolvidos com o ensino e a prática da arquitetura: como podemos, de maneira mais eficaz e engajadora, apresentar e discutir o legado da arquitetura moderna na formação dos profissionais do século XXI? Que novas perspectivas e releituras podem surgir de um encontro renovado com os textos e as obras que fundamentaram o pensamento arquitetônico moderno? Que tipo de diálogo crítico e construtivo podemos estabelecer entre as lições do passado e os desafios urgentes do presente e do futuro? Este painel propõe-se a convidar docentes e pesquisadores a refletir de maneira coletiva sobre o papel do ensino da arquitetura moderna na construção de um futuro mais consciente e engajado com a nossa própria história.

ARQUITETURA MODERNISTA, COLONIALIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL

Tamiris de Oliveira Machado

Diferentemente de grande parcela de obras que são referência em estudos sobre o movimento modernista no Brasil, o debate proposto defende que a gênese desta corrente está associada aos principais acontecimentos sociais verificados no país na segunda metade do século XIX: o fim da escravidão, a consolidação da república e as teorias acerca do racismo. Desta forma, entende-se que tais acontecimentos vão deixar marcas, por meio de mecanismos de segregação racial na solução arquitetônica das residenciais construídas em Belo Horizonte, nesse período. Investiga-se a relação entre arquitetura modernista, colonialidade e patrimônio cultural a partir do arcabouço cultural criado a partir da Semana da Arte Moderna e a busca pela criação da identidade nacional.

Palavras-chave: ARQUITETURA (1), COLONIALIDADE (2), PATRIMÔNIO CULTURAL (3)

REGIONALISMO EM ARQUITETURA: PERMANÊNCIAS E EMERGÊNCIAS NO SÉCULO XXI

Marcella Aquila

No início do século XXI, o panorama geopolítico se redesenha desafiando a hegemonia liderada pelos EUA, sobretudo no último século. Se nas relações internacionais uma nova forma de regionalismo emerge, liderada pela China, no campo da arquitetura verifica-se um interesse particular no regionalismo, especialmente em países periféricos, com tradições não ocidentais e atualmente identificados com o Sul Global. Estudiosos e profissionais em locais como Índia, Indonésia, Uganda, Irã, Turquia e Singapura têm mobilizado o regionalismo como uma forma de reler e reposicionar manifestações culturais e históricas locais em sua historiografia e prática arquitetônicas. Algumas perspectivas do Sul Global aplicam os conceitos de regionalismo de Frampton, Curtis, Lefaivre e Tzonis às especificidades locais, enquanto outros teóricos e estudiosos destacam os limites do regionalismo diante da necessidade de leituras históricas mais abrangentes.

Ao apresentar e aprofundar, neste painel, o panorama de persistências e emergências no debate sobre o regionalismo em arquitetura nesse período, temos a oportunidade não só de refletir sobre o fio condutor que (re)existe entre o pensamento atual e aquele formulado no início da década de 1980 (como resposta às declarações de fim da modernidade), mas também - através do contato com as perspectivas críticas de pensadores de culturas não centrais ao sistema norte-ocidental - temos a chance de ampliar os diálogos Sul-Sul e construir, no campo da historiografia e da crítica da arquitetura moderna, em relação ao seu ensino, um olhar mais diverso e menos descentrado.

Palavras-chave: ARQUITETURA (1), TEORIA (2), REGIONALISMO (3)

IMAGINÁRIOS E DESVIOS: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO MODERNO

Marina Pedreira de Lacerda

Este trabalho propõe a interlocução entre os estudos do imaginário e o método situacionista do desvio (*détournement*) como caminho para repensar o ensino de arquiteturas modernas na contemporaneidade. Busca-se romper a reprodução de paradigmas cristalizados e convocar práticas pedagógicas capazes de ampliar o repertório formativo, favorecendo abordagens mais contextualizadas e alinhadas às emergências epistemológicas atuais.

A tradição moderna, mesmo com sua vocação inicial de ruptura, acabou por consolidar narrativas técnico-formalistas hegemônicas, que sustentaram, dentre muitas coisas, a separação entre razão e imaginação. Essa cisão reforçou uma desconfiança histórica do papel da imagem e da percepção na formação arquitetônica. Restituir seu valor cognitivo implica reconhecer a imaginação como força criadora que inscreve a arquitetura para além da abstração, constituindo-a como prática crítica mediada por sistemas simbólicos.

Nesse contexto, o desvio desponta como estratégia pedagógica capaz de romper com a repetição acrítica e ativar novos regimes de sentido. Por meio de recombinações e deslocamentos, desestabiliza leituras fixas e evidencia tensões inerentes à modernidade arquitetônica. Para ilustrar essa abordagem, o artigo apresenta a atividade “MASP: narrativas e contranarrativas”, desenvolvida pelo Grupo Desvios, coletivo independente de práticas pedagógicas e processos criativos no campo ampliado da arquitetura. A partir de textos disparadores e de uma cartografia colaborativa, os participantes

reconfiguraram materiais sobre o MASP, desfazendo sua imagem de ícone e reconhecendo-o como corpo social atravessado por disputas simbólicas. O processo evidenciou a potência formativa da imaginação ao articular crítica, criação e implicação política, abrindo caminhos para um ensino de arquitetura sensível, experimental e continuamente reinventado. Ao reinterpretar uma obra central do modernismo brasileiro sob a ótica do imaginário e do desvio, a experiência reafirma a imaginação como força ontológica, capaz de desestabilizar regimes perceptivos hegemônicos e de instaurar outros modos de compreender e intervir no mundo.

Palavras-chave: FORMAÇÃO SENSÍVEL, MÉTODO DESVIO, IMAGINÁRIO

O PROJETO ENQUANTO HISTÓRIA PARA O ENSINO PRÁTICO DA ARQUITETURA MODERNA

Manuella Marianna Andrade e Ítalo Gomes

O artigo visa apresentar um ensino prático da Arquitetura Moderna, pautado no encorajamento ao pensamento crítico. Atuar no Nordeste coloca a lacuna locacional como mote inicial de aproximação, sem abandonar o necessário conhecimento da canônica arquitetura moderna nacional. Nesse sentido, arquitetos reconhecidos como Luís Nunes, Diógenes Rebouças, Acácio Gil Borsoi e Severiano Porto foram acompanhados por José Bina Fonyat, Marrocos Aragão, Zélia Maia Nobre, Paulo Antunes Ribeiro para a escolha das obras que seriam analisadas visando não apenas o entendimento das características modernas, mas uma postura crítica diante da transposição direta de estratégias modernas características de obras canônicas. Para isso, foram absorvidas as quatro estratégias listadas na obra de Carlos Alberto Maciel* que não visa uma crítica historiográfica, mas sim demonstrar o que chama de efeito colateral, apontando o deslocamento da prática funcionalista em detrimento ao “desenho de estruturas”. A escolha desse autor objetivava acionar o pensamento crítico nos discentes para responder se as estratégias poderiam ou não ser encontradas nas obras no Nordeste, e se não, quais poderiam emergir da própria arquitetura situada na região? O processo iterativo entre docentes e discentes foi primordial para acionar o pensamento

* Carlos Alberto Maciel, *Arquitetura como Infraestrutura* (Belo Horizonte: Miguilim, 2019), 13.

crítico, ampliar o engajamento e reconhecer a própria habilidade de pensar e produzir conhecimento. Apreender a especificidade no modo como as estratégias encontradas foram “transvistas” no Nordeste, assim como a sua não existência, trouxe a discussão da arquitetura moderna para a contemporaneidade. Ao perceberem que o legado não se copia, mas sim se compreende enquanto princípios projetuais que devem ser (re)adequados ao tempo e localidade, os exemplares da arquitetura moderna passaram a configurar um repertório crítico. O ensino parece ter cumprido a sua função engajadora, mas não é garantia de uma consciência histórica na prática profissional, afinal o meio corrompe.

Palavras-chave: ENSINO (1), ARQUITETURA MODERNA (2), NORDESTE (3)

ENCRUZILHADAS MODERNAS: ALDO VAN EYCK E A CRÍTICA HUMANISTA

Vinícius Nascimento Campos e Josélia Godoy Portugal

A arquitetura contemporânea, desde a década de 1980, tem se manifestado em meio a discussões sobre a crescente globalização e a emergência de realidades urbanas cada vez mais heterogêneas, enfrentando críticas significativas quanto aos contextos marcados pela desigualdade espacial, pela sobreposição de temporalidades e pelas fragmentações territoriais. Em paralelo, evidenciam-se resistências manifestas em arquiteturas vernáculas, etnográficas, social e ambientalmente engajadas. No campo do urbano, essas manifestações retomam preocupações de Jane Jacobs nos anos 1960, sobre a vitalidade urbana e a diversidade funcional. Esses debates questionam a padronização de soluções que desconsideram as especificidades locais e humanas, promovidas por grandes escritórios que operam segundo lógicas globais. Entre essas contribuições pouco difundidas em língua portuguesa, destaca-se a obra de Aldo van Eyck, arquiteto holandês e figura central do Team X, núcleo crítico do CIAM IX. O arquiteto propôs uma crítica ao racionalismo moderno a partir de uma visão humanista, promovendo uma reaproximação entre arquitetura, sujeito e cidade por meio das ‘estruturas relacionais’: formas espaciais que promovem encontros, ambiguidade funcional e conexões simbólicas entre usuários e ambiente. Essas ideias se materializam nos playgrounds de Amsterdã e no Orfanato Municipal, realizados

no pós-II Guerra. Questiona-se em que medida as proposições de Van Eyck podem contribuir para uma crítica propositiva do urbanismo atual. A escassez de traduções e a dificuldade de acesso às suas fontes primárias, como artigos na revista *Forum* e ensaios do *Team X Primer*, contribuem para que suas ideias permaneçam menos difundidas. Propõe-se uma reflexão crítica dos principais projetos teóricos e práticos de Van Eyck, nos quais elabora as primeiras noções de “disciplina configurativa”. Este estudo busca reposicioná-lo no debate contemporâneo como articulador de uma crítica interna ao modernismo, oferecendo um arcabouço conceitual para repensar o ensino e a prática da arquitetura no século XXI.

Palavras-chave: ALDO VAN EYCK, CRÍTICA HUMANISTA, HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, CIDADES MODERNAS, ARQUITETURA HOLANDESA

CIDADES INVISÍVEIS, PESSOAS INCRÍVEIS: REVISITAÇÃO DA SERRA DO NAVIO ATRAVÉS DO AUDIOVISUAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA ARQUITETURA MODERNA

Bianca Moro de Carvalho

Cidades Invisíveis, Pessoas Incríveis é um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Amapá, articulado a uma plataforma online (cipesin.com). Originado de um piloto desenvolvido durante estágio de pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o projeto envolveu profissionais de três universidades latino-americanas: Universidade Federal do Amapá, Mackenzie e Universidad Autónoma de Ciudad Juárez. Como resultado inicial, produziu-se um documentário de cerca de quarenta minutos sobre precariedade urbana, apresentando a vida de três moradores de diferentes regiões do continente. O êxito dessa experiência impulsionou a realização de sete novos documentários sobre localidades latino-americanas, ampliando o escopo do projeto para além da precariedade, incorporando personagens históricos e territórios de grande relevância cultural. Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a arquitetura e o urbanismo de Serra do Navio, cidade planejada fundada em 1957 no Amapá pela mineradora ICOMI. Constitui um exemplo emblemático de *company town*, fundamentada nos princípios do

urbanismo moderno e na prática do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke, responsável pelo planejamento urbano e pelo projeto das edificações. Adotam-se métodos como revisão bibliográfica, visitas in loco e entrevistas com moradores, buscando compreender o contexto histórico, arquitetônico e social do território. A pesquisa destaca também o uso do audiovisual como ferramenta de documentação e análise, ressaltando sua utilidade na formação de estudantes e profissionais para compreender processos históricos e transformações urbanas. A relação entre memória material, narrativa humana e preservação do patrimônio emerge como elemento central para o desenvolvimento de uma visão crítica e contextualizada sobre arquitetura e urbanismo. Os resultados indicam um quadro de degradação patrimonial na Vila Serra do Navio e evidenciam a necessidade de iniciativas de preservação articuladas ao ensino. Tais ações fomentam reflexões sobre intervenção urbana, sustentabilidade e requalificação de espaços históricos, reforçando o papel do arquiteto na construção de cidades socialmente justas, resilientes e comprometidas com a memória coletiva.

Palavras-chave: AMAZÔNIA (1), BRATKE (2), SERRA DO NAVIO (3)

ESPAÇOS DO ÓCIO: TURISMO, ARQUITETURA E INFRAESTRUTURA NA MODERNIDADE

Ricardo Paiva

O advento das práticas socioespaciais de lazer e turismo no contexto da modernidade, sobretudo a partir de meados do século XX, intensificou os fluxos, usos e apropriações do território e da arquitetura. Nesse cenário de crescente complexidade, é importante ressaltar que o “espaço turístico” se insere no processo de produção e consumo do espaço vinculado à reprodução da acumulação capitalista, uma vez que sua incidência espacial coincide com outras práticas sociais. Entretanto, o turismo redimensiona e cria novos usos e apropriações em diversas escalas territoriais, com implicações diretas na produção da arquitetura e na construção de infraestruturas destinadas ao ócio, além de atuar como indutor de processos de urbanização.

A relação entre o turismo, a arquitetura e as infraestruturas se espacializa a partir dos principais serviços necessários à sua viabilização: meios de hospedagem (hotéis, pousadas, albergues, colônias de férias, balneários, etc.), meios de transporte (infraestruturas viárias, terminais de passageiros, estações, etc.) e atrativos turísticos (intervenções em ambientes naturais e distintos atrativos turísticos construídos).

Assim, as práticas de lazer e turismo impõem novas exigências programáticas, espaciais, funcionais e formais para sua fruição, inserindo-se em um processo socioespacial mais amplo, relacionado à urbanização turística — impulsionada pelo lazer e pelo consumo — distinta da urbanização industrial, atrelada ao trabalho e à produção. A disseminação das práticas socioespaciais do ócio na modernidade coincide com o desenvolvimento e afirmação do Movimento Moderno. Nesse sentido, a arquitetura e as infraestruturas turísticas da modernidade são simultaneamente condição e produto da modernização.

Diante do exposto, cabe questionar: como as práticas sociais (econômicas, políticas e cultural-ideológicas) do ócio (turismo e lazer) na modernidade se relacionam dialeticamente com a produção da arquitetura e das infraestruturas modernas? Qual o lugar desses “espaços do ócio” na historiografia do Movimento Moderno? Qual o legado histórico e cultural, bem como os desafios relacionados à documentação, conservação e intervenção desse/ nesse acervo, face às novas dinâmicas urbanas e turísticas contemporâneas? O objetivo desta sessão é promover e ampliar o debate sobre a relação entre o turismo, a produção da arquitetura moderna e a provisão de infraestruturas na modernidade, enfatizando a dimensão cultural, histórica e contemporânea (“o futuro do passado”) desses “espaços do ócio”.

A relevância da sessão fundamenta-se em alguns aspectos, a saber: a escassez de pesquisas sobre a relação entre turismo, arquitetura e infraestruturas na modernidade, sobretudo no Brasil — o que torna essa discussão uma contribuição importante para a historiografia do Movimento Moderno, ao valorizar essa produção, seus agentes e sua memória — e a necessidade de discutir como as transformações e dinâmicas socioespaciais contemporâneas têm ameaçado, de forma progressiva e acelerada, a manutenção e conservação desse importante legado.

Por fim, a sessão acolhe trabalhos que problematizem a documentação, conservação e intervenção nos “espaços do ócio”, expressos nas distintas tipologias arquitetônicas e infraestruturas modernas destinadas às atividades turísticas em diferentes escalas.

INFRAESTRUTURA MODERNA EM MIAMI BEACH: OS HOTÉIS DE MORRIS LAPIDUS

Márcia Lopes de Mello

Este artigo se insere na História da Arquitetura e Cultura Material, examinando a produção do arquiteto Morris Lapidus (1902–2001) em Miami Beach, Flórida, no segundo pós-guerra, com foco nos hotéis-balneário *Fontainebleau* (1954) e *Eden Roc* (1955).

A problemática central reside na lacuna historiográfica sobre a arquitetura moderna de Miami Beach pós-1940. Essa negligência obscurece o papel crucial que a obra de Lapidus desempenhou na redefinição da identidade urbana e cultural da cidade em um momento de profundas transformações socioeconômicas e expansão do turismo de massa. A produção de Lapidus é fundamental, pois seus hotéis-balneário representam uma nova tipologia que consolidou Miami Beach como o principal destino do *American Playground* para a emergente classe média.

O objetivo central é examinar os hotéis-balneário de Lapidus na década de 1950 como artefatos culturais, analisando como sua linguagem arquitetônica — que aliava formas modernas a espaços teatrais, ornamentais e voltados ao *merchandising* — traduziu as aspirações de consumo e a democratização do lazer nos Estados Unidos.

A metodologia adota uma abordagem histórico-crítica, pressupondo que a arquitetura é um instrumento cultural que reflete e produz transformações sociais e identitárias. A pesquisa baseia-se na análise de fontes primárias arquivísticas, publicações de época e na análise formal aprofundada das obras.

A contribuição e relevância deste artigo consistem no reposicionamento da arquitetura moderna pós-1950 no debate historiográfico. Os resultados demonstram que Lapidus transcendeu a função de mera acomodação, projetando marcos culturais que traduziram o otimismo e os valores do consumo do pós-guerra em forma arquitetônica. Ao destacar a importância desses edifícios, a pesquisa oferece subsídios para uma compreensão mais ampla da intersecção entre projeto arquitetônico, cultura de massa e identidade urbana, provando que Lapidus continua a moldar a imagem contemporânea de Miami Beach.

Palavras-chave: MORRIS LAPIDUS, HOTEL-BALNEÁRIO, CULTURA DE CONSUMO

TURISMO E CONSERVAÇÃO NO TERRITÓRIO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA

Bruno Carvalho

A expansão do turismo cultural / científico nas últimas décadas do século XX no Brasil marca um período de reconhecimento do potencial do patrimônio natural brasileiro como vetor de desenvolvimento regional, com a expansão na demarcação dos Parques Nacionais, importante agente da reorganização territorial, promovendo a modernização das paisagens e das formas arquitetônicas. O artigo tem como objetivo identificar, através da infraestrutura de caminhos, passarelas, mirantes e acessos existentes no Parque Nacional da Serra da Capivara, elementos da modernidade que garantem a visitação e a preservação, compreendendo-o como um museu de território. Localizado no sudeste do Estado do Piauí, o Parque Nacional foi criado em 1979, ampliado em 1990, reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1991 e como Patrimônio Nacional pelo IPHAN em 1993. Abriga um dos mais significativos conjuntos arqueológicos das Américas e importante fonte para a revisão das teorias sobre a entrada do homem no continente americano. Com pinturas rupestres que retratam a cultura material e espiritual dos grupos que habitaram a região durante milênios. O Parque também expressa as tensões e desafios contemporâneos relacionados à conservação. A expansão desordenada do entorno, a insuficiência de recursos para manutenção da infraestrutura e a oscilação nos fluxos turísticos ameaçam a sustentabilidade dos espaços criados nas últimas décadas. Nesse sentido, a Serra da Capivara não é apenas um objeto de contemplação e estudo arqueológico, mas também um campo de investigação sobre os modos como o turismo e o lazer participam da produção do espaço e do território no contexto de uma modernidade tardia, no fim da década de 1970.

Palavras-chave: TURISMO CULTURAL/CIENTÍFICO, MUSEU DE TERRITÓRIO, SERRA DA CAPIVARA

REABERTURA DO HOTEL TAMBAÚ: PODEMOS TER ESPERANÇA?

Fernanda Roque Taurino Magalhães e WylInna Carlos Lima Vidal

Este artigo discute a vulnerabilidade do patrimônio moderno e como este é compreendido pela sociedade contemporânea, tendo como objeto o Hotel Tambaú, em João Pessoa. Projetado por Sérgio Bernardes (1919-2002) em meados dos anos 1960 e inaugurado em 1970, o hotel tornou-se símbolo da arquitetura moderna na Paraíba e cartão postal da sua capital (Pereira, 2006; Rocha, Tinem e Cotrim, 2017). Construído em um banco de areia situado entre duas baías na praia de Tambaú, localização privilegiada da cidade, refletia ideários de progresso e poder, visíveis na implantação, forma circular, escala e soluções técnico-construtivas empregadas. Durante décadas manteve reputação de luxo e prestígio, mas, nos anos 2000, iniciou-se um processo de declínio em função de problemas financeiros, culminando no leilão do hotel em 2020. Após diversas disputas judiciais, em maio de 2025, o arremate do edifício pelo grupo AG Hotéis foi validado, e agora é parte da marca Ocean Palace. Em entrevista ao portal G1 PB, o proprietário da rede declarou que pretende preservar sua arquitetura original ao mesmo tempo que sinaliza a intenção de modernizar o seu interior (Dono..., 2025). Imagens veiculadas na mídia sugerem significativa destruição do edifício decorrente do longo período de inatividade. Desde seu fechamento, intensificaram-se os debates sobre os impactos ambientais e preocupações da ordem da saúde e segurança públicas, levando, em tempos de rede social, à emergência de declarações cogitando sua demolição. Com base no exposto e considerando a inexistência de mecanismos para a sua proteção, condição da maioria das obras modernas de João Pessoa, o artigo discute a relevância do Hotel Tambaú face à percepção contemporânea de seu valor pela população local a partir do mapeamento da repercussão do caso na imprensa e na rede social *Instagram*, buscando ampliar o debate para além do âmbito dos especialistas.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO MODERNO, ARQUITETURA HOTELEIRA, SÉRGIO BERNARDES

ÓCIO NAS ALTURAS: ENTRE ÍCONES E EXPERIÊNCIAS URBANAS VERTICAIS

Thiago Allis

Este trabalho propõe um debate sobre as verticalidades como “modo de reflexão”, servindo de recurso analítico para compreender o turismo em grandes cidades, especialmente aquelas intensamente verticalizadas. Em particular, argumenta-se que as interfaces das verticalidades com o estudo do turismo ainda estão por ser melhor elaboradas, abrindo possibilidade para observação mais apurada sobre o papel do Movimento Moderno numa perspectiva de *longue durée*: mesmo que muitas edificações afiliadas a princípios e estéticas modernistas não tenham sido programadas para o ócio, a emergência de dinâmicas urbanas no presente nos chama a atenção para sua reconfiguração como elementos de atração e produção de sociabilidades de lazer e turismo relevantes. Assim, a compreensão de suas biografias e transformações de usos orienta uma leitura das dinâmicas urbanas elas mesmas, a partir da análise da função de certas edificações em contextos urbanos específicos. Apresentam-se estudos iniciados em 2022 sobre edifícios icônicos de uma etapa do movimento moderno em São Paulo: Edifício Mirante do Vale (1960-1966) e Edifício Copan (1957-1966), ambos representantes estilísticos e urbanísticos de uma cidade que aprofundava seu processo de verticalização, ao mesmo tempo em que se consolidava como principal centro urbano do Brasil. O caráter emblemático destes edifícios, mesmo décadas depois de sua construção, tem atraído visitantes (muitos são moradores da própria cidade), que enquadram a cidade do alto e de dentro de uma construção icônica, e lhes proporciona o estranhamento típico do turismo, incluindo a possibilidade de pernoite. Nesse sentido, o trabalho contribui para ampliar a compreensão sobre a relação entre turismo e cidade, em que pese os usos e funções que grandes edifícios desempenham em sua rotina contemporânea.

Palavras-chave: VERTICALIDADES, TURISMO URBANO, SÃO PAULO

A ESTAÇÃO RODOFERROVIÁRIA DE BRASÍLIA: INFRAESTRUTURA, ARQUITETURA E MOBILIDADE NO EIXO MONUMENTAL

Marcela Chagas

O artigo analisa a Estação Rodoferroviária de Brasília como infraestrutura de articulação entre os ícones urbanísticos e arquitetônico da capital, os fluxos metropolitanos e as conexões ferroviárias nacionais. O recorte temático concentra-se na relação entre infraestrutura, arquitetura, mobilidade e paisagem urbana; o recorte espacial abrange o Eixo Monumental, a EPIA e o Pátio Ferroviário de Brasília; e o recorte temporal compreende desde a construção da capital (1957–1960) até os debates atuais sobre a reativação do transporte ferroviário de passageiros. A problemática central reside entre a relevância histórica e territorial da estação, concebida como nó infraestrutural do Plano Piloto, e sua progressiva descaracterização, ocupação administrativa e vulnerabilidade diante das pressões imobiliárias. Justifica-se este estudo pela ausência de análises integradas que articulem o planejamento urbano, as dinâmicas metropolitanas e o potencial ferroviário da edificação. O objetivo é investigar como a Estação Rodoferroviária se insere nas redes metropolitanas, nacionais e locais, identificando elementos arquitetônicos e territoriais que fundamentam sua importância e sustentam sua possível reativação enquanto equipamento estratégico. A metodologia combina levantamento documental, análise cartográfica e territorial (traçados, conexões e inserção urbana) e estudo do partido arquitetônico, com base em pranchas de Niemeyer. Os resultados esperados incluem a sistematização da relevância histórica e paisagística da estação, a identificação de sua função como nó territorial infraestrutural e a demonstração de seu potencial para integrar políticas de mobilidade metropolitana. A contribuição do artigo está em evidenciar a Estação Rodoferroviária como peça-chave para compreender a formação infraestrutural de Brasília.

Palavras-chave: RODOFERROVIÁRIA, INFRAESTRUTURA, BRASÍLIA.

REDESCOBRINDO BURLE MARX: O PAISAGISMO DO LAGUNA TOURIST HOTEL (1971)

Gustavo Pires de Andrade Neto

Desconhecidos do grande público e até mesmo de arquitetos bem informados, dois pátios projetados por Roberto Burle Marx (1909-1994), notáveis por sua composição plástica, permanecem quase invisíveis na historiografia do paisagismo moderno brasileiro. O artigo apresenta um estudo sobre os pátios do Laguna Tourist Hotel, localizado à beira-mar em Laguna, no sul de Santa Catarina, e inaugurado em 1972. O recorte da pesquisa abrange o conjunto arquitetônico, com foco nos dois pátios projetados por Roberto Burle Marx, em colaboração com Haruyoshi Ono (1943-2017) e José Tabacow (1942), a pedido da família Guglielmi, no contexto de um ambicioso empreendimento turístico e imobiliário voltado à modernização do litoral catarinense nas décadas de 1960 e 1970. A problemática do estudo reside no desconhecimento e na escassez de documentação sobre o projeto paisagístico, listado nos inventários da obra de Burle Marx sob denominação incorreta (“Hotel Balneário Laguna”, 1971), lacuna que contribuiu para a invisibilidade da obra tanto na memória local quanto nos estudos sobre o paisagismo moderno brasileiro. A justificativa fundamenta-se na relevância e qualidade do conjunto, um dos raros exemplares da obra de Burle Marx em Santa Catarina. O objetivo é documentar, analisar e dar visibilidade ao projeto paisagístico do hotel, reconstituindo seus princípios compositivos e sua inserção no contexto mais amplo do desenvolvimento turístico e econômico da região no século XX. Os procedimentos metodológicos articularam pesquisa histórica, análise empírica, depoimentos e estratégias complementares para o redesenho dos pátios. Como resultados, o estudo apresenta desenhos inéditos e análises formais que revelam a sofisticação da linguagem de Burle Marx, marcada pela fusão entre linhas geométricas contrapostas e fluidez orgânica. A contribuição do artigo consiste em trazer à luz um patrimônio paisagístico pouco conhecido e ameaçado, ampliando o escopo da historiografia da arquitetura e do paisagismo modernos no Brasil.

Palavras-chave: ROBERTO BURLE MARX, PAISAGISMO MODERNO, LAGUNA TOURIST HOTEL, ESPAÇOS DO ÓCIO

TURISMO PLANEJADO: BALNEÁRIOS DO FUMEST (1970-1989) EM SÃO PAULO

João Paulo Lobo Coppio

O trabalho discute os planos e projetos turísticos para as estâncias hidrominerais paulistas elaborados ao longo da década de 1970 a pedido do FUMEST (1970-1989), destacando-se os edifícios para balneários que foram construídos no contexto. O Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias foi a autarquia responsável pelo planejamento turístico das estâncias - hidrominerais, climáticas, balneárias e turísticas - de São Paulo desde sua criação, durante o Regime Militar, até sua extinção no contexto da redemocratização nacional. Dotou diversas cidades de infraestrutura adequada ao turismo, configurando-se como importante agente difusor da arquitetura moderna paulista.

Os balneários de Águas da Prata (1970) e Serra Negra (1978), de João Toscano (1933-2011) Ibirá (1976), de Bonilha e Sancovski, Águas de Santa Bárbara, de Eloisa Braga (1950-), são algumas das obras. Outros projetos como o Hotel Glória em Cananéia (1971-1972), de Botti e Rubin, a infraestrutura para a Ilha Anchieta (1974, não construído), de Luis Garcia Pardo, os terminais de turismo social para Ubatuba e Bertioga (1984-1985), de Abrahão Sanovicz, são outros exemplos. Reconhecidas ou não, devem ser creditados à atuação do FUMEST, pouco estudada pela historiografia da arquitetura.

Deste modo, pretende-se explorar parte deste vasto acervo, focando em seu programa mais efetivo: a construção dos balneários para estâncias hidrominerais. Tais municípios, fundados a partir do termalismo, foram privilegiados, recebendo, também, hotéis, praças, centros recreativos e comerciais.

Reconhecendo a escassez de trabalhos acadêmicos que tratem do FUMEST - lacuna que motivou o presente artigo -, foram mobilizadas fontes como periódicos de época e publicações organizadas pela própria autarquia, que, articulados a trabalhos que tratam da construção do turismo nacional e da produção de arquitetura turística, permitiram o mapeamento histórico e arquitetônico, contextualizando infraestruturas conhecidas e evidenciando as de menor visibilidade.

Palavras-chave: FUMEST, BALNEÁRIOS, PLANEJAMENTO TURÍSTICO

ONDE O LUXO É A PAISAGEM: UM PANORAMA COMPARATIVO DOS HOTÉIS DE NIEMEYER

Carlos Fernando Bahima

No contexto da arquitetura moderna, a relevância do hotel de turismo remonta a modernidade do final do século XIX e início do século XX. Na América do Sul, o luxo se desloca para cenários de praia ou montanha. A partir de 1940, Oscar Niemeyer projeta hotéis de turismo de diferentes portes e localizações. A produção se inscreve numa visão ampla de paisagem, não apenas a natural e quase intocada, mas também a paisagem cultural, em sítios históricos.

O objetivo desse artigo é estabelecer um panorama comparativo da arquitetura de hotéis de turismo projetados por Oscar Niemeyer ao longo de três décadas, a partir dos *elementos e estratégias de composição*, examinando as possíveis constantes e variações, e buscando desfazer o mito de que as curvas do repertório formal de Niemeyer estabelecem *fusão* entre arquitetura e natureza.

Os projetos de Niemeyer confirmam a diversidade desse encargo. O topônimo pode variar entre montanha e planície, ou entre paisagem natural e paisagem cultural. Os exemplos incluem localização na Serra do Mar, ou às margens da Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte, ou ainda em praias à época pouco urbanizadas no Rio de Janeiro. O equipamento também pode variar em porte e complexidade programática. O hotel na Ilha da Madeira abarca um vasto programa que inclui Cassino e Centro de Convenções. Em veia oposta, os hotéis em sítios históricos têm programa enxuto com solução compacta.

Barra, placa ou torre, ingredientes típicos da arquitetura moderna brasileira, dialogam com o lugar. As bases atuam em sincronia com esses componentes, contendo programas complementares ou integrando a totalidade da composição. A arquitetura de Niemeyer intensifica a relação entre luxo e paisagem, que se inicia nos tradicionais grandes hotéis no início do século XX. Entretanto, essa relação se constrói a meio caminho entre a fusão orgânica e o contraste radical.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, ARQUITETURA E NATUREZA, HOTEL DE TURISMO

ESPETÁCULO EXPOSITIVO, DIREÇÃO FEMININA, LINA POR EXEMPLO

Suely Puppi

Lina Bo Bardi (1914 - 1992) criou seu primeiro projeto expositivo, uma mostra de tecidos e cortinas, no Palazzo dell'Arte della Triennale di Milano. A lista de projetos realizados logo no Brasil não é extensa, mas sua relevância é indiscutível no trato de um programa cujo prestígio se firma desde a segunda metade do século XX.

A primeira sede do Museu de Arte de São Paulo (1947) é reforma dos interiores de edifício inacabado de estilo "ecclético-acadêmico", como diria Lucio Costa. A segunda sede, concepção integral e radicalmente moderna (1957 - 1968), é monumento consagrado tanto nacional quanto internacionalmente. Lina pioneira como autora singular não é mais única. Outras arquitetas comandaram com brilho o espetáculo expositivo desde então, fazendo não só obra nova permanente ou efêmera como reuso adaptativo, em diferentes escalas, tanto no Brasil quanto no exterior. A sessão quer apresentar e discutir um conjunto de estudos de caso que, sob direção feminina como a de Lina, exemplifiquem rigor, vigor e elegância comparáveis no desafio de estereótipos.

O INTERIOR ÀS AVESSAS DE GAE AULENTI

Diego Henrique de Oliveira Soares e Amanda Evelyn Zys

Gaetana Emilia Aulenti (*Palazzolo dello Stella*, 1927 – Milano, 2012) já havia atuado na revista *Casabella-continuità* (1955–65), projetado seu icônico abajur *Pipistrello* (1965), consolidado sua reputação como projetista de interiores com os showrooms das lojas *Olivetti* de Paris (1967) e Buenos Aires (1968), quando foi escolhida por Valéry Giscard d’Estaing (1926–2020), presidente da França na época, para projetar o interior do Museu de Orsay (1980–1986). O convite compreendia a alteração de uso, de estação ferroviária a museu de arte moderna, aonde boa parte do acervo viria do Louvre. Acervo extraordinário, intervenção em preexistência igualmente qualificada: construção eclética de Victor Laloux (1850–1937) implantado no 7^{ème} *arrondissement* de Paris, às margens do rio Sena, em perfeita harmonia com *La Place de la Concorde*, *Le Jardin des Tuileries* e *Le Musée du Louvre*. A singularidade do Museu de Orsay está, em grande medida, vinculada à lógica da justaposição que orienta a composição de Gae Aulenti. Em sua intervenção, o teto curvo da preexistência é destacado pelos planos retos que conformam os recintos de exposição; o bege tradicional de Paris nos caixões perdidos divide olhares com os tons análogos que colorem as intervenções; a generosa ornamentação floral do século XIX é contrastada pela amiúde geometria dos agregados da granilite, evidenciando as temporalidades sobrepostas no espaço. Interessa-nos, assim, compreender as relações que ultrapassam o envelope arquitetônico e se desenvolvem em uma trama cênica promovida pelo princípio da justaposição, ora criada por novas inserções projetivas, ora preservada nas camadas preexistentes, configurando uma sucessão de interiores dentro de interiores, ou o que se poderia chamar de um *interior às avessas*, no qual os limites convencionais entre contenção e conteúdo são subvertidos.

Palavras-chave: GAE AULENTI, INTERIORES MUSEOGRÁFICOS, REUSO ADAPTATIVO.

PALACIO, RUINA, MINISTERIO: LA TRANSFORMACIÓN DEL PALACIO PEREIRA

Fernando Diez

La transformación del Palacio Pereira en el centro de Santiago de Chile, realizada por un equipo liderado por la arquitecta Cecilia Puga, ofrece un modelo de actuación en cuanto a los problemas que plantea la restauración, la actualización y la refuncionalización de antiguos edificios caídos en el abandono que, incluso en su propia cualidad ruinosa, constituyen un testimonio del pasado. El contraste entre la ambición palaciega de los interiores, la generosa escala del edificio y su condición ruinosa constituían en sí mismos un hecho estético y cultural que los arquitectos supieron capitalizar en la expresión del edificio recuperado, actualizado y considerablemente ampliado para alojar el Ministerio de Cultura, Arte y Patrimonio de Chile. La ampliación que casi triplica la superficie del edificio, no altera su organización tipológica ni conspira con sus cualidades históricas, gracias a la cuidadosa disposición de las nuevas superficies.

Palavras-chave: PALACIO PEREIRA (1) MINISTERIO DE CULTURA, ARTE Y PATRIMONIO DE CHILE (2) CECILIA PUGA, PAULA VELASCO, ALBERTO MOLETTA (3) PATRIMONIO (4) RECUPERACIÓN Y AMPLIACIÓN (5)

HUMANIDADE E FÉ. CARLA JUAÇABA EM EXPOSIÇÃO

Juliano Dors dos Santos

O texto apresenta uma análise da obra da arquiteta Carla Juaçaba, formada pela Universidade Santa Úrsula e atuante em escritório próprio desde 2000. Seus primeiros projetos residenciais, implantados em áreas de Mata Atlântica, destacaram-se pelo rigor geométrico e pela combinação entre minimalismo e materialidade expressiva. Paralelamente, Juaçaba colaborou com a diretora e cenógrafa Bia Lessa, experiência que ampliou sua atuação em projetos expográficos.

O marco central da discussão é o Pavilhão Humanidade 2012, concebido para a Rio+20 e implantado sobre o Forte de Copacabana. Inicialmente previsto como uma grande tenda plástica, o espaço foi radicalmente reinventado a partir de uma proposta de Juaçaba. A arquiteta ampliou os

quatro grandes andaimes estruturais, transformando-os em paredes altas estabilizadas por treliças que compunham uma grelha tridimensional. Esse sistema gerou vazios transversais, passarelas, pátios e um terraço belvedere, criando uma espacialidade monumental e ao mesmo tempo permeável. A construção, embora efêmera — aberta ao público por apenas doze dias — tornou-se um marco arquitetônico comparável às estruturas festivas do período imperial no Rio de Janeiro.

A análise também se estende à Capela projetada para os Jardins do Vaticano na Bienal de Veneza de 2018, atualmente preservada na ilha de San Giorgio Maggiore. A comparação entre as duas obras evidencia o interesse de Juaçaba pelo diálogo entre arquitetura e lugar, assim como seu domínio da escala monumental, que vai do grandioso ao intimista. A reflexão final aponta que sua abordagem desafia tentativas de limitar sua produção a categorias como “arquitetura de gênero”, mostrando amplitude conceitual e sensibilidade espacial próprias.

PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS PAVILHÕES DA SERPENTINE GALLERY EM LONDRES

Fernando Rihl

Esta apresentação vai abordar a participação feminina nos pavilhões de verão da Serpentine Gallery em Londres de 2000 a 2025, com particular atenção da proposta da arquiteta mexicana Frida Escobedo.

Esta análise geram questões de reflexão sobre a tradição paisagística britânica em relações as propostas de projeto apresentadas; o que estas estruturas acrescentam ao debate arquitetônico, impacto na produção arquitetônica caso seja comercializada como um artefato a ser leiloado no mercado das artes plásticas, materialidade com gerador no desenvolvimento de design, questões de sustentabilidade nas propostas desenvolvidas e o papel do arquiteto neste momento em que vivemos.

BUILDING BABEL IN ROME: ZAHA HADID'S MAXXI

Jacopo Benedetti

This paper begins by framing Zaha Hadid's MAXXI – Italy's national museum of 21st-century arts – as both an expression of the ideals and models that informed Rome's urban renovation at the turn of the millennium and a somewhat contradictory example of the simultaneous proliferation of cultural institutions across Europe – what French art historian Jean Clair called “a grey mantle of museums,” echoing Raul Glaber's metaphor of a white mantle of churches spreading over medieval Europe.

Built on the site of early-20th-century military barracks, Hadid's design retained only two of the existing buildings, preserving their masonry shells, plaster facades, tiled roofs, and cast-iron frames. The lobby and main galleries unfold within a new cluster of curved, longitudinal volumes that trace the western edge of the plot, with exhibition spaces stacked and grafted at varying heights and angles.

From the outside, one can only guess at building's shape and internal layout. This “opacity” is not resolved upon entry – if anything, the sense of disorientation is intensified. Hadid herself described MAXXI as an “overchanging event in space”: a work of architecture not meant to be grasped at once but gradually revealed through exploration.

Only one reference was explicitly cited by the architect for this project: Frank Lloyd Wright's Guggenheim in New York (1959). In Hadid's view, the visitor's journey of MAXXI – funneled along longitudinal galleries arranged in a quasi-ascensional sequence – mirrored, in reverse, the spatial logic of Wright's descending ramp. Both designs were structured around movement: a spiraling path in New York and a fragmented progression in Rome. Both rejected the supposed neutrality of the “white cube” in favor of a highly connotated exhibition space. And both served the needs of artists and curators while simultaneously challenging them to adapt and respond to architecture.

EXCURSOS

Marta Peixoto e Bianca Moro Carvalho

ZALSZUPIN E A CADEIRA DEL REY: RESTAURO E SUSTENTABILIDADE

Michel Martins de Camargo e Fernanda Freitas Costa de Torres

Este artigo investiga o restauro do mobiliário moderno de Jorge Zalszupin como uma prática de sustentabilidade e preservação do patrimônio cultural brasileiro. Analisando a trajetória da L'atelier, explora-se como Zalszupin fundiu a sofisticação modernista com soluções industriais inovadoras, criando peças de alta durabilidade que desafiam a lógica do descarte. A partir de uma abordagem qualitativa que une revisão bibliográfica e o estudo de caso da Oficina Escola de Restauro do Instituto Federal de Brasília (IFB), o trabalho demonstra a aplicação prática destes conceitos. Argumenta-se que a atividade de restauro, ao estender a vida útil dos móveis, alinha-se diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 11 e 12 da ONU. Conclui-se que o restauro do mobiliário de Zalszupin, exemplificado por projetos em Brasília, não apenas salvaguarda um legado do design nacional, mas se afirma como uma ferramenta estratégica para a gestão pública sustentável.

Palavras-chave: RESTAURO DE MOBILIÁRIO MODERNO, SUSTENTABILIDADE, JORGE ZALSZUPIN.

ARQUITETURA, CINEMA E CULTURA NOS FILMES A COMPADECIDA E BACURAU

Tainá Tábata Fialho Martins e Marília Solfa

A arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1914–1992) é amplamente reconhecida por suas contribuições no campo da arquitetura, mas seu legado se estende também a outras áreas, como o design de figurinos e cenografia para teatro e cinema, além da pesquisa sobre cultura popular brasileira. Entre as obras que sintetizam sua visão multidisciplinar está *A Compadecida* (1969), filme dirigido por George Jonas e com arquitetura cênica creditada à Bo Bardi. Em paralelo, *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, com cenografia de Dani Vilela, também coloca o Nordeste e seu contexto cultural, social e político como território central para o desenrolar da narrativa. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar o trabalho arquitetônico envolvido nas cenografias dessas duas produções,

buscando compreender de que maneira colaboram para a consolidação de identidades culturais. A partir da criação e aplicação de uma metodologia de análise fílmica que permitiu examinar cenas, planos e fotogramas, foram identificadas estratégias de representação e construção das identidades culturais nos filmes por meio do *design* de produção. Os resultados indicam que, em *A Compadecida*, mesmo em um período marcado por visões tradicionalistas sobre o Nordeste, Lina Bo Bardi subverteu estereótipos ao criar cenários fundamentados na materialidade do cotidiano nordestino, sem, contudo, restringir-se a ela. Já em *Bacurau*, a discussão se expande para a própria dimensão narrativa: a cenografia destaca a cultura e a história como instrumentos de resistência, assumindo um discurso subversivo. Assim, ambas as obras constroem uma identidade cultural nordestina que, embora ancorada em ideologias distintas, valoriza a cultura popular como vetor de transformação social e confere à cenografia um papel crucial na documentação e reinvenção dessa realidade.

Palavras-chave: CENOGRAFIA, CINEMA, CULTURA

DEVORANDO “TAPERINHAS” E “MÁQUINAS DE MORAR” NOS ANOS 1920

Alex Matos

Um dos aspectos fundamentais da antropofagia moderna brasileira é sua capacidade de devorar formal e tematicamente as contribuições do colonizador e do colonizado. Se, por um lado, os modernistas brasileiros são informados pela experiência com as vanguardas europeias, por outro, o primitivismo de muitas delas apresenta um caminho para a “redescoberta” de outros tempos de sua própria terra. A casa projetada pelo arquiteto Gregori Warchavchik para sua própria residência seria um exemplo paradigmático: inaugurada dois meses antes do *Manifesto Antropófago*, a residência chamou atenção da crítica da época que destacou a virtude do arquiteto em extrair o essencial tanto do que estava sendo produzido na Europa, quanto do que já havia sido produzido em tempos coloniais em território nacional. Tal proeza em articular o que havia de novo com o que havia de antigo não era exatamente uma novidade: na Semana de Arte Moderna, o arquiteto Georg Przyrembel havia experimentado revisitar a arquitetura colonial, enquanto Antonio Moya se inspirou em referências pré-coloniais, ambos no

esforço de pensar uma arquitetura de seu tempo. Ao que tudo indica, a antropofagia parece ter aprendido com a arquitetura e o neocolonial teria sido uma primeira tentativa de “devorar” o colonial e o pré-colonial. O presente artigo investiga possíveis continuidades e descontinuidades antropofágicas entre estes dois momentos por meio das intervenções de Mário de Andrade e Oswald de Andrade em ambos os movimentos, buscando compreender em que medida a antropofagia arquitetônica da moderna (ou da “máquina de morar”) se diferencia da “antropofagia avant la lettre” do neocolonial (ou da “taperinha” de um Przyrembel).

Palavras-chave: ANTROPOFAGIA ARQUITETÔNICA (1), SEMANA DE ARTE DE MODERNA(2), PRIMITIVISMO (3)

SOBRE O MORAR NO MODERNO CONJUNTO CECAP ZEZINHO MAGALHÃES CUMBICA

Guilherme Braz de Souza

Concebido para a Caixa Estadual de Casas para o Povo (CECAP), o Conjunto Habitacional Cumbica ou Zezinho Magalhães Prado, de autoria dos arquitetos Vilanova Artigas, Fábio Penteado, Paulo Mendes da Rocha, entre outros profissionais, construído na cidade de Guarulhos, é reconhecido na historiografia e na crítica do campo disciplinar como uma reiteração dos modelos habitacionais promovidos pelas vanguardas modernas, no entre e pós-guerra, sendo um laboratório para uma sociedade idealizada, centrada na ideia do “povo”, dentro do repertório nacional desenvolvimentista do regime militar brasileiro.

De modo a discutir tal questão, este artigo tem como proposta apresentar as práticas sociais e culturais que a materialidade espacial constituída no conjunto possibilitou agenciar e intermediar, sobretudo avaliando momentos chave do morar cotidiano de seus habitantes e sua inserção na atuação institucional da CECAP. Através do cotejamento de fontes primárias localizadas nas publicações do Diário Oficial do Estado de São Paulo, no censo demográfico, em pronunciamentos políticos, nos projetos arquitetônicos e na bibliografia sobre a memória dos moradores, são apresentadas circunstâncias cotidianas desse ambiente construído, pautando a sociabilidade dos sujeitos sociais, seus espaços e memórias, e avaliando a capacidade transformadora da arquitetura e do urbanismo modernos em lidar com a complexidade da

vida no espaço da casa, além de pontuar que essas formas de apropriação também informariam sobre a história desse legado arquitetônico moderno, dentro da especificidade da sociabilidade brasileira, em que os modos historicamente constituídos do cotidiano e do morar, os quais remetem à uma domesticidade tradicional, se apropriam da experiência moderna.

Palavras-chave: CECAP (1), HISTÓRIA DA HABITAÇÃO SOCIAL (2), ARQUITETURA MODERNA (3)

A TABA CONTEMPORÂNEA DE BRASÍLIA: UMA EXPOSIÇÃO DE LUCIO COSTA (1962-1963)

Dilton de Almeida

Propomos uma arqueologia crítica das exposições, focando na mostra não realizada *L'art au Brésil: la taba contemporaine de Brasília*, concebida por Lucio Costa (1962-1963) para o Petit Palais, em Paris. Preservada em seu espólio, a proposta expográfica permite pensar as exposições como campo de montagem e fricção anacrônicos, relevantes para a historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil. A hipótese central é que a noção de “contiguidades insólitas”, formulada por Costa no roteiro curatorial, opera como um princípio constitutivo do seu modo de pensar e projetar. O roteiro aproximava expressões heterogêneas, instaurando justaposições que suspendiam o tempo linear e abriam brechas para a constituição mítica. A exposição começaria com uma maloca do Alto Xingu, levando à construção de Brasília, e se desdobraria por *afinidades de intenção*, opostas à linearidade cronológica. Diferentemente da exposição “Brazil Builds: Architecture New and Old 1652–1942”, que foi muitas vezes interpretada como a legitimação da arquitetura moderna por uma síntese estilística moderno-colonial, “A taba contemporânea de Brasília” nos oferece interpretações mais complexas, deslocando tais sínteses ao operar por vizinhanças inesperadas e disjunções deliberadas. Propomos interpelar o gesto curatorial de Costa sob a ótica da antropofagia oswaldiana: como metáfora, uma operação crítica de ingestão e confronto, assimilando formas e conhecimentos de origens variadas. Essa lógica se relacionaria ao *hasard objectif* surrealista, onde encontros de disparidades revelam afinidades latentes. Em vez de um progresso civilizatório, Costa tensiona tradição e modernidade, vernacular e erudito. Diante de Brasília, a maloca é uma presença *sintomática*, uma *imagem dialética*

que irrompe no presente. Sua expografia é assim uma prática de montagens anacrônicas, onde convivem ruína e projeto, mito e matéria. A exposição interrompida emerge como figura desse campo movediço, em que o inacabado e o tempo operam como materiais, iluminando o que ainda está por vir.

Palavras-chave: HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA, HISTÓRIA DAS EXPOSIÇÕES, CONTIGUIDADES INSÓLITAS, AFINIDADES DE INTENÇÃO.

IMPUREZAS NO MUNDO MODERNO

Marta Peixoto e Ana Tostões

O século XIX assistiu a um processo gradual de profusão de elementos decorativos nos interiores domésticos, bem como ao aumento quantitativo de mobiliário - que passou a ser organizado de forma menos rígida, tornando muitas salas de estar quase intransitáveis. A coexistência de estilos diferentes se somava a esse quadro.

A acumulação incomodava higienistas, para quem significava impureza; artistas, que acreditavam que o excesso de ornamentos destruiria a arte, e moralistas, para quem a ostentação era inconveniente. Pior do que a quantidade, a qualidade dos objetos que superpovoavam aqueles interiores era duramente criticada. Havia muita falsificação ou mesmo a fabricação de réplicas de objetos como peças arqueológicas ou tapetes orientais.

Diante de tudo isso, a supressão dos excessos e a unidade proposta pela arquitetura moderna do início do século XX pareciam ser um bálsamo necessário, um antídoto vital contra a doença do ecletismo.

A palavra ecletismo deriva do grego *eklektikós*, de *eklego*, que significa “escolher”, também presente na origem de *legere*, ler, em latim. Ler, portanto, conhecer e interpretar para escolher. O termo ecletismo se aplica à variedade de estilos que se tornou corrente por volta de 1820 e rompeu com a hegemonia do neoclassicismo - embora a tendência de reviver estilos de períodos passados devesse ser mais propriamente chamada de historicismo.

Olhando mais de perto, no entanto, percebe-se que a casa moderna, projetada em sua totalidade pelos arquitetos da época, nunca foi desprovida de alguma dose de mistura, de alguma impureza, da contaminação de algum “agente externo”. Encontram-se tapetes orientais na Villa Tugendhat, assim como ânforas de argila entre as cadeiras Thonet e pinturas puristas nas casas de Le Corbusier, na década de 1920. Já em meados do século, a Casa de Vidro de Lina Bo Bardi é prolífica em misturas equilibradas, assim como o

SESSÃO

casal Eames exhibe uma coleção de peças indígenas com destaque sob o telhado de zinco da Casa nº 8. Na década de 1960, as casas projetadas por Charles Moore para si mesmo beiram o exagero, flertando com o kitsch. O que era a sutil coexistência de diferenças estava se tornando uma tendência. Mas já houve, de fato, uma casa moderna “pura”?

Esta sessão se propõe a discutir os interiores das casas modernas, produzidos entre os anos 1920 e os nos 1970, em seus diferentes graus de pureza. Esperamos trabalhos que tratem dos espaços privados e dos objetos e/ou elementos – ou da constelação deles - da vida cotidiana que os habitam, da forma como arquitetos e usuários atuam para lidar com seu significado cultural, social e político. Aceitamos artigos que interpretem e analisem a domesticidade, considerando a relação entre modernidade, vernacular, ecletismo e hibridismo como campos de reflexão histórica e teórica sobre o discurso arquitetônico do século XX.

A DOMESTICIDADE NOS DESENHOS DE JORGE MACHADO MOREIRA E CARLOS LEÃO

Tiago Tardin

O presente artigo investiga os espaços domésticos projetados pelos arquitetos Jorge Machado Moreira (1904-1992) e Carlos Leão (1906-1983), por meio de uma análise comparativa dos desenhos em perspectiva elaborados para seus projetos residenciais. O trabalho tem como objetivo compreender, a partir da leitura dos aspectos socioculturais retratados, as ideias de domesticidade presentes nas imagens produzidas por ambos os arquitetos, identificando os seus pontos em comum e divergentes e refletindo sobre em que medida elas reafirmam e, principalmente, rompem com as ideias consagradas sobre o habitar moderno. O estudo concentra-se nos desenhos de quatro casas projetadas durante a década de 1950: as residências Antônio e Rosinda Ceppas (1951-58) e Sérgio Corrêa da Costa (1951-57), de Jorge Machado Moreira. E as residências Homero Souza e Silva (1956) e o projeto não executado da Residência Cândido Guinle de Paula Machado (1958), de Carlos Leão. A análise se fundamenta na leitura do discurso gráfico presente nas perspectivas e na relação com a arquitetura representada e está estruturada em três partes: A primeira discorre sobre a forma como os elementos como mobiliário e objetos estão representados e dispostos nos desenhos. A segunda parte investiga a maneira como as pessoas estão retratadas e utilizam o espaço. E a última parte se debruça sobre o espaço externo, considerando o pátio e a incorporação da paisagem pela arquitetura como parte da domesticidade. Ao fim do artigo, é realizado o cruzamento das partes analisadas, com o intuito de refletir sobre a questão principal colocada no trabalho.

Palavras-chave: DESENHO DE ARQUITETURA, JORGE MACHADO MOREIRA, CARLOS LEÃO, ARQUITETURA MODERNA, DOMESTICIDADE

DECORO E DISSONÂNCIA: INTERIORES REFORMADOS EM CASAS DE NIEMEYER

Marina S. B. Luz

Resumo não disponível

EXPOSIÇÃO HABITÁVEL: O PROJETO-CURADORIA DO APARTAMENTO BRION

José Alberto de Oliveira Grechoniak e Luís Henrique Haas Luccas

No período entreguerras, o *allestimento* (montagem/disposição) de exposições comerciais, industriais, políticas e temáticas consolidou-se como o espaço de atuação de arquitetos, designers e artistas plásticos que experimentavam o racionalismo. Baseados na suspensão de objetos e utilização de tubos metálicos, os projetos expositivos de Edoardo Persico e Marcello Nizzoli tornaram-se referência para outros arquitetos do período, como Franco Albini. Albini aliou esses procedimentos ao desenho de suportes expositivos e vitrines para mostras de artes visuais. Embora considerada secundária, a experiência expositiva desenvolveu princípios utilizados por Albini em interiores domésticos, como a busca exacerbada de suspensão de pinturas, esculturas, luminárias e outros objetos através de cabos, pedestais em forma de haste e estruturas em grelha, o que convertia os espaços em exposições habitáveis. O ecletismo nestes ambientes se expressa pela dualidade de materiais e a harmonização de elementos de diferentes épocas, permitindo que antiguidades coexistam com peças contemporâneas de design exemplar. Para investigar essa relação, adota-se o Apartamento Brion (Milão, 1960-1966), localizado na Torre Turati, projetado colaborativamente com Franca Helg, com quem o arquiteto já havia trabalhado na reorganização da *Galleria di Palazzo Rosso* (1952-1962). Ocupando o 18º pavimento, o apartamento do industrial e colecionador de arte Giuseppe Brion e da esposa Onorina revela sobreposições temporais que evidenciam o abandono da integridade imposta aos interiores produzidos por arquitetos modernos. Neste caso, a abordagem projetual dos autores sugere que arte e design não se limitavam à abstração pura, mas à integração destes aos espaços da vida cotidiana, de forma a valorizar os objetos e enriquecer a experiência do usuário, optando pela integração de elementos figurativos e abstratos, artesanais e industriais a fim de promover justaposições que desafiavam a percepção convencional de espaços e objetos.

Palavras-chave: FRANCO ALBINI, FRANCA HELG, INTERIORES DOMÉSTICOS

RECUERDOS DOMÉSTICOS DE UN INTERIOR MODERNO EN MONTEVIDEO

Alfredo Peláez Iglesias

Hugo Rodríguez Juanotena (1923-2012) diseñó dos casas para sí mismo y su hermano en 1954 en Montevideo. Ubicadas cerca de la costa del Río de la Plata, las casas se diseñaron para la diversidad de la vida de una familia extendida, que las habitó por más de cuarenta años. Esta obra es uno de los primeros diseños destacados de la carrera del arquitecto, que formó parte de la “generación de ruptura” de fines de los 40 y principios de los 50 en Uruguay. Fue publicada en su momento por la revista de la Sociedad de Arquitectos de Uruguay y hoy forma parte de los bienes cautelados por la ciudad. Sin embargo, ha sido poco estudiada y documentada. Desde que la familia dejó de vivir en las casas en 1997, estas han recibido alteraciones que dificultan su reconocimiento. Este texto comunica un trabajo en proceso, que se propone la reconstrucción del interior y la interioridad de las casas de la familia Rodríguez Juanotena. Confronta el registro de la arquitectura existente, los planos disponibles, con la memoria oral de los miembros de la familia y sus recuerdos fotográficos. Esto permitirá arrojar luz sobre un caso de alto valor poco conocido, ofrecer una interpretación de la interioridad a partir de los momentos cotidianos de la vida doméstica recordados y matizar los frecuentes preconceptos sobre el interior moderno que lo conciben como una obra de arte con dificultades para ser habitado. Al estudiar el interior desde este punto de vista será posible apreciar sus diferentes grados de pureza, medido no tanto en sus formas o estilo, sino en su adopción y transformación por los hábitos, celebraciones, memorias y objetos de una familia numerosa que lo pobló a lo largo del tiempo, aportando al debate contemporáneo sobre el interior moderno sudamericano.

Palabras clave: HUGO RODRÍGUEZ JUANOTENA; EDIFICIOS RESIDENCIALES; MOBILIARIO

ENSAIO SOBRE A CASA CARIOCA. 1928 – 1935

Greyce Souza

O presente artigo trata da análise comparativa de duas edificações residenciais projetadas para a cidade do Rio de Janeiro, sendo uma localizada no tradicional bairro da Tijuca, na Zona Norte da cidade, em 1928 e outra no recém-inaugurado bairro de Copacabana, na Zona Sul, em 1933.

Ambas as construções foram projetadas e executadas pela empresa Freire e Sodré Engenharia. Fundada em 1921, a empresa, mais tarde chamada Companhia Construtora Freire e Sodré, surgiu simultaneamente ao período de expansão urbana do Rio de Janeiro do início do século XX. Criada pelos engenheiros Mário Freire e Álvaro Sodré, a empresa teve uma trajetória de sucesso e se tornou referência na construção civil carioca. Ao longo de quase cinco décadas, atuou em diversos bairros da cidade, consolidando sua presença no cenário carioca.

As residências aqui estudadas, ainda que concebidas no mesmo período, apresentam diferenças estilísticas claras: enquanto a da Tijuca possui referências neocoloniais e hispânicas, a de Copacabana incorpora elementos inspirados nas linhas do Art Déco e explicita os ares modernos de Copacabana.

Palavras-chave: CASA CARIOCA, MODOS DE HABITAR, MORAR MODERNO

DOMESTICIDADE BURGUESA E AS IMPUREZAS DO MODERNISMO NO BRASIL

Joana Mello de Carvalho e Silva

Neste trabalho pretendo argumentar que a impureza do modernismo brasileiro não se restringiu ao aspecto compositivo da arquitetura, mas envolveu a manutenção da ordem espacial tripartida do programa residencial de matriz burguesa, dividido em ambientes de estar, íntimo e de serviço, bem como a persistência da implantação isolada no lote em bairros-jardins, distantes do centro e áreas de produção, além do sentido identitário e representativo da casa para seu proprietário e sua família. Essa permanência não pode ser creditada apenas às demandas da clientela, na medida em que foi identificada nas residências do/as próprio/as arquiteto/as e nas apresentações que faziam de seus projetos. Em diálogo com a proposta desta

sessão, intento apresentar os diferentes graus de pureza dessas residências, interpretando seus espaços, móveis e objetos, articulando o discurso arquitetônico modernista com os ideais de domesticidade em voga desde a perspectiva da cultura material e de uma abordagem interseccional. Para tanto, foram selecionados projetos e obras residenciais unifamiliares feitas para clientes privados e para o/as próprio/as arquiteto/as publicados na prestigiosa revista *Acrópole* entre 1940 e 1960, procurando recuperar por meio do cruzamento com outras fontes documentais — manuais de dona de casa, revistas de variedades e femininas, literatura, entre outras — a vida cotidiana de seus moradores, suas práticas e representações.

Palavras-chave: DOMESTICIDADE, MODERNISMO, BRASIL

MODERNIDADE EM CONTRAPONTO: RESIDÊNCIA SOLAR FONTANA EM CURITIBA

Giovanna Renzetti e Natália Barbosa Hetem

Tomando como pressuposto o termo “moderno” como o discurso de uma época de obras heterogêneas de profissionais com posturas e práticas individuais com algumas predisposições, sejam elas estilísticas, éticas e/ou culturais, as casas unifamiliares modernas também não possuem regras, tendo sido pensadas de acordo com as particularidades de cada família, a partir de um cenário que considera a universalidade pretendida pela modernidade em contraponto com a necessidade de adequação aos costumes e condicionantes do contexto local específico. Na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, na segunda metade do século XX, a circulação das revistas de “lifestyle” interveio no gosto da população local e em seus ideais de modernidade, chegando, consequentemente, aos projetos das casas, seus interiores, decorações e hábitos domésticos. Esses periódicos impressos foram importantes vetores na disseminação dos preceitos da vida moderna, sendo fontes de investigação para a compreensão da mentalidade de determinada época e das relações da população com suas casas e seus modos de morar, a partir das publicações, reportagens, propagandas e da relação entre texto e imagem. As páginas da revista “A Divulgação (PR)” foram um exemplo desses periódicos que reverberaram o clima de modernidade que eclodiu na capital nos anos entre 1940-70, na qual foi publicada a residência “Solar dos Fontana”, também conhecida como mansão

das rosas, publicada no exemplar de 1954. Seu texto é acompanhado por imagens dos interiores da residência, ainda de estilo eclético, historicista, em um momento da história da cidade em que o estilo de vida moderno começava a se estabelecer, evidenciando a contradição entre arquitetura, interior, decoração e mobiliário vindo da Europa, de gosto barroco e rococó. Esse texto pretende, através da observação do caso da reportagem da residência “Solar dos Fontana”, refletir sobre o estilo de vida moderno e sua contradição com os interiores historicistas.

Palavras-chave: MORAR MODERNO, INTERIORES, DOMESTICIDADE

CONTAMINAÇÕES CRUZADAS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM CASAS DE VERANEIO BRASILEIRAS DOS ANOS 1970.

Dely Bentes

Impulsionado pelo desenvolvimento da indústria automobilística e pela expansão da classe média, o fenômeno da segunda residência no Brasil se consolidou a partir da década de 1950. Motivadas pela busca por um refúgio da agitação urbana e um retorno idealizado à simplicidade da vida no campo ou na praia, essas residências se tornaram um importante campo de experimentação para arquitetos modernos. Longe da ortodoxia purista dos centros urbanos, a arquitetura de veraneio permitiu um diálogo entre modernidade e tradição, resultando em projetos que incorporam elementos vernaculares e regionais. O artigo analisa casas de veraneio projetadas pelos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Villanova Artigas na década de 1970, mostrando que, mesmo entre os arquitetos mais fiéis aos princípios modernistas, existiu este tensionamento. Nas casas apresentadas são adotadas soluções típicas do léxico tradicional, como os telhados em águas, estruturas em madeira rústica e tijolos à vista. Discute-se, ainda, o quanto tais escolhas são opções deliberadas e conscientes e, não apenas respostas pragmáticas a possíveis dificuldades construtivas relacionadas ao transporte de materiais e/ou escassez de mão de obra especializada. À análise, tais decisões parecem mais fortemente relacionadas à incorporação de vieses simbólicos e culturais, reforçando a identidade regional e um sentimento de pertencimento ao lugar. Essa postura expressa a intenção de criar uma arquitetura que fosse reconhecível, acolhedora e conectada às raízes culturais locais,

na contramão do que era esperado a partir das imposições de uma modernidade universalizante e muitas vezes impessoal. O artigo busca investigar, ainda, o quanto esta abordagem, para além de também configurar-se como um espaço de experimentação formal e tectônica, impacta na domesticidade insinuada pelos espaços projetados, em que a arquitetura se permite ser menos protagonista, cedendo lugar a uma experiência mais afetiva e simbólica do lugar, reforçando sentimentos de pertencimento e nostalgia. No que é possível inferir da análise estas residências de veraneio, existe uma relação multifacetada entre modernidade e tradição, traduzindo uma busca por autenticidade, identidade regional e conexão com o passado. Essas residências não se limitam à função de refúgios temporários, mas se configuram como manifestações culturais, carregadas de simbolismo, sentimento de pertencimento e resistência às pressões da homogeneização arquitetônica.

Palavras-chave: ARQUITETURA BRASILEIRA, ANOS 1970, CASAS DE VERANEIO

OS INTERIORES DOMÉSTICOS DO STUDIO D'ARTE PALMA

Aline Coelho Sanches

Os móveis comercializados pelo Studio d'Arte Palma de São Paulo, entre 1948 e 1951, projetados pelos arquitetos Giancarlo Palanti e Lina Bo Bardi, têm ganhado cada vez mais atenção, acompanhando a crescente valorização do mobiliário brasileiro da metade do século XX nos mercados nacionais e internacionais. Eles receberam pesquisas, edições, mostras e publicações, ligadas a lojas e antiquários. Dotados de valor artístico e histórico e vinculados intrinsecamente aos ideários do movimento moderno na arquitetura, os projetos realizados no Studio d'Arte Palma também já foram objeto de um conjunto de estudos acadêmicos. Apesar desse interesse, ainda restam lacunas para sua compreensão, como o caso dos projetos de interiores desenhados por seus arquitetos dentro da iniciativa. A relação entre as artes foi intrínseca a esses projetos, entendendo os móveis modernos como partícipes da construção da unidade das artes na arquitetura moderna. Contudo, parte desses interiores não deixou de apresentar móveis, objetos e obras de arte de diferentes estilos e tempos, cultos ou populares. Como eram esses interiores, qual sua “dose de mistura” e significado? Para responder a essas perguntas, o trabalho identifica e cruza fontes primárias e secundárias, analisa e

interpreta os projetos do Studio de caráter doméstico, levando em consideração os desafios intrínsecos da história da arquitetura de interiores. Compreende-se os interiores do Studio d'Arte Palma como parte da produção cultural nacional, mesmo que realizados por arquitetos há pouco imigrados da Itália, e a hipótese principal do trabalho é que eles tiveram um caráter híbrido em seus desenhos e discursos e quiseram participar da formulação de caminhos para uma arquitetura moderna e brasileira.

Palavras-chave: STUDIO D'ARTE PALMA, GIANCARLO PALANTI, LINA BO BARDI, ARQUITETURA DE INTERIORES, MÓVEL MODERNO, UNIDADE DAS ARTES

CONTAMINACIONES MODERNAS: VITRINAS, MODA Y CASA FLAÑO

Anita Puig Gomez

«Se nos ha hecho creer que el espacio implica profundidad y longevidad, a menudo prescritas por el grosor de la arquitectura, en contraste con la moda, que privilegia la superficie y la novedad... Pero los sitios pueden marcarse como lugares y espacios que definen y se transforman a través de, por y gracias a los sujetos y objetos de la moda» J. POTVIN

Esta es la historia de tres interiores —dos grandes almacenes y una casa privada— todos interrelacionados por ideas de modernidad, tradición, patrimonio y moda. Este artículo explora el caso de la Casa Flaño, una reconocida tienda por departamentos ubicada en Santiago de Chile a comienzos del siglo XX, como punto de inflexión en la articulación entre los interiores modernos, la moda femenina y la modernización urbana. A través del análisis de fuentes visuales, publicitarias y arquitectónicas, se examina cómo esta casa enmarca la idea del cuerpo moderno desde un enfoque particular vinculado a la moda y el consumo, especialmente al cruzarla con la Casa Flaño, la vivienda donde residía el dueño de estas tiendas. El concepto de “contaminaciones modernas” describe la forma en que los interiores comerciales —particularmente los escaparates, vitrinas y salas de exhibición— operaron como dispositivos que mezclaban imágenes, materiales y objetos diversos que se reflejaron en la vivienda de su propietario.

Se analizan las tensiones entre la cultura visual del consumo, las formas arquitectónicas y los elementos contenidos en la casa, que disputan el significado del habitar moderno mediante la colocación de objetos históricamente coyunturales. A través de este caso, se propone pensar los interiores comerciales como espacios liminales, contaminados por prácticas y significados que exceden su función económica, mientras que la vivienda unifamiliar permite complejizar las relaciones entre arquitectura, moda y modernidad en el Chile del siglo XX.

Palavras-chave: INTERIORES MODERNOS (1), MODA (2), CASA FLAÑO (3)

INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: ARQUITETURA MODERNA E PRÉ- FABRICAÇÃO NO BRASIL, 1920-2020

Elcio Gomes da Silva

As bases do Estilo Internacional contaram com os avanços dos sistemas de concreto armado para a criação de repertórios formais em países com melhores condições tecnológicas. A produção brasileira, por seu turno, consolidou suas conquistas por meio de experimentações com técnicas e tecnologias construtivas adaptadas a contextos específicos e a abordagens próprias, condicionadas pelas realidades socioeconômicas locais. A industrialização incipiente, a abundância de mão de obra de baixo custo e o potencial criativo de diversos agentes marcaram os avanços no campo das inovações, com a adoção de variados sistemas construtivos em diferentes regiões do país.

As iniciativas que consolidaram esse modo de atuação foram reconhecidas internacionalmente desde as primeiras realizações modernistas, sobretudo pelos modos singulares de explorar as possibilidades do concreto armado. Alvo de análises em publicações especializadas, a vanguarda impulsionada pela arquitetura e pela engenharia de estruturas no Brasil foi destacada como detentora de atributos próprios, em comparação às realizações que lhe serviram de referência. A variedade de abordagens adaptativas, a riqueza das experimentações plásticas e as soluções que testavam os limites das propriedades materiais atestaram, à época, o protagonismo da expressão arquitetônica brasileira, fundamentada em inovações que a distinguiam no cenário internacional.

Partindo do reconhecimento de que esse fenômeno se manifesta como um processo de renovação contínua na produção nacional, a presente sessão temática busca discutir as estratégias de inovação baseadas na apropriação crítica de técnicas preexistentes e na reinterpretação criativa de sistemas

construtivos, com ênfase naquelas que empregaram sistemas pré-fabricados entre 1920 e 2020. A proposta é orientada pela visão de que, embora ancoradas em bases conhecidas, algumas dessas contribuições podem ser caracterizadas como criações tipicamente brasileiras, parte de uma tradição moderna, viva e em transformação. Interessa refletir sobre como essas experimentações no âmbito do projeto, do pensamento arquitetônico e dos modos de produção do espaço construído apontaram novos caminhos, não apenas para o aprimoramento das técnicas edilícias, mas também para o desenvolvimento do país.

RUMOS DA PRÉ-FABRICAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DA REVISTA ACRÓPOLE

Allyson Oliveira e Beatriz Diógenes

A pré-fabricação na construção civil teve um grande impulso após a Segunda Guerra Mundial, especialmente na Europa, no que se refere à reconstrução de infraestruturas, e fez parte dos discursos de arquitetos modernos, como Walter Gropius (1883-1969) e Le Corbusier (1887-1965), na busca pelo sentido de uma nova arquitetura. No Brasil, as ideias relacionadas à pré-fabricação desdobraram-se em discussões, embora ainda incipientes, sobretudo a partir dos anos 1950. No entanto, é nos anos 1960, com a industrialização no país e a construção da nova capital, Brasília, que o interesse e as intervenções práticas da pré-fabricação crescem. O presente artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento desta tecnologia no Brasil neste momento inicial, com base nas publicações da Revista Acrópole que abordaram o assunto na época. A relevância do trabalho consiste na elaboração de um panorama sobre o emprego da técnica em sua fase inicial, nas décadas de 1950 e 1960, quando se constata a escassez de informações sobre o tema. Os resultados obtidos com o estudo contribuem para a ampliação de uma contextualização histórica sobre a apropriação da pré-fabricação no Brasil nos períodos iniciais de seu desenvolvimento.

Palavras-chave: PRÉ-FABRICAÇÃO; BRASIL; REVISTA ACRÓPOLE

PERCURSOS DA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA EM PRÉ-MOLDADOS EM BRASÍLIA

Rafaela Heinzlmann Figueira e José Manoel Morales Sánchez

A adoção de sistemas pré-moldados obteve uma relação direta com a racionalização da construção ligada à Arquitetura Moderna, articulando concepção plástica, avanços técnicos e práticas industriais. Esse cenário encontra em Brasília um marco referencial, onde os princípios teóricos desenvolvidos pela Escola Carioca encontram uma oportunidade de tomar forma. A repetição de elementos poderia ser um impasse para a expressão arquitetônica dos edifícios, mas o que foi encontrado consolida um legado que combina inventividade, racionalização e identidade própria.

Esse artigo investiga os percursos da arquitetura pré-fabricada realizada em Brasília entre as décadas de 1960 e 1970 e como eles se materializaram em obras expressivas. A análise é embasada de forma teórica por meio de textos escritos por arquitetos como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e em casos práticos passando pelos primeiros momentos da construção de Brasília e da universidade, chegando nos blocos R2 e R3 de Milton Ramos e os edifícios de escritório para a Camargo Corrêa no Setor Comercial Sul de João Filgueiras Lima (Lelé), que demonstram a consolidação de técnicas e parcerias que representam o auge desta construção racionalizada que foi realizada em Brasília.

Palavras-chave: PRÉ-MOLDADO, ARQUITETURA MODERNA, BRASÍLIA, JOÃO FILGUEIRAS LIMA, MILTON RAMOS.

SERGIO RODRIGUES E A CASA INDIVIDUAL PRÉ-FABRICADA: CONTEXTO E FUNDAMENTOS

Cícero Porto

Em 1960, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro trouxe ao público a exposição “Casa individual pré-fabricada”, apresentando o método projetual de construção pré-fabricada em madeira desenvolvido por Sergio Rodrigues. O evento, que contou com a edificação de um protótipo no jardim do MAM, partiu do convite de Niomar Moniz Sodré Bittencourt, então diretora do museu, ao arquiteto. A iniciativa assemelhava-se à exposição “The House in the Museum Garden” de Marcel Breuer realizada no Museum of Modern Art. Embora a partida fosse de uma premissa diferente, o museu nova-iorquino era uma evidente referência para Niomar. Diversificando o repertório, na construção do catálogo da exposição, o crítico de arte Mário Pedrosa fez referência à carreira de Walter Gropius e suas incursões na arquitetura com pré-fabricação. Complicando a trama, Sergio revelou posteriormente que pensava estar realizando algo novo, sem interferência de outros sistemas desenvolvidos internacionalmente – enquanto estreitava laços com outras figuras proeminentes da arquitetura moderna brasileira. A atuação de Sergio Rodrigues é um relevante episódio em como pensar o projeto de arquitetura pré-fabricada em madeira no Brasil, em suas complexidades de formulação e execução.

Palavras-chave: MADEIRA, PRÉ-FABRICAÇÃO, SISTEMAS.

INDUSTRIALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NOS PERIÓDICOS DO CBC-BOUWCENTRUM

Juliana Ramos

O presente trabalho desenvolve uma leitura temática de como se manifestaram questões específicas do universo da industrialização construtiva no conjunto documental derivado da atividade do Centro Brasileiro da Construção (CBC) - Bouwcentrum, um dos Centros de Informação (IC) do Bouwcentrum na América Latina – instituição de pesquisa, desenvolvimento e difusão de conhecimento técnico-científico construtivo da Reconstrução Holandesa (1945-1971), com posterior atividade em circuitos de assistência técnica à países emergentes do pós 2ª G.M. Após breve introdução ao contexto de fundação e trabalhos do CBC, nos debruçamos sobre duas circulares periódicas editadas (1969-1973) por esse IC: os “Boletins do Centro Brasileiro da Construção” e o “Noticiário da Coordenação Modular. A reconstituição do histórico institucional do CBC e análise das referidas publicações ocorrerão associadas a demais fontes históricas e sob a perspectiva dos temas e argumentos filiados à veiculação de projetos de industrialização construtiva no campo habitacional brasileiro, considerando os motivos da pesquisa aplicada, transmissão de conhecimento e redes de institucionalidades técnicas; aqui, nos interessa especialmente verificar padrões de continuidade, divergências e mesmo rupturas para com diretrizes e planos institucionais dispostos pela matriz holandesa, num dos episódios de seu projeto latino-americano de expansão.

Palavras-chave: RACIONALIZAÇÃO (1), PRÉ-FABRICAÇÃO (2), COORDENAÇÃO MODULAR (3).

ESTRUTURA DISCIPLINADA, DISSOLUÇÃO DA TRAMA E PRÉ-FABRICAÇÃO.

Silvia Regina Morel Corrêa

Este artigo se propõe a uma análise comparativa do uso que fez Paulo Mendes da Rocha da anatomia estrutural mais característica da modernidade: a planta livre em três casas de seu acervo profissional. Partindo de uma estrutura estritamente modular, inicialmente projetadas para serem pré-fabricadas,

as duas primeiras foram construídas em concreto in loco. A casa do Butantã, projetada e construída de 1964 a 1967, seria marcada pelo uso de peças pré-fabricadas de concreto armado, e pelo rigor construtivo no uso da modulação. Já na casa Millan, 1970 a 1974, o jogo estrutural se dá através de paredes e lajes rompidos em alguns momentos para permitir a entrada generosa da luz natural. Se na casa Millan, Paulo Mendes da Rocha abdica do pilar para adotar os planos verticais, esta casa monolítica em alguns momentos se separa do exterior indo na contramão das casas modernistas, que foram se tornando cada vez mais transparentes. Os procedimentos das duas casas do período inicial, se repetem na casa Gerassi. A terceira casa, concretiza a trajetória em direção à construção pré-fabricada, onde seis pilares quadrados são dispostos sobre a lateral do terreno e sobre eles três vigas se apoiam no sentido transversal, suportando a laje do pavimento, repetindo-se a mesma configuração acima, para fechar o volume prismático. Nas casas de Paulo Mendes da Rocha é possível aventar que a estrutura além de catalizador da arquitetura se converte em arquitetura ou a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha seria inconcebível sem ela. A motivação relativa à pré-fabricação, foi o argumento para o projeto, no sentido de responder questões propostas vinte anos antes e tornar realidade a execução de uma obra residencial pré-fabricada. A racionalidade estrutural se mantém nos três exemplos, fruto de sua raiz politécnica, pragmática e técnica, entretanto a serviço das reações plásticas e programáticas.

Palavras-chave: PRÉ-FABRICAÇÃO, PLANTA LIVRE, ESTRUTURA

A TRAJETÓRIA DA PROTENSÃO NO BRASIL: DA VANGUARDA DAS PONTES À INOVAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Juliano Caldas de Vasconcellos

A Universidade de Brasília consolidou-se como marco da modernização técnico-construtiva no país, especialmente pela adoção pioneira do concreto pré-moldado protendido. Essa tecnologia viabilizou a racionalização dos processos de obra e a monumentalidade formal que caracterizam os primeiros edifícios do campus. A protensão, ao articular desempenho estrutural, economia de material e expressão arquitetônica, ampliou significativamente as possibilidades da pré-moldagem de canteiro. Sua incorporação decorre

das experiências acumuladas no Brasil desde o final dos anos 1940, em pontes e viadutos recordistas, e das soluções desenvolvidas em Brasília, como na Plataforma Rodoviária. Ao reduzir escoramentos e aumentar a previsibilidade no comportamento das peças, a técnica tornou-se decisiva para expandir a escala da pré-moldagem e consolidar a racionalização construtiva na UnB. No desenvolvimento desses edifícios, Oscar Niemeyer propõe uma arquitetura simultaneamente sóbria, simbólica e econômica. A atuação de João Filgueiras Lima, o Lelé, é determinante para traduzir tais diretrizes em soluções de obra. Ao formular uma “pré-fabricação sem fábrica”, Lelé viabiliza peças de grandes dimensões moldadas e protendidas no próprio canteiro, conferindo à estática função expressiva e permitindo combinações estruturais que articulam painéis portantes e vigas de cobertura protendidas, com grandes vãos, liberdade de planta e elevada rapidez de execução.

Esta pesquisa examina o papel estruturador da protensão nas realizações pré-moldadas da UnB no início dos anos 1960 e sua contribuição para a formulação de uma lógica de industrialização adaptada às condições locais. A abordagem é histórico-interpretativa, apoiada em documentos do CEPLAN, registros de obra, publicações técnicas, depoimentos e bibliografia especializada. Busca-se compreender como técnica e projeto se articulam nos edifícios iniciais do campus e de que modo essa experiência repercute na prática da arquitetura moderna brasileira.

Palavras-chave: PROTENSÃO, ARQUITETURA MODERNA, CONCRETO PRÉ-MOLDADO

ITÁLIA, FRANÇA E BAHIA

Silvia Wolff

MESP - 1945 – 2025 – PGC: 80 ANOS DA INAUGURAÇÃO

Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro

O Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) foi dirigido por Gustavo Capanema que assumiu o posto em 1934 e foi o grande motor do processo para viabilizar a nova sede do “Ministério do Homem”.

O edital do concurso para o projeto foi lançado em 20 de abril de 1935, e resultado definitivo foi divulgado em 1 de outubro de 1935, sendo Archimedes Memória declarado vencedor.

O convite formal foi feito a Lúcio Costa em 25 de março de 1936, sendo sua proposta de 30 de março. Lúcio então com 34 anos formou uma equipe definida por afinidades pessoais e de trabalho.

O projeto foi entregue em 15 de maio e, em 26 de junho, Lúcio encaminha carta a Corbusier na qual relata que autorização de Capanema para formalizar o convite que previa analisar e dar parecer no projeto.

Le Corbusier permanece 30 dias no Rio de Janeiro e realiza dois estudos, sendo o primeiro para um terreno à Beira Mar, o segundo para o terreno atual.

Porém um novo projeto diferente dos anteriores foi entregue pela equipe brasileira em 5 de janeiro de 1937, sendo pedra fundamental do edifício lançada em 24 de abril.

A conclusão do edifício e sua inauguração só ocorreu em 03 de outubro de 1945, no entanto, seu reconhecimento com obra notável da arquitetura e engenharia nacional foi consolidado com o tombamento como patrimônio nacional, em 1948.

Apesar da proteção o prédio passou por uma série de obras de conservação, restauração, reformas e modernização ao longo de oito décadas, que introduziram modificações, mas preservaram as qualidades reconhecidas internacionalmente, com a sua inclusão em 1996 na lista indicativa a Patrimônio Mundial da UNESCO.

RESTAURO E MODERNIZAÇÃO DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

Renata Semin

A Biblioteca Mário de Andrade (BMA), no centro de São Paulo, é um marco da identidade cultural da cidade. Seu restauro e modernização, realizados entre 2005 e 2010, transformaram o edifício tombado em referência de inovação, preservação e requalificação urbana, reafirmando sua vocação pública. Projetada por Jacques Pilon em 1935 e concluída em 1942, a BMA é um ícone da arquitetura moderna e da verticalização paulistana. O edifício, situado na Praça Dom José Gaspar, destaca-se pelos portais voltados à Av. São Luiz e à Rua da Consolação e pela composição racional de volumes regulares, com amplos salões e estrutura modular, antecipando soluções técnicas de construção.

Tombada pelo município em 1992 e pelo estado em 2013, a BMA reúne hoje mais de 3,3 milhões de itens, a segunda maior do país. O restauro visou sanar problemas estruturais, substituir instalações obsoletas, garantir acessibilidade, conforto ambiental e segurança ao público e ao acervo. As diretrizes seguiram princípios de conservação moderna: respeito ao valor histórico, distinção entre o antigo e o novo e reversibilidade das intervenções.

A primeira fase concentrou-se na restauração estrutural e na modernização das redes prediais, ampliando áreas de leitura e convivência, com recuperação do mobiliário original. A segunda fase incorporou o edifício do IPESP (7.000 m²) para o acervo de periódicos e laboratórios de conservação, ampliando significativamente a capacidade da instituição, ainda que a conexão subterrânea prevista não tenha sido executada.

O projeto incorporou soluções inovadoras em tecnologia e conforto ambiental sem descaracterizar a arquitetura original. Os resultados foram expressivos: aumento do público de 170 para 1.200 visitantes diários, funcionamento diário e automação de serviços. O entorno também se requalificou, impulsionando o comércio e o uso público. A BMA exemplifica como a arquitetura pode conciliar memória e futuro, promovendo renovação urbana e cultural por meio da preservação qualificada do patrimônio.

Palavras-chave: PATRIMONIOCULTURAL(1), PRESERVACAOEINOVACAO(2), REGENERACAOURBANA(3), RESTAURO(4)

EDIFÍCIO GUILHERME GUINLE: SEDE DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS E DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

Marcos J. Carrilho

O Edifício Guilherme Guinle foi concebido pelo arquiteto Jacques Pilon para as atividades dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Entre 1947 e 1968, acolheu a sede do Museu de Arte de São Paulo – MASP.

Apesar de sua importância histórica e arquitetônica, esta edificação recebeu escassa atenção crítica. Quando analisado, sua singularidade programática deixou de ser considerada, em contraste com outras realizações de Jacques Pilon, que obtiveram maior difusão. Ainda assim, o edifício constitui uma obra paradigmática do modernismo brasileiro, ao articular, de modo inovador, atividades culturais, produção de informação e processos industriais em um mesmo conjunto arquitetônico.

As reflexões aqui apresentadas visam lançar luz sobre a relevância de um edifício que, apesar de sua contribuição significativa à paisagem cultural e urbana, permaneceu relativamente obscuro na historiografia da arquitetura moderna brasileira. Com base em fontes primárias, esta proposta busca reconstruir o conjunto de atividades abrigadas pelo edifício e aprofundar a compreensão de seu valor histórico e arquitetônico.

Palavras-chave: CENTRO HISTÓRICO DE SÃO PAULO, DIÁRIOS ASSOCIADOS, MASP

AS FÁBRICAS DA OLIVETTI DE MARCO ZANUSO NA AMÉRICA LATINA

Guilherme Feijó e Ivo Giroto

O presente artigo analisa, de um ponto de vista relacional, as fábricas projetadas por Marco Zanuso para a Olivetti na América Latina, localizadas em Merlo (Argentina, 1961) e Guarulhos (Brasil, 1963). A pesquisa situa-se no contexto de internacionalização da companhia no pós-guerra, quando, sob a liderança de Adriano Olivetti, a empresa ampliou sua presença produtiva e cultural nas Américas e associou sua imagem à arquitetura de vanguarda, razão pela qual confiou esses projetos ao jovem arquiteto milanês.

Neles, Zanuso desenvolveu sua reflexão sobre a assimilação entre arquitetura e design industrial, explorando técnicas que racionalizassem o canteiro

e aproximassem a obra de processos de pré-fabricação. Outro aspecto comum é a concepção das fábricas como “unidades de produção”, buscando máxima flexibilidade por meio da integração entre estrutura e instalações. Em Merlo, isso se materializou em uma ampla planta térrea modular, estruturada por pilares cruciformes e vigas ocas com coberturas membranares. Em Guarulhos, a solução foi uma malha triangular de colunas ocas que sustentava cúpulas intercaladas, articulando tradições construtivas italianas a condições ambientais tropicais.

Apesar de seu valor enquanto marcos da arquitetura industrial latino-americana, ambas enfrentaram dificuldades de preservação. A fábrica de Guarulhos, desativada em 1996, sofreu fortes descaracterizações mesmo durante o processo de tombamento, restando apenas parte das coberturas. Em Merlo, embora a continuidade produtiva após a venda à Philip Morris em 1979 tenha prolongado sua vida útil, reformas recentes alteraram significativamente o edifício, que segue sem reconhecimento oficial como patrimônio.

A análise comparativa evidencia a relevância desses projetos não apenas como experimentos arquitetônicos singulares, mas também como exemplos da fragilidade do patrimônio industrial moderno, cuja proximidade temporal e função utilitária frequentemente dificultam seu reconhecimento cultural.

Palavras-chave: OLIVETTI; MARCO ZANUSO; ARQUITETURA INDUSTRIAL; PATRIMÔNIO INDUSTRIAL; ARQUITETURA LATINO-AMERICANA.

UMA LEITURA DO MAM-BA SOB A PERSPECTIVA DE MONTANER

Carolina Lisot e Anna Paula Canez

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a atuação de Lina Bo Bardi no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) com foco no projeto do Museu de Arte Popular no Solar do Unhão, dialogando com as ideias de Josep Maria Montaner, em *Museu Contemporâneo: lugar e discurso*. Busca-se compreender como a concepção museológica de Lina antecipa debates atuais sobre o museu como espaço discursivo, político e ético, aproximando-se das críticas de Montaner ao modelo moderno e institucional.

Montaner entende o museu contemporâneo como um espaço plural, cuja função ultrapassa a simples conservação, assumindo papéis sociais e políticos. Ele

destaca a diversidade de tipologias e configurações arquitetônicas, desde grandes instituições até museus locais integrados à paisagem, ressaltando que os espaços, suportes e iluminações devem responder ao discurso expositivo e às especificidades dos objetos. Aponta, ainda, a ambiguidade do conceito de museu e a tendência de integrar diferentes programas culturais em um mesmo complexo.

A atuação de Lina entre 1959 e 1964 no MAM-BA revela uma visão alinhada a esses princípios. No Museu de Arte Popular, ela rompeu com a neutralidade do “cubo branco” moderno, defendendo a integração entre arquitetura, território e objeto, além da valorização dos modos de vida populares. A museografia do Solar do Unhão — com espaços fluidos, orgânicos e sem hierarquias rígidas — promove uma experiência ampliada que articula arte, natureza e corpo, antecipando demandas contemporâneas por pluralidade e interação.

O estudo baseia-se em revisão bibliográfica e análise documental, utilizando Montaner como eixo teórico. Materiais da época, como fotografias e croquis, evidenciam a radicalidade da proposta de Lina.

Conclui-se que o projeto de Lina Bo Bardi antecipa discussões contemporâneas sobre o papel social e político dos museus, alinhando-se à visão de Montaner de uma instituição crítica, diversa e formadora de cidadania cultural.

Palavras-chave: MONTANER, LINA BO BARDI, MUSEU DE ARTE MODERNA, ARTE POPULAR.

MONUMENTALIDADES AMERICANAS

Andressa Martinez e Denise Santos

MONUMENTALIDADES AMERICANAS MODERNA E PRÉ-MODERNA: INTERVENÇÕES EM PRIMEIRA PESSOA NO EDIFÍCIO FARLEY E NA SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS

Rafael Saldanha Duarte

Resumo não disponível

O PODER DA CURVA: VIDA E MORTE DE UMA ARQUITETURA CÍVICA NORTE-AMERICANA, 1947-66

Marcos A. Petrolí

As estruturas arqueadas de engenharia avançada nos Estados Unidos não se tratam de uma série de casos isolados no pós-Segunda Guerra, mas de um fenômeno que foi de costa a costa do país e ficou marcado pela contribuição de estrangeiros. Através de estudos de caso, consulta em arquivos, e revisão bibliográfica, este trabalho traz personagens mais desconhecidos desta produção, como os engenheiros estruturais Anton Tedesko (1903-94) e Fred Severud (1899-1990). Além disso, este artigo também apresenta análises teóricas particulares, como a “terceira concepção” de espaço cívico formulada pelo famoso historiador S. Giedion (1888-1968), e o esquema “caixa-pavilhão” desenvolvido para embaixadas em torno dos anos 1950. Por fim, este trabalho busca trazer um contexto geopolítico diferente às estruturas arqueadas modernas realizadas no Brasil à época, abrindo, assim, uma oportunidade para um diálogo comparativo mais abrangente.

Palavras-chave: ARQUITETURA AMERICANA PÓS-II GUERRA, ESTRUTURAS ARQUEADAS LEVES, MULTICULTURALISMO, “SEGUNDA-GERAÇÃO” MODERNA, EXPRESSIONISMO ESTRUTURAL

POMO DA DISCÓRDIA: MEGAEVENTOS, ESTÁDIOS E PÓS-MODERNO LUSO-BRASILEIRO

Guilherme Maia

Megaeventos são definidos contemporaneamente como ocasiões itinerantes de duração determinada, que atraem elevado número de visitantes, possuem amplo alcance midiático, envolvem altos custos e operam grandes impactos sobre o ambiente construído e a população. Ao longo dos séculos XIX e XX, esses traços foram reconfigurados pelo crescimento do esporte como entretenimento de massa e acompanham, desde a década de 1970, o contexto cultural da pós-modernidade, marcado pela intensificação da cultura midiática e pela mercantilização do urbano. No campo da arquitetura, os megaeventos esportivos têm se destacado pela produção de estádios e equipamentos urbanos desenvolvidos como dispositivos para experiências controladas de consumo e espetáculo, frequentemente desconectados das necessidades sociais locais e resultando em desafios para o uso e integração urbana após o evento.

Este artigo propõe uma análise crítica de quatro estádios periféricos e seus entornos, construídos em Portugal (EURO 2004: Algarve e Aveiro) e no Brasil (Copa 2014: Manaus e Recife), examinados em duas escalas: a urbana, a partir das intenções dos promotores e da efetividade das intervenções; e a arquitetônica, enfatizando respostas projetuais como o “efeito Barcelona”, o repertório pós-moderno de reação e a adoção de soluções high-tech com concessões cultural e sustentável. A análise revela que essas infraestruturas sintetizam aspectos espetaculares, efêmeros e midiaticizados da pós-modernidade urbana, evidenciando tensões entre discursos de modernização e os limites derivados da realidade local. Ao discutir as intervenções portuguesas e brasileiras como representativas da condição urbana pós-moderna, o artigo também problematiza os desafios que se impõem ao campo disciplinar da arquitetura diante das demandas de um urbanismo centrado no consumo, lazer e turismo.

Palavras-chave: MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, INTERVENÇÕES URBANAS, PÓS-MODERNIDADE

THE CHASE: OPERAÇÕES ELEMENTARES PARA UM PROBLEMA DE MÚLTIPLAS ESCALAS.

Nicolás Sica Palermo

O edifício do Chase Manhattan Bank, projetado pelo arquiteto Gordon Bunshaft e sua equipe do escritório Skidmore Owings & Merrill foi construído na ilha de Manhattan entre 1957 e 1961. A decisão de erguer um novo arranha-céu no sul de Manhattan refletiu o compromisso dos diretores e sócios com a renovação urbana da área; o esquema formal básico adotado confirma isso plenamente.

O Chase consiste em uma base, coberta pela praça cívica mencionada acima, e um edifício de base retangular com 60 andares que contém os escritórios comerciais do banco e espaço corporativo para locação. A base de 6 pavimentos, escavada a 27 metros abaixo do solo, forma uma espécie de pódio e contém uma agência bancária e uma cafeteria abertas ao público em seus dois níveis internos superiores, e garagens, equipamentos mecânicos e cofres nos outros níveis.

A busca por maiores áreas livres nos pavimentos tipo A equipe de arquitetos avaliou duas situações: uma representando espaços com colunas e vãos estruturais econômicos e uma segunda com a solução de colunas externas à envolvente do edifício. O resultado indicou que a segunda, mais cara, constituía um acréscimo de 6% de áreas de trabalho.

Em suma: de maneira consciente, os arquitetos apostaram em reverter nos espaços abertos do térreo a área construída “ganha” através da estrutura dos pavimentos tipo e dos 6 níveis subterrâneos.

A construção do Chase Manhattan Bank representou uma operação complexa e paradigmática para a arquitetura e o planejamento urbano modernos, a qual foi considerada, no momento de sua construção, a primeira “superquadra” comercial em Nova Iorque desde a inauguração do Rockefeller Center.

Palavras-chave: CHASE MANHATTAN, ARRANHE-CÉU, GORDON BUNSHAFT

O FUTURO DO PRETÉRITO: PROJETOS, CONCURSOS E REALIDADES (IM)POSSÍVEIS

Sergio Marques e Francisco Spadoni

O futuro do pretérito, também conhecido como condicional, é um tempo verbal que indica uma ação que seria ou poderia ser realizada no futuro, mas que é condicionada ou hipotética em relação a uma ação do passado. Ele expressa uma situação que não ocorreu ou que poderia ter ocorrido, frequentemente em contextos de dúvida, possibilidade ou condição.

Projetos utópicos, especulativos, prospectivos e investigativos de “cidades raiantes”, edifícios arquetípicos, protótipos e outras realidades possíveis (ou impossíveis), não só rechearam os ideais do Movimento Moderno, quando em alguns casos, foram o próprio *leitmotiv*. Projetos para concursos, propósitos, competitivos e resilientes de espaços urbanos relevantes, edifícios representativos, cômodos extraordinários, encenaram possíveis realidades e rechearam a cena moderna / contemporânea, ainda que em muitos casos sucumbiram as impossibilidades (diversas) de realização.

A sessão propõe se debruçar sobre esta produção. Projetos (não construídos) concebidos para pensar, incitar, representar ideias e ideais, em atitudes visionárias, reflexivas ou doutrinárias. Projetos (não construídos) desenvolvidos para vencer, superar, alcançar a melhor solução, com esforço do ofício e visão projetual. Projetos na escala do território, paisagem, cidade, edifício ou partes, dedicados a examinar / propor irrealidades significativas, através do processo de concepção como pesquisa (conceituais) ou projetos de concursos dedicados a resolver / construir respostas a realidades relevantes (hipotéticos) interessam nesta discussão.

HERANÇAS CONCEITUAIS DAS MEGAESTRUTURAS APLICADAS EM CONCURSOS

Ricardo Felipe Gonçalves

O ato de projetar ativa em si o pensamento utópico. Podemos inferir que todo arquiteto é um utopista, pois opera em um universo imaginário para evocar o ato criativo do projeto, que nada mais é senão uma representação de um plano ideal.

Os arquitetos da década de 1960 confrontaram-se com um dilema do qual não havia uma escapatória lógica e simples: ao mesmo tempo em que a arquitetura como profissão não iria renunciar à sua vocação urbana transformadora, ela seria forçada a reconhecer que alguns modelos e valores vigentes estavam socialmente desgastados.

Nesse contexto, podemos classificar grande parte das novas propostas visionárias desses arquitetos dentro do conceito de Megaestrutura definido por Reyner Banham: uma estrutura permanente e dominante de grande escala urbana que abriga diversos elementos subordinados e transitórios. Acreditava-se que elas proporcionariam uma efetiva flexibilidade urbana para a cidade do futuro se emancipar dos dogmas do urbanismo regulatório moderno.

O grupo Archigram ganhou notoriedade com diversas propostas nos anos 1960 jamais executadas, mas que influenciaram significativamente o pensamento arquitetônico. Porém, antecessora ao coletivo britânico, a proposta para o Fun Palace concebida por Cedric Price em 1962, já demonstrava o radicalismo desse pensamento com uma grande estrutura recreativa que materializava novos valores urbanos celebrados na pós-modernidade.

A partir da análise dessas Megaestruturas, o presente trabalho busca estabelecer uma reflexão entre essas obras referenciais nunca executadas e sua influência nos concursos de arquitetura da época e, por fim, na conceituação de uma proposta recentemente elaborada para um concurso de autoria do escritório Hiperstudio.

Trata-se de uma concorrência promovida pelo Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais, em Campinas, que solicitava a transformação do antigo edifício do acelerador de partículas UVX, cuja proposta evoca similaridades com a Megaestrutura de Price.

Palavras-chave: MEGAESTRUTURA (1), UTOPIA (2), CONCURSOS DE ARQUITETURA (3).

O FUTURO DO PRETÉRITO EM MENDES DA ROCHA

Flavia Botechia e Julia Thomazini

Este artigo tem como objetivo apresentar resultados de análise comparativa entre dois projetos de espaços expositivos, concebidos por Paulo Mendes da Rocha, localizados na Enseada do Suá, em Vitória (Espírito Santo, Brasil): o Centro Krajcberg e o Cais das Artes. O primeiro trata-se de projeto não construído enquanto o segundo, a nível executivo, encontra-se atualmente em fase de construção. A escolha justifica-se pelo estudo de projetos com programas similares e de mesma autoria mas, também, pela constatação de que embora desenvolvidos em tempos distintos, tais exemplares possuem uma associação visual imediata. Tais fatores, embasados por literatura, motivaram o desenvolvimento de uma investigação com objetivo de identificar “estratégias projetuais” admitindo-se que, por hipótese, apesar do distanciamento temporal de catorze anos entre ambos projetos, há padrões formais e espaciais contidos no Centro Krajcberg que se materializaram com a oportunidade de desenvolvimento e execução do Cais das Artes. Com base nessa perspectiva, a pesquisa iniciou-se com a identificação das principais obras (com o referido perfil programático) desenvolvidas ao longo da trajetória de Mendes da Rocha, a partir de autores de referência bem como de pesquisas em bases de dados científicas. Em termos conceituais, além da condição que envolve os estudos comparativos, reconheceu-se também a pertinência dos procedimentos de análise de projetos não construídos, frequentemente esquecidos, mas que revelam uma riqueza de informações sobre o arquiteto e o ato criativo. As referências teóricas adotadas levaram à análise crítica comparativa e desenhada da arquitetura, empregando-se softwares especializados para georreferenciamento, redesenho e modelagem, a fim de compor conjunto de dados. Os resultados obtidos revelaram a existência de padrões a partir de seis categorias analíticas pois, embora sejam evidentes as variações no modo de projetar do arquiteto ao longo do tempo, foi verificada a permanência de princípios compositivos.

Palavras-chave: ANÁLISE MORFOLÓGICA, ANÁLISE COMPARATIVA, PROJETO DE ARQUITETURA

ENTRE RIO DE BRASÍLIA: OS PROJETOS DO ITAMARATY DE MINDLIN

Claudio Comas Brandão

Não faltam exemplos na arquitetura moderna de projetos não realizados que se tornaram referenciais formais para outras arquiteturas – adaptadas em escala ou volume, recombinadas ou recompostas, pelos próprios autores ou por outros. A circulação de ideias por meio de formas, esquemas ou tipos integra métodos de estudos consolidados, como a crítica tipológica ou genética. Menos comuns, porém, são os estudos que investigam a translação de projetos e ideias por outros caminhos, ancorados em documentos escritos. Este estudo examina as possíveis conexões entre os projetos de Henrique Mindlin para o Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro (1942 e 1952) e o Palácio dos Arcos em Brasília, desenvolvido por Oscar Niemeyer com diferentes colaboradores (1963). O objetivo é discutir como projetos não realizados podem revelar processos de longa duração, circulando em redes heterogêneas de atores, instituições, arquivos, normas e práticas de projeto. A pesquisa adota a abordagem da Teoria Ator-Rede, que considera documentos e procedimentos como atores sociais, capazes de agir no tempo e no espaço. A metodologia combina análise de fontes textuais primárias, notícias de imprensa e documentos técnicos. Examina, em particular, o programa funcional elaborado por Mindlin com a Divisão de Edifícios Públicos do DASP em 1946 e a atuação das comissões internas do Itamaraty, que podem ter influenciado formulações posteriores do Palácio dos Arcos.

Procura-se demonstrar que esses documentos atuam como “móveis imutáveis” (Latour, 2000) – inscrições capazes de estabilizar controvérsias e se deslocar em novos contextos sem se alterar. O estudo evidencia outros mecanismos de circulação de ideias e saberes na arquitetura moderna brasileira, mostrando como trajetórias de projeto se desenvolvem para além das intenções dos autores consagrados e revelando processos institucionais de longa duração na formulação de soluções projetuais.

Palavras-chave: ARQUITETURA NÃO REALIZADA, DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA, TRANSLAÇÃO DE IDEIAS

A MÃO E SUA IMPRESSÃO*

Silvio Belmonte de Abreu Filho

No final dos anos 1920, confrontavam-se no Rio de Janeiro duas visões do urbanismo e da cidade, ilustrando os dois paradigmas modernos que coexistiam à época. O Plano Agache de 1928-1930 e a proposta de Le Corbusier para o Rio de Janeiro em 1929 não são apenas “projetos” distintos, mas estratégias e procedimentos frente à cidade e à natureza com divergências fundamentais. Além da dicotomia entre o Agache “acadêmico” e Le Corbusier “moderno”, os projetos apresentam similaridades perturbadoras na leitura da topografia carioca e no uso da mesma metáfora da mão aberta, com diferenças evidentes. Um é o exato oposto do outro, molde e moldado, a mão e sua impressão, numa quase homotetia; a Agache o que importa é a cidade existente, a ser remodelada, e a Le Corbusier a natureza, sobre a qual dispõe suas megaestruturas.

Nos anos 40 Arnaldo Gladosch, que trabalhou com Agache no Plano do Rio, e Jorge Moreira, que conviveu com Le Corbusier no projeto do MES, confrontam-se em propostas para o Centro Cívico de Porto Alegre na Praça da Matriz com as mesmas divergências. Gladosch apresentou sua proposta em 1939, e o projeto detalhado em 1943, pelas datas dos desenhos em *Um Plano de Urbanização*. Jorge Moreira apresentou sua proposta para o Centro Cívico em 1943, em dois estudos ilustrados por quatro figuras no livro sobre sua obra organizado por Jorge Czaikowski.

As propostas de Gladosch e Moreira para o Centro Cívico da Praça da Matriz não exibem a homotetia quase absoluta da relação entre Agache e Le Corbusier, nem representam tão literalmente a analogia da mão e sua impressão, mas exemplificam os dois paradigmas urbanísticos lutando por hegemonia nos anos 40. Ambos se comprometem com o moderno, ainda que de formas distintas, ilustrando duas ideias de cidade quase opostas em convivência forçada e permeada de conflitos desde então.

Palavras-chave: GLADOSCH, MOREIRA, PRAÇA DA MATRIZ

* O texto é baseado em Parte do 3º Capítulo da tese de doutorado de Silvio Belmonte de Abreu Filho, Porto Alegre como cidade ideal: Planos e Projetos Urbanos para Porto Alegre (Porto Alegre, Propar-Ufrgs, 2006) 172-180.

O PAÇO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS: EDIFÍCIOS INSTITUCIONAIS DE SARAIVA EM FLORIANÓPOLIS E SUAS CONEXÕES

João Marcos Pires

O concurso para a obra do paço municipal de Florianópolis de 1977 foi vencido pela equipe: Pedro Paulo de Melo Saraiva, Sérgio Ficher e Henrique Cambiaghi. O concurso está inserido em um contexto de mudanças marcantes para a cidade que diz respeito a década de 1970. Dentro dessa mudança se destaca: os aterros da baía sul e o Plano de desenvolvimento da Área metropolitana de Florianópolis (PDAMF).

Da equipe vencedora, Pedro Paulo de Melo Saraiva (1933 – 2016) teve participação no PDAMF, assim como no projeto da nova ponte continente-ilha (atual Colombo Salles) e do projeto não executado da urbanização dos aterros. Sua participação se concretiza para além desses fatos nos concursos vencidos em diferentes equipes para os edifícios da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1957 e 1967) e para o Palácio da Justiça (1968). A participação de Saraiva nas obras institucionais de Florianópolis segue algumas diretrizes do período da arquitetura moderna brasileira, como o concreto armado aparente e os grandes vãos.

A carreira de Saraiva é marcada pela participação em diversos concursos, principalmente públicos. Em 1962 Saraiva é convidado por Vilanova Artigas para ser professor na FAU-USP. Esta conexão entre Saraiva e Artigas para além da similaridade de ideias, vai levar também a proximidades de soluções arquitetônicas.

A pesquisa enfoca-se em Saraiva, analisando o projeto do concurso vencido, este que buscou ser o espaço institucional do município de Florianópolis, um ensaio de diretrizes para a sede da organização municipal.

A análise entre planta baixa, forma e expressividade serão norteadores da pesquisa, buscando traçar relações visuais, de desenho e expressão. Essas representações contribuem ao aproximar o estudo de suas dimensões, dos pormenores da obra e de suas relações, com a paisagem e com os indivíduos dentro do espaço construído.

Palavras-chave: BRUTALISMO (1), ARQUITETURA MODERNA (2)

O PROJETO COMO INSTRUMENTO REFLEXIVO E ESPECULATIVO. A PROPOSTA DOS SMITHSON PARA O CONCURSO HAUPTSTADT BERLIN 1957-58

Cristina Gondim

A proposta dos arquitetos ingleses Alison e Peter Smithson submetida no concurso internacional de ideias Hauptstadt Berlin, realizado entre 1957 e 1958, foi classificada em terceiro lugar entre um grande número de equipes e de participantes ilustres. A competição teve como objetivo criar uma visão abrangente de planejamento urbano para a cidade dividida após a Segunda Guerra, tornando-se um catalisador na criação de hipóteses para o futuro da capital alemã poucos anos antes da construção do muro. O contexto de realização do certame, em um momento de crescente tensão entre dois modelos de governo fundamentados em ideologias divergentes, representou um exemplo marcante da instrumentalização política do projeto urbano. Conforme pretendido, o concurso resultou em uma rica variedade de abordagens inovadoras que, além de enriquecerem o debate arquitetônico e urbanístico do período, tornaram-se precedentes importantes de práticas contemporâneas revelando impacto duradouro na cultura disciplinar. Embora elaboradas para uma situação real, as propostas para Berlim não produziram consequências em termos concretos. Contudo, tanto os projetos realistas, como os mais utópicos, serviram como modelo e estimularam debates em arquitetura e urbanismo por décadas. Em especial a proposta dos Smithson, com o tempo, passa a ser vista como ideia seminal de processos de projeto caracterizados pela produção de arquiteturas urbanas e pela valorização do vazio como espaço de conexão nas cidades pós-industriais, através do deslocamento da ênfase da produção de edifícios para a criação de paisagens edificadas e reconstituição de tecidos. A proposta dos Smithson para o concurso Hauptstadt Berlin configura, portanto, um exemplo de como um projeto teórico pode atuar como instrumento reflexivo e especulativo, tornando-se ser tão influente, ou mais, que experiências materializadas sujeitas a avaliação de desempenho perante a realidade.

Palavras-chave: ALISON E PETER SMITHSON, HAUPTSTADT BERLIN, ARQUITETURA MODERNA DO SEGUNDO PÓS-GUERRA

DESEJOS E REALIDADE: CONCURSOS E MARCOS ARQUITETÔNICOS

Lorena Petrovich Pereira de Carvalho e Márcio Moraes Valença

Vejamos outro ponto de vista, não o do arquiteto ou o do campo da arquitetura. Por que, crescentemente, governos, corporações e instituições realizam competições de arquitetura para escolher projetos de seus edifícios? Há muitas respostas. Em alguns países, isso já é tradição ou obrigação no setor público. Acredita-se que assim se obtém o melhor resultado possível. Ademais, a prática vincula-se ao desejo de construir um marco arquitetônico que simbolize a empresa, a instituição, a cidade ou o governo. Um marco não implica necessariamente uma obra grandiosa ou espetacular, embora isso ocorra com frequência. Este trabalho analisa briefings de concursos internacionais que demandam a criação de marcos arquitetônicos e observa alguns dos projetos concorrentes. Embora sejam prática corrente, concursos não resultam necessariamente na construção do edifício vencedor: muitas vezes, o cliente desiste por não aprovar o projeto ou por mudanças econômicas. Escritórios de vários portes investem tempo e recursos na participação. Bernard Tschumi afirma que metade dos projetos de seu escritório vêm de concursos vencidos e que ganha um a cada quatro. Em grandes competições, até o edital é pago; em concursos fechados, costuma-se oferecer ajuda de custo. Sites oficiais indicam que escritórios como Eisenman Architects, Herzog & de Meuron, MVRDV, OMA, Bernard Tschumi Architects e Foster + Partners venceram mais concursos não construídos do que construídos. Ainda assim, concursos têm valor pedagógico: geram soluções inéditas e exercitam a criatividade. Se há desistências, é por insatisfação com os resultados ou mudança de condições. Analisam-se aqui projetos de cinco concursos do século XXI envolvendo ao menos um desses escritórios, cujos briefings exigem soluções icônicas. Além dos projetos, examinam-se textos justificativos e materiais de mídia para identificar diferentes visões sobre iconicidade. Por fim, destaca-se que concursos públicos devem integrar políticas brasileiras, pois boa arquitetura, embora não resolva tudo, contribui para reduzir desigualdades.

Palavras-chave: MARCOS ARQUITETÔNICOS, CONCURSOS INTERNACIONAIS, PROPOSTAS PROJETUAIS.

O MUSEU DE LE CORBUSIER NA CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO

Juliana Benetti e Ana Tagliari

O objeto desta pesquisa é o projeto de Le Corbusier do Museu do Conhecimento na cidade universitária do Rio de Janeiro em 1936. O objetivo é analisar e estabelecer relações com os demais projetos de museus concebidos por Le Corbusier desde o Museu Mundial, Genebra (1929) até o Museu Nacional de Belas Artes do Ocidente construído em Tóquio (1955). A hipótese se fundamenta na proposição de que o projeto do Museu do Conhecimento para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro incorpora conceitos e estratégias de projeto que estavam sendo desenvolvidas por Corbusier desde o projeto do museu para o *Mundaneum*. A metodologia envolve levantamentos, revisão bibliográfica, visitas técnicas, redesenhos, construção de modelos, análises e diagramas, simulações e produção de imagens. Le Corbusier investigou o tema dos museus continuamente desde a década de 1920. Portanto, observa-se que é um tema relevante em sua obra teórica e arquitetônica. Pretende-se produzir, como conhecimento e produtos originais, o estudo desta ideia de projeto de museu de Le Corbusier iniciada na década de 1920 e a análise do projeto do Museu do Conhecimento para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro, tornando visível por simulações um projeto praticamente desconhecido no Brasil, estabelecendo relações entre conceitos presentes nos escritos do arquiteto e seu projeto. Trazer este projeto à luz, no âmbito da discussão da pesquisa em arquitetura, nos dias de hoje nos parece algo relevante. Conceitos, soluções e estratégias de projeto investigadas por Le Corbusier há quase 100 anos ainda podem estar presentes em projetos de museus contemporâneos. Este projeto poderia ser considerado como a essência da proposta de Museu de Corbusier, incorporando conceitos, ideias, teorias e soluções de arquitetura pesquisadas e investigadas pelo arquiteto desde a década de 1920, e revisitadas ao longo de sua carreira? Essa pergunta é o problema desta pesquisa.

Palavras-chave: LE CORBUSIER, MUSEU DO CONHECIMENTO, PROJETOS NÃO CONSTRUÍDOS

IMPLANTAÇÃO E MATERIALIDADE: RESIDÊNCIA HERCÍLIO LUZ FILHO

Alexandre dos Santos

O artigo é um aprofundamento do redesenho da Residência Hercílio Luz Filho, projetada por Pedro Paulo de Melo Saraiva em 1954, na Ponta da Joaquina, Florianópolis. Através do método do redesenho, o estudo apresenta as soluções arquitetônicas e técnicas — viáveis ou não — para implantar a casa sobre uma rocha saliente em um promontório granítico. O trabalho destaca a importância de documentar projetos não realizados, pois eles ajudam a compreender as origens de difusão da modernidade e colaboram na construção da historiografia moderna. As imagens fotorealistas criadas buscam mostrar com rigor e precisão a materialidade da casa, a sua modulação estrutural e o diálogo com a paisagem. A base da análise incluiu estudo de documentos originais do Acervo PPMS, publicações da revista Acrópole, entrevistas com o próprio arquiteto e referências a outros arquitetos como Rino Levi e Oswaldo Bratke. O estudo aprofunda a implantação da residência no terreno com base na topografia atual, que resultou em um modelo físico, que também colaborou na construção das imagens fotorealistas. As soluções adotadas evidenciam como Pedro Paulo de Melo Saraiva assimilou influências da arquitetura paulistana e da Costa Oeste dos EUA, representadas especialmente pela obra residencial de Oswaldo Bratke na década de 50. O processo de redesenho e análise também refletem como a documentação arquitetura moderna pode e deve ser usada como material de projeto no ensino da arquitetura.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, TECTONICIDADE, MATERIALIDADE

CIDADES IMAGINADAS: URBANISMO MODERNISTA E SEUS VESTÍGIOS NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO

Bruna Leite e Larissa Timbó

Este artigo propõe uma reflexão sobre o urbanismo modernista no planalto central brasileiro a partir da análise de dois projetos urbanos não construídos: a Cidade Marina, idealizada em 1955 por Max Hermann e projetada por Oscar Niemeyer na região do Vale do Urucuia (MG), e a “Cidade Desconhecida”,

projeto sem autoria confirmada, mas potencialmente atribuídas ao mesmo arquiteto, encontradas no Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). A investigação busca dar destaque a essas propostas no campo da historiografia do urbanismo moderno, considerando a importância dos projetos criados para além do Plano Piloto de Brasília e que, mesmo não materializados, expressam visões significativas de desenvolvimento e modernidade.

As cidades se inserem em um contexto marcado pelo desenvolvimentismo que permeou o Brasil na segunda metade do século XX. O projeto de interiorização da capital, mais do que uma decisão administrativa, assumiu um papel simbólico ao representar o avanço da modernização nacional e a ocupação planejada do território. É nesse cenário que Marina é concebida, uma cidade nova pensada para abastecer a capital, unindo o ideal modernizador a uma lógica econômica funcional. Já a “Cidade Desconhecida”, descoberta entre documentos sem data, localidade ou assinatura, remete a um exercício de síntese dos princípios modernistas em um projeto cuja ausência de materialidade amplia seu potencial especulativo.

A investigação adota como metodologia a busca e análise documental dessas cidades, com o objetivo de evidenciar não apenas os aspectos estéticos e formais das propostas, mas também os discursos e ideologias que as sustentam. Ao posicionar Marina e a Cidade Desconhecida no centro da análise, propõe-se pensar o modernismo urbanístico não apenas como uma sequência de realizações monumentais, mas também como um campo permeado por tentativas, fracassos e arquivos esquecidos.

Palavras-chave: HISTÓRIA DO URBANISMO; CIDADES NOVAS; OSCAR NIEMEYER.

BURLE MARX NO PEDREGULHO: UM IDEAL PEDAGÓGICO DO JARDIM MODERNO

Pedro Guimarães Teixeira e Lucia Maria Sá Antunes Costa

O Pedregulho (1946-1948), obra de Affonso Reidy e de Carmen Portinho, foi consagrado na historiografia da Arquitetura Moderna Brasileira, referenciado em periódicos e publicações de época e posteriores. Este trabalho busca debater as potencialidades que existiriam na integração entre os projetos arquitetônico e paisagístico, ambos não executados integralmente.

O Conjunto seria composto, a princípio, por três blocos residenciais, escola, creche, equipamentos esportivos, lavanderia, posto de saúde, mercado e clube. A diversidade de programas, as concepções espaciais e a proposta social contribuíram para a boa recepção da obra junto aos habitantes e críticos.

Entretanto, a participação de Burle Marx é comumente restrita às obras integradas, já que o projeto paisagístico elaborado nunca foi inteiramente implantado. O paisagista participou do projeto com um mosaico de vidrotil, um mural, bem como pelo paisagismo em dois momentos: o projeto para a escola, posto de saúde e bloco B e, posteriormente, um anteprojeto para o Conjunto.

Desse modo, as reconhecidas soluções formais e espaciais adotadas por Reidy para o conjunto arquitetônico e urbanístico do Pedregulho seriam potencializadas pelos projetos paisagísticos.

Destaca-se que a historiografia acerca da Arquitetura Moderna e do Pedregulho atribuem ao Conjunto não apenas um papel habitacional, inserindo-o em uma proposta de forjar os padrões de sociabilidade dos moradores. No paisagismo, entretanto, o aspecto educativo, associando a educação do olhar, o conhecimento da flora e a fruição estética promovida pela integração jardins-arquitetura-artes integradas ainda é pouco analisado.

O trabalho visa destacar a relevância e participação de Burle Marx em uma das mais icônicas obras do Modernismo brasileiro, contribuindo para uma análise aprofundada pela ótica utópica da associação entre paisagismo e arquitetura como motores de transformações sociais, além de trazer debates acerca da importância do paisagismo como elemento pedagógico, propositivo e fundamental para a compreensão da arquitetura produzida e seus ideais no período.

Palavras-chave: PAISAGISMO (1), BURLE MARX (2), REIDY (3), PEDREGULHO (4), JARDIM HISTÓRICO (5)

O PROJETO VENCEDOR DO CONCURSO PARA A SEDE DO JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO

Fernanda Cavalheiro Marafon

Entre as variadas categorias, que agrupam as realizações e propostas associadas ao Movimento Moderno, há multiplicidade de critérios e abordagens possíveis. No que se refere a projetos para cidades e edifícios não construídos, tornam-se relevantes, na historiografia, as questões utópicas e propositivas

que permitem associar as representações da Arquitetura e do Urbanismo modernos a outros campos de conhecimento e amparam discussões sobre transformações sociais, econômicas e culturais.

Apesar da importância destas interpretações, há uma outra categoria segundo a qual se pode reunir obras e projetos de arquitetura. Esta considera critérios artísticos comuns a um conjunto de realizações, que compartilham o mesmo sentido de forma, como estrutura relacional e abstrata. Uma categoria apta para conceber e, conseqüentemente, reconhecer e interpretar artefatos modernos.

Segundo esta abordagem, este trabalho, um desdobramento da tese de doutorado “Edifícios torre-placa nas décadas de 1950 e 1960: configurações com a forma moderna”, se propõe a apresentar o projeto não construído para a sede do *Jockey Club de São Paulo*, de autoria dos arquitetos Carlos Barjas Millan, Jorge Wilhelm e Maurício Tuck Schneider, a partir de material gráfico proveniente do redesenho do edifício e do entorno existente no período de sua concepção.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, TORRE-PLACA, TIPOLOGIA

ENTRE VULCÕES E USINAS NUCLEARES: A PARTICIPAÇÃO DE SERGIO BERNARDES NO CONCURSO INTERNACIONAL DO PARC DE LA VILLETTE

Tomás Urgal

Em 1974, encerra-se a atividade do grande matadouro de La Villette, em Paris, após décadas de tentativas fracassadas de modernização. A desativação do complexo abriu caminho para sucessivas propostas culturais e de lazer e iniciou um longo processo de revitalização urbana, que culminou no concurso internacional para o Parc de la Villette, lançado em 1982. O edital previa um extenso programa de 288 mil m², dividido em categorias como exposições, lazer, aprendizado e alimentação. O concurso recebeu 805 inscrições de 41 países; 28 equipes latino-americanas se inscreveram, sendo 13 brasileiras.

Esta pesquisa investiga a proposta apresentada pelo arquiteto Sergio Bernardes, contextualizando-a em sua trajetória e relacionando-a às suas referências formais. Naquele momento, Bernardes somava mais de mil projetos e três décadas de atuação, consolidado como figura central da arquitetura

moderna brasileira. Ganhava destaque também o recém-criado Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), centro multidisciplinar financiado pelo próprio arquiteto para desenvolver soluções tecnológicas e interdisciplinares aplicadas à arquitetura, ao urbanismo e ao planejamento territorial.

O LIC, sob supervisão direta de Bernardes, elaborou a proposta enviada ao concurso, reunindo uma ampla equipe de profissionais de diversas áreas. A solução final organizava-se em 17 estruturas cônicas — os “vulcões” — agrupadas em “Cités” temáticas (da Música, das Águas, das Pessoas, das Plantas e das Ciências). Uma parte significativa do programa se desenvolveria no interior dessas estruturas, abaixo do nível do parque, permitindo funcionamento contínuo e protegido das variações climáticas.

A análise fundamenta-se em materiais do acervo Sergio Bernardes, sob custódia do NPD FAU UFRJ, e em documentos iconográficos e textuais dos *Archives Nationales de France*, que esclarecem etapas do processo e dados sobre os projetos inscritos. Embora não tenha sido avaliado pela comissão, o projeto sintetiza a visão urbana de Bernardes e representa um dos últimos grandes gestos projetuais de seu escritório.

Palavras-chave: SERGIO BERNARDES (1), PARC DE LA VILLETTE (2), CONCURSO INTERNACIONAL (3), ARQUITETURA MODERNA (4)

FUTUROS POSSÍVEIS:

A ESPLANADA DE SANTO ANTÔNIO POR AFFONSO REIDY

Carolina Vereza e Thiago Souza

Este trabalho tem como ponto de partida a inquietação em relação aos ideais de futuro imaginados no passado e à forma como a paisagem urbana era percebida naquela época, motivando reflexões que almejavam mudanças — mais especificamente, os ideais de Affonso Eduardo Reidy (1909–1964) para o Morro e a Esplanada de Santo Antônio na área central da cidade do Rio de Janeiro no século XX. Portanto, seu objetivo principal é a análise e comparação dos dois planos elaborados por Reidy em 1948 e 1949 através de uma experiência imersiva em 360° de visualização urbana, capaz de ampliar o entendimento e compreensão dessas propostas de cidade e visões de futuro por meio de simulação digital.

O artigo tem como embasamento metodológico o livro *Architectural Research Methods* (Groat e Wang, 2013) e elabora uma investigação

histórico-interpretativa combinada com a estratégia de simulação, como forma de validação dos resultados.

O trabalho se relaciona com a Gráfica Digital e Representação em Urbanismo e realiza uma investigação de uma forma alternativa ao representar a história da cidade do Rio de Janeiro por meio da simulação digital. Ademais, abre como frente de discussão, o potencial educativo através da abordagem das experiências de simulação para o patrimônio e a história. Apresenta potencial de analisar os projetos urbanos ao complementar os modos habituais de análise e comparação.

Além de ressaltar a possibilidade que as ferramentas e tecnologias mais atuais proporcionam, transformando o nível de interação e percepção do espaço para a experimentação de contextos e planos históricos, em busca do melhor aproveitamento e compreensão dos mesmos. Possibilita assim, a observação e o estudo dos projetos para a cidade a partir do ponto de vista de um observador inserido nessas propostas.

Palavras-chave: MORRO DE SANTO ANTÔNIO (1), AFFONSO REIDY (2), HISTÓRIA DA CIDADE (3), SIMULAÇÃO DIGITAL (4), RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA (5), EXPERIÊNCIA IMERSIVA EM 360° (6)

A UTOPIA NÃO REALIZADA DO CONCURSO PARA O ESTÁDIO DO PINHEIRÃO

Thais Saboia Martins e Alexandre Ruiz da Rosa

O que levou na década de 70 - no contexto da copa do mundo do México e de "milagre econômico" - a uma capital no sul do país, com pouco mais de 600.000 habitantes, a sonhar com um estádio olímpico que abrigasse quase um quarto de sua população? Este é um dos questionamentos levantados a partir da leitura da tese do arquiteto Paulo Pacheco, que se debruçou sobre os concursos de arquitetura desenvolvidos pelo Grupo do Paraná.

Este artigo, além de revisitar esta incógnita, aprofunda nas questões pretéritas e futuras relativas à ideiação, concepção, projeto e construção interrompida do Estádio do Pinheirão, fruto de concurso de arquitetura em 1970, vencido pelos arquitetos José Hermeto Palma Sanchoatene, Alfred Willer e Oscar Mueller, os colaboradores Ariel Stelle, Leonardo Oba e Rubens Sanchoatene, e o engenheiro-arquiteto Hans Eger.

O processo embrionário para um estádio olímpico em Curitiba, a teoria da concepção da proposta vencedora, seguida da descaracterização e decadência da obra de arquitetura foram tratados brevemente neste ensaio.

O trabalho discorreu efetivamente sobre as estratégias projetuais construtivas do projeto vencedor do concurso de arquitetura, ligando-as a prováveis referências de estádios anteriores, ainda que não constem abertamente na teoria arquitetônica que influenciava a equipe na época - uma teoria em parte explicitada pela tese de cátedra (1992) e em entrevista recentemente realizada (2025) com um dos vencedores do certame: o arquiteto José Hermeto Palma Sanchotene.

Questionamos, por fim, o papel que sua monumental ruína representa, tanto na utopia construtiva perdida (entendida como sonho realizável), como no descrédito atual dos concursos de arquitetura - uma vez que a nova proposta para a área, recém adquirida pelo estado, nasce num contexto sem ampla discussão pública de projetos de arquitetura.

Palavras-chave: CONCURSOS (1), ESTÁDIOS (2), CURITIBA (3)

A FORMA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ANTEPROJETO DE ARQUITETURA PARA A SEDE NACIONAL DA SBPC

Claudionor Beatrice

Este artigo explora as condicionantes do processo de criação do anteprojeto de arquitetura da Sede Nacional da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, trabalho este vencedor de concurso público nacional de anteprojetos, CREA SP, datado de 1978. A equipe vencedora foi composta pelos paranaenses José Hermeto Palma Sanchotene, Oscar Gomm Mueller e Elídio Werka.

O material gráfico analisado encontra-se na Tese: A Forma num Processo de Criação em Arquitetura, apresentada no Concurso para Professor Titular de Arquitetura do Setor de Tecnologia da Universidade Federal do Paraná, 1992, apresentada pelo professor José Sanchotene.

A respeito de seu processo criativo Sanchotene argumenta que na “estrutura do discurso arquitetônico: a função está ligada ao sujeito, ao homem, sua noção de si mesmo e de seu contexto (real). O verbo está ligado ao fato arquitetônico: construção material ou mental (imaginário). E a forma como signo (significado e significante-objeto e fundo simbólico)”.

Sobre a participação rotineira em concursos, cita Elisabete França que o concurso como prática profissional é “uma forma de se fazer presente na profissão, de conquistar espaços, de debater, características comuns àqueles que se dispõem a participar de competições. Somam-se a isso as particularidades da formação profissional, que sempre incentivou o trabalho em equipes, no entendimento da prática como experiência essencial da construção profissional e, mais importante, do caminhar coletivo, do convívio que tem início nos ateliês das escolas, espaço privilegiado da troca de experiências”. A pesquisa, feita apenas em material gráfico e escrito, firma-se também no pressuposto de ‘projeto como patrimônio’ podendo-se considerar como um bem cultural, uma vez que reflete parte do legado de um arquiteto e de uma sociedade. Assim, ideias, planos e desenhos, podem ainda mostrar valor moderno.

O CAPITÓLIO DESCORADO: A PAISAGEM NÃO CONSTRUÍDA DO MUSEU DO CONHECIMENTO DE CHANDIGARH

Luciana Saboia e Juliana Dullius

O século XX testemunhou uma gama de projetos de planejamento urbano segundo novos princípios em várias capitais ao redor do mundo, como: Canberrá, Ankara, Chandigarh, Brasília, Islamabad e Abuja. Ainda que motivadas por condições políticas, econômicas e geográficas diferentes muitas dessas novas cidades compartilhavam um entusiasmo pela paisagem como forma de configuração da urbe. Chandigarh: capital de Haryana e Punjab na Índia se destaca ao ser listada como Patrimônio Mundial da UNESCO em 2016.

Após a independência da Índia em 1947 e a partição de seu território: Punjab perde sua capital e propicia a criação de uma nova sede-símbolo. O primeiro Masterplan para Chandigarh foi elaborado por Albert Mayer, contudo suas atividades foram interrompidas e Le Corbusier assume e altera o projeto apoiado nos ideais modernos.

Suas atribuições seriam determinar o Masterplan, o estilo arquitetônico geral, o Capitólio e seus edifícios (Suprema Corte, Secretariado, Assembleia, Palácio do Governador – posteriormente nomeado Museu do Conhecimento – e monumentos específicos) e o paisagismo.

No entanto, o Museu do Conhecimento não foi construído - a área é descrita como incompleta devido sua posição no foco visual. Por outro lado, o vazio não-edificado permite debater suas paisagens, preexistências e condicionantes na construção de novas territorialidades.

Ao investigar a configuração da paisagem horizontalizada por áreas verdes e do espaço aberto que constitui a urbe, enfoca-se em duas dimensões: o vazio como possibilidade na reconfiguração de paisagens e outra de ordem tectônica, as ações projetivas que constroem a paisagem. A questão do non edificanti, enquanto configuração tectônica da paisagem apresenta-se como estratégia paisagística de criação de terraplenos/interfaces com a topografia e a implantação da composição do conjunto de edificações. Ao reconsiderar o capitólio de Chandigarh, busca-se debater tramas do narrar por estratégias projetuais que discutem sua incompletude, táticas e percepções contidas em seu projeto em permanente construção.

Palavras-chave: URBANISMO MODERNO (1), CHANDIGARH (2), PAISAGEM (3), CAPITÓLIO (4)

POR UMA ARQUITETURA MUSICAL: A CITÉ DE LA MUSIQUE DE I. XENAKIS

Pedro Braule

A proposta deste artigo é de analisar o projeto não realizado da *Cité de la Musique*, do arquiteto-compositor grego Iannis Xenakis em 1984, que seria localizado no Parc de la Villette, em Paris. Iannis Xenakis (1922 - 2001) foi um compositor, engenheiro e arquiteto grego com uma carreira bastante singular. Exilado de guerra na França, ele trabalhou entre os anos 1947 e 1959 no escritório de Le Corbusier, entrando como engenheiro calculista e saindo como arquiteto. Simultaneamente, ele realizava sua formação musical com o compositor francês Olivier Messiaen. Após um período de sucesso e contribuições importantes para a música eletroacústica e de concerto, Xenakis volta a fazer um projeto de arquitetura de grande escala. O projeto para a *Cité de la Musique* seria o amalgamo da carreira de Xenakis, a consolidação de um artista múltiplo, mas foi rejeitado.

O objetivo desta submissão é de analisar a proposta de projeto da *Cité de la Musique* e, especialmente, entender motivos pelos quais ela pode não ter sido selecionada. A ambição e o experimentalismo, enquanto pontos cen-

trais do projeto, podem ter sido um motivo de sua rejeição, além da relação conturbada de Xenakis com membros da banca de avaliação do concurso. Outra hipótese é que o projeto, por mais interessante que seja, pode ser entendido como anacrônico, usando elementos e ideias arquitetônicas dos anos 50 e 60 para um projeto dos anos 80.

Revisitar este e outros projetos de Iannis Xenakis é de suma relevância para discussões sobre arquitetura contemporânea. Revisitar as obras pouco exploradas de Xenakis implica em repensar as articulações entre arquitetura e outras artes feitas após os anos 80, além de imaginar futuros perdidos.

Palavras-chave: IANNIS XENAKIS, OBRA DE ARTE TOTAL, ARQUITETURA VOLUMÉTRICA

CONCURSO PARA O CENTRO ADMINISTRATIVO NO BAIRRO CAMPOS ELÍSEOS

Paulo Bruna

O Bairro dos Campos Elíseos, na região central de São Paulo, originou-se em fins do século XIX, do loteamento de antigas chácaras. Estas propriedades foram, inicialmente, ocupadas por ricos fazendeiros de café, que construíram palacetes em amplos lotes ajardinados; O bairro, todavia não era homogêneo, pois muitos lotes foram ocupados por casas geminadas ao longo do alinhamento das ruas e mesmo alguns galpões industriais foram construídos. Após a década de 1930 o bairro inicia um longo processo de decadência, que o governo procurou reverter com uma série de obras públicas, tais como: a partir de 1940 com a desapropriação e demolição de toda a quadra fronteira a estação Julio Prestes e o alargamento das atuais avenidas Duque de Caxias e Rio Branco. O largo dos Guaianazes foi reformado com a construção do monumento a Duque de Caxias. Mais recentemente foram realizadas obras importantes: o terminal de ônibus urbanos de 1996 e o Hospital da Mulher. Apesar dessas obras o bairro hoje tem uma grande quantidade de imóveis desocupados, subutilizados ou invadidos. Bens tombados estão abandonados ou em ruínas.

O governo do Estado de São Paulo pretende revitalizar a área através de uma série de iniciativas: a primeira foi organizar um concurso de arquitetura para sediar no bairro toda a administração pública, objeto principal deste trabalho. A segunda foi buscar alternativas para resolver o grave problema

habitacional na área central da cidade. Para atender a essa demanda reprimida uma série de providências foram tomadas: entre elas os incentivos para a iniciativa privada construir ou requalificar imóveis vazios; a construção pela CDHU de apartamentos, fortemente, subsidiados e a requalificação da Favela do Moinho. A terceira foi prover o bairro com uma série de iniciativas de caráter cultural, tais como a ampliação da Pinacoteca do Estado, o Museu da Língua Portuguesa, a Sala São Paulo, sede da OSESP e a Estação Pinacoteca. Apesar do sucesso dessas instalações culturais seu efeito ficou circunscrito.

Palavras-chave: CAMPOS ELÍSEOS. CONCURSO DE ARQUITETURA. REVITALIZAÇÃO.

A POÉTICA ESPAÇO-TEMPO NOS PROJETOS DE CONCURSOS DE ROBERTO LOEB

Wilson Florio

Projetos de arquitetura destinados a concursos estimulam a exploração de conceitos, induzindo arquitetos a elaborar propostas inovadoras e transformadoras. O presente artigo tem como foco projetos de concursos não realizados elaborados pelo arquiteto Roberto Loeb. Oscilando entre a utopia e a realidade, ideias especulativas incorporam pesquisa resultante da inquietação em relação a fatos significativos em contextos urbanos. A concepção de projetos demanda criatividade, adoção de conceitos e articulação entre arte e técnica. A fundamentação teórica adotada pela pesquisa entrelaça teorias espaciais para examinar os projetos selecionados, abrangendo desde uma visão estática e intelectual até uma abordagem experiencial e fenomenológica. A originalidade deste artigo reside na análise dos projetos de concursos elaborados pelo arquiteto, fundamentada em conceitos por ele mesmo estabelecidos.

Palavras-chave: TEORIA DO ESPAÇO; CONCEITO; CIRCULAÇÃO.

DA UTOPIA MODERNA À REALIDADE CONTEMPORÂNEA

Bruno Melo Braga e Ricardo Alexandre Paiva

A produção contemporânea na América Latina resulta, em parte, dos debates teóricos iniciados a partir do final dos anos 1980. Na virada do século, começa a haver uma visão mais crítica da herança moderna, e parte da revisão contemporânea em relação ao ideal moderno tem a ver com sua escala, não apenas física, mas também de ambição, enquanto projeto social universal. Essa mudança fica evidente quando Carranza e Lara (2014) comparam e transpõem os grandes temas debatidos pela arquitetura moderna ao longo do século XX na América Latina para a condição contemporânea. Segundo os autores, em relação à utopia social moderna, identifica-se, hoje, um ceticismo em relação a grandes soluções totalizantes para os problemas, e um foco maior na capacidade de transformação de intervenções em menor escala e em seu poder de disseminação. Assim, propõe-se discutir como a visão da arquitetura como agente de transformação social se apresenta em parte da produção contemporânea na América Latina por meio de intervenções pontuais, que ganham proporção por seu potencial de disseminação, e através de processos mais participativos em relação à modernidade, onde a utopia de grandes transformações urbanas e sociais prevaleciam. Para tanto, o trabalho tem como objeto de investigação a produção do coletivo equatoriano *Natura Futura*, do qual serão apresentadas e analisadas três obras premiadas nos últimos anos à luz da discussão proposta. Espera-se, assim, contribuir com a interpretação crítica da arquitetura contemporânea na América Latina a partir de uma abordagem específica – o caráter social – analisando tanto sua relação com a herança moderna como as especificidades socioespaciais na atualidade. Por fim, os resultados apontam para uma prática de projeto condicionada por especificidades e dificuldades relacionadas a contextos de grande instabilidade, escassez e informalidade, como o latino-americano, campo possível de experiências em outras escalas, tanto física quanto conceitual.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA, ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, AMÉRICA LATINA, NATURA FUTURA

ARQUITETURA MODERNA NO PRESENTE AMPLO

Joao Masao Kamita

Pretende-se discutir a persistência do moderno no Brasil, tomando como referências as teses de Hans Ulrich Gumbrecht desenvolvidas em **Despues de 1945. La Latência como origen del presente** (2015a) e **Nosso Presente Amplo: o tempo e a cultura contemporânea** (2015b), nas quais apresenta a hipótese da contemporaneidade como um “presente amplo” que se estenderia pelo menos desde o final da segunda grande guerra, configurando um regime de temporalidade que engole o passado e paralisa o futuro. Tal formulação, a meu ver, implodiria a construção de narrativas de base historicista, vigentes na maioria das pesquisas na área de arquitetura, na medida inviabiliza as noções de causalidade, influencia, continuidade e ruptura, desenvolvimento, progresso, linearidade, e sobretudo anacronismo. O que significaria propor uma possibilidade reversa: é a contemporaneidade que se recusa a encerrar o moderno como horizonte de expectativas, conservando-o como nos diz Gumbrecht, como um “passageiro clandestino”, que irradia e afeta o presente, mas que não pode ser identificado e apreendido.

Palavras-chave: MODERNO – PRESENTE AMPLO – MEMORIA – ESQUECIMENTO

INTERPRETAÇÃO E CRÍTICA: AÇÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE O MODERNO

Luciana Tombi Brasil e Patrícia Pereira Martins

Este artigo apresenta e discute a experiência didática desenvolvida no componente Estúdio de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (ETHAU II) da FAU Mackenzie, que tem como premissa utilizar a experiência moderna como base para intervenções contemporâneas de caráter abstrato. Partindo do estudo de casas unifamiliares modernas (décadas de 1910 a 1950), os estudantes constroem maquetes desmontáveis em escala, usando o corpo para um exercício prático de compreensão espacial. Em seguida, realizam intervenções plástico-poéticas nessas maquetes, tensionando a linguagem moderna a partir de questões contemporâneas como transparência, instabilidade, fluidez e flexibilidade. O método não se limita à reprodução formal, mas propõe uma releitura crítica e sensível do Moderno, desmistificando suas imagens icônicas

ao revelá-las como respostas a contextos específicos. A prática estimula uma reflexão profunda sobre o potencial transformador da arquitetura, articulando teoria, história e projeto em um exercício que interroga tanto o passado moderno quanto os desafios do presente no contexto sul-americano.

Palavras-chave: PEDAGOGIA PROJETUAL; LEITURA CRÍTICA; INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA.

SILÊNCIO ELOQUENTE: O ANEXO DO MASP NO RUÍDO CONTEMPORÂNEO

Monica Aguiar e Marcos Favero

Este trabalho apresenta o projeto do anexo do MASP, edifício Pietro Maria Bardi, em relação dialética com a pré-existência que lhe dá origem, o MASP de Lina Bo Bardi, cuja condição de imutabilidade presente foi estabelecida no passado, enquanto tempo de concepção de seu projeto, que, como expressão da Arquitetura Moderna, o imobilizava como objeto no tecido urbano. Consideram-se também as contingências que orientaram o projeto atual, oriundas da decisão de incorporar o edifício Dumond Adams como outra pré-existência sobre a qual o projeto e a construção deveriam se desenvolver. Entende-se que a possibilidade de síntese dessas tensões se dá por meio de estratégias de projeto minimalistas, com o objetivo de expressar o silêncio, para o que se buscou aporte teórico em proposições de Louis Kahn, Edson Mahfuz, Juhani Pallasmaa, Josep Maria Montaner e Ignasi de Solà-Morales. No que tange ao contingenciamento do projeto, procurou-se compreender o processo de seu desenvolvimento enquadrado nos desdobramentos do mundo da vida, segundo o conceito de Jürgen Habermas. Para tanto, foi necessário aprofundar o entendimento do sistema construtivo que possibilitou a transformação de espaços domésticos em espaços museológicos, por meio de um canteiro de obras contemporâneo. Abordando as demandas da instituição quanto ao programa, que foram contingenciadas pela pré-existência, observou-se que a forma adotada, as estratégias tectônicas de sua materialização, bem como o rigor presente nos detalhes construtivos, foram determinantes para que o edifício Pietro Maria Bardi seja uma expressão eloquente de silêncio na arquitetura.

Palavras-chave: MASP, ANEXO, SILÊNCIO

O OLHAR DIRECIONADO: REENQUADRANDO A ARQUITETURA MODERNA

Ana Esteban e Patricia Mendes

Desde suas origens, a arquitetura moderna contou com a fotografia como meio privilegiado de legitimação, difusão e projeção internacional. Desde cedo, a fotografia registrou obras construídas, mas também produziu visões, narrativas e símbolos que contribuíram para consolidar uma tradição moderna plural, tanto no Brasil quanto no restante do mundo. Por meio de sua circulação em revistas, exposições e publicações institucionais, a fotografia não apenas documentou, mas também configurou uma forma democrática pela qual a arquitetura moderna foi vista, compreendida e valorizada por diferentes públicos, locais e internacionais.

Nesse contexto, a construção de Brasília é um exemplo paradigmático: concebida como emblema do progresso nacional, a cidade foi igualmente pensada como imagem destinada a transcender fronteiras. Fotógrafos como Marcel Gautherot, Peter Scheier, René Burri, Jean Manzon, Hélió de Oliveira, Thomaz Farkas, entre outros, colaboraram com arquitetos e instituições na elaboração de uma visão moderna da cidade, amplamente divulgada por diversos meios especializados internacionais, como *L'Architecture d'Aujourd'hui* e *Domus*, além de jornais brasileiros como *O Globo* e *Brasília*. Essa operação visual constitui

parte essencial do projeto moderno brasileiro, marcando um ponto de inflexão na forma como a arquitetura moderna passou a ser percebida, representada e legitimada. Com o tempo, no entanto, muitas dessas mesmas imagens também deram origem a leituras críticas, abordando aspectos como habitabilidade, segregação e os limites do urbanismo moderno.

Esta sessão propõe explorar o papel da fotografia na construção, documentação, difusão e crítica da arquitetura moderna, entendida em sentido amplo: como patrimônio construído ou não construído, como infraestrutura funcional ou superestrutura simbólica, como produção consagrada ou em potencial. A imagem fotográfica será entendida não apenas como registro visual, mas como ferramenta ativa nos processos de consagração, ressignificação e patrimonialização.

Serão especialmente bem-vindas contribuições que abordem estudos de caso entre as décadas de 1920 e 2020, em escala urbana ou arquitetônica, analisando como a fotografia moldou a percepção da modernidade arquitetônica. A sessão valorizará abordagens que considerem as tensões entre promoção e crítica, entre

iconografia oficial e visões alternativas, assim como as relações entre imagem, autoria, contexto e teoria arquitetônica.

- Temas de interesse incluem, entre outros:
- A fotografia como ferramenta de difusão institucional da arquitetura moderna.
- Narrativas visuais na construção de identidades urbanas modernas.
- A imagem fotográfica como instrumento de crítica da arquitetura moderna.
- Representação fotográfica e circulação internacional da arquitetura moderna.
- Ensaios fotográficos como fontes para a reinterpretação do patrimônio.

A IMAGEM DO PARQUE DO IBIRAPUERA CONTIDA NA REVISTA MÓDULO, 1955

Bruno Juliani Mentone

Este trabalho visa discutir a relevância da imagem, da narrativa, propagada na primeira edição da revista *Módulo*, 1955, sobre o Parque do Ibirapuera. Edição ressalta a supressão do auditório e a “mutilação” consequente a marquise. A importância desta imagem construída sobre o Parque do Ibirapuera reside em como a obra é absorvida no tempo. Posicionando-se dentro de discussões do período, a imagem veiculada nesta edição delimita o campo de interpretação posterior, compondo discussões do tombamento do parque meio século depois de sua construção. Significativo que Niemeyer tenha em 2005, mesmo com processo de tombamento, executado o auditório com alterações. A marquise, apesar de não aprovada no mesmo período, foi amplamente discutida nos termos presente na *Módulo* em seu texto e imagens. Em contrapartida elementos não explicitados no texto não tem o mesmo destaque. O monumento “aspiral” ou “voluta ascendente”, colapsado pouco depois de inaugurado em 1954, não é reivindicado. Similarmente o paisagismo não executado de Burle Marx e o Pavilhão da Indústria como espaço expositivo não são abordados na revista. Em 1953, a revista *Habitat* questiona o pavilhão então proposto ao IV Centenário inclusive trazendo imagem de “projeto ideal e gratuito” de Lina Bo Bardi para a comemoração. Mesmo que haja na capa da *Módulo* arte mostrando figuras humanas entre pilotis de pavilhão não há imagem interna, dele como espaço expositivo. Encontramos esta na revista *Manchete* ainda em 1954 com a exposição inaugural do edifício.

Considerando as revistas como meio de produção e consagração retomamos revistas do período de construção e inauguração do Parque, início da década de 1950. Considerando que as imagens de revista têm significado em sua sequência, localização, tamanho e contrapondo-as aos textos identificamos a principal característica defendida na *Módulo*, a permeabilidade do conjunto centrada na marquise.

Palavras-chave: REVISTA MÓDULO, PARQUE DO IBIRAPUERA, ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

OLHARES CONVERGENTES ENTRE A ACRÓPOLE E O MOMA NA DÉCADA DE 1950

Mariana Fialho Bonates e Larissa Alves Nasaré

Este trabalho se interessa pela circulação de imagens na década de 1950 entre a revista Acrópole e a exposição do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque, em 1955, *Latin American Architecture since 1945*. Em 1943, o MoMA lançou a exposição *Brazil Builds*, que assumiu importante papel na divulgação da arquitetura moderna brasileira, com algumas fotografias sendo posteriormente publicadas em revistas internacionais (Esteban Maluenda, 2021). No Brasil, a exposição *Brazil Builds* foi mencionada em matérias publicadas na Acrópole em 1944 e 1945. Já a exposição de 1955 foi divulgada nas páginas do jornal carioca Correio da Manhã e em revistas, como a Brasil Arquitetura Contemporânea e a Habitat, esta última com matéria que destacava as fotografias. Apesar da repercussão internacional, não houve menção dessa exposição na Acrópole, revista brasileira de grande circulação nos anos 1950. Com isso, este trabalho questiona qual o olhar do Brasil para a exposição sobre a arquitetura da América Latina no contexto dos anos 1950? Havia articulação entre o universo cultural da exposição norte-americana de 1955 com um periódico brasileiro? Analisando a Acrópole percebe-se uma circulação de obras publicadas entre o catálogo do MoMA e a revista, com compartilhamento de fotografias semelhantes. O objetivo deste trabalho é compreender a circularidade de imagens entre as publicações da Acrópole e do catálogo do MoMA, identificando diferentes perspectivas entre crítica e promoção. Apoiado em revisão bibliográfica e levantamento de dados no catálogo e na revista, buscou-se analisar sete obras que constam em ambos os universos culturais, identificando temporalidades, composições e autoria destas fotografias. Pretende-se contribuir com uma discussão sobre a circulação de imagens entre estes dois universos culturais e questionar o papel do MoMA como árbitro da canonização de objetos arquitetônicos.

Palavras-chave: CATÁLOGO DO MOMA, REVISTA ACRÓPOLE, FOTOGRAFIA

ARQUITETURA MODERNA, FOTOGRAFIA E CIDADE: CHANDIGARH E BRASÍLIA

Emanuella Kashiwakura e Letícia Aguiar

Projetadas no século XX, em contextos geopolíticos distintos mas com ideais modernos convergentes, Brasília, inaugurada em 1960, e Chandigarh, concebida nos anos 1950, foram criadas como cidades-símbolo, destinadas a anunciar uma nova era. Nesse processo, a fotografia desempenhou papel central: além de documentar a construção, produziu imagens que moldaram a percepção das cidades entre habitantes e observadores externos. Essas representações visuais foram fundamentais na construção do ideário moderno, amplamente utilizadas para legitimar e difundir narrativas que acompanharam suas transformações físicas e sociais.

Antes de 1960, a representação arquitetônica dependia de desenhos técnicos e textos. Com a popularização da fotografia, consolidou-se a ideia de que ela fornecia uma percepção mais “real” da arquitetura. No entanto, trata-se de um recorte do real, revelando um ponto de vista e uma narrativa interpretável. Para Didi-Huberman, “a imagem é um operador temporal da sobrevivência”¹, pois reúne camadas que articulam passado, presente e futuro, preservando vestígios do tempo como encontro entre continuidade e ruptura. No caso de Brasília e Chandigarh, ambos os governos buscavam projetar uma imagem de progresso e modernidade, reforçada pelas fotografias oficiais. Assim, este estudo considera as imagens não apenas como registros factuais, mas como instrumentos de reflexão crítica.

A pesquisa parte de uma comparação temporal entre registros fotográficos de diferentes períodos, identificando permanências, transformações e mudanças no espaço urbano. A metodologia adota leitura contextual e semiótica das imagens, investigando como essas narrativas visuais foram construídas, especialmente a partir de uma curadoria entre 1950 e 1964, além de períodos posteriores. A análise utiliza fotografias de manchetes e arquivos institucionais, priorizando registros documentais que representam a realidade com objetividade, mas também revelam camadas sociais, culturais e políticas. Dessa forma, a fotografia é um instrumento para compreender as mudanças urbanas e sociais de Brasília e Chandigarh ao longo do tempo.

Palavras-chave: CIDADES MODERNAS (1), CHANDIGARH (2), BRASÍLIA (3), FOTOGRAFIA (4) PAISAGEM (5)

REENQUADRANDO A OBRA DE LINA BO BARDI: ENTRE O REVELADO E O OMITIDO

Maíra Pereira

A fotografia poderia ser traduzida de diferentes maneiras: como a tentativa de eternizar um instante, como a possibilidade de registrar um fato importante, como a experiência de capturar um determinado ângulo da realidade. As possibilidades de tradução são múltiplas, assim como os olhares que retêm a imagem observada. Como parte de um projeto maior de construção de uma nação, de uma identidade nacional, a arquitetura e o urbanismo moderno estiveram presentes nas fotografias que procuraram fomentar esse discurso. Vale lembrar que a fotografia também é um jogo de presenças e ausências. É nesse contexto que a arquiteta italiana Lina Bo Bardi (1914-2002) tenta se inserir e construir sua narrativa visual sobre modernidade e arquitetura moderna. Para divulgar sua primeira obra construída, a residência do Morumbi (1949-1951), ela convida o fotógrafo Francisco Albuquerque (1917-2000), pioneiro da fotografia comercial e responsável pela primeira campanha publicitária fotografada no Brasil. Lina estabeleceu parceria também com Peter Scheier (1908-1979), com quem conviveu diretamente no MASP e na Revista Habitat. Scheier fotografou a casa do casal Bardi e a casa Valéria Cirell. Além de Scheier, Hans Günter Flieg (1923-2024) foi outro fotógrafo com quem Lina trabalhou. Flieg registrou a construção do MASP, em que buscou destacar o arrojo do canteiro de obras, suas máquinas, os operários e a técnica construtiva adotada.

Temos consciência de que a obra de Lina foi vastamente fotografada e de que outras parcerias foram feitas, além das identificadas aqui. Decidimos nos deter no conjunto de imagens desses três fotógrafos. O objetivo do trabalho é olhar essas imagens e indagar o passado, para entender como se deu a parceria entre Lina e esses fotógrafos, qual narrativa visual buscaram construir, o que foi revelado e o que foi omitido por Lina e por esses fotógrafos para atingir esse fim.

Palavras-chave: LINA BO BARDI, FOTOGRAFIA, ARQUITETURA MODERNA

REVISTA ARCHITETTURA E A RECEPÇÃO DO MOVIMENTO MODERNO NA ITÁLIA

Nicolle Prado

Este trabalho analisa a atuação de um periódico italiano e sua contribuição para a construção da arquitetura moderna italiana nas primeiras décadas do século XX. Entre suas duas fases, *Architettura e arti decorative* (1921-1931) e *Architettura* (1932-1943), a revista de circulação nacional compreendeu transformações no refinamento técnico da imprensa, na reprodução fotográfica, nos programas arquitetônicos e na tecnologia construtiva emergente na Itália.

Fundada por Gustavo Giovannoni e Marcello Piacentini, a primeira fase apresentava uma linha editorial voltada à história e crítica das artes decorativas e da arquitetura, além de uma seção de noticiário sobre debates profissionais e concursos. A revista mantinha proporção equilibrada entre fotografias e ilustrações, ainda próximas às formas de representação de Seroux d'Agincourt e Durand, ambos de 1821. As fotografias cumpriam função ilustrativa, sem articulação direta com o texto. A técnica da impressão àquela altura, restringia a integração gráfica entre texto e imagem, pois dependiam de processos distintos de reprodução. Algumas edições da primeira fase revelam esforços dos editores para construir narrativas visuais articuladas, que serão apresentadas aqui como laboratórios gráficos.

A segunda fase, tendo apenas Piacentini como editor, inicia-se com uma reformulação editorial de veiculação da arquitetura e se torna o canal oficial do sindicato dos arquitetos, que se torna uma representação fascista. Os artigos são estruturados a partir de sequências fotográficas acompanhadas de legendas, textos e desenhos que hierarquizam informações e reconstroem o objeto arquitetônico no espaço da página.

O percurso pelas edições revela a preferência pela divulgação de obras nacionais, possibilitando controle sobre o material fotográfico e descritivo e consolidando um padrão editorial. Observa-se, ao longo de duas décadas, a crescente valorização da fotografia como elemento gráfico autêntico e de prova da profusão com a qual o Movimento Moderno foi recebido pelos arquitetos italianos dentro das possibilidades tecnológicas e culturais locais.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA ITALIANA (1), PERIÓDICO DE ARQUITETURA (2), FOTOGRAFIA (3), HISTÓRIA DO IMPRESSO (4)

A AMAZÔNIA NA FAU-USP: FOTOGRAFIAS, NARRATIVAS E DECOLONIALIDADE

Maurício Cavalcante e Victor Salgado

A Amazônia - em sua sociobiodiversidade - é cultivada há centenas de anos por povos originários e comunidades tradicionais que criaram estruturas de ocupação contínua deste imenso território, antes das sociedades europeias implantarem o *ethos* da modernidade/colonialidade. Em meio à separação entre o suposto moderno, civilizado e racional e o considerado arcaico e selvagem, a arquitetura, expressão tangível da cultura de um povo e documento revelador de um período, corporifica a dupla fratura da modernidade, colonial e ambiental, na qual a natureza e aqueles que a habitam são apontados injustamente ao papel de antagonistas, ao passo que o homem hegemônico ao de herói.

Essa pesquisa, coordenada pela Profa. Dra. Renata Martins, centra-se na análise do repertório arquitetônico amazônico, a partir de fotografias selecionadas do acervo fotográfico da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da USP, registradas entre os anos de 1950 e 1990.

As fotografias selecionadas são (re)interpretadas a partir da articulação de matrizes epistêmicas originadas dos estudos latino-americanos decoloniais. Isto é, a interpretação das fotografias é baseada no reconhecimento das consequências da modernidade/colonialidade no território amazônico e na desigual relação entre saber-poder que estas imagens podem exercer.

Nesse sentido, foram priorizadas bibliografias que evidenciam, de maneira crítica e decolonial, o contexto marcado pelo desenvolvimentismo coordenado por países hegemônicos e literaturas e reflexões a respeito da potencialidade que a imagem assume ao ser transformada, tanto em forma quanto em sentido, por aqueles a que ela se refere.

Percebe-se que os diversos projetos de desenvolvimentismo na Amazônia são excludentes, disfuncionais e amalgamam grupos sociais, unificados à força, em torno de uma identidade nacional supostamente consentida. Nesse sentido, procura-se que essas imagens provoquem o observador a pensar no papel social que o arquiteto assumiu no passado e pode assumir na atualidade, enquanto agente de mudanças.

Palavras-chave: ACERVOS DE ARQUITETURA, IMAGEM, SERRA DO NAVIO

IMAGEM E MODERNIDADE ARQUITETÔNICA: DISPOSITIVOS VISUAIS

Luciana P. Santos

A Avenida Paulista, situada no centro de São Paulo, é um dos principais centros históricos e econômicos da América Latina. Inicialmente, planejada pelos barões do período cafeeiro como um centro para a elite cafeeira, a avenida passa historicamente por inúmeras reformulações urbanísticas ao longo de seus 130 anos de existência, passando por diretrizes modernistas na década de 50 que representam as sociedades disciplinares (FOUCAULT, 1987), até a configuração contemporânea das sociedades de controle (DELEUZE, 1992), no século XXI.

Este artigo busca contribuir para o debate vigente sobre o “Futuro do Passado” ou da herança modernista nas cidades contemporâneas a partir da hipótese central de um novo regime de vigilância e visibilidade, mediado por tecnologias de informação, que instauram um novo regime de percepção e produção mediadas do espaço urbano. Tal transformação incide nos princípios fundadores da arquitetura e do urbanismo modernistas, tais como a relação forma-função, a distinção entre público e privado e a noção de forma e função, entre outros, atualizando-os.

Palavras-chave: BIOPOLÍTICA. SOCIEDADES DE CONTROLE. VIGILÂNCIA. URBANISMO. AVENIDA PAULISTA. GILLES DELEUZE. MICHEL FOUCAULT.

IMAGINARIOS VISUALES MODERNOS Y PUBLICACIONES MASIVAS COLOMBIANAS

Margarita Roa-Rojas e Ingrid Quintana-Guerrero

La fotografía de la modernidad arquitectónica en Colombia, desde la práctica del encargo y posterior divulgación de imágenes para la promoción de la obra en medios especializados, propone la construcción de escenarios prístinos y encuadres perfectamente estudiados para exaltar las virtudes de un conjunto de obras excepcionales, en sintonía con la producción racional de la modernidad canónica internacional. Cuando estas imágenes entran en diálogo con otras dentro de publicaciones masivas, se revelan tensiones entre

las arquitecturas retratadas y modos de vida tradicionales (informados por la disparidad socioeconómica de la población colombiana y por la subsistencia de rasgos culturales prehispánicos), así como con el tejido edificatorio preexistente. Dentro de las mencionadas publicaciones, se cuentan fotolibros de carácter comercial y estatal dedicados a divulgar distintas facetas de la Colombia moderna. Estos se alinearon con la voluntad propagandística gubernamental para consolidar un imaginario de Nación moderna, en el marco de los gobiernos liberales que se instalaron en el país a partir de 1930. La emergencia del fotolibro en el ámbito local fue propicia para promover los procesos de modernización como agenda central oficial y fomentar una actitud aspiracional en sus ciudadanos.

A partir del examen no exhaustivo de fuentes primarias –publicaciones de época–, y con base en un marco teórico sustentado en autores como Serraino (2000) y Colomina (1994), esta ponencia estudia las narrativas visuales formuladas por publicaciones editadas en las principales ciudades colombianas entre las décadas de 1950 y 1970, un período que abarca la instalación de la dictadura militar hasta la alternancia de partidos políticos en la presidencia nacional, conocida como el Frente Nacional. Proponemos un abordaje inédito y crítico que cuestiona la intencionalidad tras la divulgación de una visión idealizada y aspiracional de la modernidad arquitectónica y urbana en Colombia, específicamente centrada en algunas de sus ciudades capitales.

Palabras clave: FOTOGRAFÍA DE ARQUITECTURA MODERNA EN COLOMBIA, NARRATIVAS VISUALES, PUBLICACIONES OFICIALES EN BOGOTÁ

FOTOGRAFANDO A MODERNIDADE: NIEMEYER PELAS LENTES DA MANCHETE

Bruno Campos e Maribel Aliaga

Este artigo investiga a relevância da revista Manchete na historiografia da arquitetura brasileira, principalmente quando se trata da documentação visual das obras de Oscar Niemeyer. Publicada de 1952 a 2000. Embora de conteúdo geral, a revista destacou-se pelo fotojornalismo de alta qualidade e pela ampla divulgação de temas arquitetônicos e urbanísticos, tornando-se um importante veículo para a popularização da arquitetura moderna no Brasil. Inspirada na revista Paris Match, a Manchete utilizou o fotojornalismo

para apresentar ao Brasil a construção de Brasília. No seu interior, as fotografias chegavam a ocupar 70% do conteúdo da revista, com profissionais renomados como Gervásio Baptista e Jean Manzon contribuindo para seu padrão visual marcante.

No campo arquitetônico, foi crucial na difusão das transformações urbanas das décadas de 1950 e 1960. Seu alcance massivo popularizou a arquitetura moderna, consolidando a imagem da arquitetura brasileira no cenário internacional, diferente de publicações especializadas, que focavam em um público especializado. Além da abordagem técnica, a revista discutiu implicações políticas e sociais da arquitetura, exemplificadas pela construção de Brasília, que se entrelaçou com questões de identidade nacional. Pioneira na divulgação de projetos de Niemeyer em diversos contextos internacionais e nacionais, a Revista Manchete revelou tanto os projetos quanto o cotidiano de Oscar Niemeyer. Suas páginas transformaram obras em símbolos, difundindo a imagem do arquiteto além do campo técnico e aproximando-a do público em geral. Entre fotografias e narrativas, a revista construiu um retrato que associava o fazer arquitetônico à vida pessoal, consolidando Niemeyer como personagem da cultura brasileira moderna. A revista não apenas documentou obras arquitetônicas, mas também as ideias e valores que definiram o Brasil moderno, reafirmando sua relevância como um elo entre a arquitetura de vanguarda e o imaginário popular.

Palavras-chave: NIEMEYER, MANCHETE, FOTOGRAFIA

FOTOGRAFIA DO INVISÍVEL: DIMENSÃO PROJETUAL REVELADA DE BRASÍLIA

Guilherme Lassance

O convite da embaixada brasileira na Croácia para participar do Oris Days, em Zagreb, pelos 50 anos de Brasília, motivou a criação de uma exposição fotográfica que apresentasse a capital para além de suas imagens icônicas. Desde sua construção, Brasília foi amplamente fotografada para divulgar o projeto modernista, o que reforçou a necessidade de buscar novos enquadramentos. Com apoio de uma arquiteta do governo federal, foi possível acessar áreas pouco conhecidas ligadas ao funcionamento dos edifícios públicos — como o drive-thru do Ministério da Justiça, as vias N2 e S2 com seus anexos ocultos, os subsolos da Catedral e as conexões subterrâneas

do Congresso — além de observar de perto as superquadras, revelando relações complexas com a topografia frequentemente considerada plana. A coincidência da ida à Croácia com a Bienal de Arquitetura de Veneza, cujo tema era *People Meet in Architecture*, reforçou uma crítica à hegemonia da imagem na arquitetura. A curadoria de Kazuo Sejima enfatizava uma experiência sensorial ampliada, dialogando com abordagens de jovens arquitetos japoneses, como o Atelier Bow-Wow e Kengo Kuma, que buscavam superar a leitura meramente visual e valorizar a inteligência espacial de estruturas aparentemente banais. Nesse contexto, a expografia brasileira na Bienal mostrou-se ainda presa à iconografia tradicional, recorrendo a imagens amplamente conhecidas e a maquetes que simplificavam o sofisticado trabalho topográfico de Brasília, reforçando críticas históricas ao modernismo. A incursão fotográfica resultou em três anos de oficinas na FAU-UnB, onde docentes já questionavam a rejeição persistente aos princípios urbanísticos modernos e exploravam a urbanidade da cidade não-compacta. Nessas oficinas, a fotografia foi usada como instrumento para desconstruir preconceitos, fundamentando a pesquisa que culminou no livro *Cidade pós-compacta* (2021). A obra defende a revisão da cultura visual que reduz a arquitetura a objeto, argumentando que, em Brasília, as imagens consagradas mostram apenas a superfície de uma complexidade espacial muito mais profunda.

Palavras-chave: FOTOGRAFIA, BRASÍLIA, PROJETO

PAINÉIS ARTÍSTICOS E ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

Abilio Guerra e Cássia Marques

Entre as décadas de 1930 e 1970, a arquitetura moderna no Brasil foi terreno fértil para a integração entre arte e construção, especialmente por meio da incorporação de painéis aplicados às superfícies dos edifícios. Azulejarias, mosaicos, murais em vidrottil, relevos em cimento ou cerâmica – obras realizadas em diferentes técnicas e escalas – compuseram um repertório visual e simbólico que atravessou escolas, igrejas, edifícios institucionais e residências. Muito além do papel ornamental, esses painéis participaram ativamente da definição dos sentidos da modernidade arquitetônica no país.

A proposta desta sessão é reunir pesquisas dedicadas a esse conjunto de obras, compreendendo-o como parte indissociável dos processos de projeto e da cultura material da arquitetura moderna. Interessa abordar tanto exemplos amplamente reconhecidos quanto casos pouco documentados ou hoje ameaçados. A diversidade regional, a variedade técnica, os distintos modos de inserção urbana e os circuitos de encomenda e produção são aspectos relevantes a serem explorados. São especialmente bem-vindas contribuições que discutam o diálogo entre arquitetos e artistas, os vínculos com políticas públicas, os debates sobre ornamentação, bem como estratégias contemporâneas de preservação, restauração ou reinterpretação dessas obras.

Importa também refletir sobre as ressonâncias desses painéis na produção atual. As práticas colaborativas entre arte e arquitetura, que ganharam força no período moderno, voltam a aparecer em projetos contemporâneos que investigam a relação entre superfície, linguagem e território. Essa vitalidade indica que a tradição moderna, longe de esgotada, ainda oferece pistas para experimentações no presente – seja pela via da memória, da crítica ou da reinvenção material.

Ao reunir trabalhos que problematizam a integração arte-arquitetura sob distintos ângulos e escalas, a sessão pretende contribuir para o adensamento historiográfico e para a ampliação do repertório crítico sobre a arquitetura moderna brasileira. Ao mesmo tempo, busca abrir espaço para leituras que reconheçam nesses painéis não apenas objetos de estudo, mas também dispositivos sensíveis de mediação entre espaço, cultura e sociedade. Em consonância com os propósitos do 16º Docomomo Brasil, trata-se de olhar para o passado moderno não como herança congelada, mas como campo ainda pulsante de possibilidades futuras.

UM TEATRO DO AVESSO: ATHOS BULCÃO E O RELEVO DO TEATRO NACIONAL.

Stéphanie Cerioli

O presente artigo tem como objetivo explorar o relevo *O Sol faz a festa*, de Athos Bulcão para o Teatro Nacional de Brasília (1958), a partir de uma leitura subjetiva e teatral. As obras de Bulcão estão presentes em diversos edifícios de Oscar Niemeyer para a capital do país, mas o relevo de 1966 destaca-se por sua escala monumental, formado por duas grandes fachadas, quase sem aberturas, com blocos de concreto que variam de tamanho e ritmo e voltam-se para a cidade. A forma de tronco de pirâmide desenhada por Niemeyer para o edifício resulta em firmeza e robustez. Niemeyer desejava introduzir leveza à composição através da intervenção de Bulcão. Ao escolher realizar a obra de arte com blocos, o artista criou um jogo de luz e sombra, a maneira de Le Corbusier; com volumes dispostos sob a luz. As duas grandes fachadas tornam-se, então, planos ativos e o teatro vira do avesso, transformando a cidade em palco e plateia, simultaneamente. Diferente dos tradicionais painéis cênicos do Renascimento, bidimensionais e pintados, *O Sol faz a festa* funciona como um plano tridimensional e interativo, manipulado tanto pelo sol quanto pelos corpos que se aproximam, contemplam ou escalam seus blocos. A relação com o objeto arquitetônico é intensificada pelo espaço que o circunda. O Teatro Nacional parte de uma forma geométrica simples e compacta, que ocupa o terreno com destaque para um grande e único volume. O vazio ao redor permite que o transeunte observe a arquitetura como espetáculo e escultura. A partir dessa interpretação, é possível aproximar-se do conceito de teatralidade explorado pelo crítico de arte Michael Fried, e também refletir sobre o vazio e o espaço que envolve os objetos arquitetônicos, conforme discutido por Niemeyer, Josep Montaner e Le Corbusier.

Palavras-chave: ATHOS BULCÃO (1), TEATRO (2), RELEVO (3).

ATHOS E LELÉ: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO DAS ARTES

Emyle Santos

A produção artística de Athos Bulcão (1918–2008) é amplamente reconhecida por sua estreita relação com a arquitetura, bem como por sua colaboração com diversos arquitetos, sobretudo na modernidade arquitetônica

brasileira. Este estudo destaca sua colaboração com João Filgueiras Lima, o Lelé (1932–2014), marcada por um processo criativo conjunto desde a concepção dos projetos. Nessa parceria, arte e arquitetura se fundem de forma homogênea, com obras que mimetizam a arquitetura e vice-versa, resultado da permeabilidade entre os modos de fazer dos dois profissionais. Essa fusão transcende os conceitos tradicionais de “integração” ou “síntese das artes”, frequentemente usados de forma genérica para diferentes tipos de colaboração. São percebidas, pelo menos, duas modalidades de colaboração: na primeira, as obras são realizadas e inseridas posteriormente na edificação; enquanto, na segunda, as obras são pensadas em conjunto com o arquiteto, colocando em xeque o amplo uso do termo. Para diferenciar esse fenômeno dos demais, adota-se o conceito de “diálogo das artes”, que valoriza a colaboração equitativa e a criação de uma linguagem comum. O estudo busca atualizar e ampliar o entendimento sobre a produção de Athos em parceria com Lelé, dada a ausência de pesquisas aprofundadas acerca dessa produção conjunta. Mesmo havendo alguns autores, que consideram relevante a colaboração, poucos exploram o processo colaborativo entre os dois, o que reforça a necessidade de investigação. Metodologicamente, o artigo adota o Método Histórico e Comparativo, com pesquisa documental, bibliográfica e visitas técnicas. Entre os principais resultados, destaca-se a proposta do “diálogo das artes” como conceito aplicável a outras análises, o aprofundamento sobre a parceria Athos-Lelé e a identificação da “concriação” como diferencial — um processo simultâneo e compartilhado de criação, que vai além da cooperação pontual, revelando um método de trabalho conjunto.

Palavras-chave: DIÁLOGO DAS ARTES, ATHOS E LELÉ, ARTE-ARQUITETURA.

JARDIM-VERTICAL, O MURAL VIVO DE LINA BO BARDI

Cláudia Costa Cabral

O Jardim-Vertical forma parte do projeto para a Nova Prefeitura de São Paulo, uma das últimas obras de Lina Bo Bardi, desenvolvida entre 1990 e 1992 com Marcelo Carvalho Ferraz, André Vainer e Marcelo Suzuki. O projeto incluía a restauração do edifício eclético do Palácio das Indústrias (1911-

1924) e a construção de uma ampliação. O edifício existente foi restaurado, mas o novo bloco de escritórios, para o qual Lina projetou a última de suas paredes vivas, nunca foi construído. No novo edifício, enquanto os escritórios se abrem para a rua por meio de uma fachada de vidro, a fachada oposta é uma parede sólida, sem janelas, sobre a qual se estende uma composição vegetal, com árvores verdadeiras, plantas e flores variadas, de diferentes espécies, tamanhos e cores.

Desenvolvido como uma grande tela contínua, o Jardim-Vertical de Lina alude às práticas da pintura mural, tanto pela escala extraordinária da composição quanto pelo foco na experiência imersiva. Mas a passagem da representação pictórica da natureza para o seu emprego como matéria operável amplia e subverte essa mesma tradição, estabelecendo uma tensão, comparável a iniciativas posteriores na arte contemporânea, que usaram o material orgânico como elemento constitutivo da obra, e como crítica à pintura de paisagem. O Jardim-Vertical de Lina Bo Bardi dialoga com a larga tradição da arte mural, e com o seu sentido ambiental, reconhecendo-se neste termo uma dupla acepção, que compreende tanto o caráter espacial, quanto a relação com a natureza e suas questões.

Palavras-chave: MURAL (1), NATUREZA (2), LINA BO BARDI (3)

POÉTICA E MODERNIDADE NOS MURAIIS DE BURLE MARX

Marília Dorador Guimarães

O artigo analisa a produção muralista de Roberto Burle Marx entre as décadas de 1960 e 1980, destacando sua importância no contexto do modernismo brasileiro e integração da arte com a arquitetura – ideal defendido por Le Corbusier. A pesquisa evidencia como os cinco murais articulam formas orgânicas inspiradas na natureza e abstrações geométricas, refletindo tanto os princípios modernistas quanto as referências da cultura brasileira e da tradição muralista latino-americana – murais mexicanos. Influenciado pelo brutalismo, Burle Marx utilizou, nestes murais, o concreto como suporte expressivo, conferindo materialidade, poética e função simbólica às obras. Metodologicamente a pesquisa está fundamentada em três segmentos: análise iconográfica e iconológica (Panofsky, 1939) e análise da semiótica da imagem (Arheim, 1954; Calabrese, 1993; Dondis, 1997). A análise dos cinco

murais deixa evidente que as obras ultrapassam a dimensão decorativa, configurando-se como linguagem pública e integradora, essencial na construção da paisagem moderna brasileira e na consolidação de uma identidade artística que harmoniza modernidade e brasilidade à arquitetura moderna.

Palavras-chave: ROBERTO BURLE MARX, ARTE MURAL, MODERNISMO.

OUTDOORS DE CONCRETO: ORNAMENTO E COMUNICAÇÃO NA CURITIBA MODERNA

Kadu Tomita

A segunda metade do século XX marcou, em Curitiba, uma experimentação intensa com o concreto aparente como veículo de comunicação urbana. Longe de ser apenas recurso estrutural, o material foi investido de uma função cultural: superfície para narrativas, grafismos e relevos que ampliaram o alcance simbólico da arquitetura. A integração das artes às obras públicas tornou-se política deliberada, associando modernidade estética e projeto de Estado.

Nesse quadro, a produção muralista de Poty Lazzarotto ocupa posição estratégica. Suas obras atravessam três décadas, traduzindo em linguagem visual tanto a memória histórica do Paraná quanto a afirmação de sua identidade moderna. Do mural do Centenário (1953, com Erbo Stenzel), ainda em em técnica mista de azulejo e granito, às grandes composições em concreto, como no Teatro Guaíra (1969) e no Palácio Iguazu (1987), Poty construiu um repertório que alia narrativa, monumentalidade e presença urbana.

A década de 1970, contudo, marca um deslocamento na relação entre arte e arquitetura: o painel figurativo cede lugar a superfícies abstratas e padrões geométricos de leitura rápida. Arquitetos como Lubomir Ficinski, Jaime Wasserman e o grupo de Forte Netto e Gandolfi desenvolveram uma estética que transformou fachadas em sinais visuais, pensados para serem percebidos à distância e em movimento. Essa gramática alcançou projeção nacional no edifício-sede da Petrobras (1974), consolidando o prestígio do chamado “Grupo do Paraná”.

Paralelamente, as intervenções em infraestruturas viárias, como trincheiras e viadutos, radicalizaram essa tendência. Relevos anônimos, moldados no próprio concreto, acompanham o traçado das passagens subterrâneas e dialogam com o fluxo motorizado. Nessas obras, a ornamentação se converte

em presença quase subliminar: não narra, não representa, apenas marca o espaço e rompe a monotonia do cinza urbano.

Palavras-chave: ORNAMENTO MODERNO (1), ARTE PÚBLICA (2), ICONOGRAFIA URBANA (3)

MURAIIS NA REDE SARAH E A HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO HOSPITALAR

Larissa Yamamoto

Resumo não disponível

O PAINEL EM CONCRETO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRÁS

Brian Pimentel

A arquitetura moderna curitibana consolidou-se entre as décadas de 1960 e 1980 com as contribuições do chamado “Grupo do Paraná”, termo que se refere ao conjunto de arquitetos que se destacaram por premiações em concursos nacionais e internacionais. Influenciados pelo brutalismo paulista, esses profissionais projetaram diversas edificações com o uso do concreto aparente, desenvolvendo essa linguagem até a incorporação de painéis artísticos em concreto nas fachadas.

O projeto de maior repercussão do grupo de arquitetos foi o Edifício Sede da Petrobras (EDISE), edifício de escritórios localizado no Rio de Janeiro, projetado originalmente por Abrão Assad, José Sanchotene e Roberto Gandolfi. Além do jogo formal de sua volumetria, o edifício apresenta superfícies externas e internas estampadas por painéis escultóricos em baixo-relevo, concebidos pelo arquiteto e escultor Abrão Assad. O tratamento escultórico explora motivos geométricos que remetem à arte concreta, aplicados modularmente e conferindo aos planos uma característica textural.

A difusão do uso de painéis na obra aponta para uma desmaterialização dos limites volumétricos e evidencia o reconhecimento das superfícies de concreto aparente como possíveis suportes para tratamentos artísticos. Essa experimentação das superfícies pode ser interpretada como uma síntese dos

aspectos pictóricos presentes na arquitetura moderna brasileira, marcada pelo emprego de cobogós, brises e azulejos, com a homogeneidade das empenas em concreto aparente típicas do brutalismo paulista.

Palavras-chave: CONCRETO (1), MODERNIDADE (2), CURITIBA (3)

PAINÉIS DE BURLE MARX NA ILHA DO FUNDÃO, ENTRE O SONHO E A RUÍNA

Helio Herbst

Este artigo apresenta um extrato da investigação “A construção de narrativas sobre a modernidade arquitetônica: significação da arte mural em cinco cidades universitárias no continente americano”, em desenvolvimento no PROARQ/UFRJ. Neste recorte, o foco recai sobre a inserção de duas obras murais de Roberto Burle Marx no campus-sede da então denominada Universidade do Brasil: um painel de azulejos no Instituto de Puericultura e Pediatria (IPP) – posteriormente renomeado Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) e um mural em concreto na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), atualmente Edifício Jorge Machado Moreira (EJMM). Objetiva-se examinar de que modo as obras murais contribuem para criar um sentido identitário, na acepção cunhada por Stuart Hall (2006[1992]), consoante às soluções dos edifícios e do campus que hoje abriga a sede da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ambos os projetos arquitetônicos são assinados por Jorge Machado Moreira, em colaboração com Aldary Henriques Toledo e Orlando Magdalena. Moreira também desenvolve, como arquiteto-chefe do Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB), entre 1949-1962, a concepção urbanística da Cidade Universitária, cujo território corresponde a reunião de nove ilhas na Baía de Guanabara. Em 1953 o IPP foi premiado na II Exposição Internacional de Arquitetura, realizada em paralelo à II Bienal de São Paulo; quatro anos depois, a FNA conquistou láurea na quarta edição do certame. Ambos lograram ampla difusão pela crítica especializada. Os jardins, suas respectivas obras parietais e o EJMM receberam tombamento pela municipalidade em 2009 e 2016, respectivamente. Apesar do reconhecimento e das ações em defesa de sua conservação, encontram-se sob risco de descaracterização permanente. Deste modo, o presente trabalho defende sua salvaguarda e ecoa as premissas de transformação defendidas por artistas e arquitetos modernos.

Palavras-chave: ARTE MURAL, ARQUITETURA MODERNA, ROBERTO BURLE MARX

DO TAPETE AO PAINEL: A TRAMA COMO SINTAXE AZULEJAR MODERNA

Mary da Silva Rached

Este artigo defende que a trama deve ser compreendida como uma estrutura morfológica, um gesto autoral e uma sintaxe visual, como também como uma chave de leitura para compreender o uso do azulejo na arquitetura moderna brasileira — não apenas como ornamento ou revestimento, mas como linguagem crítica que articula arte e arquitetura. Em vez de restringir-se à oposição historiográfica entre o painel artístico e o revestimento, dota-se uma perspectiva transversal, em que a trama emerge como operador projetual, histórico e simbólico. Ao articular composição, cor, padrão e escala, o azulejo moderno funciona como campo pictórico, ornamento e pele tectônica, afirmando-se como linguagem crítica entre as décadas de 1930 e 1970, com repercussões contemporâneas. A compreensão dessa sintaxe exige atenção às raízes históricas do uso do azulejo no Brasil. Antes da arquitetura moderna, o Neocolonial apropriou-se desse material como signo de identidade nacional e tradição inventada, alinhado a movimentos internacionais voltados à construção de narrativas nacionais por meio da retomada de repertórios históricos. Tais painéis em azulejo — figurativos e narrativos — mobilizam tramas regulares e padronagens rítmicas que ativam signos territoriais e culturais, produzindo pertencimento baseado em imagens ficcionalizadas do passado colonial luso-brasileiro. Esse imaginário ecoa no Movimento Moderno, e o painel Estrela-do-mar e Peixes, de Cândido Portinari, no Ministério da Educação e Saúde (MES, 1936), constitui exemplo emblemático dessa continuidade crítica. Ao aproximar esse painel das composições neocoloniais, o artigo evidencia convergências formais e simbólicas. Ambos mobilizam a azulejaria como dispositivo de identidade nacional. Assim, a trama emerge como sintaxe visual que media memória e invenção, revelando projetos de nação permeados pelo imaginário da colonialidade, ainda que sob gramáticas distintas e temporalidades próprias.

Palavras-chave: TRAMA, AZULEJO MODERNO, ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, SINTAXE VISUAL, IDENTIDADE NACIONAL

GÊNESE E EXPERIÊNCIAS DA ARTE MURAL DE ROBERTO BURLE MARX

Isabel Ruas Pereira Coelho

Nesta apresentação analisamos a obra mural de Roberto Burle Marx, entre 1937 e 1993, partindo de uma hipótese de que a relação deste artista com as paisagens rupestres do Brasil estabelece um fio condutor para a produção de sua obra mural em pedra e concreto que domina grande parte de sua produção e é desenvolvida a partir desta sensibilidade.

Assim, ao mesmo tempo que responde a uma proposta das primeiras experiências modernistas, em que os painéis de azulejo azul e branco, relacionados ao passado colonial, são transformados e adotados como expressão da modernidade, há uma força criativa que nunca o afasta da expressão dos materiais naturais inertes.

O concreto, intercalado com a vegetação, passa a permitir a construção de “réplicas” dos jardins rupestres, num elemento de criação de jardins inventado pelo artista - o muro escultórico que mistura concreto e vegetação saxícola.

Em concreto, Burle Marx interpreta formas de cristais como esculturas, painéis como vegetação petrificada e muros como grandes falésias.

Parece-nos que esta é uma característica específica da genialidade do artista que não coincide exatamente com as premissas da integração arte e arquitetura, tais como as costumamos descrever.

Palavras-chave: BURLE MARX (1) MURAL MODERNO (2) MURAL ESCULTÓRICO (3)

DOS PAINÉIS DE COBOGÓS AOS ESPAÇOS MODERNOS DOS TRÓPICOS

Guilah Naslavsky

Entendendo os painéis de cobogós* como painéis artísticos que participaram ativamente da definição dos sentidos da modernidade arquitetônica brasileira, aqui proponho uma reflexão sobre essas superfícies

* Aqui adotamos a grafia “cobogó”, mais popular, embora a versão patenteada em 1929 seja “combogó”.

vazadas, originalmente concebidos como tijolos para construção de paredes fechadas, ganharam novas funções e expressivos desenhos nas mãos dos criativos arquitetos brasileiros, respondendo às demandas de proteção solar e ventilação, tornaram-se elementos fundamentais da integração da arte e arquitetura, conferindo transparência, permeabilidade, nuances de luz e sombra, contribuindo para a diversidade dos espaços modernos nos trópicos.

“Estas superfícies de combogós atuando nas fachadas muito ensolaradas como verdadeiro “brise-soleil”, produzem desenhos caprichosos de sombra e luz, de bom efeito decorativo” (sic) (Cardozo, 1939 apud. In Santana, 1997). Com essa frase Cardozo definiu a riqueza e plasticidade desses elementos vazados que se tornaram tão comuns nas fachadas brasileiras e em países de clima tropical. Uns associaram suas origens a reinterpretação dos muxarabis, outros aos textile-blocks de Frank Lloyd Wright (Oliveira e Bauer, 2011). Esses blocos foram utilizados por Luiz Nunes e Joaquim Cardozo em fachadas modernas: “Os volumes e superfícies vazadas que antigamente eram resolvidos com as venezianas, foram criados agora com o emprego justo e adequado de um material pernambucano por excelência e que conserva a mesma simplicidade de linhas de certas grades e esquadrias: o combogó” (...) (Cardozo, 1939)”.

A presente proposta discute o cobogó como elemento pele da teoria de Semper (1851) - essencial de nossa modernidade tropical com intuito de explorar seus diversos desenhos, matérias e estratégias de montagem: sejam os realizados em argamassa de concreto por Acácio Gil Borsoi Edifício Santo Antônio (1960) com duas peças em concreto pré-moldado formando uma trama rendada; por Maurício Castro, trama de duas peças nas fachadas da Sudene (1968); por Delfim Amorim, no Seminário Religioso de Camaragibe (1963), por Armando Holanda na fábrica Icanor (1968); os painéis em cobogós desenhados por Petrônio Cunha para a igreja do Bom Samaritano, (1982), os desenhos de Athos Bulcão para a Fiep em Campina Grande (1979); esses painéis artísticos foram determinantes para a constituição dos espaços modernos tropicais.

Palavras-chave: COBOGÓ (1), PERNAMBUCO (2), TRÓPICOS (3)

MURAI DE VOLPI: PERMANÊNCIA E APAGAMENTO EM TEMPLOS CATÓLICOS

Vitória Barreiros e Susanna Moreira

O artigo faz uma análise de duas obras do pintor Alfredo Volpi: as pinturas da Capela do Cristo Operário (1954), em São Paulo, e as da Igreja Nossa Senhora de Fátima, ou Igrejinha (1958), em Brasília. Ambas foram concebidas durante o Movimento Moderno, período em que a noção de “obra de arte total” – que representa uma integração entre arquitetura, pintura, escultura, design e artes manuais – ganha força. Volpi criou três murais e quatro vitrais para a Capela do Cristo Operário, projeto que alinhava-se à vertente social-humanística do catolicismo pós-Segunda Guerra Mundial, integrando a experiência estética na vida cotidiana da classe operária. Na Igrejinha, o trabalho de Volpi foi feito a convite de Oscar Niemeyer e contou com o entusiasmo do crítico de arte Mário Pedrosa. No entanto, os dois afrescos realizados foram rapidamente desaprovados por membros da igreja e de parte do público e, apenas quatro anos após a inauguração do Igrejinha, foram irreversivelmente apagados.

As diferenças no destino das obras podem ser atribuídas a múltiplos fatores. O ritmo acelerado da construção de Brasília e a interconexão entre política e religião na nova capital tiveram impacto na rapidez das decisões e na eventual remoção das obras. A Capela do Cristo Operário, situada em uma São Paulo já consolidada, beneficiou-se de uma profunda colaboração institucional com a Igreja. Além disso, a comunidade operária da Capela, para quem o projeto foi concebido, identificava-se com a temática do trabalho e a linguagem acessível da arte moderna de Volpi. A valiosa colaboração permanece viva, é patrimônio visitável, cotidiano de cultos em realização em sofisticada atmosfera poética.

O artigo busca, assim, traçar paralelos e divergências nos contextos histórico, político, geográfico, religioso, arquitetônico e artístico para discutir a disparidade no destino desses dois trabalhos colaborativos entre os campos da arte e da arquitetura.

Palavras-chave: ALFREDO VOLPI, MURALISMO BRASILEIRO, COLABORAÇÃO ARTE-ARQUITETURA.

GERALDO QUEIROZ E O MODERNISMO REGIONAL NO TRIÂNGULO NOS ANOS 50

Juscelino Machado Junior

O artigo analisa a trajetória do artista uberlandense Geraldo de Queiroz (1916–1958), com ênfase em sua atuação como mosaicista e na criação de painéis em pastilhas de vidro integrados à arquitetura moderna no Triângulo Mineiro entre 1955 e 1958. Autodidata e versátil, transitou entre pintura, escultura, caricatura, cenografia e mosaico, elaborando uma poética que concilia tradição e modernidade. Sua produção, fortemente vinculada à parceria com o arquiteto João Jorge Coury (1908–1970) — difusor da arquitetura moderna no interior mineiro —, resultou em cerca de quinze painéis, dos quais quatro permanecem preservados. Essas obras revelam a integração entre arte e arquitetura no contexto de um modernismo regional que dialoga com o ambiente cultural e social da época. Entre elas, *Ambiente Rural* (1955) expressa o imaginário agrário e a hierarquização social; *Cena Portuguesa* reflete o diálogo entre o neoclassicismo e o repertório moderno; *Ciranda das Crianças* (1956) evoca o cotidiano e o regionalismo popular; e *Índigena Brasileiro* (1958) sintetiza o amadurecimento técnico e pictórico do artista ao tratar o tema da brasilidade de modo simbólico e lírico. Os painéis de Queiroz, produzidos majoritariamente por encomenda, inserem-se em fachadas e interiores residenciais, espelhando o gosto estético e o status de uma classe emergente, ao mesmo tempo em que preservam valores afetivos e identitários. Sua obra, ameaçada pela descaracterização arquitetônica, constitui um documento histórico e patrimonial de relevância singular, ao articular arte, urbanidade e memória. A análise demonstra que Queiroz contribuiu de forma decisiva para a consolidação de uma linguagem moderna enraizada no contexto local, reafirmando o potencial da arte musiva como síntese entre o popular e o erudito, o artesanal e o moderno, e como expressão de um modernismo regional sensível à cultura e à paisagem de Uberlândia e do Triângulo Mineiro.

Palavras-chave: ARTE INTEGRADA À ARQUITETURA (1), ARTE MUSIVA (2), GERALDO DE QUEIROZ (3)

AZULEJOS AUTORAIS NA MODERNA ARQUITETURA BRASILEIRA

Eliana Ursine da Cunha Mello

No Brasil, a partir de 1940, a utilização de azulejos de autor, associada aos movimentos de renovação da arquitetura, explorou o potencial estético dessa arte, até então, limitada aos revivalismos coloniais. Com a participação de artistas, ceramistas e arquitetos, o que poderia ter sido ocorrência transitória, se transformou em manifestação duradoura que — ao lado de *brise-soleil*, cobogós e fachadas de vidros — entrou no vocabulário da modernidade arquitetônica, ultrapassou essa produção de vanguarda e, no decorrer de quase quatro décadas — conservando as principais características do seu modo de fazer original — deu vida a diversificado conjunto de obras. Passados, quase, noventa anos das primeiras manifestações, constata-se que, mesmo não sendo, historiograficamente, ignorado, o tema azulejar é mantido na periferia dos textos, dedicados à arquitetura moderna, que se ocupam, essencialmente, dos projetos, soluções construtivas e atuações profissionais, de arquitetos e artistas que, desde os textos fundadores, protagonizam as narrativas. É preciso rever estes enredos que, gradativamente, reiteram equívocos, por não considerarem a perspectiva do próprio azulejo, para dissertar sobre ele. Pelo exposto, utilizando a microanálise indiciária como método investigativo (Ginzburg 1989, Levi 2019), as informações extraídas de documentos arquivados em instituições e plataformas digitais — Hemeroteca da Biblioteca Nacional; Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (ACI/RJ); Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas CPDOC/FGV; Projeto Portinari; Acervo documental do ceramista Horst Udo Knoff, sob tutela do Museu de Arte da Bahia; Plataforma *Us Modernist*; além de livros, artigos, revistas nacionais e estrangeiras consultados em bibliotecas — serão evidenciadas neste artigo, buscando dar visibilidade aos aspectos — crescimento da indústria cerâmica, a escolha de técnicas não tradicionais, a produção coletiva e as criações para além do contexto moderno, entre outros — que, efetivamente, foram determinantes para a presença, longa, da azulejaria autoral, na arquitetura brasileira.

Palavras-chave: AZULEJOS DE AUTOR, PATRIMÔNIO CULTURAL, MODERNIDADE ARQUITETÔNICA

PALAVRAS E OBRAS: RELAÇÕES ENTRE TEORIA E PROJETO A PARTIR DE 1960

Maria Cristina Cabral e Ivo Giroto

Dentro dos esquemas interpretativos recorrentes sobre a arquitetura moderna nacional, é comum o reconhecimento de Brasília como ápice e ponto de inflexão. O período aberto após sua realização é marcado por impasses, desorientação e tentativas de reorganização do campo profissional: o fim de uma relação incontestada entre identidade nacional e arquitetura moderna, o desenvolvimentismo autoritário e tecnocrático imposto pela ditadura civil-militar, e o giro do campo profissional ao planejamento urbano, relegando o debate arquitetônico a um segundo plano, como afirma Zein e Bastos (2010). Segundo as autoras, entre as tensões do momento observa-se uma “ruptura entre o discurso e a obra, entre o fazer e o pensar arquitetura, entre a prática profissional e a teoria arquitetônica” (idem, p. 109).

No embalo do “milagre econômico” observa-se o que Segawa considera o “açambarcamento de uma vanguarda” (2014, p. 190), período de febril atividade da construção civil, no qual “O excesso de trabalho embarçava a autocrítica” (idem, p. 191). Em termos gerais, não há dúvidas de que as décadas de 1960 e 1970 experimentaram um enfraquecimento da reflexão crítica sobre a arquitetura no Brasil, com a desaparecimento das principais revistas de arquitetura existentes, que apenas retomaram certa posição de relevância a partir dos anos 1980.

No entanto, as relações entre teoria e prática são indissolúveis, mesmo quando não evidenciadas. Sob a ausência de uma crítica ativa e propositiva, livros, revistas, imagens, teorias e relações interpessoais circulavam entre os arquitetos e mantinham viva uma teia de referências conceituais que subjazem na produção dessas décadas, muitas com forte caráter experimental.

Esta sessão busca trabalhos que apresentem a vinculação teórico-prática na produção arquitetônica brasileira a partir da década de 1960. Essa relação

pode ser examinada de distintas maneiras, entre as quais: o conhecimento adquirido na formação acadêmica do profissional; os vínculos profissionais (interlocutores, parceiros e clientes) e institucionais (instituições de ensino e de classe); ou a circulação de publicações internacionais e nacionais, entre outras. Também é de interesse a interpretação de escritos, conferências, entrevistas e debates protagonizados por profissionais da época - todos aqueles ligados ao campo da arquitetura: projetistas, críticos, professores, construtores etc. -, relacionando-os a uma ou mais obras de arquitetura.

Serão priorizados estudos de caso que tratem de profissionais ainda pouco visibilizados, ou revisões críticas que tragam contribuições novas sobre a produção teórico-prática de atores reconhecidos. No mesmo sentido, receberão atenção especial os trabalhos que utilizem fontes de pesquisa primárias e inéditas, como documentos e imagens originais ou nunca publicados.

POÉTICA DA ECONOMIA E ARQUITETURA PAULISTA (1955-70)

Tomas Cezar de Andrade Millan

A arquitetura paulista das décadas de 1950/60 tem sido caracterizada pelos grandes vãos e balanços, pelo uso extensivo do concreto armado e pela audácia das concepções estruturais. Esta investigação procura oferecer novos relatos em torno do período histórico ao se debruçar sobre um conjunto de práticas que, avessas a uma monumentalidade da técnica, convergem no sentido de uma poética da economia. A análise intertextual dos trabalhos e posições de Carlos Millan, Flávio Império, Joaquim Guedes, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro demonstra entre esses arquitetos um interesse compartilhado pela solução compacta e econômica, pelo canteiro de obras e pela utilização de técnicas artesanais de construção. Sugere, ainda, a constituição de círculos próprios de sociabilidade, evidenciando uma pluralidade de posições no interior de uma escola de projeto. Levando em conta a proximidade da inauguração de Brasília, em que a atividade planificadora se confunde com a própria ideia de país, tais especificidades sinalizam vias alternativas de desenvolvimento e modernização, diversificando as formas de engajamento da categoria com as forças produtivas nacionais.

Em primeiro lugar, pretende-se discutir como a ideia de poética da economia, conceituada textualmente por Ferro e Lefèvre em 1963, é explorada por Guedes e Millan a partir de 1955, ano em que passam a dividir um escritório na rua Barão de Itapetininga. E, inversamente, de que modo textos e obras produzidos pela nova geração reverberam sobre as atividades de seus ex-professores. Em segundo lugar, propõe-se estender esta interlocução ao problema da abóbada enquanto forma construtiva, que, ao abarcar um amplo leque de inquietações teórico-projetuais, assume uma função modelar naqueles anos. Almeja-se, assim, estabelecer uma reflexão de caráter relacional, tirando do repouso narrativas estabelecidas sobre a escola paulista e suas possibilidades de interpretação.

Palavras-chave: POÉTICA DA ECONOMIA (1), ARQUITETURA PAULISTA (2), ABÓBADAS (3)

PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS NO CEDEC: A CONSTRUÇÃO DO JORNAL-MURAL

Lígia Gimenes Paschoal e Tatiana Sakurai

Este artigo analisa a atuação da arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima (1934-1994), frente à direção do Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários (CEDEC), destacando sua colaboração com a pedagoga Marta Grosbaum na criação do jornal-mural junto aos operários do Centro. O estudo situa o CEDEC no contexto da gestão de Luiza Erundina como prefeita de São Paulo, entre os anos 1989 a 1992, e a abertura da democracia marcada pela Constituição de 1988, dando enfoque na sua proposta de associar a pesquisa e produção seriada de componentes de argamassa armada e formação crítica e emancipatória de trabalhadores. Para além de um espaço de desenvolvimento e fabricação das diversas tipologias de equipamentos públicos, o CEDEC constituiu-se como espaço de formação política e social, promovendo práticas educativas, nas quais Arquitetura, Educação e Política convergem na construção do saber crítico e da participação popular.

Palavras-chave: CEDEC, MAYUMI WATANABE DE SOUZA LIMA, JORNAL-MURAL

O LUGAR DA ARQUITETURA NO PROGRAMA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO*

Alexandre Benoit

Este trabalho tem como objetivo analisar a posição de destaque que a arquitetura teve no Programa Especial de Educação, desenvolvido ao longo do primeiro mandato de Leonel Brizola à frente do estado do Rio de Janeiro 1983-1987. Sob a responsabilidade do antropólogo Darcy Ribeiro, então vice-governador, o programa visava implantar o ensino integral na rede pública de educação do estado. Diante de uma infraestrutura insuficiente e precária, logo se mostra necessário construir novas escolas, levando ao envolvimento dos arquitetos Oscar Niemeyer e João Filgueiras Lima, o

* Esta pesquisa recebe o apoio da FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000265/2024.

Lelé; o primeiro para desenvolver os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) e o segundo as Casas da Criança, Casas Comunitárias, produzidas na Fábrica de Escolas. Tais projetos, embora até certa medida conhecidos no âmbito da historiografia da arquitetura brasileira, não foram estudados como partes complementares de um mesmo plano ação, teorizado e aplicado por Darcy Ribeiro, e cujo objetivo transcendia a mera construção de salas de aula, pretendendo um alcance urbanístico, tecnológico e cultural.

LUGAR E LINGUAGEM: HANS BROOS E A CRÍTICA À CIDADE-CENÁRIO

Luciana Florenzano

Este artigo analisa a relação entre teoria e prática na obra do arquiteto Hans Broos, a partir do projeto da Fundação Hermann Hering, construído na década de 1970 em Blumenau, Santa Catarina. Busca-se investigar como sua prática articulou crítica, referências históricas, contexto urbano e linguagem moderna, contribuindo para repensar o papel da arquitetura na construção de Blumenau, marcada nas últimas décadas pela valorização de um falso histórico. O trabalho analisa fontes primárias, como entrevistas, conferências, documentos e relatos de colaboradores, para traçar conexões com o contexto teórico dos anos de formação do arquiteto e discutir como sua prática se insere no debate em torno da crítica ao movimento moderno. A proposta é que a obra de Broos funcione como um contraponto simbólico ao processo de homogeneização cultural pelo qual vem passando Blumenau. O desafio contemporâneo é usar o legado da modernidade arquitetônica, expresso não apenas na obra construída, mas também nas palavras e na postura intelectual de Hans Broos, como chave crítica para pensar uma cidade que reconheça a diversidade de seu patrimônio e a complexidade do preexistente, e não como cenário de consumo turístico e reprodução de imagens artificiais. Ao analisar a relação entre teoria e prática na obra de Hans Broos, o artigo recupera uma dimensão teórico-projetual que também contribui para a revisão da historiografia da arquitetura moderna em contextos periféricos. A valorização da Fundação Hermann Hering como patrimônio moderno reforça a importância de revisitar práticas arquitetônicas que articulam pensamento, lugar e cultura. Em tempos de apagamento simbólico e estetização do passado, a obra de Broos

permanece como uma contribuição crítica e concreta à compreensão do que foi, e do que ainda pode ser, a arquitetura moderna no Brasil.

Palavras-chave: CRÍTICA (1), PATRIMÔNIO (2), HANS BROOS, (3) ARQUITETURA MODERNA (4).

A ARQUITETURA SOCIAL DE GILIOLI: ESCOLA E. DR. FAUSTO CARDOSO DE MELO

Jasmine Luiza Souza Silva

A trajetória do arquiteto Ubyrajara Gilioli destaca-se pela intensa produção de projetos escolares no estado de São Paulo, nos quais a arquitetura assume papel formador e social. Ao realizar mais de trinta escolas desde a década de 1960, Gilioli consolidou-se concebendo edificações que integram cidade e instituição de ensino e estimulam práticas coletivas. Este estudo relaciona discurso, forma arquitetônica e contexto sociopolítico ao analisar o projeto arquitetônico do Ginásio Vila da Paulicéia (1967), atual EE Dr. Fausto Cardoso de Melo, investigando suas concepções de espaço democrático e social a partir de uma abordagem histórico-crítica. Ao propor uma arquitetura que ultrapassa a função edificatória e se afirma como ato político e educativo, Gilioli reafirma sua crença no poder transformador do espaço. O estudo demonstra que suas experiências projetuais no campo escolar revelam sua concepção de sociedade e a contribuição da democratização dos espaços coletivos para a formação social e cidadã.

Palavras-chave: ARQUITETURA SOCIAL (1), UBYRAJARA GILIOLI (2), ARQUITETURA ESCOLAR (3)

DISCURSO, PROJETO E O DESENHO INDUSTRIAL EM SÃO PAULO (1961-1965)

João Bittar Fiammenghi

Este artigo relaciona discursos decorrentes da inclusão do Desenho Industrial no currículo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) em 1962 com a prática projetual conjunta de quatro

docentes na instituição: Lucio Grinover, Marlene Picarelli, Hélio Duarte e Roberto Tibau. Os objetos analisados, todos da primeira metade da década de 1960, são as obras projetadas para as Indústrias Romi, alguns dos edifícios escolares desse grupo de arquitetos e os enunciados de Grinover a respeito do desenho industrial. Buscamos evidenciar ao longo do texto os impasses e ambivalências encontrados nessas experiências, principalmente no que diz respeito à racionalização da construção e a outros problemas caros aos profissionais que visavam a incorporação de novos métodos de projeto, a partir da aproximação disciplinar arquitetura - desenho industrial ocorrida em São Paulo naquele momento.

Palavras-chave: HISTÓRIA DA ARQUITETURA, INDUSTRIALIZAÇÃO, ARQUITETURA ESCOLAR

ENTRE O REAL E O IDEAL: A NOVA COPACABANA DE SERGIO BERNARDES

Carolina Quintanilha Neves e Letícia Bedendo Campanha Pires

Este trabalho propõe analisar o *Projeto Copacabana*, desenvolvido por Sergio Bernardes no final dos anos 1960. O material base contempla fontes primárias inéditas, sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação [NPD FAU UFRJ], constituído de dados estatísticos diversos e croquis com diferentes proposições. No projeto, Bernardes aproveitou o alargamento da orla de Copacabana para remodelar o bairro. Tal projeto começou em 1968, em plena ditadura civil-militar, quando Copacabana era símbolo de prestígio e, ao mesmo tempo, de grande complexidade urbana. Intenta-se ainda compará-lo a dois outros projetos do arquiteto, o Rio 2000 [1965] e as Isócronas Regressivas [1975], que possuiriam uma singular verticalidade arquitetônica, incitando novas formas urbanas. Além disso, ao considerar Bernardes no limiar entre o ideal e o real, objetiva-se levantar a discussão de Giulio Argan em torno das cidades ideais e reais. Em um momento de revisão da modernidade, Argan criticava o ideal moderno de rejeitar a cidade antiga, ao somente perspectivar o futuro. A partir da premissa de que o mundo dos pensamentos é distinto do mundo dos fatos, Argan manifestou que “sempre existe uma cidade ideal dentro ou sob a cidade real” (1979, p. 73). A cidade ideal funciona como um ponto de referência para medir os problemas da cidade real que, por sua vez, “reflete as dificuldades do fazer a arte e as circunstâncias contraditórias do mundo em

que se faz” (1979, p. 74). Ademais, será evidenciada a relevância atribuída à verticalidade, a partir da arquitetura, nas propostas urbanísticas de Bernardes. A análise do conjunto documental torna-se um meio para entender como o arquiteto estabelecia um diálogo com a cidade real, com a qual pretendia romper, na tentativa de dar respostas arquitetônicas e urbanísticas às complexas dinâmicas sociais, políticas e econômicas, em um período marcado por intensas transformações urbanas.

Palavras-chave: DÉCADA DE 1960 (1), VERTICALIDADE (2), FONTES PRIMÁRIAS (3)

MARIA DO CARMO SCHWAB: ENTRE TRAJETÓRIA, OBRA E REDE DE RELAÇÕES

Julia Pela Meneghel

A discussão acerca da arquitetura brasileira no período pós-Brasília tem evidenciado importantes deslocamentos teóricos, metodológicos e geográficos no campo disciplinar. Simultaneamente ao enfraquecimento de uma crítica arquitetônica estruturada, certas regiões do país experienciam processos próprios de consolidação do ideário moderno. É nesse entendimento que se insere o contexto do Espírito Santo, mais especificamente através da trajetória e obra da arquiteta capixaba Maria do Carmo de Novaes Schwab, pioneira no contexto moderno local. Ainda que a arquitetura moderna no estado seja comumente relacionada à tradição carioca, a aproximação à obra de Schwab revela a constituição de uma linguagem própria a partir da segunda metade da década de 1960, sendo notável um ponto de inflexão na sua produção. O projeto do Escritório de Campo (1967), identificado como marco temporal das novas investigações projetuais, torna-se recorte para a discussão deste artigo. Pretendendo, assim, compreender as referências e articulações dadas no desenvolver de sua prática projetual, propõe-se um estudo de caso ancorado na trajetória e obra da arquiteta, buscando refletir sobre as relações entre teoria e prática a partir de um olhar situado. A pesquisa mobiliza fontes primárias e secundárias no intuito de explorar não apenas as obras em si mesmas, mas as camadas de discurso que as atravessam, revelando uma rede de referências — algumas explícitas, outras silenciosas — que sustentam a construção do seu repertório. Ao dar luz a uma atuação feminina e local, o estudo contribui para ampliar o repertório

historiográfico da arquitetura brasileira e propõe uma abordagem crítica que considera o indivíduo biografado nas suas circunstâncias históricas, sociais e culturais. Assim, busca evidenciar que o fazer arquitetônico continuou a ser permeado por discursos, referências e articulações conceituais, revelados por meio de uma rede de relações, diretas ou indiretas, afirmativas ou silenciosas, mobilizadas de acordo com o espírito do tempo e lugar.

Palavras-chave: MARIA DO CARMO SCHWAB, ARQUITETURA MODERNA, REDE DE RELAÇÕES

ARQUITETURA NOVA ALÉM DO CÂNONE: REDES SUBTERRÂNEAS E O CASO HECK

Ana Carolina Buim e Andréa de Oliveira Tourinho

Este trabalho investiga o apagamento de Carlos Henrique Heck na historiografia da Arquitetura Nova, movimento que emergiu nos anos 1960 como crítica ao modernismo brasileiro pós-Brasília. Enquanto a produção de Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro e Flávio Império consolidou-se como cânone, arquitetos como Heck, Júlio Barone e Sérgio Souza Lima - que igualmente materializaram os ideais do movimento em práticas pedagógicas e de canteiro - permanecem marginalizados nos estudos da área. A pesquisa baseia-se em fontes primárias inéditas: entrevista com Heck (2025), registros fotográficos de seus projetos e documentos que comprovam sua colaboração com o núcleo do Arquitetura Nova. A análise revela três dimensões fundamentais:

1. O apagamento historiográfico evidencia um duplo movimento de canonização da tríade principal e invisibilização de colaboradores próximos, relegados a notas de rodapé ou menções passageiras.
2. A pedagogia radical aplicada por Heck em seus anos de atuação no Brasil, depois em Grenoble no período em que lecionou na *Unité Pédagogique d'Architecture de Grenoble* e posteriormente no Brasil, onde a materializou no ensino de arquitetura.
3. As redes subterrâneas do movimento revelam-se no episódio emblemático com Mayumi Watanabe, quando Heck entregou o desenho diretamente ao mestre de obras, sem mediação técnica convencional.

A metodologia combina análise crítica de fontes primárias, confronto com a bibliografia estabelecida e reconstituição de redes profissionais através de novos depoimentos.

As contribuições incluem: a sistematização inédita da atuação de Heck como um agente do movimento; a documentação de práticas emancipatórias nos canteiros de obras; e a revisão crítica do cânone paulista através de fontes nunca antes analisadas, demonstrando a necessidade de reavaliar as narrativas consagradas sobre autoria e produção arquitetônica no período.

Palavras-chave: TEORIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA; HISTORIOGRAFIA, REGIME MILITAR, CANTEIROS EMANCIPATÓRIOS.

RECONSTRUÇÃO DE LUGARES ENTRE ARTE E ARQUITETURA

Claudia Cabral e Marta Boguea

Em 1986, o artista Daniel Buren realizou uma intervenção no Palais Royal em Paris. Construído pelo Cardeal Richelieu (1624-1639), convertido por Victor Louis em grande complexo arquitetônico multifuncional, com lojas, alas de apartamentos e jardins (1781-1786), restaurado e transformado por Pierre Fontaine (1814-1829), o Palais Royal é um exemplo de patrimônio arquitetônico e lugar historicamente constituído, firmemente instalado na memória social e coletiva. Entretanto, o Palais sobre o qual interferiu Buren já não tinha a Galerie d'Orléans construída por Fontaine, demolida em 1935. Em seu lugar, entre a Cour d'Honneur e os jardins, se estende uma dupla colonata. Essa colonata, memória do projeto de Louis (que nunca chegou a completar-se), é o ponto de partida para a intervenção de Buren, que distribui sobre o espaço da Cour d'Honneur uma série de colunas de distintas alturas, regularmente dispostas, como peças num jogo de xadrez. A despeito das controvérsias que causou, por alterar um monumento histórico, a intervenção convoca um diálogo físico e intelectual com a arquitetura do Palais Royal. Além disso, as colunas podem ser em qualquer momento retiradas, e tudo pode retornar à condição passada, sem que, contudo, seja eliminada a memória do espaço resignificado pela arte.

O objetivo da sessão é buscar, no campo do patrimônio moderno, experiências análogas, em que a arquitetura, mais que suporte, tenha sido o ponto de partida para a intervenção artística. Esperam-se trabalhos que procurem identificar, documentar e analisar intervenções de artistas contemporâneos na arquitetura moderna, com especial interesse nas inscrições temporárias, tais como instalações, performances, projetos curatoriais, etc., localizados em edifícios e espaços arquitetônicos modernos.

Partindo da premissa de que uma materialidade instável, constituída por elementos e ações que apenas temporariamente são integrados à arquitetura

de um edifício ou lugar, pode, contudo, formar parte do devir histórico deste mesmo lugar, interferindo sobre sua recepção, a sessão quer discutir operações artísticas contemporâneas realizadas sobre o patrimônio moderno. O propósito da sessão é destacar o papel de renovação e atualização do legado moderno que as intervenções artísticas puderam eventualmente exercer, precisamente por sua condição efêmera. De que modo a transformação da experiência de um edifício no presente pode contribuir para a compreensão de suas estruturas e lógicas formativas, lançando nova luz sobre suas hipóteses formais, técnicas e programáticas e atualizando sua relação com o público? Convocar outras temporalidades pode produzir experiências novas, passíveis de reinstalar o patrimônio moderno na memória coletiva e aproximá-lo a um público mais amplo e diverso?

Em seus métodos, a sessão espera contar com descrições e análises pautadas em evidências materiais concretas, relativas à arquitetura e à intervenção artística discutidas, tais como fotografias, documentos de projeto, diagramas, e outros elementos que permitam compreender o edifício existente e elucidar as estratégias de intervenção praticadas pela intervenção artística contemporânea.

CECI N'EST PAS SEULEMENT UN PONT. É A PONT-NEUF EMPAQUETÉ

Maria Isabel Villac

Construída entre 1578 e 1607, situada no ponto mais ocidental da *Île de la Cité*, que foi o centro da Paris medieval, a *Ponte Neuf* é uma arquitetura única. Com 12 arcos que atravessam o rio Sena, a ponte é um dos símbolos de Paris, considerada Monumento Histórico, desde 1889, e Patrimônio Mundial da UNESCO

A construção, e a inauguração da *Pont Neuf*, agrega à história da cidade atributos de modernidade.

Ponte mais antiga de Paris, a *Ponte Nova*, que segue sendo conexão histórica entre as duas margens do rio Sena, convida o público a uma reinterpretação da obra e é reinaugurada como *Pont-Neuf empaqueté*, uma “escultura efêmera” envolta em 41.800 metros quadrados de tecido, agregados por 13 km de corda e 12 toneladas de cabos de aço.

A instalação, dos artistas Christo Vladimirov Javacheff e Jeanne-Claude, faz com que a *Pont Neuf* não apenas seja lembrada e revalorizada como monumento histórico e obra símbolo que homenageia a relação entre espaço público e natureza, mas também, ainda por sua escala monumental e sua nova cor dourada, como convite à reflexão a relação entre a arte, a cidade e a arquitetura da cidade e sobre a efemeridade da arte.

Este ano de 2025, a *Pont-Neuf* será novamente uma arquitetura espessada, agora embrulhada por JR – artista visual que realiza o filme-documentário *Visages-Villages*, em 2017, com Agnès Varda –, que a transformará em “escultura efêmera adentrável”. Mais uma vez uma obra de arte se inaugura na ponte mais antiga de Paris, como foco de atenção para a relação entre a arte-arquitetura da cidade, aberta à experiência

Palavras-chave: ARTE-ARQUITETURA, ESTRANHAMENTO, TRILHA DE SENTIDOS

DOIS ENCONTROS ENTRE DANIEL BUREN E O MUSEU GUGGENHEIM

Yasmin Elganim Vieira

O Museu Guggenheim de Nova York, projetado por Frank Lloyd Wright e inaugurado em 1959, é um edifício que desafia e abre diálogo espacial com os artistas contemporâneos que nele expõem. Sua rampa espiralada e a ausência de salas convencionais fazem dele um caso exemplar de patrimônio moderno, onde a relação entre arte e espaço é inseparável, intrínseca, visceral. Neste contexto, as intervenções do artista Daniel Buren no Guggenheim – “*Peinture/Sculpture*” (1971) e “*Around the Corner*” (2005) – abrem reflexões aqui sobre como uma obra de arte pode atualizar, criticar e/ou reinscrever a experiência arquitetônica. “*Peinture/Sculpture*”, uma lona listrada, com 20 metros de comprimento e 10 metros de largura suspensa no átrio do museu, desestabilizou o edifício como palco neutro da arte, revelando sua potência formal. Em “*Around the Corner*”, Buren multiplicou o espaço arquitetônico com as imagens refletidas nos espelhos, e fez com que a luz, o tempo e o percurso do visitante se transformassem em elementos ativos da obra. Esses dois encontros dele com o Museu Guggenheim consistem em intervenções temporárias, mas que transformaram sua arquitetura, e o modo como é percebida. O artista francês tencionou o edifício como símbolo e meio, e o reinscreveu como campo de experiência e pensamento. Ao fazer da arquitetura matéria crítica e espacial, sua arte transformou o modo como o espectador olhava e se movia. Essas intervenções evidenciam o papel que a arte pode assumir na atualização da arquitetura, e demonstram que o espaço nunca é dado — ele é construído, disputado, reinventado. É nesse sentido que Buren fala sobre a relação entre arte e arquitetura: diálogo, conflito ou osmose.

Palavras-chave: DANIEL BUREN, MUSEU GUGGENHEIM, ARTE-ARQUITETURA

PAVILHÃO ALEMÃO EM BARCELONA: BELA FRAGILIDADE

Ana Carolina Pellegrini

Reconstruir arquiteturas desaparecidas é pecado capital segundo o senso comum no campo do patrimônio. A realidade, no entanto, prevalece sobre

o debate teórico, e reconstruções não parecem ser tão nefastas assim. Pelo contrário: podem ser um recurso contra a deterioração e em prol da preservação do legado arquitetônico, já que fazem um edifício viajar no tempo por meio de seu projeto. Este é o caso do Pavilhão Alemão, projetado por Ludwig Mies van der Rohe e Lilly Reich. Concebido para ser temporário, o prédio foi demolido em 1930, após o final da exposição. O “Pavilhão” entrou para a história da arquitetura através de textos e fotografias em preto e branco, até que, em 1986, uma nova versão, em cores, foi inaugurada *com’era dov’era*. A operação, filologicamente rigorosa, conferiu à cópia uma (falsa?) permanência que até hoje se opõe à (autêntica) fragilidade do original. A este propósito, o trabalho apresenta à sessão o caso da exposição “Beautiful Failures”, realizada no Pavilhão Alemão, entre 2019 e 2021. A intervenção atuou de forma simbólica e efêmera sobre o vidro e o travertino, materiais fundamentais desde a versão “original”. A instalação implicou a movimentação de lajes de travertino do piso elevado e a exposição de um conjunto de vidros soprados descartados como refugio de ateliês de artesãos locais. A intervenção expôs as entranhas do prédio, revelando reparos, correções e diferenças em relação à sua primeira versão. O cenário resultante a um só tempo explorava a transparência e a refletividade do vidro e lembrava um canteiro de escavações arqueológicas, aludindo a memória e reconstrução. A interferência artística enseja a reflexão de que, mais artificial que a réplica, é a manutenção de sua aparência nova-em-folha e que, embora a reconstrução do pavilhão tenha almejado solidez e permanência, a fragilidade é uma questão de tempo.

ARQUITETURA COMO ESCUTA: SANAA EM DOIS GESTOS

Isabela Ignácio de Moura

O artigo investiga as intervenções de Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa (SANAA) sobre e a partir do patrimônio moderno, analisando duas de suas obras: a instalação realizada no Pavilhão Barcelona (2008), de Mies van der Rohe e a relação estabelecida entre a marquise do Ibirapuera e o Pavilhão Serpentine (2009). Em ambos os casos, a dupla adota uma postura de escuta atenta diante da arquitetura moderna.

No Pavilhão Barcelona, o SANAA insere uma estrutura translúcida que repousa diante da obra de Mies van der Rohe, instaurando um jogo de reflexos

e transparências que desloca e reconfigura a percepção do espaço. Nesta intervenção — com curadoria de Xavier Costa — o SANAA demonstra compreender profundamente um dos aspectos mais sutis da arquitetura de Mies: a ambiguidade espacial produzida pelo jogo de sobreposições entre planos. A partir desse entendimento, Sejima e Nishizawa deslocam a noção de transparência a um novo patamar, investigando sobretudo seu potencial fenomenológico — em consonância com as distinções propostas por Colin Rowe e Robert Slutzky entre transparência literal e fenomênica, em seu texto *Transparency: Literal and Phenomenal* (1976).

Já em 2009, nos jardins da Serpentine, em Londres, Sejima e Nishizawa projetam uma cobertura ondulada, de alumínio espelhado, apoiada em esbeltos pilares metálicos. O pavilhão desenha uma sombra aberta à indeterminação em meio ao jardim, acolhendo múltiplos usos. Esse gesto aproxima-se da marquise do Parque Ibirapuera, de Oscar Niemeyer, cuja liberdade formal e apropriação funcional parecem ter influenciado a dupla.

As duas intervenções evidenciam uma leitura crítica e sensível do moderno. Enquanto em Barcelona o SANAA opera por adição justaposta, em Londres a intervenção se configura como eco memória. Em ambas, o moderno é compreendido não como objeto estático, mas como campo aberto à experimentação — um espaço de mediação entre tempos, espaços e sujeitos.

Palavras-chave: PAVILHÃO DE BARCELONA, MARQUISE DO IBIRAPUERA, SANAA

DIANTE DO MODERNO: CARLA JUAÇABA, VÃO, E GRU.A EM DIÁLOGO COM NIEMEYER

Olivia Abrahão

Este artigo analisa intervenções espaciais desenvolvidas por três escritórios de arquitetura contemporâneos — Carla Juçaba, Vão e Gru.a — realizadas em edifícios projetados por Oscar Niemeyer: os Ministérios de Brasília (1958), o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (1996) e o Pavilhão Ciccillo Matarazzo (1962). Os projetos discutidos — *Ministry of All* (Carla Juçaba, 2019), *De onde não se vê, quando se está* (Gru.a, 2017) e o projeto expográfico da 35ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo (Vão, 2023) — configuram um conjunto de obras que compreendem a arquitetura existente não somente como suporte, mas como impulsionadora para proposições

interpretativas. O que realmente se destaca nesses projetos não é tanto sua forma, mas a conexão íntima com o local em que estão inseridos.

Palavras-chave: INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS, ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

MONKEY WAY: A INSTALAÇÃO DO ATELIER BOW-WOW NO PAVILHÃO DA BIENAL NA 27ª BIENAL DE SÃO PAULO

Guilherme Fernando Pinto

O artigo analisa a intervenção site specific *Monkey Way*, proposta pelo Atelier Bow-Wow na 27ª Bienal de São Paulo. Yoshiharu Tsukamoto e Momo Kaijima criaram uma passarela suspensa entre três árvores atrás do Pavilhão de Oscar Niemeyer, partindo e retornando aos panos de vidro do edifício. A instalação, buscava uma imersão sensorial, fazendo os visitantes se sentirem como “habitantes da floresta”, o fato de partir e voltar para o mesmo ambiente, reforçava a ideia dos arquitetos de trabalhar com as sensações dos visitantes, buscando o despertar dos sentidos de como se o usuário tivesse percorrido e retornado de um lugar distante do que originalmente partira.

A instalação tirou proveito da vegetação nativa local, usando as árvores como suporte estrutural e elemento sensorial. A passarela, que se desenvolve como uma “espinha dorsal”, foi construída com tábuas reaproveitadas de restos de demolição, com vigas e pilares de eucalipto, estes associados a cabos de aço, garantem a estabilidade do conjunto da instalação. Nas interfaces de contato com as árvores, os guarda-corpos se abrem como bancos, permitindo pausas para contemplação no meio do circuito da passarela.

A proposta invertia a lógica do Parque Ibirapuera, elevando as pessoas à altura das copas, em vez de mantê-las no solo ou dentro do Pavilhão da Bienal. Isso criava uma interação física e visual inédita com o sítio, rompendo a barreira entre interior e exterior da edificação. A intervenção destacou qualidades bioclimáticas locais, se utilizando de materiais reaproveitados e de recursos naturais. Efêmera, a instalação reforçou a conexão sensorial entre o Pavilhão Niemeyer (1956) e o Parque Ibirapuera (1954), explorando os corpos e as percepções para além dos limites arquitetônicos. A *Monkey Way* transcendia a função de circulação, tornando-se uma experiência que

ressignifica a relação entre usuário, natureza e construção, celebrando de forma poética a flora brasileira.

Palavras-chave: ATELIER BOW-WOW, PAVILHÃO DA BIENAL, PARQUE IBIRAPUERA

REGRESSÃO: RELATO DE UM LUGAR EM NEGATIVO

Lucia Koch

Este artigo aborda os processos e ideias envolvidos em *Regressão* (novembro de 2021 à fevereiro de 2022), e exibe a documentação da intervenção de longa duração concebida por mim e realizada no MAC - Museu de Arte Contemporânea da USP, como parte do programa Clareira, projeto curatorial de Ana Magalhães e Marta Bogéa, que propunha a artistas a ocupação do espaço do átrio no piso térreo do museu. O texto se detém em alguns aspectos da obra, como as transformações temporárias que efetuou no lugar, a dupla especificidade do local (museu de arte e emblemático edifício moderno), a natureza intersubjetiva da prática compartilhada por muitos atores, o trabalho realizado com os *regressores* (jovens artistas convidados), e o sentido de regressão e seus possíveis efeitos sobre o museu. A partir do contexto do trabalho realizado, são abordados ainda outros temas próprios da arquitetura como a adequação do espaço projetado à função de museu de arte, ou o modo como a transparência - ou a opacidade - podem afetar a relação entre museu e cidade.

Palavras-chave: REGRESSÃO, INTERVENÇÃO, TRANSPARÊNCIA, MUSEU

INSTALAÇÃO E RUÍDOS SOBRE O ABRIGO PARA BONDES DE SANTA TEREZA

Marcus Deusdedit

Xiu! (2022) foi uma instalação efêmera realizada no Abrigo de Bondes Santa Tereza, e que teve como ponto de partida a exploração das frestas deixadas pela incompatibilidade entre a infraestrutura moderna e suas reformas. Valendo-se de nove caixas de som, cabos auxiliares, adesivos de

senalização e lambes colados sobre vidro, a proposta transformou o espaço em uma infraestrutura sonora multicanal. O presente artigo tem como principal objetivo retomar os processos de criação da instalação *Xiu!*, tendo como chave de leitura para esse trabalho, as sobreposições entre o projeto original do edifício e seus usos posteriores; entre a instalação efêmera e o projeto moderno; e entre a idealização da proposta artística e os agentes e interesses que interferem sobre o objeto arquitetônico em questão. Para tanto, propõe-se uma análise crítica da obra que utilize o *ruído* como conceito fundamental para a concepção do trabalho, mas também como tensionador entre o projeto e a realização física da proposta instalativa. O exercício de pesquisa mobiliza autores contemporâneos como Arthur Jafa e Rosa Menkman para pensar como a estética do erro digital pode ser deslocada para o espaço físico em instalações multimídia — e como a experiência de *Xiu!* pode se inserir nesse raciocínio. É também de interesse do trabalho a sobreposição entre a produção artística e a pesquisa acadêmica, uma vez que a perspectiva do artista proponente e do pesquisador em arquitetura se fundem nesta proposta.

Palavras-chave: INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, ARQUITETURA, *SITE SPECIFIC*

ARTE SOBRE ARQUITETURA

Maria Paula Recena

Frederico Moraes conclamava, em seu *Manifesto Do Corpo à Terra* (1970), que a arte daquele momento refletia uma “nostalgia do corpo”, em clara alusão às experimentações de Lygia Clark durante a ditadura militar no Brasil — momento que dolorosamente reposicionava o corpo na arte como metáfora e denúncia — bem como ao corpo “participador”, como proposto por Hélio Oiticica. A década de 1960 corresponde, assim, a uma conquista do espaço que, posteriormente, se transforma em uma reflexão sobre o próprio espaço como (um) tema. Este artigo propõe uma reflexão com base em trabalhos de arte desenvolvidos entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000 que, ao atuarem, serem montados e tratarem sobre arquitetura moderna, lidam com uma certa nostalgia, em paralelismo à nostalgia do corpo à qual se referia Frederico Moraes. A preposição *sobre* indica tanto a arquitetura como suporte material quanto a indica como tema. No que tange à arquitetura como suporte material, reside a ambiguidade de

ser, ela mesma, na maioria das vezes, o museu. O artigo analisa o vídeo *Rampas*, de Cristina Ribas, gravado em arquiteturas de Belo Horizonte, e os trabalhos de Denise Gadelha e Pedro Engel desenvolvidos para exposição no Palácio Capanema. A tensão apontada por Thierry de Duve entre lugar, escala e espaço é invocada como meio de compreender a produção analisada, uma produção “em resposta” às arquiteturas às quais se refere, o que pressupõe uma pergunta proposta pela arquitetura. Ao dar voz à arquitetura, a arte reposiciona o legado moderno. Como documentação, o artigo apresenta catálogos e fotos originais, bem como baseou-se em depoimentos de alguns dos artistas.

Palavras-chave: ARQUITETURA MODERNA (1), ARTE CONTEMPORÂNEA (2), NOSTALGIA DO CORPO E DA ARQUITETURA (3)

THE LIVING ROOM / MIAMI 2001

Roberto Behar & Rosario Marquardt | R&R STUDIOS

“The Living Room” is an example of our understanding of architecture as public art. The project reclaims the classical role of architecture as the most public of the arts. The dual objectives of architecture for us are to create a better quality of life and to perform as a tool for the pursuit of happiness.

“The Living Room” is a built metaphor of the construction of city in progress, a model of possibilities to give back ownership of the city to all and an “imaginary solution” for Miami as the City of Tomorrow.

“The Living Room” rejects the privatization of the public realm and disrupts the urban fabric through an act of visual resistance that frames the void of the contemporary city. Rather than providing definitive answers, it generates questions and fosters engagement, encouraging active participation and the collective appropriation of the city.

The project stretches and blurs the boundaries between architecture and the arts, using the tools of one discipline to question the limits of the other. We see “The Living Room” as a social sculpture for the neighborhood—a domestic square and an open home for the community.

“The Living Room” stages encounters between stories and spaces, alternating between public and private, the intimate and the monumental, the everyday and the fantastical. Within it, two opposing spaces collide, giving rise to a liminal zone that defies conventional definitions of either public or

private. It becomes an alternative space where different times, scales, and experiences coexist.

As a poetic event, “The Living Room” bridges dreams, memories, and desires—becoming a stage for everyday life. It is simultaneously indoors and outdoors, a ruin and a beginning, one and many. In it, we are both actors and spectators of a shared play that unfolds with others, casting the city itself as the theater of everyday life.

Miami Beach,
Summer 2025

REFORMAS NOTÁVEIS EM CONTEXTOS ORDINÁRIOS

Ana Carolina Pellegrini

Requalificação, reabilitação, remodelação, renovação, *retrofit* e reutilização são termos que abrangem uma ampla gama de projetos de intervenção em edifícios existentes. Embora estas denominações possam parecer imprecisas como conceitos, todas elas implicam um afastamento ou até uma superação dos cânones clássicos da restauração. Além disso, cada uma delas alude a uma modalidade possível de operação de reforma.

Todo projeto arquitetônico, como qualquer ação social, constitui um ato histórico. Nesse contexto, cada construção representa uma intervenção dentro de um quadro preexistente, seja ele cultural, natural ou edificado. As ações voltadas à preservação do patrimônio construído operam dentro de uma lógica razoavelmente codificada, na qual narrativas históricas específicas sobre um determinado objeto concreto são selecionadas como autênticas. Essa seleção impõe uma forma discursiva particular que, ao mesmo tempo, integra e diferencia a estrutura original da nova intervenção, promovendo uma convivência entre memória e novidade dentro de um mesmo edifício. Ao projetar para preservar ou intervir em estruturas arquitetônicas significativas, geralmente se recorre às recomendações emanadas da Teoria da Restauração.

Projetos de reforma, apesar de corriqueiros, são via de regra subestimados pela crítica e pela historiografia contemporâneas. Diferentemente da restauração, a operação de reforma não conta com um campo teórico autônomo, a ela especialmente dedicado. Enquanto as arquiteturas totalmente novas estabelecem forma e materialidade inéditas ordenadas segundo de uma dada realidade, e a restauração visa a restabelecer um estado autêntico ou ideal (nem sempre claramente determinado), a reforma tem base conservadora, mas propósito transformador.

SESSÃO

A reforma trata o texto existente como pretexto e interage com ele mais livremente do que a restauração, envolvendo ações como cortar, adicionar, colar e refazer. O projeto de reforma começa com o exame da condição preexistente e uma necessidade prática de utilização sustentável de uma infraestrutura edificada, uma vez que a demolição e o descarte não apenas geram mais resíduos sólidos, mas também pressupõem o consumo de mais recursos na nova construção. Adaptada a diversas exigências de permanência e, sobretudo, a propósitos econômicos, a reforma prescinde de uma gramática específica ou de resultados previsíveis; liberta-se do papel de coadjuvante ao integrar elementos preexistentes em uma nova realidade na qual, parafraseando Riegl, a novidade se torna um valor patrimonial capaz de suplantar a antiguidade.

Esta sessão propõe a coleta de estudos de caso capazes de estimular o debate acadêmico sobre uma operação de projeto comum, porém frequentemente negligenciada: a reforma. Estão convidados trabalhos que apresentem reformas notáveis em edifícios ordinários, sejam elas reformas modernas de arquiteturas históricas ou reformas contemporâneas de edifícios modernos. Tanto a análise minuciosa da estrutura existente quanto a criação da nova arquitetura são de interesse neste contexto. Interessam à sessão casos nos quais novas arquiteturas, associadas a edifícios mais antigos que não constituam patrimônio cultural, transformam-nos e a si próprias em construções que não apenas merecem interesse, mas também justificam sua preservação.

VENTURAS E DESVENTURAS DE UM COMPLEXO EM MUTAÇÃO: O CASO DA FAUFBA

Ana Carolina Bierrenbach e Juliana Cardoso Nery

Apesar da importância central da discussão do projeto no campo da arquitetura e do urbanismo, o que se observa nos fóruns de debates da área é uma escassez e uma fragilidade no enfrentamento das questões relacionadas com a ação projetual. Isso também pode ser observado no campo da preservação. A análise e a qualidade das soluções propositivas são poucas vezes motivo de atenção, seja na criação de novas obras, seja nas intervenções em preexistências com ou sem interesse de salvaguarda. Se, por um lado, é urgente a compreensão que a intervenção em preexistência é indubitavelmente uma questão de projeto, e assim a cultura do restauro é inseparável da cultura do projeto; por outro, também é fundamental que se compreenda que o restauro não é o único modo de intervenção em uma preexistência. Existem inúmeras possibilidades, do restauro à recriação que variam de acordo com a relação estabelecida entre a nova camada adicionada e a preexistência da própria obra pautada pela avaliação de seus valores e atributos pelos sujeitos da operação. Com uma história peculiar, entendemos que a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) apresenta condições para fomentar uma discussão a respeito da questão das estratificações em obras de arquitetura moderna. Assim, propomos realizar uma crítica de arquitetura que avalie as metamorfoses ocorridas no complexo em seu percurso no tempo, pautadas tanto pelas possibilidades da renovação qualificada do espaço construído, como pelo interesse de preservação que recentemente vem se desenhando para ela. O percurso e a compreensão das camadas históricas que constituíram todo o conjunto – do projeto original de Diógenes Rebouças nunca finalizado às suas mais recentes reformas – nos permitem, para além de conhecer melhor e poder debater sobre novas ações sobre o complexo edificado da FAUFBA, refletir sobre as possibilidades de intervenção na preexistência.

Palavras-chave: INTERVENÇÕES NA ARQUITETURA MODERNA, PROJETO EM PREEXISTÊNCIA, FAUFBA

MIAMI VICE: GARAGENS TROPICAIS*

Marta Silveira Peixoto

O Brutalismo, cujo nome deriva do francês *béton brut*, designa edifícios em que esse material predomina, seja pré-moldado e liso, seja moldado *in loco* com textura rugosa. Urbano em certos contextos e rústico em outros, atende a programas monumentais e cotidianos, alternando soluções minimalistas e maximalistas, sempre como alternativa às limitações pragmáticas e semânticas das “caixas brancas” do Estilo Internacional. Ruth Zein demonstrou a contemporaneidade do brutalismo nas Américas e na Europa, contestando a narrativa de Reyner Banham sem negar a liderança de Le Corbusier. Elementos brutalistas, contudo, antecedem 1945, presentes tanto em casas corbusianas (Le Pradet, 1929–31) quanto nas casas de Juan O’Gorman no México (1929–31) ou nas casas operárias de Lucio Costa em Monlevade (1934). Apesar disso, a produção latino-americana foi considerada irrelevante pelo Norte Global já nos anos 1960 — muito antes de redescobrirem o brutalismo. Só por volta de 2000, com a Conferência Docomomo Internacional em Brasília e o Prêmio Pritzker de Paulo Mendes da Rocha, obras como as de Lina Bo Bardi e Mendes da Rocha ganhariam visibilidade internacional. É nesse quadro que propomos outra leitura para o conjunto **1111 Lincoln Road** (2005–10), em Miami Beach, projetado por Herzog & de Meuron, com Christine Binswanger como sócia responsável. O 1111 é uma colagem temporal: uma nova estrutura aérea, com ecos brasileiros dos anos 1950/60 — garagem e centro de eventos — conecta-se a um edifício brutalista de 1968, renovado, de linhagem anglo-americana. Complementam o conjunto uma praça reformada ao estilo Burle Marx e novos apartamentos-jardim. Argumentamos que o 1111 homenageia a história do Brutalismo nos (sub) trópicos e indica seu potencial futuro, articulando inclusão formal e funcional, ainda que voltado a uma burguesia transnacional.

Palavras-chave: BRUTALISMO, ARQUITETURA MODERNA, ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

* Este texto origina-se de um trabalho de autoria de Carlos Eduardo Comas e Marta Silveira Peixoto, apresentado no Docomomo US, em Miami, em 2024, intitulado *Revisiting 1111. On the lineage and persistence of (sub)tropical brutalism*.

UM TEATRO EM TRÊS ATOS: O VILA VELHA EM SALVADOR

Nivaldo Vieira de Andrade Junior

Primeiro Ato: O Teatro Vila Velha é construído entre 1962 e 1964 em Salvador. A sua sede era um edifício simples, projetado por Silvio Robatto e Alberto Fiúza e construído com materiais obtidos em grande medida através de doações, o que não impediu que ele se convertesse rapidamente na “pia batismal dos artistas baianos”, como afirmaria Gilberto Gil. A sede do Vila trazia referências à arquitetura colonial de Salvador e à restauração, concluída um ano antes, do conjunto do Unhão por Lina Bo Bardi, ex-professora de Robatto.

Segundo Ato: em 1994, Marcio Meirelles assumiu a direção do teatro e convidou o arquiteto Carl von Hagenschild para elaborar um projeto de reforma e ampliação, executado entre 1995 e 1998 e que contemplou a reformulação total da sala de espetáculos, com a construção de uma caixa cênica flexível, que permitia inúmeras configurações para a sala. A principal referência é o Teatro Oficina, cuja requalificação concebida por Lina havia sido concluída em 1993.

Terceiro Ato: passados 30 anos da grande reforma, o Vila precisava se atualizar novamente. As obras de requalificação, iniciadas em 2024 e atualmente em curso, se baseiam em projeto arquitetônico no qual o autor desse artigo foi consultor, assim como o autor da reforma de 1998. Os objetivos foram ampliar os espaços de apresentações e administrativos, qualificar tecnicamente as salas de espetáculo e atualizar o edifício às normas mais atuais de segurança e acessibilidade universal, além de preservar os valores arquitetônicos e históricos do Vila. Os novos elementos são construídos com estrutura metálica pintados em vermelho, explicitando-se como inserções contemporâneas que contrastam com o edifício branco preexistente. Como na intervenção dos anos 1990, o projeto se apropria das preexistências, conformando um palimpsesto de camadas sobrepostas umas sobre as outras ao longo do tempo.

Palavras-chave: TEATRO VILA VELHA, REQUALIFICAÇÃO, SALVADOR

DENTRO DO BLOCO: REFORMAS DA CODA ARQ. EM PROJETOS DE MARCÍLIO M. FERREIRA

Leonardo Nóbrega e Luiza Ceruti

Quando a resiliência ambiental se torna pauta prioritária em debates globais, se evidencia a incoerência do ato de demolir edifícios. Reformas, por outro lado, ressignificam o existente. Elas constituem parte do cotidiano dos arquitetos e movimentam parcela significativa dos profissionais da construção civil. Nos últimos anos, devido às restrições a novos empreendimentos imobiliários e ao tombamento do conjunto urbanístico do Plano Piloto, as superquadras das Asas Sul e Norte de Brasília se tornaram um laboratório para as reformas de apartamentos. Entre elas, os 8 projetos da CODA Arquitetura em blocos residenciais construídos pelo arquiteto Marcílio Mendes Ferreira entre 1974 e 1981. A compartimentação excessiva, a ausência de banheiros em alguns dormitórios e a insalubridade dos quartos de serviço se tornam motivações para rearranjos funcionais da planta baixa. Ainda, o envelhecimento natural dos acabamentos originais exigiu a renovação material. Nos projetos, percebemos a recorrência de algumas operações de transformação no espaço construído que relacionam o moderno ao contemporâneo. São postos em pauta o tensionamento entre a necessidade de adequação das condições internas aos apartamentos e a valorização da expressão plástica característica das arquiteturas de Brasília. O estudo nos guia a questões sobre a construção identitária de Brasília, o direcionamento socioeconômico dos projetos e as transformações na prática profissional.

Palavras-chave: BRASÍLIA, SUPERQUADRAS, REFORMAS.

REIVINDICANDO O INABITADO: CORPOS EM SILOS E TANQUES

Mateus Mossmann Carneiro e Ângelo Prisco Petry

O que resta quando a função desaparece? Este artigo parte dessa pergunta e investiga como estruturas técnicas se tornam lugares de vida. A pesquisa adota uma leitura comparativa de quatro obras em contextos e escalas distintas para entender as escolhas de projeto e seus efeitos no espaço urbano.

Em Colônia, o Hotel im Wasserturm (1990) converte uma antiga torre d'água em hotel e transforma monumentalidade em experiência habitável. Em Buenos Aires, os Silos de Dorrego (1993) requalificam o complexo fabril e introduzem moradias e áreas de convívio, abrindo uma frente de uso residencial em invólucros industriais. Em Viena, o Gasômetro (2001) integra quatro cilindros preservados a um conjunto de usos mistos, com soluções autorais distintas que mantêm coesão e criam uma centralidade contemporânea. Em Xangai, o Tank Shanghai (2019) funde centro de arte e parque a partir de cinco tanques e articula topografia pública, percursos e novas relações com a paisagem do Huangpu.

A comunicação apresenta uma análise que compara condições, decisões e resultados, permitindo reconhecer padrões de projeto sem prescrições fechadas. A pesquisa demonstra como o reuso adaptativo não é um ato de nostalgia, mas uma prática de projeto contemporânea, capaz de alinhar inteligência construtiva, responsabilidade climática e produção de sentido coletivo.

Palavras-chave: TANQUES, SILOS, REFORMA, REUSO ADAPTATIVO.

REINTERPRETAR A ARQUITETURA E O URBANISMO MODERNOS: UMA MISSÃO POSSÍVEL

José Carlos Huapaya Espinoza e Carolina Marques Chaves Galvão

A revisão, reinterpretação e, inclusive novas interpretações do movimento moderno no Brasil, vem, nos últimos anos, permitindo a descoberta de novos paradigmas, enfoques e experiências (da escala arquitetônica à escala urbana, passando inclusive pelo pensamento teórico) ignoradas, apagadas ou sombreadas por um conjunto de produção hegemônica que fortalece (ainda) um olhar estabelecido e bem definido da experiência moderna no Brasil que, por sua vez, dá ênfase e destaque a atores e obras específicas.

Os acervos, arquivos, documentos e, inclusive, as revistas especializadas da época vem servindo de guias direcionado as pesquisas para outros paradigmas que tornam a experiência e constituição do moderno no país muito mais complexa e diversificada. Neste campo, registram-se avanços historiográficos importantes acerca da difusão da produção arquitetônica moderna em território nacional revelando uma rede de circulação de ideias que ajudou a alargar a cartografia da experiência moderna brasileira para além da triangulação RJ-SP-MG. Por outro lado, ainda predominam as críticas ao desenho urbano moderno que parecem não perceber a intencionalidade de suas áreas verdes e de seus espaços não construídos.

A demolição do conjunto residencial Pruitt-Igoe e a certidão de óbito anunciada por Charles Jencks ainda hoje condicionam a crítica direcionada ao urbanismo moderno e ajudam a formatar um preconceito histórico que, em certa medida, dificulta processos de reconhecimento de valor a certos conjuntos urbanos com especial ênfase aos habitacionais. Por exemplo, as pesquisadoras brasileiras Luciana Saboia e Beatriz Gomes trouxeram contribuições importantes a esta revisão ao interpretar os vazios

de Brasília como, respectivamente, “vazio planejado” e “vazio intencional” advogando em favor de seu sentido social e cultural.

Esta sessão pretende abordar, pelo menor, duas importantes perspectivas: a abertura para uma diversidade de atores e obras que mostram campos ainda pouco explorados e a possibilidade de leituras historiográficas que contribuam para o reconhecimento da produção do Movimento Moderno em sentido ampliado. Para ambos os casos, o retorno às fontes (primárias ou secundárias) constitui um processo indispensável. Nesse contexto, pretende-se refletir sobre como a revisão historiográfica (a partir dos periódicos especializados e dos arquivos de arquitetura) nos podem ajudar a revisar e repensar princípios teóricos, além de experiências projetuais, que nos auxiliem a aprender ou reaprender com o urbanismo moderno? Que lições ainda podem ser apreendidas através do desenho urbano moderno? E ainda, como essa revisão nos pode dar subsídios para sanar eventuais lacunas e reminiscência da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil dos 1920 até, inclusive, a atualidade?

Espera-se propostas que tragam contribuições para refletir sobre os questionamentos expostos a partir da exploração e/ou revisão de fontes primárias, lançando um olhar “contemporâneo” à reflexão do “moderno”.

POR UMA NOÇÃO DE PRAÇA DA ARQUITETURA MODERNA: UM NOVO OLHAR SOBRE O TEMA A PARTIR DE TRÊS PROJETOS DE NIEMEYER (1947-57)

Anderson Dall’Alba

A relação entre edifício e espaço aberto, uma problemática central ao ideário moderno, já foi objeto de estudos diversos. Em *Ville Radieuse* (1930), Le Corbusier imaginou uma cidade estruturada pelo parque, que parte da crítica interpretou como ruptura com a praça enquanto tipologia urbana. Autores como Rob e Leon Krier (1975; 1978) associaram o urbanismo moderno à diluição da forma da cidade tradicional, observando uma suposta substituição da praça por espaços abertos indiferenciados. Contudo, estudos recentes indicam que as experiências modernas, em especial na América Latina, produziram soluções mais complexas. Pesquisas de Comas (1987) e Cabral (2013, 2016) evidenciam a persistência da praça como categoria formal em obras emblemáticas. Alinhado a esses trabalhos, o texto examina três projetos de Oscar Niemeyer: a Praça dos Três Poderes (1957), a Praça das Nações Unidas (1947) e a Praça Coberta no Parque Ibirapuera (1951), identificando estratégias projetuais específicas que permitem redefinir a noção de praça moderna. A partir da produção de Niemeyer, busca-se demonstrar que a praça moderna se constituiu como uma operação compositiva complexa, que transcende o modelo clássico europeu e amplia o legado projetual do movimento moderno.

Palavras-chave: PRAÇA, ARQUITETURA MODERNA, OSCAR NIEMEYER.

A MORADA MODERNA POR MEIO DO ACERVO PÚBLICO MUNICIPAL DE MACEIÓ

Madson Nascimento e Rosana Santos

Ignorada pela historiografia dominante da arquitetura moderna brasileira, a produção residencial de Maceió surgiu com maior força na década de 1960 e configura-se como uma modernidade silenciosa. Estudos acadêmicos pioneiros indicam que essa produção se concentrou nos bairros do Farol, Pinheiro e Pitanguiha. Contudo, sofreu um apagamento físico quase completo, primeiro pela rápida expansão urbana e, de forma catastrófica,

pelo crime ambiental da mineração de sal-gema da Braskem, que levou à demolição de milhares de edificações, incluindo as do Pinheiro. Diante da inexistência desses exemplares na paisagem urbana, o acervo público de Maceió se tornou a única e indispensável fonte para a pesquisa documental. A investigação focou no levantamento de projetos residenciais aprovados nos três bairros durante a década de 1960, cujo processo levou à descoberta de 610 projetos, dos quais cerca de 80 manifestaram expressões modernistas. Deste grupo, 19 projetos foram submetidos a uma análise aprofundada baseada em atributos materiais da arquitetura moderna. Sete residências se destacaram por apresentar elementos arquitetônicos recorrentes e característicos da produção local, como varanda, pátio interno, jardim de inverno e elementos vazados. Utilizando o redesenho em software BIM, o estudo recompôs de maneira ficcional a tridimensionalidade desses 7 projetos para analisar como os atributos da arquitetura moderna se inter-relacionam e se manifestam, compondo uma realidade própria. Essa abordagem se alinha às perspectivas de Waisman (2000) e Lara (2018), que entendem a modernidade arquitetônica latino-americana não como uma cópia, mas como uma tradução adaptada às condições locais e socioculturais. O artigo conclui que as produções de Maceió, embora dialogando com os ideais modernos da época, revelam estratégias projetuais características, como dispositivos de sombreamento e ventilação para o clima tropical, evidenciando a importância dos acervos documentais para salvaguardar a memória arquitetônica e enriquecer a historiografia modernista nacional.

Palavras-chave: ACERVO DOCUMENTAL PÚBLICO, ARQUITETURA MODERNA, RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES

O VIADUTO, A GALERIA E A VIA EXPRESSA: VAZIO PLANEJADO COMO POTENCIALIDADE - O CASO DA GALERIA DOS ESTADOS EM BRASÍLIA

Amanda Mendes de Lima

As críticas ao urbanismo moderno consolidaram um repertório analítico que, embora relevante, tende a homogeneizar experiências e obscurecer nuances importantes do projeto moderno. Autores como James Holston identificaram na racionalidade do planejamento, na rigidez do zoneamento e na separação funcional dos espaços as causas da fragmentação urbana e da

falência simbólica de projetos como Brasília. Ao privilegiar a leitura das formas modernas como dispositivos de exclusão, essas abordagens fragilizam a percepção das ambivalências que atravessam o modernismo enquanto linguagem de projeto.

Diferentemente dessa chave exclusivamente crítica, é possível reconhecer nas mega infraestruturas modernas uma condição ambígua: ao mesmo tempo em que respondem à lógica da eficiência, conformam espacialidades abertas, porosas e não inteiramente programadas. Viadutos e eixos expressos não são apenas instrumentos funcionais, mas peças do desenho urbano que reconfiguram o solo e instauram espacialidades que ultrapassam a finalidade técnica.

No urbanismo moderno, o viaduto ocupa lugar emblemático: infraestrutura e forma urbana. Ao suspender a via, transforma o relevo e instaura zonas de sombra, atravessamentos e áreas abertas ao céu. Manfredo Tafuri reconhece que, embora a extrema funcionalização reduza a cidade a um artefato técnico, é dessa radicalidade que emergem frestas e interstícios. Vazios não programados tornam-se paisagens livres.

Diferente de outras passagens do Plano Piloto, o viaduto que abriga a Galeria dos Estados nasce rompendo com o anonimato das infraestruturas rodoviárias ao propor passagem aberta ao pedestre, gerando espaço urbano autônomo. Reportagem do *Correio Braziliense* de 1977 já retratava o local como ponto de encontro.

Essa pré-configuração permitiu que o viaduto se tornasse lugar de travessia, encontro e permanência. A Galeria expressa a reinvenção ordinária dos espaços modernos, cuja potência reside na abertura ao uso e à experiência urbana.

Palavras-chave: VAZIOS URBANOS, MEGA INFRAESTRUTURAS, AMBIVALÊNCIA URBANA

FIGUEIRA SOARES E A ARQUITETURA MODERNA GAÚCHA

Isadora Dias Bido

Este estudo analisa a descentralização da arquitetura moderna no Brasil, evidenciando sua progressiva expansão das metrópoles para o interior do país. Esse movimento foi crucialmente mediado por arquitetos e impulsionado pela atuação seletiva de agentes públicos e proprietários locais. O foco da pesquisa recai sobre o modernismo no interior do Rio Grande do Sul, investigado

através da trajetória do Arquiteto Flávio Figueira Soares (1931–2011) e da análise da Residência Edyr Lima, projetada em 1958, em Cachoeira do Sul. A obra é utilizada como um caso relevante para compreender a reinterpretação e adaptação dos repertórios modernistas ao contexto urbano regional. Flávio Figueira Soares, graduado pela UFRGS, fez parte de uma geração fundamental para a difusão do modernismo na Região Sul. Sua atuação em cidades médias, como Cachoeira do Sul e Bagé, consolidou-o como um agente estruturante, promovendo a incorporação de elementos formais e técnicos modernos ajustados às condições regionais, como empenas cegas e ventilação cruzada.

A Residência Edyr Lima, um comissionamento privado para a classe média alta, é um caso relevante que demonstra como os repertórios do modernismo brasileiro foram reinterpretados no contexto urbano interiorano. O projeto reflete uma apropriação consciente de princípios corbusianos e influências do modernismo carioca, modulados por fatores culturais e ambientais locais. Elementos como planos de sombra, venezianas e vedação cerâmica refletem um equilíbrio entre a expressão estética moderna e a eficiência climática, marcante na produção do Sul do Brasil.

Embora seja uma obra privada, a residência configura-se como um marco simbólico local, expressando a adesão da elite cachoeirense aos ideais modernistas. Sua análise é relevante para o debate sobre a expansão da arquitetura moderna gaúcha, consolidada como linguagem oficial e instrumento de modernização do Estado, conforme apontado por Santos (2006). Adotando uma abordagem histórico-crítica, baseada na análise formal e reconstituição gráfica, o estudo insere a obra no campo da arquitetura moderna regionalizada, conforme defendido por Zein (2000). A pesquisa contribui ao evidenciar a apropriação da modernidade fora dos grandes centros por profissionais vinculados à estrutura institucional, preenchendo a lacuna historiográfica e destacando a importância de valorizar e preservar o patrimônio moderno regional, frequentemente invisibilizado.

Palavras-chave: MODERNISMO REGIONALIZADO, FLÁVIO FIGUEIRA SOARES, ARQUITETURA MODERNA NO SUL.

EXISTIU UM CIAM BRASILEIRO?

Helena Bender

Será que existiu um CIAM Brasileiro? Um grupo devidamente organizado com registros e participações nos congressos? Este texto problematiza essas perguntas, investigando uma sequência de correspondências e outros documentos que envolvem brasileiros e membros articuladores dos CIAM - principalmente Sigfried Giedion e José Luis Sert -, guardadas no Arquivo do Instituto de Teoria e História da Arquitetura da Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (gta/ETHZ). Para além do período formativo da arquitetura moderna no Brasil, este texto explora as relações estabelecidas durante as décadas de 1940 e 1950. Nestes anos, o arquivo conta com, pelo menos, 100 documentos que mencionam o Brasil ou arquitetos brasileiros. Esses documentos citam cerca de 30 profissionais, e revelam um conjunto amplo de assuntos, que vão desde a inserção da contribuição brasileira em publicações CIAM, até a necessidade de se organizar um instituto de planejamento urbano no país. No entanto, com exceção da participação de Flávio Amilcar Regis no CIAM VII (1949), não se registra notícia de brasileiros nos congressos celebrados – pelo contrário, há cobrança de ausências. Por um lado, as cartas trocadas revelam o interesse do CIAM em associar o trabalho dos brasileiros à organização. Por outro, deixam evidentes a falta de articulação entre membros e disputas internas pela liderança do grupo. Explorar este contexto - cujo ápice e fim culmina com o Plano Piloto de Brasília em 1957 e com a própria dissolução dos CIAM em 1959 - pode enriquecer entendimentos à associação comumente realizada entre os CIAM e a cidade da arquitetura moderna brasileira.

Palavras-chave: CIAM(1), HISTÓRIA DO URBANISMO MODERNO(2), CIDADE DA ARQUITETURA MODERNA(3), ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL(4).

VIAGENS E ARQUITETURA

Luana Espig Regiani e Karine Daufenbach

Viajar pelo território nacional é um ato que faz parte do ímpeto moderno brasileiro. Em 1924, foi trilhada uma estrada que apontava Minas Gerais como berço de uma tradição moderna. O grupo de intelectuais paulistas Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, visitou, entre outras cidades, São João Del Rei, Tiradentes, Sabará, Ouro Preto e Congonhas do Campo. Do Rio de Janeiro, o arquiteto Lucio Costa foi adiante e chegou a Diamantina. Se Minas Gerais já se colocava como desafio inédito para os olhares que percorriam o país cativados por uma pretensão inovadora, quem iria mais longe?

Mário de Andrade percorreu fronteiras brasileiras distantes e foi à Amazônia em 1927. Nos anos seguintes, visitou o Nordeste. O viajante aprendiz desvendou e registrou horizontes plurais que se refletiram em suas obras.

Nos anos de 1930, são marcantes as excursões capitaneadas pelo SPHAN: das inúmeras viagens de Rodrigo Melo Franco de Andrade pelo país a aquelas realizadas por seus técnicos e colaboradores, incluindo a emblemática ida de Lucio Costa à São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul. Viajar era uma ferramenta constante do patrimônio, mas também da arquitetura e suas narrativas.

Para além de Mário e Lucio, essa sessão propõe debater viagens de modernos intelectuais, arquitetos ou não, brasileiros ou estrangeiros, pelo território nacional ou além dele. Parte-se da definição de “viagem” proposta por James Clifford¹, na qual o termo abarca diversas práticas, mais ou menos voluntárias, de se deixar a “casa” para ir a outro lugar com propósitos materiais, espirituais ou científicos. Dessa maneira, lembramos também dos deslocamentos feitos por imigrantes de mudança definitiva para o Brasil, ou ainda as práticas isoladas de viagens nas quais personalidades por aqui passaram criando efeitos de ambos os lados, para aqueles que viajaram e para as artes

SESSÃO

locais. Conforme especifica Beatriz Colombi², adicionamos a importância de pensar no sujeito — quem está viajando e se expondo à alteridade e como as posições que adota em relação a este outro são definidoras para as tramas narrativas que serão construídas. São esperados trabalhos que tenham como ponto de partida viagens e deslocamentos, que analisem seus registros — sejam eles escritos, desenhos, fotografias ou projetos — e que discutam seus desdobramentos na arquitetura moderna brasileira.

DESDOBRAMENTOS DA FORMAÇÃO ESTRANGEIRA NAS OBRAS DE RINO LEVI E GREGORI WARCHAVCHIK

Rafaela Raffaele

O presente trabalho propõe um debate sobre o impacto da formação italiana de Rino Levi e Gregori Warchavchik em suas trajetórias profissionais no Brasil, iluminando suas produções residenciais. Nos anos de 1920 a 1928, ambos vivenciaram o ambiente acadêmico e cultural de Milão e Roma, em um momento de transição entre um conservadorismo acadêmico e a afirmação do racionalismo italiano, que se consolidava com figuras como Giuseppe Terragni, Luigi Figini, Gino Pollini e Luigi Vietti.

Filho de italianos, Rino Levi ingressou, em 1921, na Escola Preparatória e de Aplicação para Arquitetos Cívicos de Milão, transferindo-se em 1924 para a Escola Superior de Arquitetura de Roma, para estudar na Escola Preparatória e de Aplicação para os Arquitetos Cívicos. Warchavchik, por sua vez, graduou-se seis anos antes na mesma instituição, colaborando com alguns escritórios, como o de Marcelo Piacentini e, já no Brasil, publicou em 1925 seu manifesto, antecipando a reflexão moderna no país. Em 1926, Levi retorna ao Brasil e atua na Companhia Construtora de Santos, no cargo anteriormente ocupado por Warchavchik.

Durante sua formação na Itália, ambos absorveram influências que se refletiram em seus manifestos e em abordagens projetuais distintas, mas convergentes pela busca de integração entre a técnica, a composição e o contexto urbano. É relevante também compreender como certas temáticas, inicialmente adquiridas no exterior, foram revisadas e incorporadas às suas obras em São Paulo e, segundo trata Salmoni e Debenedetti (1981), posteriormente no Rio de Janeiro, como a relação entre a arquitetura e a cidade, a racionalização construtiva e a identificação de um repertório de composição geométrica – reinterpretadas nas obras paulistas e cariocas desenvolvidas entre 1934 e 1948, como nos Edifícios Columbus, Prudência e Higienópolis, de Levi, e a na Vila Operária da Gamboa, de Warchavchik e Lucio Costa.

Palavras-chave: GREGORI WARCHAVCHIK, RINO LEVI, FORMAÇÃO ESTRANGEIRA, ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

DO MEDITERRÂNEO ÀS AMÉRICAS: GIO PONTI E A MODERNIDADE ITINERANTE

Angelica Ponzio

Este trabalho propõe mapear criticamente as principais trajetórias do arquiteto italiano Gio Ponti (1891–1979) no continente latino-americano entre 1950 e 1960, com foco em suas viagens e interlocuções com Brasil, México e Venezuela, além de interesses na Argentina e no Chile. Mais do que episódios isolados, essas passagens revelam uma rede de trocas que desafia leituras lineares de sua carreira. Suas correspondências e editoriais da *Domus* sugerem um campo de ensaio no qual o arquiteto negocia princípios projetuais em diálogo com interlocutores e realidades culturais brasileiras e latino-americanas. Ao reunir fragmentos dessas viagens por meio da análise de cartas e publicações, esta pesquisa visa reposicionar a América Latina e em especial o Brasil e a Venezuela como mais um território de formulação ativa na trajetória de Ponti. A articulação entre episódios e documentos ainda pouco examinados em chave comparativa, assim como artigos autorais sobre o tema, delineia um arranjo crítico alternativo, ampliando o escopo da historiografia pontiana e lançando nova luz sobre os processos de intercâmbio e tradução cultural na arquitetura moderna. Ao lado das visitas, escritos, correspondências e projetos latino-americanos e brasileiros, Ponti reverbera conexões culturais, mantendo a América Latina e o Brasil em sua memória.

Palavras-chave: GIO PONTI, MODERNIDADE, AMÉRICA LATINA

A EXPERIÊNCIA NORTE-AMERICANA DO ARQUITETO LEO GROSSMAN

Felipe Sanquetta e Hugo Segawa

A comunicação trata das experiências de Leo Grossman em 1958 e 1959, ao frequentar o Institute of Design do Illinois Institute of Technology (Chicago, Estados Unidos).

Ainda em 1959 ele pôde realizar visitas a algumas importantes obras de arquitetura e urbanismo.

No acervo de Grossman há registros fotográficos de suas visitas e registros dos contatos com Ludwig Mies van der Rohe, Frank Lloyd Wright e Walter

Gropius, tendo publicado as entrevistas realizadas com eles no caderno no jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre, em 1959.

Busca-se evidenciar a importância da experiência estadunidense de Leo Grossman como um trabalho conectado por meio de interações transculturais, e na historiografia da arquitetura no que diz respeito às pesquisas sobre viagens formativas de arquitetos brasileiros na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: LEO GROSSMAN (1), VIAGEM FORMATIVA (2), ARQUITETURA NORTE-AMERICANA (3)

BEYOND THE FORGOTTEN BONDS: CHINA-BRAZIL ARCHITECTURAL INTERACTIONS AS CATALYSTS FOR MODERN IDEAS IN THE GLOBAL SOUTH (1900-1970)

YU Yunlong

This paper challenges prevailing narratives in architectural historiography by uncovering the “forgotten bonds” between China and Brazil—a complex web of architectural interactions that functioned as crucial catalysts for modern architectural discourse throughout the Global South. While mainstream architectural scholarship has predominantly examined North-South trajectories of modernist diffusion, this study reveals how South-South exchanges generated alternative pathways for architectural modernization, reconceptualizing our understanding of global modernism’s dissemination patterns.

The paper adopts a chronological framework encompassing three distinct phases of architectural exchange. **Parallel Modernizations (1900-1930)** examines how both nations simultaneously assimilated modernist architectural discourse through divergent institutional channels—Brazil via French Beaux-Arts architectural pedagogy and China through American architectural education systems. This period witnessed the emergence of «parallel modernizations,» wherein Orientalist architectural vocabularies manifested differently within each cultural context. Lucio Costa’s early incorporation of Sinified architectural elements in his Beaux-Arts competition schemes and Liang Sicheng’s modernist methodological approach to traditional Chinese architectural documentation exemplify these parallel trajectories.

Cross-Cultural Syntheses (1930-1950) demonstrates how World War II and post-war reconstruction generated unprecedented opportunities for architectural cross-pollination. Costa’s integration of Chinese spatial conceptions into

Brasília's urban morphology and the circulation of Oscar Niemeyer's architectural oeuvre within Chinese architectural circles illustrate how modernist architectural ideas underwent creative transformation through cross-cultural synthesis. This section documents specific instances of architectural exchange and design influence that transcended geopolitical boundaries, revealing the deep integration of architectural thinking within wartime and post-war international collaborative frameworks.

Technical Networks and Ideological Exchange (1950-1970) analyzes how Cold War geopolitics paradoxically facilitated architectural interactions through technical assistance programs and infrastructural development initiatives. The simultaneous implementation of American Tennessee Valley Authority models in both nations, coupled with Soviet technical assistance to China, established indirect conduits for architectural knowledge transfer. These technical networks functioned as vehicles for ideological transmission, demonstrating how large-scale infrastructural projects embodied competing visions of architectural modernity. Major engineering undertakings not only transformed both nations' built environments but also served as crucial media for disseminating modern architectural engineering knowledge throughout the Global South.

This paper contributes to the volume's central thesis by demonstrating how architectural interactions operated as dynamic catalysts rather than passive conduits for modernist discourse. The "forgotten bonds" concept provides a methodological framework applicable to other South-South architectural exchanges, while the empirical evidence challenges Eurocentric architectural historiography. By revealing these latent networks of modern architectural transmission, the paper argues that Global South interactions constituted active generators of new architectural modernities rather than mere receptors of Northern influence.

The study's theoretical significance extends beyond bilateral architectural relations, offering insights into how modernist architectural discourse adapts, transforms, and generates new meanings through South-South encounters—a process essential for comprehending the genuinely global character of architectural modernism.

